AUTOR BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

TIMOTHY KELLER

PERDOAR



POR QUE DEVO E COMO POSSO?

VIDA NOVA

PERDOAR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Keller, Timothy, 1950-2023
Perdoar: por que devo e como posso? / Timothy Keller; tradução de Eulália Pacheco Kregness. — São Paulo: Vida Nova, 2023.
256 p.

ISBN 978-65-5967-211-0
e- ISBN 978-65-5967-212-7
Título original: *Forgive : Why should I and how can I?*

1. Perdão – Aspectos religiosos – Cristianismo I. Título II. Kregness, Eulália Pacheco.

21-2140

CDD 234.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Perdão – Aspectos religiosos - Cristianismo

AUTOR BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

TIMOTHY
KELLER

PERDOAR

POR QUE DEVO
E COMO POSSO?

TRADUÇÃO
EULÁLIA PACHECO KREGNESS

VIDA NOVA

©2022, de Timothy Keller
Título do original: *Forgive: why should I and how can I?*
edição publicada por VIKING,
uma divisão da PENGUIN RANDOM HOUSE LCC (New York, New York, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2023

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da New International Version (NIV). As citações com indicação da versão *in loco* foram traduzidas da English Standard Version (ESV) e da New American Standard Bible (NASB).

DIREÇÃO EXECUTIVA
Kenneth Lee Davis

EDIÇÃO DE TEXTO
Ubevaldo G. Sampaio

REVISÃO DA TRADUÇÃO
Curtis A. Kregness

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Eliel Vieira

REVISÃO DE PROVAS
Pedro Guimarães Marchi

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO
Sandra Reis Oliveira

CAPA
Souto Marcas Vivas

CONVERSÃO PARA EBOOK

Para David A. Powlison e D. A. Carson —

Dois amigos e professores talentosos da Bíblia cujos insights bíblicos sobre perdão lançaram os alicerces deste livro

SUMÁRIO

A parábola do Servo Impiedoso
Agradecimentos
Introdução: “Sem perdão não há futuro”

1. Uma história de perdão

PARTE 1: PERDENDO E ENCONTRANDO O PERDÃO

2. O desvanecer do perdão
3. A história do perdão
4. O livro do perdão

PARTE 2: COMPREENDENDO O PERDÃO

5. O Deus do amor e da fúria
6. Justiça e amor, glória e abuso
7. As bases do perdão

PARTE 3: PRATICANDO O PERDÃO

8. Nossa necessidade de perdão
9. Recebendo o perdão de Deus
10. Concedendo nosso perdão
11. Estendendo perdão

Epílogo

Apêndice A: Princípios do perdão
Apêndice B: Textos bíblicos sobre o perdão de Deus
Apêndice C: Práticas do perdão
Apêndice D: Práticas de reconciliação

A PARÁBOLA DO SERVO IMPIEDOSO

Pedro, então, aproximando-se dele disse-lhe: “Senhor, quantas vezes tenho de perdoar o pecado do meu irmão contra mim? Até sete vezes?” Jesus lhe respondeu: “Não lhe digo sete vezes, mas setenta e sete vezes”.

Portanto, o reino do céu pode ser comparado a um rei que queria acertar contas com seus servos. Quando o rei começou a fazer o levantamento, lhe trouxeram um servo que lhe devia dez mil talentos. Não tendo com que pagar, seu senhor ordenou que ele, sua mulher, seus filhos e todos os seus bens fossem vendidos para pagar a dívida. Então o servo caiu de joelhos, implorando: “Tenha paciência comigo, e lhe pagarei tudo”. O senhor teve pena dele, o soltou e perdoou-lhe a dívida.

Ao sair, porém, aquele servo encontrou um dos seus próprios servos, que lhe devia cem denários, e, agarrando-o, começou a sufocá-lo, dizendo: “Pague o que me deve”. O servo, então, caiu ao chão e implorou-lhe: “Tenha paciência, pois pagarei o que lhe devo”. Mas o servo perdoado não aceitou a proposta, e colocou o conservo na prisão, até que pagasse a dívida.

Quando outros servos viram o que tinha acontecido, ficaram muito transtornados e foram contar tudo ao seu senhor. O rei, então, chamou o servo impiedoso e disse-lhe: “Servo mau! Eu lhe perdoei toda aquela dívida porque você me suplicou. Você não devia se compadecer do seu conservo, assim como eu me compadeci de você?” E, irado, o senhor entregou o servo aos carcereiros, até que ele pagasse tudo o que lhe devia.

[E Jesus disse:] “Assim fará meu Pai celestial a cada um de vocês, se não perdoar de coração ao seu irmão” (Mt 18.21-35).

AGRADECIMENTOS

Como sempre, estou agradecido a Brian Tart, da Viking Books, e David McCormick, da McCormick Literary, pelos conselhos, apoio e amizade. Eles têm décadas de rica experiência nos mundos literários e editoriais, e eu sou o beneficiário de todo esse patrimônio.

A Covid e os tratamentos de câncer mudaram a minha vida de muitas maneiras. Mas, como sempre, Deus opera em tudo para o bem. A minha esposa, Kathy, e eu passamos muito mais tempo juntos nos últimos dois anos do que teríamos passado em outras épocas, e por causa disso, vimos a importância do exercício diário de pedir perdão e de concedê-lo. Embora Kathy não tenha escrito este livro comigo, nós aprendemos juntos o significado e a prática do perdão ao longo das décadas.

INTRODUÇÃO

“SEM PERDÃO NÃO HÁ FUTURO”

> Para mim, perdão e compaixão estão sempre interligados: como podemos responsabilizar alguém por suas transgressões e, ao mesmo tempo, permanecermos em contato com sua humanidade o suficiente para acreditar em sua capacidade de ser transformado?
>
> — BELL HOOKS, EM CONVERSA COM MAYA ANGELO[1]

O conflito acerca do perdão

Desmond Tutu, negro sul-africano que cresceu sob a mão do apartheid, insistia em afirmar que “sem perdão não há futuro” para a África do Sul. Ele rejeitava o padrão dos julgamentos de Nuremburg usado na Alemanha pós-nazista ao lidar com crimes de guerra. Essa abordagem exigiria um julgamento e castigo completos para todos os acusados de crimes violentos durante o regime do apartheid. Em vez disso, Tutu elaborou um plano que oferecia anistia e perdão a quaisquer agentes da violência — seja negro ou seja branco — que se apresentassem e confessassem publicamente toda a verdade dos atos cometidos naquele período.

Embora não houvesse penas civis para os confessores, a luz da verdade e do conhecimento fez com que a sociedade pudesse seguir adiante. Houve consequências naturais, morais e sociais para os infratores. A Comissão da Verdade e Reconciliação criou oportunidades para que o perdão pessoal fosse estendido e relacionamentos fossem restaurados. O bispo Tutu argumentou que a alternativa ao perdão na África do Sul teria sido o mesmo ciclo de violência visto nos Bálcãs depois da desintegração da Iugoslávia.[2]

Quando Desmond Tutu morreu em dezembro de 2021, eu escrevi este comentário no Twitter:

> Muitas pessoas alegam que "a cultura do perdão" ajuda os agressores a fugirem das consequências de suas ações. Desmond Tutu defendia que, sem o perdão, nos tornamos prisioneiros dos agressores. Ele insistia que era possível buscar o perdão e a justiça ao mesmo tempo. Na busca da Verdade e Reconciliação, Tutu rejeitou o padrão dos julgamentos de Nuremburg.[3]

Como eu esperava, as reações ao meu comentário foram diversas. Muitos sobreviventes de abuso advertiram que a exigência do perdão é usada contra as vítimas: implorando-lhes que seguissem em diante, esquecessem e, por consequência, perdoassem. Alguns que responderam acharam que esse modelo serve de estratégia para as instituições e os agressores fugirem da responsabilidade dos seus atos. Mesmo assim, a maior parte dessas vozes não podia negar o sucesso da comissão de Desmond Tutu. Uma pessoa respondeu desse modo ao twitter: "Quando incentivamos as pessoas a perdoar e seguir em frente [...] estamos ajudando os agressores a escapar de sua responsabilidade"; mas depois acrescentou: "Eu sei que o Rev. Tutu fez um trabalho espetacular; ele demonstrou e ensinou a verdadeira graça".

Outras pessoas disseram que a abordagem de Tutu poderia modificar nossa cultura atual de cancelamento. Michael Dyson admitiu que hoje, a chamada de Tutu ao perdão "pode parecer antiquada, cafona, ou totalmente irrelevante [...] inclusive para a maioria dos ativistas da justiça social", mas, mesmo assim, ele incentivou todos a tomarem conhecimento dela.[4]

O declínio do perdão

As respostas contraditórias à obra de Tutu na ocasião de sua morte servem como uma pequena amostra das atitudes conflitantes da nossa própria sociedade sobre o perdão. Em junho de 2020, Elizabeth Bruenig, do *The New York Times*, tuitou:

> Existe algo insustentável numa sociedade que exige expiação constante, mas despreza intensamente a própria ideia de perdão.[5]

No mesmo instante, ela recebeu uma enxurrada de mensagens raivosas, e logo apagou a postagem porque estava preocupada com a agitação que havia causado. Porém, em uma entrevista, Bruenig explicou que temos uma

cultura marcada por noções indignadas de justiça, e por um desejo de obrigar as pessoas a pagarem por seus pecados. "Na cultura americana, eu vejo como as pessoas parecem ofendidas pela própria ideia do perdão. Parece que elas consideram o perdão imoral, e acho isso muito inquietante".[6]

Muitas pessoas estão achando o conceito do perdão cada vez mais problemático.

Depois das mortes em 2014 de Michael Brown em Ferguson, Missouri, e de Eric Garner na cidade de Nova York, um novo movimento a favor da justiça racial emergiu, originalmente incorporado por uma nova organização chamada Black Lives Matter [Vidas negras importam]. No entanto, depois que George Floyd foi morto em Minneapolis em maio de 2020, as reivindicações de mudanças no racismo sistêmico de sociedades ocidentais romperam as margens de qualquer organização individual. Dezenas de milhões de pessoas foram para as ruas ao redor do mundo exigindo mudança. Esse novo movimento tocava notas diferentes daquelas do movimento dos direitos civis na década de 1960. "Esse não é o movimento dos direitos civis dos seus avós", disse o rapper Tef Poe.[7] Ele alegou que o movimento atual seria muito mais rancoroso.

Nosso problema cultural com o perdão não se restringe a questões raciais. O movimento #MeToo [Eu também] também lida com a dificuldade do apelo ao perdão. Muitas mulheres indagam: Será que perdoar os agressores não somente incentiva o abuso? O universo da mídia social também parece ser uma esfera onde erros e postagens indevidas nunca são perdoados. Em vez do perdão, imagens de cada palavra tola que você já disse online podem circular para todo o sempre.

Mesmo depois de Whoopi Goldberg, personalidade da TV, pedir perdão por comentários ofensivos sobre o Holocausto, ela foi suspensa e punida. O escritor judeu, Nathan Hersh, considerou "perturbadora" essa falta de perdão. Para ele, os comentários de Goldberg foram antissemíticos e ofensivos, porém mencionou a tradição bíblica e judaica de perdoar aquele que se arrepende. Hersh se mostrou preocupado com o fato de que a necessidade da cultura de cancelar até mesmo aqueles que estavam dispostos

a mudar não serviria para diminuir a intolerância. Mas poderia até mesmo aumentá-la.[8]

"Vá para o inferno com essa cultura de perdão"

Parentes dos nove afro-americanos assassinados em Charleston, South Carolina, disseram publicamente ao atirador, Dylann Roof: "Eu perdoo você". Stacey Patton respondeu em um artigo publicado no jornal *Washington Post*: "Americanos negros têm de parar de perdoar racistas brancos".[9] Ela escreveu que a expectativa e a admiração do perdão concedido pelos negros "tem a ver com a proteção dos brancos [...] Essa atitude viabiliza a negação branca sobre os danos causados pela violência racista [...] Nosso perdão constante somente perpetua o ciclo de ataques e abuso". O perdão imediato, alega Stacey, cria a impossibilidade de responsabilizar os agentes de injustiça por seu comportamento.

Em setembro de 2018, Amber Guyger, policial da cidade de Dallas, encerrou o expediente e voltou para casa. Por engano, ela entrou no apartamento errado. Quando ela viu um homem negro dentro do apartamento, ela atirou nele e o matou. A vítima se chamava Botham Jean, o vizinho de Guyger, que estava desarmado e assistindo à TV em sua própria casa. Assim que Guyger foi condenada no tribunal e sentenciada a dez anos de prisão, o irmão da vítima, Brandt Jean, perdoou publicamente a policial e a abraçou. Por todos os Estados Unidos, essa cena comovente provocou reações diferentes. O Institute for Law Enforcement Administration [Instituto para administração do cumprimento da lei] entregou para Brandt o prêmio Ethical Courage [Coragem ética] de 2019.

Mas outros argumentaram que esse perdão de brancos por negros acaba somente apoiando o domínio branco. Kevin Powell escreveu um artigo intitulado: "A insanidade da justiça branca e do perdão negro: não é justo reduzir outra perda trágica de uma vida negra a nada mais que um cartão de pêsames".[10] Preston Mitchum, advogado e ativista, tuitou: "Historicamente,

os negros são obrigados a mostrar empatia aos colonizadores, e quando não reagimos dessa forma somos levados ao constrangimento".[11]

Porém, Barbara Reynolds, septuagenária que participou dos protestos dos direitos civis da década de 1960, escreveu um ensaio em contrapartida ao de Stacey Patton no mesmo jornal. Reynolds alegou que os movimentos liderados por Martin Luther King Jr. e Nelson Mandela conquistaram um patamar moral elevado e persuadiram a maioria dos americanos porque eram marcados "pela ética do amor, do perdão, e da reconciliação". Eles saíram vitoriosos por causa "do poder da sua visão espiritual".[12]

Reynolds encerrou seu artigo com esta afirmação: "o movimento atual carece de amor e perdão". Ela disse que o perdão desarma os opressores e reúne muitos dos seus apoiadores, enfraquecendo o sistema injusto. Reynolds cita Andrew Young: "Se você ficar irado, é bem provável que corra o risco de contagiar os outros; e, neste caso, acabará se comportando tão mal quanto os opressores". De acordo com ela, os métodos inflamados dos dias de hoje poderiam até contribuir para ganhos de curto prazo, mas acabarão dividindo o país em vez de uni-lo.

Entretanto, será que as pessoas frustradas com a falta de mudança, como Stacey Patton, não têm razão? Não é verdade que, se pessoas continuamente oprimidas perdoarem seus opressores, o sistema injusto tende a permanecer?

Sabine Birdsong põe a culpa da exploração que se faz do perdão não somente em práticas erradas, mas também no próprio cristianismo. Em um blog cujo título chama atenção — "Vá para o inferno com essa cultura de perdão" — ela alegou que "continuamos a crer que o perdão torna a pessoa superior e, se ela não conseguir fazer algo tão simples, ela é a culpada". Birdsong coloca a culpa dessa situação em "uma inconstância religiosa muito enraizada do cristianismo": uma mentalidade que "se manifesta em frases como 'perdoe e esqueça' e 'dê a outra face'". Nós condenamos pessoas que não conseguem perdoar, dizendo que elas estão "se envenenando". Isso é "equivalente a outro descarregamento de culpa abraâmico e culturalmente enraizado. Afinal, isso nada mais é do que culpabilizar a vítima". Serve somente para ajudar os opressores a "agirem com impunidade [...] porque

apesar do profundo impacto de suas ações, eles podem descansar numa certeza presunçosa, sabendo que serão perdoados". A ênfase no perdão também tende a humanizar os opressores, tornando mais difícil responsabilizá-los por seus atos. "As pessoas gostam de uma boa história de redenção. Essa narrativa [de perdoar] não passa de um simples mecanismo inventado para dar profundidade de caráter [...] ao opressor às custas de suas vítimas".[13]

Posteriormente, Sabine Birdsong nos incentiva a "reescrever as narrativas ultrapassadas do perdão", que idealizam "o pseudo conto de fadas espiritual da redenção e do perdão contra o direito inerente das pessoas não serem oprimidas".[14]

Essa última frase de Birdsong destaca o problema que sentimos hoje: a contradição aparente entre perdão e justiça e o senso de que teremos de escolher um ou outro.

Mas isso é verdade mesmo?

A permanente necessidade de perdão

A necessidade humana de perdão parece ser permanente. Ela não desaparece com nossas denúncias ou porque tentamos desconstruí-la. A necessidade a que me refiro é tanto uma profunda necessidade de *oferecermos* perdão quanto de *recebermos* perdão.

Em 1843, na véspera de Ano Novo, em uma paróquia luterana em Möttlingen, Alemanha, um jovem bateu à porta do pastor Johann Blumhardt. O rapaz admitiu sua culpa, confessando os muitos pecados e erros, fossem eles grandes ou pequenos. Ele sentiu grande alívio, e a notícia se espalhou pela cidade. No final de janeiro, 35 pessoas haviam procurado o pastor para tirar o peso de suas consciências e pedirem o perdão de Deus. Em meados de fevereiro, mais de 150 pessoas haviam feito o mesmo que o jovem.

Esse avivamento, segundo várias fontes, surpreendeu a todos pelas mudanças completas de comportamento que ele causou. "Bens que haviam

sido roubados foram devolvidos, inimigos se reconciliaram, infidelidades foram confessadas e casamentos arruinados foram restaurados. Crimes, incluindo um caso de infanticídio, foram resolvidos", e alcoólatras ficaram sóbrios.[15] Vemos aqui um exemplo de como a oferta de perdão instigou um movimento rumo a maior demonstração de justiça naquela cidade.

No início do ministério de Cristo, quatro amigos levaram um paralítico à casa onde Jesus estava ensinando, na esperança de que o homem fosse curado. "Como não conseguiram se aproximar de Jesus por causa da multidão, os quatro fizeram uma abertura no telhado [...] e desceram o paralítico deitado em sua maca" (Mc 2.4). Para o espanto de todos, Jesus não curou o paralítico imediatamente. Em vez disso, "quando Jesus percebeu a fé dos amigos, ele disse ao paralítico: 'Filho, seus pecados estão perdoados'" (v. 5).

Por um momento, coloque-se no lugar do paralítico. Você teria pensado (e se tivesse uma personalidade forte, talvez dissesse): "Obrigado, viu? Mas não está na cara que eu tenho um problema muito maior aqui para ser resolvido?". E se você tivesse dito isso, Jesus responderia: "Não, você não tem".

É possível que o homem estivesse pensando: "Se eu conseguisse caminhar novamente, então eu seria feliz. Eu nunca mais reclamaria de nada. Eu ficaria totalmente satisfeito". Mas é como se Jesus dissesse: "Olhe todo esse povo ao seu redor. Todos eles podem andar. E, portanto, você acha que o coração deles está cheio de alegria? Todos são felizes? Se eu apenas curá-lo, você irá explodir de alegria por um tempinho, e depois será igual a todo mundo aqui". Não, não era só isso. O que o homem de fato precisava era de perdão. O perdão alcança a raiz dos problemas: a nossa alienação de Deus e de nós mesmos por causa de nossas transgressões.

O que Jesus estava dizendo era: "Eu quero lhe mostrar que a necessidade mais profunda de sua natureza sou eu. Somente eu posso conceder-lhe amor perfeito, nova identidade, consolo sem fim, esperança e glória. *E a entrada para todas essas coisas é experimentar o perdão*".

É hora de abrir essa porta e atravessá-la.

[1]"A Life in Quotes: bell hooks", *The Guardian*, December 15, 2021, disponível em: www.theguardian.com/books/2021/dec/15/bell-hooks-best-quotes-feminism-race, acesso em 22 fev. 2023.

[2]Desmond Tutu, *No future without forgiveness* (New York: Doubleday, 1999). Às vezes, essa abordagem é chamada de "justiça restaurativa". Apesar de muitas ações notáveis nessa área, existem divergências sobre as definições e práticas da justiça restaurativa. Podemos nos perguntar parafraseando Alisdair MacIntyre: "Qual justiça restaurativa?". Este livro apresenta-se com o objetivo de explorar todas as dimensões do perdão de maneira bíblica. Não pretendo julgar as questões legais, políticas e filosóficas complexas em torno da justiça restaurativa, nem apresentar minha versão dela.

[3]Timothy Keller (@timkellernyc), "Muitas pessoas alegam que 'a cultura do perdão' ajuda os agressores a fugirem das consequências de suas ações. Desmond Tutu defendia que, sem o perdão, nos tornamos prisioneiros dos agressores", Twitter, 28 dez. 2021, 23h39, https://mobile.twitter.com/timkellernyc/ status/1476095414310998016.

[4]Michael Eric Dyson, "Where is the Forgiveness and Grace in Cancel Culture?", *The New York Times*, 28 dez. 2021, www.nytimes.com/2021/12/28/opinion/desmond-tutu-america-justice.html?referringSource=articleShare.

[5]Elizabeth Bruenig (@ebruenig), "Existe algo insustentável numa sociedade que exige expiação constante, mas despreza intensamente a própria ideia de perdão", Twitter, 18 junho 2020, horário desconhecido (twitter apagado).

[6]Mark Tooley, "Elizabeth Bruenig on Atonement and Forgiveness", *Juicy Ecumenism* (blog), 13 julho 2020, https://juicyecumenism.com/2020/07/13/elizabeth-bruenig-interview.

[7]Oscar Blayton, "Ain't Your Grandparents' Civil Rights Movement", *The Philadelphia Tribune*, 22 out. 2014, https://www.phillytrib.com/commentary/ain-t-your-grandparents-civil-rights-movement/article_35df1b39-99f1-53bd-905d-472be169a61d.html.

[8]Nathan Hersh, "Whoopi Goldberg Apologized. Punishing Her Further Is Un-Jewish", *The New York Times*, 9 fev. 2022, https://www.nytimes.com/2022/02/09/opinion/whoopi-goldberg-the-view-apology.html.

[9]Stacey Patton, "Black America Should Stop Forgiving White Racists", *The Washington Post*, 22 junho 2015.

[10]Kevin Powell, "The Insanity of White Justice and Black Forgiveness: Reducing Another Tragic Loss of Black Life to a Hallmark Card Is Not Justice", *Progressive Magazine*, 4 out. 2019, https://progressive.org/latest/insanity-of-white-justice-black-forgiveness-powell-191004.

[11]Preston Mitchum (@PrestonMitchum), "Black people are historically forced to show empathy to colonizers and made to feel bad when we don't", Twitter, 2 out. 2019, https://twitter.com/PrestonMitchum/status/1179591492157034497.

[12]Barbara Reynolds, "I Was a Civil Rights Activist in the 60s, but It Is Hard for Me to Get behind Black Lives Matter", *The Washington Post*, 24 ago. 2015.

[13]Sabine Birdsong, "To Hell With Forgiveness Culture", *Medium* (blog), 5 junho 2018, https://medium.com/@vvitchplease/to-hell-with-forgiveness-culture-bf805648b43a.

[14]Sabine Birdsong, "On Forgiveness, Repentance, and Necessary Mercy", *Medium* (blog), 24 set. 2018, https://medium.com/@vvitchplease/on-forgiveness-repentance-and-necessary-mercy-4ec6bf1826ff.

[15]Johann Christoph Arnold, *Why forgive?* (Walden: Plough, 2010), p. 178-80. Para um livro completo sobre esse avivamento, veja Friedrich Zuendel, *The awakening: one man's battle with darkness* (Walden: Plough, 2000).

CAPÍTULO 1

UMA HISTÓRIA DE PERDÃO

WILL MUNNY: Não é pouca coisa matar um homem. Você tira tudo que ele tem e tudo que ele vai ter na vida.

SCHOFIELD KID: Bom, a-a-acho que eles... merecem.

WILL MUNNY: Todos nós merecemos isso, Kid.

— *Os imperdoáveis* (1992)

Uma história sobre falta de perdão

Tom era um investidor profissional que estava se saindo muito bem na bolsa de valores. Transbordando de confiança, ele procurou Joseph, um amigo muito rico, e pediu-lhe um empréstimo enorme a fim de comprar várias ações em alta. Ele prometeu ao Joseph que os investimentos trariam um ótimo retorno e, a julgar pelo desempenho recente dos papéis, isso seria bem possível. No entanto, Tom deixou de contar para o amigo alguns detalhes sobre as empresas nas quais ele estava apostando.

Quando uma das empresas entrou em crise, e o mercado castigou as ações que Tom havia comprado, Joseph perdeu milhões de dólares. Ao descobrir o que havia acontecido, Joseph mandou-lhe um bilhete:

> Tom, como você fez isso comigo? Confiei em sua palavra, mas você escondeu de mim o real tamanho do risco ao qual você me expôs. Você me enganou. Eu exijo que você me pague cada centavo, e vou à polícia para garantir meus direitos.

Tom foi ao escritório de Joseph, sentou-se, e explodiu em lágrimas. “Se você me processar por essa quantia, eu ficarei sem nada. Por favor, me perdoe!”

E Joseph o perdoou. Foi um ato de misericórdia impressionante. Joseph perdeu uma fortuna por causa da transgressão de Tom, mas ele o perdoou.

Os amigos de Tom ficaram espantados quando ele lhes falou sobre a generosidade de Joseph. Porém, ficaram igualmente espantados quando souberam o que Tom fez logo em seguida. Harry, um de seus amigos, havia acabado de passar por um divórcio brutal. Sua esposa ficou com a casa e a custódia dos filhos; ele estava morando em um quartinho alugado, e mal podia se sustentar.

Poucos dias depois, Tom disse para Harry: “No ano passado, eu lhe emprestei cinco mil dólares, e preciso desse dinheiro agora mesmo”.

“Você não poderia ter me procurado numa hora pior”, disse Harry. “Essa quantia é tudo que eu tenho na poupança. Se eu der esse dinheiro para você, não terei onde viver. Por favor, me dê mais tempo — ou, se puder e quiser, simplesmente perdoe a dívida toda. É disso que mais preciso agora”.

Tom caiu na gargalhada: “Você acha que sou tonto? Se você não me devolver tudo, vou dar um jeito de tornar a sua vida um inferno! Pague-me agora, ou sofra as consequências”.

Abismado, um dos amigos de Tom procurou Joseph e contou-lhe a história toda. Joseph chamou Tom e disse: “Por que você não perdoou a dívida de seu amigo da mesma maneira que eu perdoei a sua? Amanhã mesmo vou entrar com uma ação judicial contra você para recuperar meu dinheiro. Vamos deixar o juiz cuidar de você”.

A parábola do Servo Impiedoso

Os leitores já devem ter percebido que a história acima é uma versão atual de uma parábola contada pelo próprio Jesus Cristo. Essa passagem (reproduzida no início deste livro) talvez seja o tratamento mais elaborado sobre perdão no Novo Testamento. Mas ela não vem em forma de tratado nem ensaio. Ao contrário, é uma história envolvente e trágica. Esse relato

realista, cujo objetivo é delinear a vida neste mundo tal como ela é, mostra como um ato de perdão, mesmo com todo seu potencial de cura e transformação, ainda pode ser mal apropriado de maneira que traga destruição para todos ao redor.

> Então Pedro se aproximou e disse-lhe: "Senhor, quantas vezes tenho de perdoar o pecado do meu irmão contra mim? Até sete vezes?" Jesus lhe respondeu: "Não lhe digo sete vezes, mas setenta e sete vezes" (Mt 18.21-22).

Em seus ensinamentos, o Jesus deu grande destaque à questão do perdão. Veja que o único adendo ao Pai-Nosso se encontra em Mateus 6.14-15, onde Jesus disse enfaticamente que se deixarmos de perdoar os outros, Deus não irá nos perdoar.

Os discípulos ficaram estarrecidos com a afirmação de Jesus de que o perdão divino e o perdão humano eram interdependentes. A pergunta de Pedro mostra sua preocupação de que o mandamento de Jesus fosse mal apropriado: um agressor sem escrúpulos poderia pecar contra alguém sem ser responsabilizado por isso. Então Pedro sugere um limite: "Senhor, quantas vezes tenho de perdoar o pecado do meu irmão contra mim? Até sete vezes?". Pedro teria considerado sua proposta bem generosa, pois o próprio Talmude (b. Yoma 86b-87a) manda perdoar a mesma pessoa somente três vezes.[1]

Mas Jesus se recusa a colocar limites no perdão. Sua afirmação espantosa nos manda perdoar "não sete vezes, mas setenta e sete vezes". Às vezes, o termo usado por Jesus é traduzido por setenta *vezes* sete, ou 490. No entanto, se focarmos em um número exato, podemos perder totalmente o sentido do que Jesus queria dizer. O número sete representava plenitude. E isso significa que:

> [essa afirmação de Jesus foi feita] valendo-se de hipérbole, e não de uma linguagem de cálculos. Os que se preocupam com o número ser 77 ou 490 [...] não entenderam o sentido da frase [...] Não há limite nem cabimento uma lista de perdões já concedidos. A pergunta de Pedro foi mal formulada. Se alguém ainda está contando [...] não está perdoando.[2]

A fim de justificar essa afirmação surpreendente, Jesus conta uma história.

Portanto, o reino do céu pode ser comparado a um rei que queria acertar contas com seus servos. Quando o rei começou a fazer o levantamento, lhe trouxeram um servo que lhe devia dez mil talentos. Não tendo com que pagar, seu senhor ordenou que ele, sua mulher, seus filhos e todos os seus bens fossem vendidos para pagar a dívida. Então o servo caiu de joelhos, implorando: "Tenha paciência comigo, e lhe pagarei tudo". O senhor teve pena dele, o soltou e perdoou-lhe a dívida.

No entanto, quando o servo perdoado estava indo embora, ele encontrou um de seus próprios servos que lhe devia cem denários, e, agarrando-o, começou a sufocá-lo, dizendo: "Pague o que me deve". O servo, então, caiu ao chão e implorou-lhe: "Tenha paciência, pois pagarei o que lhe devo". Mas o servo perdoado não aceitou a proposta, e colocou o conservo na prisão, até que pagasse a dívida.

Quando outros servos viram o que tinha acontecido, ficaram muito transtornados e foram contar tudo ao seu senhor. O rei, então, chamou o servo impiedoso e lhe deu uma bronca: "Servo mau! Eu lhe perdoei toda aquela dívida porque você me suplicou. Você não devia se compadecer do seu conservo, assim como eu me compadeci de você?" Irado, o senhor entregou o servo aos carcereiros, até que ele pagasse tudo o que lhe devia.

[E Jesus disse:] "Assim fará meu Pai celestial a cada um de vocês, se não perdoar de coração ao seu irmão." (Mt 18.23-35).

A ofensa. Um rei tinha um servo que lhe devia dez mil talentos. Todos os estudiosos chamam nossa atenção à natureza deliberada e irrealista dessa quantia. Um trabalhador comum da época esperava ganhar talvez um único talento em um ano. Se trouxéssemos esse número para os nossos dias, em que um trabalhador comum ganha quarenta mil dólares por ano, teríamos uma dívida de quatrocentos bilhões de dólares — mais que o produto interno bruto de 80% dos países do mundo de hoje. Mesmo que a história seja fictícia, ainda precisamos entender o que Jesus queria ensinar. Por que ele introduziu um número impensável na história? Naquele contexto, essa quantia não poderia ser um empréstimo comercial ou pessoal. Nenhum rei da vida real poderia entregar, ou teria entregado, dez mil talentos para qualquer servo que fosse.

Alguns estudiosos acham que Jesus queria que os ouvintes imaginassem um servo que era, na verdade, um governador rico ou sátrapa que, por meio de uma terrível má gestão e corrupção, teria colocado a economia do reino em risco. Em contrapartida, pode ser que Jesus quisesse, de maneira proposital, apontar para algo que rasgasse o tecido da nossa realidade terrena. O talento era a maior moeda do império, e dez mil era o maior

número na língua grega que tinha uma palavra específica.[3] Talvez Jesus estivesse falando de uma maneira bem vívida sobre uma dívida *infinita* e imensurável.

O rei confronta o servo e exige que ele pague sua dívida, mas nenhum ser humano teria condições de fazer isso. Na antiguidade, a maneira típica de lidar com a falência era escravizar o devedor. O rei ordenou que o servo fosse vendido, embora isso valesse pouco em comparação com o tamanho da dívida.

O pedido. O servo pede ao rei "tenha paciência comigo, e lhe pagarei tudo". Cair de joelhos mostra emoção profunda e pesar genuíno pela transgressão. A proposta de "pagar tudo" não é apenas uma expressão de arrependimento; é também uma tentativa de fazer restituição. Porém, mesmo o esforço mais sincero da parte do servo não poderia pagar todo o dinheiro que o rei e o reino tinham perdido.

A soltura. O rei "o soltou e perdoou-lhe a dívida", livrando o servo de responsabilidade e obrigação. O pedido do servo por "paciência" — *makrothumeo*, palavra grega que significa literalmente demorar a ferver ou a derreter — nos lembra do custo do perdão. As versões mais antigas do Novo Testamento traduziam *makrothumeo* por "longanimidade". Paciência é a capacidade de suportar o sofrimento em vez de ceder a ele. Perdoar a dívida de alguém é assumir a dívida você mesmo. Se você emprestar seu carro para um amigo, e ele bater o veículo por imprudência ao volante, mas não tiver como lhe pagar o estrago, você poderá dizer: "Eu o perdoo". No entanto, o custo da transgressão não desaparece no ar. Ou você arruma dinheiro para comprar outro carro, ou fica sem carro. De qualquer maneira, perdoar significa que o custo da transgressão passa do transgressor para você, e você vive com isso.

Então, o perdão é uma espécie de sofrimento voluntário. Ao perdoar, em vez de retaliar, você decide arcar com o custo.

A nova ofensa. Na próxima cena, vemos o encontro do servo perdoado com outro servo. O segundo servo está devendo ao servo perdoado o equivalente moderno de alguns trocados. Mas o servo perdoado o agarra e começa a sufocá-lo! O segundo servo responde exatamente do mesmo modo

que o servo perdoado respondeu ao rei, fazendo um pedido idêntico. No entanto, quando o segundo servo não consegue arrumar o dinheiro imediatamente, o servo perdoado o lança na prisão.

O veredito. Ao ouvir essa história, o rei chama o primeiro servo e diz, em outras palavras: "Como é possível alguém que tenha experimentado a misericórdia generosa que eu lhe demonstrei tratar outras pessoas com atitudes tão cruéis e mesquinhas?". E imediatamente lança o primeiro servo na prisão. Jesus termina a parábola com essa frase arrepiante: "Assim fará meu Pai celestial a cada um de vocês, se não perdoar *de coração* ao seu irmão".

O significado não é difícil de ser entendido. O rei é o próprio Deus. Nós somos o servo. Os dez mil talentos são a dívida infinita que temos com Deus. Deus nos criou e nos sustenta a cada segundo, então lhe devemos amor supremo, dependência e obediência. Porém, em contrapartida, não lhe entregamos nada disso. Não há uma pessoa sequer na terra que não receba a misericórdia de Deus de alguma maneira (cf. Sl 145). No entanto, a maneira pela qual lidamos com outros seres humanos fica infinitamente aquém da misericórdia generosa que recebemos de Deus.

Agora, a partir dessa compreensão básica da parábola, veja o que podemos aprender sobre o perdão de Deus para conosco e nosso perdão para com os outros.

A dificuldade do perdão

Como vimos, a sociedade atual considera o perdão difícil e problemático. A parábola encara essa questão de maneira bem realista.

É difícil receber o perdão. A dívida enorme do servo nos ensina que nossa dívida com Deus é grande demais para sanar. O perdão de Deus não pode ser merecido de jeito nenhum e, portanto, tem de ser absolutamente gratuito. A proposta patética do servo de pagar o rei é tão ingênua quanto qualquer esforço nosso de ganhar um lugar no céu por meio de boas obras. Dizer a Deus: "Se o Senhor me perdoar, vou à igreja todos os domingos e farei de tudo para ser uma pessoa melhor!", é tão fútil quanto afirmar:

“Pagarei os 400 bilhões de dólares com pagamentos mensais de 5 dólares”. Também não faz nenhum sentido pensar igual ao Servo Impiedoso: “Se eu abominar a mim mesmo, me rebaixar e rastejar, então serei merecedor do perdão”. Não há autoflagelo que desfaça o estrago que causamos. Nossa única esperança é a graça surpreendente e *gratuita*: o perdão vindo do próprio Deus.

O perdão não é difícil apenas para nós. Embora seja necessário falarmos com cuidado e respeito aqui, a parábola revela o que vemos no restante da Bíblia: o próprio Deus enfrenta obstáculos para perdoar. A história traz indícios do *custo* extraordinário carregado por Deus por causa do perdão. A parábola não trata essa questão de forma direta, mas Jesus escolheu deliberadamente uma dívida de tamanho inimaginável e estarrecedor. Jesus sabia que mesmo um rei poderoso acharia impossível perdoar uma dívida desse porte sem desestabilizar o seu reino. De que maneira nos perdoar exigiu de Deus medidas onerosas, até mesmo para ele, é uma discussão que foge do escopo desta parábola.[4] No entanto, a parábola nos mostra indícios desse custo, e isso é importante.

Perdoar também é difícil para nós. Talvez o elemento mais espantoso da história seja a insensibilidade do servo perdoado para com os outros. Como ele não se deixou abrandar e ser transformado pela misericórdia do rei? Sendo ouvintes da história, percebemos claramente a incongruência. Ainda sim, nós, que vivemos somente pela misericórdia de Deus a cada segundo de nossas vidas, deixamos de ser bondosos, misericordiosos, generosos, gentis e perdoadores todos os dias. Essa história, portanto, é uma flecha apontada diretamente ao nosso coração.

A definição de perdão

Diante disso, a pergunta mais importante emerge: o que *é* perdão? Noções equivocadas de arrependimento e perdão, como veremos, são fatais, espiritualmente e socialmente falando. Porém, essa história nos ajuda a

enxergar o cerne da definição de perdão. No papel de rei, Deus fez quatro coisas: *chamou o homem*, *teve pena dele*, *perdoou-lhe a dívida e o soltou*.[5]

Em primeiro lugar, o rei "mandou que lhe trouxessem o servo" (v. 24). Então, o montante da dívida foi mencionado. O perdão começa com a exposição da verdade em vez de encobrimento com desculpas e meias-verdades.

No entanto, o rei *se apiedou* dele (v. 27). Ter piedade de alguém que nos ofendeu significa que decidimos fazer o trabalho íntimo de entender a situação e vulnerabilidade do ofensor. Isso não é algo natural para nós. O desejo do nosso coração é se concentrar apenas na maldade do outro, e no quanto ele merece sofrer. Mas o rei, que representa Deus, vê o ofensor não somente como vilão, mas como um ser humano com seus próprios medos e sofrimentos.

O *cancelamento da dívida* (v. 27) nos leva ao âmago do perdão. Quando o rei perdoou a dívida, ele teve de assumir a perda pessoalmente. Se eu tomar dinheiro emprestado de alguém, e depois eu lhe disser que não tenho condições de pagar, e o credor perdoar a dívida, isso significa que ele terá de absorver a perda. Mas você poderá perguntar: "Como funciona o perdão se não tiver dinheiro envolvido?". O perdão significa que, em vez de desejar o sofrimento do ofensor, você se recusa a fazê-lo. Essa recusa é *árdua*, difícil e custosa. No entanto, por meio dessa atitude você mesmo está carregando a dívida. Ao continuarem na ira, algumas pessoas acham que estão dando o que os ofensores merecem. Porém, na realidade, você está permitindo que o comportamento deles continuem prejudicando você. Se, em vez disso, você conceder o perdão, ainda que aos poucos, com o tempo você começará a sentir o perdão.

Por último, a parábola diz que o rei *soltou o servo* (v. 27). Isso significa que o relacionamento entre o rei e o servo foi restaurado. O servo não era mais devedor e traidor da confiança do rei, mas cidadão e servo novamente. Essa parte da história poderá suscitar perguntas daqueles que se preocupam com a justiça, mas devemos nos lembrar de duas coisas. Como veremos, o perdão e a busca da justiça precisam andar de mãos dadas. Na verdade, se você não

perdoar, a sua busca pela justiça muito provavelmente se desviará para o território da vingança.

Mas essa parábola não trata desses detalhes. Em vez disso, ela mostra que qualquer pessoa que realmente perdoa — assim como o rei perdoou — está disposta à reconciliação e à restauração do relacionamento. No entanto, é claro que isso depende da resposta da pessoa a quem o perdão é estendido. Quando o servo não responde ao perdão do rei com arrependimento genuíno e mudança de vida, seu relacionamento com o rei se desfaz outra vez.

Portanto, perdoar é, em primeiro lugar, considerar a transgressão verdadeiramente errada e digna de punição, em vez de meramente desculpá-la. Segundo, perdoar é se identificar com o transgressor, lembrando que você também é pecador, em vez de achar que ele é muito diferente de você. Perdoar é desejar-lhe o bem. Em terceiro, perdoar é deixar de cobrar o transgressor e assumir você mesmo a dívida, em vez de correr atrás de vingança. Por último, perdoar é buscar a reconciliação ao invés de cortar o relacionamento para sempre. Se você omitir qualquer uma dessas quatro atitudes, não estará praticando o verdadeiro perdão.

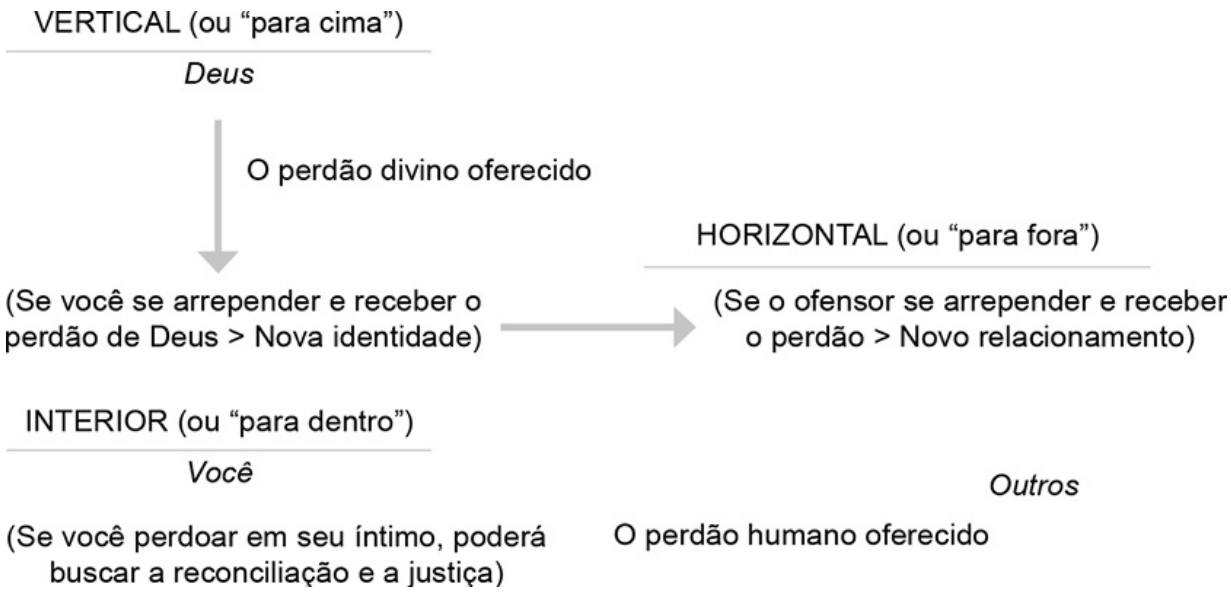
As dimensões do perdão

Talvez a lição primordial da parábola seja que o perdão humano baseia-se na experiência do perdão divino. Algumas pessoas leem o versículo 35 ("Assim fará meu Pai celestial a cada um de vocês, se não perdoarem...") de maneira superficial, e entendem que Jesus está dizendo que o perdão que Deus nos oferece depende e é conquistado por meio do nosso perdão ao próximo.[6] Mas a narrativa da história não se alinha em nenhum momento com essa interpretação. O rei estende o perdão primeiro, e depois afirma que o perdão do servo ao seu conservo deveria ser motivado pelo perdão do rei para com ele. A última frase de Jesus significa que a misericórdia divina deve transformar nosso *coração* para que possamos perdoar como Deus nos

perdoou. Se não oferecermos perdão aos outros, isso mostra que não nos arrependemos de verdade para recebermos o perdão de Deus.

A ideia central se encontra nas palavras do rei no versículo 33: "Você não devia se compadecer do seu conservo, assim como eu me compadeci de você?". O perdão humano depende do perdão divino.

Em outras palavras, o perdão cristão possui três dimensões básicas. A primeira é vertical: o perdão de Deus para conosco. A segunda é interior: nossa oferta de perdão a quem quer que tenha nos ofendido. A terceira é a dimensão horizontal: nossa oferta de reconciliação. A horizontal se baseia na dimensão interior e a interior se baseia na vertical.



Precisamos, de maneira consciente, fundamentar o perdão que oferecemos a outros no perdão de Deus para conosco. O perdão do rei devia ter transformado o servo em uma pessoa que pratica o perdão. E por que isso não aconteceu? A resposta, ou melhor, o elo perdido, como descobriremos neste livro, é a falta de arrependimento genuíno da parte do servo. As palavras finais de Jesus são cruciais: o perdão deve vir do *coração*. A expressão de grande emoção e lamento pelo servo se revela mais tarde como autopiedade, em vez de contrição genuína. A falta de arrependimento dele significa que não houve conexão entre as dimensões verticais e horizontais.

Nossas falhas ao perdoar

Não devemos perder de vista a natureza conflituosa dessa parábola. A parábola de Jesus sobre perdão não é uma história reconfortante em que as pessoas recebem o perdão de Deus e então correm a espalhar esse amor aos outros. Ao contrário, é uma história sobre um homem que pede perdão, mas, ao recebê-lo, continua irredutível.

Depois que o rei Davi tomou a mulher de Urias, Bate-Seba, para si, o profeta Natã contou-lhe uma história sobre um homem rico que tinha muitas ovelhas, mas, quando precisou de comida para fazer uma festa, roubou a única ovelha de um homem pobre. Davi ficou indignado e disse que o homem da história deveria ser morto.

"*Você* é o homem!" disse Natã (2Sm 12.7), e Davi reagiu como se algo lhe houvesse cortado o coração.

É deste modo que devemos ouvir a parábola do Servo Impiedoso. O restante de Mateus 18 trata dos relacionamentos radicalmente transformados que os cristãos deveriam ter. Eles deveriam ser marcados por humildade e serviço ao próximo, em vez de orgulho (Mt 18.1-5); pela paciência e compreensão quanto aos erros dos outros (Mt 18.6-10) e por prontidão em reconciliar e curar relacionamentos (Mt 18.11-17).

No entanto, com essa história, Jesus nos desperta para a realidade tal como ela é. Muitas pessoas que dizem ter pedido perdão a Deus não foram transformadas pelo perdão, e a prova disso está em nossos relacionamentos. Jesus diz que o amor visível, incomum e evidente é uma marca de seus discípulos verdadeiros (Jo 13.34-35), e que a comunidade singular e amorosa formada pelos cristãos é uma das maneiras principais pela qual o mundo saberá que Jesus é quem afirmou ser (Jo 17.20-23). João enfatiza repetidamente essa verdade em sua primeira epístola: esse amor extraordinário é uma prova de que você conhece a Deus pessoalmente, e não apenas de maneira formal ou nominal (1Jo 2.5,10; 3.11,14,16-18; 4.7-11,16-21).

Essa parábola é um relato de falta de perdão porque *essa é a história humana habitual*. O movimento do perdão divino para o perdão humano é

sempre frustrado pelo pecado. Até mesmo na outra parábola famosa de Jesus sobre perdão — a parábola do Filho Pródigo — vemos que a atitude do Pai provocou ofensa e controvérsia em vez de amor e generosidade.

Será que as igrejas cristãs são conhecidas por seu amor e bondade a céticos e não cristãos? Não são. Você é cristão professo? Se for, você é conhecido pelos amigos e vizinhos por ser uma pessoa particularmente amorosa, generosa, misericordiosa e perdoadora? Se esse não for o caso, ouça essa parábola e escute Jesus dizendo: "*Você* é o homem". Se nós realmente compreendemos e recebemos sua salvação, ela deveria nos transformar, o que não aconteceu com o servo impiedoso. A misericórdia de Deus *precisa* e *vai* nos fazer misericordiosos. Se não o fizer, então nunca entendemos ou aceitamos verdadeiramente a misericórdia de Deus.

Se você crê no evangelho — que você é salvo pela graça e pelo perdão gratuito de Deus —, mas continua rancoroso, isso mostra no mínimo que você está impedindo o efeito real do evangelho em sua vida, ou está se enganando, e talvez não creia no evangelho de forma alguma. De qualquer modo, espiritualmente falando, não perdoar é se colocar em uma prisão. A cena final da parábola, onde o Servo Impiedoso é jogado na prisão, parece muito severa, mas é bem realista. O egocentrismo que cresce quando você continua irado com alguém, quando você faz acusações contra a pessoa e quando você não deixa de considerá-la devedora, é uma prisão.

No início do meu ministério fui pastorear uma igreja pequena no estado da Virgínia. Ali conheci na mesma semana duas pessoas que viviam trancafiadas em seus próprios cárceres da falta de perdão. Era junho, e nós estávamos fazendo uma escola bíblica de férias. Passamos em todas as casas da vizinhança para convidar as crianças a participarem do evento. Um pai jovem nos recebeu de maneira cordial, e disse: "Não, obrigado". No entanto, quando eu ofereci uma carona para seus filhos, ele respondeu indignado: "Meu pai nos *obrigava* a ir à igreja. Ele enfiou a religião pela nossa goela abaixo. *Jamais, de jeito nenhum* vou deixar meus filhos colocarem o pé dentro de qualquer igreja!". Tenho quase certeza de que ele resmungou algo sobre seu descontentamento pelo fato de existir uma igreja tão perto de sua casa. Eu não podia dizer mais nada, mas ficou evidente que, por causa da raiva

que nutria em relação a seu pai, tanto ele quanto seu jeito de criar os filhos ainda eram controlados por esse sentimento.

Pouco tempo depois desse encontro, eu tive uma longa conversa com uma adolescente que era membro da minha igreja. Ela também tinha um pai de difícil trato, que envergonhara a garota diante das amigas. A adolescente me falou que nunca mais perdoaria o pai por isso. Meu contraponto foi mais ou menos assim: "É verdade, seu pai errou, mas, se você não o perdoar do jeito que você foi perdoada por Jesus, você estará entregando o poder da sua vida ao seu pai. Você fará isso ou aquilo, não porque são as melhores alternativas, mas porque em seu coração você sabe que seu pai não iria gostar delas. E você *não* fará outras coisas, porque sabe que seu pai *iria* aprová-las. Eu já vi isso acontecer com outros jovens. Não quero que aconteça com você". Para minha surpresa, essas palavras lhe fizeram sentido. "Isso nunca me passou pela cabeça", ela admitiu.

Ela conseguiu evitar a prisão que o Servo Impiedoso — e muitos outros — não conseguiram evitar.

Criando asas para o perdão

A condenação forte e justa do Servo Impiedoso poderá desviar a nossa atenção da transformação de vida que a parábola pressupõe. Não perdoamos por causa do nosso esforço, ou porque teremos benefícios sociais ou por interesse próprio. Precisamos ter um encontro com o Deus vivo por meio de arrependimento e fé, recebendo não somente o perdão abstrato, mas o próprio Cristo, e uma nova identidade como filho de Deus aceito, justificado, adotado e amado incondicionalmente. Então, precisamos ter comunhão com esse Deus por meio da Palavra, da oração e da adoração, para que essas realidades objetivas sejam de fato reais, subjetivamente, em nossos corações, e assim elas moldarão as nossas reações instintivas à vida.

O poeta William Cowper descreve essa transformação de maneira eloquente em um hino do século 18. Cowper havia guardado a lei e procurava ser uma pessoa moral por motivos exclusivamente pragmáticos: ele queria merecer a bênção de Deus e o céu na vida pós-morte. No entanto,

ele descobriu que esses motivos, baseados principalmente no medo de castigo, não eram suficientes para mudar seu caráter de verdade. A fé dele era apoiada em sua própria habilidade de viver de acordo com padrões morais, e a pressão o esmagava. Quando alguém lhe explicou a salvação pela fé e pelo perdão, Cowper colocou sua fé verdadeiramente em Cristo, e essa decisão mudou completamente a motivação interior dele.

> Por muito tempo sofri debaixo da Lei
> Em escravidão e aflição;
> Eu me esforçava para obedecer aos preceitos,
> Mas sem sucesso.
> Então todo o meu trabalho servil acabou
> Para que a justiça surgisse.
> Agora, escolhido livremente no Filho,
> Eu escolho livremente os seus caminhos.
> Ver o cumprimento da Lei por Cristo
> E ouvir sua voz de perdão,
> Transforma o escravo em criança,
> E dever em opção.[7]

C. S. Lewis desenvolveu uma metáfora clássica para o que Cowper descreveu:

> Pois mero progresso moral não é redenção [...] Não é como treinar um cavalo a pular cada vez melhor, mas é como transformar um cavalo em uma criatura alada. Obviamente, uma vez que tivesse asas, esse cavalo voaria sobre cercas que antes ele nunca podia pular, e assim venceria a corrida contra o cavalo comum. No entanto, na fase inicial, quando as asas estivessem começando a nascer, é provável que não conseguisse vencer a corrida. Nesse período, as protuberâncias nos ombros — ninguém que as visse agora diria que um dia seriam asas — poderiam lhe dar uma aparência bem desajeitada.[8]

De acordo com a parábola, se somos verdadeiros seguidores de Cristo, e se compreendemos e experimentamos a graça do evangelho, nossas "asas" *estarão* em crescimento. Ao término da parábola, Jesus está dizendo algo do tipo: "Se você guardar ressentimento, ou se vingar de alguém, mesmo que afirme que é um pecador salvo pela graça, na verdade você não acredita nisso. Você está negando essa realidade, tanto no coração quanto na vida, não importa o que disser".[9]

Hashim Garrett é um homem que viu essas asas crescerem. Aos quinze anos de idade, ele morava com a mãe e fazia parte de uma gangue das ruas de Brooklyn. Hashim levou seis tiros e ficou paralisado da cintura para baixo. Durante quase um ano deitado numa cama hospitalar, ele planejava sua vingança. Mais tarde ele escreveu: "A vingança me consumia. Tudo que eu conseguia pensar era: 'Espera só eu sair daqui; não vejo a hora de acertar as contas com aquele garoto'".

No entanto, enquanto Hashim estava deitado no chão, imediatamente depois do tiroteio, por instinto, ele clamou a Deus por ajuda e, para sua surpresa, sentiu uma tranquilidade incomum. Agora, durante sua reabilitação, um novo pensamento lhe ocorreu: se ele se vingasse do garoto, por que Deus não poderia cobrá-lo por todos os *seus* pecados? "Seis meses antes desse incidente, eu atirei num homem simplesmente pelo fato de meu amigo ter me mandado fazer aquilo, e eu fiz porque queria provar que era durão. Seis meses depois, eu levei um tiro de alguém porque o amigo *dele lhe* mandou fazer aquilo", escreveu. Esse pensamento foi eletrizante, pois Hashim não podia se sentir superior ao seu opressor. Os dois eram pecadores que mereciam o castigo e necessitavam de perdão.

> Finalmente [...] resolvi perdoar. Eu senti que Deus havia salvado minha vida para um propósito, e eu deveria cumprir aquele propósito [...] Eu sabia que nunca poderia voltar para as ruas e machucar alguém. Eu não queria saber mais daquela mentalidade, e da vida associada a ela [...] Eu percebi que tinha de abrir mão do ódio.[10]

O Rei que era servo

Essa parábola esboça a dificuldade, a definição e as dimensões do perdão. O único aspecto maior do perdão cristão insinuado pela parábola, mas não abordado diretamente, é a "dinâmica" do perdão ou a base de tudo isso. Como explicar que Deus nos perdoa de maneira tão radical, apesar de Deus ser santo e justo? O que nos capacita a perdoar de maneira radical por meio dos recursos interiores de humildade sobrenatural, confiança, amor e alegria? É a morte expiatória de Cristo na cruz.

O que foi tão incoerente sobre a atitude do Servo Impiedoso para com seu conservo? A resposta é esta: o servo vivia somente pela misericórdia do rei, mas agia como se *ele* fosse rei e juiz. "Para você é cadeia!", ele disse ao conservo. Que atitude inadequada e inapropriada. Mas Jesus quer que nós nos enxerguemos no espelho dessa história. Quando nós, que vivemos somente pela misericórdia de Deus, passamos a julgar os outros, não estamos nos colocando no lugar de Deus? Se isso for verdade, estamos julgando uns aos outros, pagando na mesma moeda, sofrendo retaliação e vingando-se novamente. Nós somos servos que agem como se fossem reis.

O que poderia transformar nosso coração? Somente a visão do amor extraordinário do Rei que se tornou servo tem força para impedir que um servo se comporte como se fosse rei.

Nós devemos estar no banco dos réus, mas nos colocamos na cadeira do juiz. O Senhor, porém, que se sentava na cadeira de juiz do universo, desceu até a terra, se colocou no banco dos réus e foi até a cruz. O Juiz de toda a terra foi julgado. Ele foi punido em nosso lugar. Ele assumiu o castigo reservado para nós. Essa atitude humilde nos liberta da amargura porque sabemos que também somos pecadores vivendo unicamente pela graça, e somente pela graça. No entanto, essa atitude também nos mantêm acima da nossa amargura, porque podemos afirmar: "Eu fui justificado e adotado em Jesus Cristo. Você me prejudicou, e vou confrontá-lo sobre o assunto, mas você não pode tirar meus bens verdadeiros, minha alegria mais profunda". Desse modo, você consegue perdoar.

Quando Jesus Cristo estava morrendo na cruz, ele exclamou: "Pai, perdoe-os, pois não sabem o que fazem" (Lc 23.34). Jesus está dizendo que o que lhe fizeram é errado e advoga o perdão deles; mesmo assim, Jesus pede que o Pai os perdoe. Em vez de gritar aos seus carrascos: "Vocês vão receber o troco", o que Jesus diz? "Pai, eles não compreendem a magnitude daquilo que estão fazendo". Jesus estava implorando o perdão daqueles que o crucificavam.

Se Jesus trata seus carrascos dessa maneira, como é que eu e você podemos ser frios e distantes? Como podemos tratar as pessoas de forma sarcástica e severa? Jesus não falaria dessa maneira nem mesmo aos seus

torturadores. Que Deus nos dê graça e paciência que somente frutificam a partir da compreensão profunda da misericórdia do Cristo que sofreu por nós.

---

[1]Essa porção do Talmude pode ser acessada em www.sefaria.org/Yoma.86b?lang=bi.

[2]R. T. France, *The Gospel of Matthew* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2007), p. 705.

[3]Craig L. Blomberg, *Matthew* (Nashville: Broadman, 1992), p. 283.

[4]John R. W. Stott, "The problem of forgiveness", em *The cross of Christ* (Downers Grove: InterVarsity, 1986) p. 87-110 [publicado em português por Vida sob o título *A cruz de Cristo*].

[5]Apesar do ensinamento bíblico básico que nos manda ter misericórdia dos outros e perdoá-los como Deus teve misericórdia de nós e nos perdoou, existem diferenças. Por exemplo, a maneira pela qual temos pena de outros seres humanos não é a maneira pela qual Deus tem pena de nós. Parte do nosso pesar é reconhecer em nós mesmos a mesma fraqueza e o mesmo pecado que enxergamos no ofensor. É óbvio que a pena de Deus por nós não funciona dessa maneira.

[6]Veja Ashraf H. A. Rushdy, *After injury: a historical anatomy of forgiveness, resentment, and apology* (Oxford: Oxford University, 2018), p. 31-2.

[7]William Cowper, "Love Constraining to Obedience", in: David Donald, org., *The New Oxford Book of Christian Verse* (Oxford: Oxford University Press, 1981), p. 195-6.

[8]C. S. Lewis, *Mere Christianity* (New York: Macmillan, 1952), p. 167 [publicado em português por Thomas Nelson Brasil sob o título *Cristianismo puro e simples*].

[9]Na narrativa de Mt 18, o rei perdoa o servo e, mais tarde, retira o perdão. Ao ler a conclusão de Jesus: "Assim fará meu Pai celestial a [...] vocês, se não perdoarem", alguém poderia entender que é possível ser salvo e perdoado por Deus, e depois perder esse benefício, se não conceder perdão. Porém, à luz de todos os ensinamentos de Jesus, e levando em conta toda a Escritura, essa perspectiva obriga a metáfora da parábola a corresponder exatamente com o seu significado. O estudioso bíblico R. T. France escreve sobre esses versículos: "Será que se recusarmos a perdoar cometemos um pecado imperdoável? [No entanto], em 12.31-32 aprendemos que há somente um pecado imperdoável, e esse não é simplesmente uma recusa em oferecer perdão. Assim, se colocarmos essa parábola diante do pano de fundo dos ensinamentos de Jesus em geral, talvez sejamos levados a qualificar a linguagem absoluta da história [...] Entretanto, essas considerações, embora sejam apropriadas à compilação de uma teologia sistemática, não devem diminuir o impacto dessa parábola sóbria nem das palavras solenes em 6.14-15 ilustradas por ela. Quem não perdoa não deve esperar ser perdoado". R. T. France, *The Gospel of Matthew* (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), p. 708. Craig Blomberg argumenta de maneira semelhante: "Os detalhes subordinados da parábola não devem ser forçados. O versículo 34 não promulga nenhuma doutrina sobre o purgatório. Mesmo que alegorizemos a prisão, os carcereiros, e a retribuição, a imagem que surge é do inferno, não do purgatório, pois o homem não

poderia jamais pagar sua dívida, ou escapar dela. Além do mais, não é óbvio que a retração do perdão [oferecido pelo rei] seja uma analogia espiritual clara [com Deus]. Talvez Jesus esteja ensinando que nenhum discípulo verdadeiro dele poderia se comportar igual ao servo; e aqueles que se comportam dessa maneira mostram que realmente não receberam o perdão. Ou talvez Jesus esteja dizendo que Deus oferece o perdão a todos, mas somente aqueles que se apropriem dessa dádiva por meio de uma vida de perdão a outros mostram que aceitaram verdadeiramente seu perdão. Ensinamento semelhante se encontra no Sermão do Monte (6.14-15), no qual Jesus deixa bem claro que aqueles que estão perdidos nunca foram salvos (7.21-23). É espantoso ver, hoje em dia, tantas pessoas que circulam em comunidades cristãs correrem perigo de receber esse julgamento. O motivo é que elas se recusam a perdoar outros cristãos, falar de maneira respeitosa, cooperar com eles e aceitar seus pedidos de desculpas". Craig Blomberg, *Matthew*, The New American Commentary, vol. 22 (Nashville: Broadman & Holman, 1992), p. 285.

[10]A história de Hashim Garrett está disponível em The Forgiveness Project, www.theforgivenessproject.com/stories-library/hashim-garrett, acesso em: 31 agos. 2023. O relato é também recontado em Johann Christoph Arnold, *Why forgive?* (Walden: Plough, 2010), p. 24-9. Os depoimentos de Hashim foram extraídos do livro *Why forgive?*

Parte 1

PERDENDO E ENCONTRANDO O PERDÃO

CAPÍTULO 2

O DESVANECER DO PERDÃO

> Por que os feridos, os que ainda estão sangrando, devem assumir a responsabilidade do perdão?
>
> — DELIA OWENS, *WHERE THE CRAWDADS SING*[I]

Delia Owens faz uma pergunta que um número cada vez maior de pessoas repete ao nosso redor. De que maneira a história do Servo Impiedoso e seu rico ensino sobre o perdão lida com a ansiedade e a confusão que permeia a sociedade em relação ao perdão?

#MeToo e o problema do perdão

Em 2006 uma sobrevivente de violência sexual, Tarana Burke, criou o termo *MeToo* [Eu também] para ajudar mulheres que foram abusadas de maneira semelhante a falarem publicamente sobre suas experiências. No final de 2017 o movimento espalhou-se rapidamente, incendiado pelas diversas revelações de abusos sexuais cometidos por Harvey Weinstein. Durante os primeiros meses do movimento, muitas mulheres descobriram que esse novo apoio as capacitou a contar abertamente suas histórias de assédio sexual, abuso e violência. O movimento mostrou à sociedade que esse comportamento masculino era muito mais comum do que as pessoas queriam admitir. Na esteira do movimento, um crescente número de pessoas identificaram mudanças positivas, desde novas regras trabalhistas a apoio

ampliado às vítimas de abuso, tanto formal quanto informal. Inevitavelmente, a questão do perdão veio à tona.

A atriz Salma Hayek escreveu que ela havia justificado seu silêncio sobre o assédio de Weinstein dado que: "Eu tinha orgulho da minha capacidade de perdoar".[2] No entanto, ela disse que essa ênfase no perdão havia sido um disfarce para sua "covardia" e sua relutância em buscar justiça publicamente. Com isso, ela havia deixado de proteger futuras vítimas.

Danielle Berrin, em um artigo ao *The New York Times,* perguntou: "Devemos perdoar os homens que nos violentaram?".[3] Ela concluiu que não estava pronta para perdoar o seu agressor, mas comentou sobre a possibilidade de que talvez "a restituição pública e particular" a motivassem a perdoar. Outras vozes eram menos abertas. Uma pessoa que comentou o artigo de Berrin alegou que o perdão era uma extensão do patriarcado.

> Ao insistir que perdoava [...] ela estava facilitando a doença de religiões patriarcais, misóginas, e de supremacia masculina, que põe a culpa nas mulheres. O perdão [...] não cura nem o corpo nem a mente [...] Deixe que o criminoso peça perdão aos seus deuses, se é que existem [...] Em vez de falar sobre vítimas que precisam perdoar, devemos falar sobre tatuar as palavras "Estuprador" ou "Predador Sexual" nas testas dos criminosos. Esse procedimento ajudaria a criar um ambiente mais seguro para mulheres e crianças.[4]

O que está por trás desse conflito sobre perdão? Todas as queixas em torno do perdão pressupõem definições e modelos de perdão que realmente podem ser problemáticos. Portanto, não é suficiente incentivar as pessoas a perdoarem mais. Os três modelos atuais do perdão devem ser submetidos à análise crítica.

A pressão para o perdão incondicional

Em 1987, Dianna Ortiz, uma freira americana da Ordem de Santa Úrsula, iniciou uma missão de dois anos nas montanhas ocidentais da Guatemala, ensinando crianças indígenas a ler e a escrever. Em 2 de novembro de 1989, ela foi sequestrada, torturada e estuprada por militares da Guatemala. Quando descobriram que ela era cidadã americana, os sequestradores a

soltaram e mandaram que ela não falasse nada sobre o incidente. Os homens disseram que ela deveria ser uma boa freira e "perdoar".[5]

Os torturadores de Dianna não foram os únicos a dizer que ela deveria perdoar. O sequestro e estupro trouxeram grande vergonha para os governantes da Guatemala, que faziam vista grossa enquanto militares de extrema direita aterrorizavam povos indígenas, com uma suposta pauta que visava coibir o comunismo. Ela recordou: "As pessoas — tanto amigos quanto desconhecidos — não me perguntavam se eu estava recebendo justiça do meu governo. Em vez disso, perguntavam se eu havia perdoado os torturadores [...] Queriam que eu perdoasse, para que eles pudessem seguir em frente. Imagino que achavam, uma vez que eu tivesse perdoado aqueles homens, tudo ficaria bem para eles. Parecia que o cristianismo se preocupava mais com perdão individual do que com justiça social".[6]

Em outro incidente, Susan Waters era, desde os sete anos de idade, molestada habitualmente por seu irmão mais velho e por um professor de natação. O irmão continuou o abuso mesmo durante a adolescência dela.[7] Bem mais tarde, Susan "refugiou-se na literatura cristã" e recebeu apoio de amigos, mas nada adiantou. Ela só ouvia que deveria abrir mão de sua raiva, "perdoar e esquecer", porque Deus já perdoou os nossos pecados e se esqueceu de todos eles. Ela só "encontrava história bonitas sobre reconciliação ou sobre oração pela regeneração dos agressores. Deus me perdoou, então eu precisava perdoar. Isso só serviu para multiplicar minha consciência de culpa, atormentada por um mar de segredos".[8]

Com o passar do tempo, Susan percebeu que, dentro da igreja, a noção de perdão era frequentemente usada contra as vítimas de abuso e de injustiça. Os agressores sabiam como manipular a doutrina do perdão para que fossem restaurados rapidamente às antigas posições de confiança e, por consequência, continuassem com seus comportamentos abusivos. As vítimas de abuso que não "perdoaram e esqueceram" de imediato, eram chamadas de vingativas. A chamada ao perdão, em muitos casos, era a maneira que igrejas ou instituições cristãs resguardavam sua imagem pública e reputação, em vez de corrigir os erros cometidos.

"A pressão para perdoar cegamente, em particular dentro do ensinamento da igreja, pode aprisionar as pessoas e deixá-las inseguras", disse Susan. "Creio que essa graça fácil contribui para que o abuso desenvolva-se nas famílias e instituições".[9]

O termo *graça fácil*, utilizado por Susan, poderia ser facilmente substituído pela famosa expressão de Dietrich Bonhoeffer: *graça barata*. Dianna e Susan foram chamadas a perdoarem sem impor condições, o que resulta em graça barata cujas diferenças de poder entre agressores e vítimas permanecem as mesmas, e nenhuma justiça é buscada.

A pressão para o perdão transacional

Há também uma abordagem mais contemporânea que é conhecida por perdão "transacional" ou "merecido". Na revista *Harper's Bazaar*, Jennifer Wright certa vez perguntou: "Devemos perdoar os homens acusados de abuso sexual?". Ela concluiu:

> Raramente as mulheres podem expressar sua revolta. No entanto, dificilmente nos encontramos em uma posição em que nosso perdão não é automaticamente presumido. Distribuir esse perdão de modo criterioso àqueles que o conquistam é também um tipo de poder que merecemos exercer.[10]

Aqui, ela está descrevendo dois dos modelos atuais de perdão. O primeiro é sua posição de "revolta" (o modelo de perdão negado); o segundo é o caminho presumido automaticamente (o modelo de perdão incondicional). Jennifer aponta para uma terceira via: exigir que os agressores "mereçam" o perdão. De acordo com ela, essa posição confere às mulheres "um tipo de poder". Alguém comentou no site do artigo que, no passado, aprendíamos que o perdão é algo "*devido* pelos homens, não *conquistado* por eles".[11] Essa é uma chamada ao perdão transacional, concedido por merecimento.

À primeira vista, essa via parece ser um meio termo bom entre a amargura do perdão negado e a injustiça aparente do perdão incondicional. No entanto, essa abordagem também recebe críticas fortes e convincentes. Uma conversa recente no Twitter é prova disso: "O perdão é completamente superestimado, e serve apenas para criar desequilíbrios de poder. 'Eu perdoo

você' = 'Eu sou moralmente superior a você', não importa seu ponto de vista".[12] "É uma função daquilo que Nietzsche chamou de 'a moralidade de escravo, comum da sociedade burguesa moderna'".[13] É verdade que Nietzsche considerou o perdão condicional como punitivo. Ele alegou que os cristãos, que não haviam conseguido sucesso ou poder pelos padrões estabelecidos das culturas pagãs, inventaram uma nova maneira de se sentirem superiores: sendo mais bondosos e mais perdoadores.[14]

Desse modo, Nietzsche concorda com a afirmação de Jennifer Wright, que o perdão merecido ou conquistado é, afinal, uma maneira de exercer poder sobre alguém. Mas, isso significa que, na verdade, *não* é perdão. Pode ser apenas mais uma maneira velada vingar-se e controlar as pessoas — uma espécie de vingança disfarçada de virtude.

A crítica mais forte e ponderada do "perdão transacional" é de Martha C. Nussbaum da Universidade de Chicago. Ela conta como esse tipo de perdão é "vigorosamente defendido" como "virtude política central e pessoal", que geralmente apresenta-se da seguinte maneira: em primeiro lugar, a vítima confronta o agressor. Se este confessar e pedir desculpas, então a vítima "trabalha" seus sentimentos e, finalmente, "a pessoa injustiçada surge triunfante, sem a carga da emoção irada, e com suas reivindicações plenamente reconhecidas, pronta a conceder a graça de sua ira apagada".[15]

Nussbaum alega, porém, que a "condição" verdadeira do perdão exige "bastante choro, súplica e pedidos de perdão, tipicamente marcados por autodepreciação considerável". Se o agressor cumprir esse roteiro a contento, ele ou ela é perdoado(a), mas "*a autodepreciação é pré-requisito para a elevação*".[16]

Para concluir, ela diz que: "De qualquer maneira, em sua forma transacional clássica, o perdão exibe mentalidade demasiadamente inquisitorial e disciplinar".[17] Afinal, esse de fato não é o perdão. Na verdade, é uma experiência desagradável que o agressor é obrigado a enfrentar até que esteja ferido o bastante.

A pressão para jamais perdoar

Por causa das deficiências desses modelos de perdão culturalmente dominantes, existe uma pressão para não perdoarmos de jeito nenhum.

No fim de novembro de 1984, Candace Derksen, de 13 anos, ligou para a mãe e disse que estava saindo da escola e voltando para casa, mas nunca mais voltou. Os pais dela, Wilma e Cliff, chamaram a polícia, que mobilizou a maior busca civil na história da cidade de Winnipeg, Manitoba. Sete semanas depois do seu desaparecimento, o corpo de Candace foi encontrado em um pequeno depósito de ferramentas menos de 500 metros de sua casa. Seus pés e mãos foram atados. O médico legista concluiu que ela morreu por congelamento.[18]

No dia em que Cliff e Wilma souberam da morte da filha, conheceram um homem cuja filha tinha sido assassinada alguns anos antes. Enquanto ouviam sua história, ficou evidente que o homem foi consumido por raiva e dor, e isso acabou com a sua vida. Muito mais tarde, Wilma escreveu: "Naquela noite tomamos uma decisão. Nossa resposta seria diferente; escolhemos o caminho do perdão [...] No dia seguinte, na entrevista coletiva, um repórter perguntou o que achávamos do agressor [...] Respondemos que nossa intenção era perdoá-lo".[19]

As pessoas ficaram horrorizadas. Quando Wilma se inscreveu no grupo Family Survivors of Homicide [Familiares sobreviventes do homicídio], muitos lhe avisaram categoricamente que ela teria de parar de falar sobre perdão, porque era errado, tanto social quanto emocionalmente. Alguns disseram que os pais de Candace não amavam sua filha de verdade, se concordassem em perdoar o assassino. Outros disseram que o perdão deles estava criando uma sociedade mais perigosa, na qual criminosos violentos não responderiam por seus atos. Alguns disseram que os Derksens estavam fazendo com que se sentissem culpados por não terem perdoado. "Às vezes, a situação era incrivelmente difícil", disse Wilma.[20]

Um professor universitário de psicologia foi recrutado para treinar profissionais em aconselhamento de outra universidade, com o objetivo de oferecer "terapia de perdão" aos alunos. No entanto, quando um dos

diretores da universidade soube do plano, o professor foi chamado e proibido de desenvolver o projeto.

"Perdão? Gera vitimismo!", falaram ao professor, explicando: quando as pessoas são tratadas com crueldade, e você lhes diz que têm de perdoar, você está provocando uma nova ferida em um coração já bem machucado. Pode ser que um esforço para perdoar alguém coincida com a tentativa dessa pessoa de controlar você. A caminho do perdão, talvez você diga: "Olha, ela não é uma pessoa tão má. Quem sabe, no fim das contas, o que ela fez não foi tão grave". Portanto, o perdão abre caminho para que as pessoas com poder abusivo se perpetuem no poder.[21]

Esse modelo de não perdoar distingue mulheres e minorias, dizendo-lhes que não deviam perdoar, pois no passado receberam poucas vantagens ou oportunidades. Outros que se opõem ao perdão alegam que ele é inerentemente contrário à busca da justiça e da responsabilidade para ofensores.

Como podemos ver nas experiências de Dianna Ortiz e Susan Waters, os contrários ao perdão têm certa razão. O perdão — concebido como automático, incondicional e presumido — realmente *foi usado* para controlar mulheres e minorias. No entanto, o perdão transacional pode se tornar uma barreira para a justiça pública. A vítima pode vencer sua ira caso o ofensor arrependa-se o suficiente. Porém, a vítima tem mesmo o direito de ser a única pessoa a determinar o que o ofensor merece? E a vítima tem o direito de absolver o transgressor?

Outros que defendem o modelo de não perdoar não apelam para a saúde mental e autoestima, mas para a adequação moral. No século 20, a raça humana cometeu o Holocausto, o Estupro de Nanking, o regime de apartheid na África do Sul, o genocídio armênio, as "limpezas étnicas" nos Bálcãs e os campos de extermínio do Camboja. Em uma entrevista feita em 2006, perguntaram a Elie Wiesel, sobrevivente do Holocausto, se ele perdoou os nazistas. Wiesel respondeu: "Quem sou eu para perdoar? Não sou Deus [...] Não, não posso perdoar".[22] Muitas pessoas hoje concordam com ele. Parece moralmente inadequado perdoar o mal.

Modelos de perdão

Portanto, temos aqui três abordagens do perdão que emergiram em nossa sociedade:

Graça barata. Esse é o modelo do perdão incondicional, no qual toda ênfase recai sobre a vítima e sua necessidade de ser liberada terapeuticamente da ira. A confrontação com o agressor pode estar envolvida nesse processo, mas só se ajudar a cura interior da vítima, que é o único interesse real e verdadeiro.

Graça mínima. Esse é o modelo transacional do perdão, no qual toda a ênfase recai sobre o merecimento do agressor em receber perdão. A vítima abre mão da ira só se o agressor merecer isso por meio de atos repetidos de arrependimento e reparação.

Graça inexistente. Esse é o modelo de não perdão, em que o perdão é completamente abandonado em favor da busca de justiça para a vítima.

O elemento em comum entre esses modelos é a falta da dimensão vertical. Os três modelos se contrastam com o modelo de ***graça custosa***, o perdão presumido na Bíblia, que possui dimensões horizontais e verticais.

Antes de destrincharmos esse modelo bíblico nos capítulos seguintes, é importante identificar as crenças e os pressupostos contextuais da nossa cultura que embasam essas três abordagens do perdão.

A cultura terapêutica

Nossa cultura desenvolveu uma visão extremamente interiorizada. Enquanto outras culturas enfatizam a importância da comunidade e a necessidade de cada pessoa formar uma identidade pessoal que se alinhe e coopere com o bem comum, a modernidade enfatiza o olhar interior para formar nossa identidade individual baseada em nossos desejos, e depois move-se para fora a fim de exigir que a sociedade valorize nossos interesses individuais.

A terapia moderna foi concebida para defender os indivíduos contra qualquer comunidade ou influência exterior que impusesse neles padrões provocadores de sentimentos de culpa. Freud desenvolveu uma abordagem "analítica" — de desconstrução — de quaisquer normas ou crenças morais

que criassem ansiedade ou vergonha. A autenticidade individual veio a significar libertação de determinadas normas que você mesmo não escolhesse ou criasse.

Em uma entrevista recente para a revista *Global Heroes*, distribuída pelo *The Wall Street Journal*, uma atriz exemplifica perfeitamente o nosso viés terapêutico. Quando lhe perguntaram: "O que podemos fazer para melhorarmos o mundo ao nosso redor?", ela respondeu: "Questione tudo [...] Busque sua própria verdade, VIVA sua própria verdade, em vez de repetir a verdade dos outros". Ela explicou: "Para mim, é crucial levar a minha audiência [...] a questionar [...] suas crenças antigas".[23] Ela aconselha os fãs: "Todos os dias [...] se pergunte, 'do que eu preciso hoje?'", e depois vá atrás disso. "Pode ser terapia, mudança alimentar, divórcio, retiro de ioga, ou (sim, às vezes) medicamento [...] A única pessoa que pode atravessar aquela porta é você. Que empoderamento!". Toda ênfase recai sobre o indivíduo que precisa se libertar das cadeias da tradição, do dever e da obrigação à comunidade, a fim de realizar suas aspirações e seus desejos pessoais.

Há algum tempo, um cristão estava fazendo uma matéria na Universidade de Harvard sobre "sistemas de aconselhamento". De modo habilidoso, o professor apresentou um estudo de caso em que o paciente foi capaz de enxergar dentro de si uma grande hostilidade oculta direcionada à mãe. Quando ele reconheceu os mecanismos interiores de raiva e os diversos tipos de negação que praticava, isso o ajudou muito. O estudante cristão perguntou de que maneira um terapeuta poderia ajudar o paciente a perdoar a mãe, e o professor respondeu que esse não era o papel do terapeuta. "[O cliente] terá de aprender a conviver com [sua hostilidade] e espera-se que ele não seja impulsionado por isso".

Curiosamente, alguns estudantes seculares da sala ficaram ao lado do cristão. Perguntaram por que o perdão seria tão problemático, e o professor lhes respondeu: "Não empurre suas noções [...] sobre perdão no paciente". O objetivo da terapia, de acordo com o professor, é apoiar o paciente contra o mundo, e não lhe impor uma carga moral ou "valor" de perdão, pois isso poderia forçá-lo a voltar para relacionamentos indesejados.[24]

L. Gregory Jones acha que o viés terapêutico e o que ele chama de "o cativeiro psicológico da igreja pela cultura ocidental" talvez sejam os maiores motivos da nossa "compreensão empobrecida atual do perdão e de suas práticas na cultura ocidental moderna [...] Se o que realmente importa é autonomia individual, então o perdão e a reconciliação — criados para nutrir e manter a comunidade — são de pouca importância".[25]

Jones afirma que hoje o perdão é desestimulado porque nos impõe uma carga moral (o modelo de não perdão), ou, na melhor das hipóteses, é oferecido como meio de adquirirmos paz interior (o modelo incondicional do perdão) e "curar a nós mesmos do ódio".[26] Ao contrário, Jones defende que a igreja deveria servir de vislumbre do mundo futuro de amor e comunidade perfeita sob o senhorio de Jesus.[27] Nosso pecado nos inclina a comportamentos que enfraquecem e rompem relacionamentos, mas pelo Espírito somos capacitados a realizar — de forma parcial, mas nunca plena nesta vida — uma pequena amostra da beleza e alegria desses relacionamentos futuros por meio de práticas e disciplinas do perdão e da reconciliação agora.

No entanto, os recursos para a restauração de relacionamentos e o fortalecimento de comunidade estão sendo eliminados pela cultura terapêutica.

Uma nova cultura de vergonha e honra

A segunda influência que está empobrecendo a prática moderna do perdão é uma nova cultura invertida de vergonha e honra que é chamada por algumas pessoas de nova religião secular.

Bradley Campbell e Jason Manning abordaram essa nova cultura em um trabalho acadêmico que posteriormente transformou-se em livro.[28] Eles argumentam que embora a cultura ocidental tenha mudado de uma cultura de honra, igual ao restante do mundo, para uma cultura de o que eles chamam de "dignidade", agora uma nova cultura de vergonha está surgindo.

Essa nova cultura é semelhante às culturas de honra mais antigas, todavia contém um elemento novo emprestado do ambiente terapêutico.

A cultura moderna nos ensina que devemos exigir respeito e afirmação da nossa própria identidade. Nesse aspecto, a cultura hoje reflete o desejo que impulsionava as culturas pagãs antigas: as pessoas querem ser tratadas com respeito e honra. As pessoas atualmente são incentivadas a responder com indignação a qualquer ofensa, por menor que ela seja, como acontecia nas sociedades mais antigas.

No entanto, hoje a diferença é esta: a terapia moderna considera que o indivíduo é oprimido e controlado pelas expectativas, pelos papéis e pelas estruturas da sociedade. Quanto mais a pessoa é vitimizada e subjugada pela sociedade ou por outros que exercem poder sobre ela, mais honra e virtude moral lhe serão atribuídas. Quanto mais *baixo* a pessoa esteja na escala social, maior honra lhe é possível. É irônico que tenhamos desenvolvido "uma cultura de vergonha e honra da vitimização".

A crítica de Campbell e Manning é que essa nova cultura invertida de honra — também chamada de "cultura de cancelamento" — acaba valorizando não a força, e sim a fragilidade. Essa cultura cria uma sociedade de conflito constante entre o bom e o mal manifestando-se nos menores conflitos, à medida que as pessoas brigam por status de vítima ou defensor de vítima. Isso atrofia nossa capacidade de ignorar pequenas ofensas com amor (cf. 1Pe 4.8, "o amor cobre uma multidão de pecados"). Mas acima de tudo, essa cultura acaba com o próprio conceito de perdão e reconciliação. Agora o perdão é visto como radicalmente injusto e impraticável, pois ele impede que as vítimas conquistem honra e virtude ao passo que outros se levantam para defendê-los.[29] Portanto, essa cultura está repleta de números enormes de relacionamentos partidos e agora irreparáveis.

Assim como outros argumentaram bem, essa nova cultura tornou a política em um novo tipo de religião, mas sem qualquer possibilidade de redenção ou perdão.[30] Em vez de considerar outras pessoas equivocadas, agora elas são rotuladas como más ou como hereges. "O herege não pode ser contemplado, muito menos convidado para conversar".[31]

Alguns afirmam que essa nova religião secular foi inevitável porque a cultura ocidental, com seu relativismo sobre verdade moral, deixa as pessoas com sensação de vazio moral e isolamento. O resultado natural disso é fragmentação social. Émile Durkheim alegou que nenhuma cultura cria solidariedade sem uma "consciência coletiva", ou seja, um conjunto de normas morais que nos unem são alicerçadas em algo sagrado — um conjunto de valores incomensuráveis, guardados e defendidos a qualquer custo, não questionáveis.[32] Durkheim percebeu que religião sempre foi o meio habitual usado para formar a consciência coletiva, e reconheceu a dificuldade enfrentada por culturas seculares para fundamentar suas crenças morais em algo forte e inquestionável o suficiente para unir as pessoas.[33]

Portanto, a sacralização de valores seculares e progressistas em uma espécie de religião não é uma surpresa. Um vez que as ideias ocidentais de direitos humanos, benevolência universal dos pobres e justiça social têm raízes profundas na religião bíblica, os cristãos podem aliar-se com pessoas seculares trabalhando em prol da justiça racial e econômica.[34] Se nós, porém, enraizarmos nossas normas morais no Deus bíblico, precisaremos nos fundamentar em um Deus não somente santo e justo, mas também misericordioso e perdoador. Interagir respeitosamente com oponentes e perdoar os transgressores faz parte da fé da igreja. Mas essas características não fazem parte das antigas culturas de vergonha e honra, nem das modernas. Na religião secular, o desvio das normas é simplesmente imperdoável.

As mídias sociais aceleraram esse movimento rumo a uma cultura carente de graça. Alan Jacobs escreveu:

> Quando uma sociedade rejeita a visão cristã de quem nós somos, ela não se torna menos moralista. Na verdade, torna-se muito mais, pois ela retém uma noção rudimentar de justiça sem condições, entretanto, de oferecer e receber o perdão. A grande crise moral da nossa época não é, como acreditam muitos dos meus irmãos cristãos, a libertinagem sexual, mas um *espírito vingativo*. As mídias sociais são a droga dos moralistas: não há sensação igual a que você recebe quando pune os malfeitores. Mas, como todo vício, esse também sofre da lei implacável de rendimentos decrescentes. Portanto, a mania de punir vai piorar antes de melhorar.[35]

Para resumir, a nova cultura de vergonha e honra produz um de dois resultados: uma abordagem inquisitorial, baseada no perdão merecido, ou uma tendência de abandonar completamente o perdão.

Não há futuro sem perdão

O modelo "graça barata" do perdão foca exclusivamente em cura emocional interior para a vítima, para que ela possa "superar o trauma e seguir adiante", mas acaba livrando o transgressor de qualquer responsabilidade. Os modelos de graça mínima e graça inexistente querem basicamente vingança, o que pode levar a ciclos sem fim de retaliação e vingança entre a vítima e o transgressor. Todos esses modelos seculares carecem da motivação transformada trazida pela dimensão vertical. A experiência do perdão divino traz cura profunda. É alicerçada em uma visão, baseada na fé, do sacrifício custoso de Jesus para nosso perdão. A experiência do perdão de Deus nos lembra de que somos pecadores necessitados de misericórdia iguais a todo mundo, mas também enche o cálice do nosso coração com seu amor e afirmação. Isso torna possível perdoarmos o transgressor e conversarmos com ele a fim de encontrar justiça e reconciliação, se possível. No entanto, não fazemos isso para nosso próprio benefício, mas por causa da justiça, por causa de Deus, por causa do transgressor e por causa das futuras vítimas. A motivação é transformada de maneira radical.

A nossa sociedade não consegue viver sem perdão. Se o perdão estiver ausente, os resultados serão horríveis. Nos centros urbanos, muitas mortes por armas de fogo são causadas por revanches entre gangues ou até mesmo entre membros da mesma família. Muitas das chacinas são ataques armados de pessoas mergulhadas em ressentimentos. Um homem, que se desentendeu com seus colegas do grupo de caronas do trabalho, atirou e matou metodicamente seis deles. No momento em que o atirador morria devido aos ferimentos causados pela polícia, ele explicou calmamente que guardava rancor deles, e lamentou o fato de não ter conseguido matar o último.[36]

Um número enorme de genocídios menos conhecidos, resultantes de queixas e insatisfações históricas, provocaram ciclos de retaliação que duraram gerações — por exemplo, o Holodomor ("Fome-Terror") na Ucrânia soviética; a campanha Anfal contra o povo curdo; os massacres do povo ibo na Nigéria e dos hutus em Burundi e Ruanda.

Durante o conflito nos Bálcãs depois da dissolução da antiga Iugoslávia, um soldado sérvio foi capturado pelo Exército de Libertação do Kosovo. Ele foi entrevistado na televisão, e admitiu abertamente que seu pelotão estava matando albaneses étnicos. No entanto, ele disse: "Você precisa entender [...] era a nossa vingança!".[37] O próprio Exército de Libertação do Kosovo também foi culpado de violência contra sérvios e romanis pelo mesmo motivo. Um albanês disse que era "o desejo compreensível de vingança".[38]

Esses exemplos são a ponta do iceberg da raiva e do ressentimento reprimido por baixo da superfície da raça humana. Eles dão testemunho convincente da verdade observada por Thackeray: (em paráfrase) "a vingança pode ser cruel, mas é absolutamente, esmagadoramente natural".[39] Na verdade, a vingança é um aspecto tão normal da natureza humana, que não há solução fácil para eliminá-la. Não há solução "estrutural", política. Se quisermos ser salvos de nós mesmos, e aprendermos a perdoar, precisaremos de recursos e auxílios interiores poderosos.

Recebemos de Hannah Arendt, Martin Luther King Jr. e Desmond Tutu — representantes de grupos notoriamente oprimidos no século 20 — instruções claras e insistentes ao perdão. Arendt, filósofa política judia, escreveu depois do Holocausto:

> Na verdade, sem o perdão, eximidos das consequências dos nossos atos, nossa capacidade de agir seria confinada a um único ato, do qual jamais poderíamos nos recuperar. Permaneceríamos vítimas de suas consequências para sempre, de maneira semelhante ao aprendiz de feiticeiro que não dispunha da fórmula mágica para quebrar o encantamento.[40]

Martin Luther King Jr. escreveu: "Aquele que não tem a capacidade de perdoar não tem a capacidade de amar [...] Nunca podemos dizer: 'Eu lhe perdoo, porém não quero saber mais de você'. O perdão significa reconciliação e reaproximação".[41] Os três pensadores aqui mencionados

constroem um argumento convincente: para sermos uma sociedade saudável, na qual relacionamentos partidos podem ser regenerados, precisamos aprender a perdoar.

Arendt, King e Tutu representam épocas históricas nas quais a opressão horrível e sistêmica teve de ser confrontada com verdade e amor, justiça e perdão. Mas esses "grandes atos de perdão" não devem ofuscar a necessidade urgente de aprendermos a perdoar diariamente em escala menor. Estamos mergulhados em pequenas ofensas, decepções e feridas não intencionais, sem falar das maneiras deliberadas em que as pessoas nos ofendem minimamente todos os dias. Ninguém consegue viver a não ser que aprenda quando perdoar em silêncio, quando falar sobre a ofensa e quando perdoar mesmo que a outra pessoa mostre-se relutante a admitir seu erro. Não podemos amar sem perdoar, nem viver sem o perdão.

Comunidades de perdão

A necessidade de perdão é evidente, e aqueles que o defendem são eloquentes. Mas perdoar está ao nosso alcance?

Em outubro de 2006 um homem armado entrou numa pequena escola amish em Nickel Mines, na Pensilvânia, Estados Unidos, e fez reféns. Ele atirou em dez crianças entre sete e treze anos de idade, e cinco morreram. Em seguida, ele se suicidou. Em poucas horas, membros da comunidade amish visitaram a família do assassino e os pais dele, para expressar condolências. Os amish como um todo estenderam o perdão ao assassino e à sua família. O perdão e amor demonstrado ao atirador e à sua família impressionaram a muitos, e americanos foram convocados a imitar os amish e a se tornarem mais perdoadores.

Entretanto, quatro anos depois, vários estudiosos escreveram sobre o caso e concluíram que apelos simples para sermos mais perdoadores serão ignorados em nossa cultura.[42] Os autores alegaram que a sociedade secular em que vivemos não tem mais pessoas que consigam lidar com o sofrimento sem retaliação, a exemplo dos amish. Os americanos estão comprometidos

com autorrealização e autoafirmação, e guardam uma noção profunda de seus direitos. Eles acreditam que suas necessidades, seus interesses e sua alegria vêm em primeiro lugar.[43]

A comunidade amish, porém, tem entre seus principais valores a "autorrenúncia", e o perdão é uma maneira de expressá-la. Autorrenúncia significa abrir mão da retaliação. Esse valor contrasta nitidamente com a cultura americana, que põe a autorrealização acima do autossacrifício. Qualquer ofensa é respondida com vingança ou afastamento. Os estudiosos concluíram: "Muitos de nós [portanto] fomos criados em uma cultura que nutre a vingança e zomba da graça".[44] Em tal cultura, o perdão é visto como ódio de si mesmo; vingança e ira são consideradas autênticas.

No entanto, para os amish, a capacidade de perdoar se baseia em dois fatores: um de forma, e outro de visão.

Em primeiro lugar, os amish constituem uma comunidade genuína, em que relacionamentos precedem os interesses do indivíduo. Os amish fazem parte da tradição anabatista, e hoje muitas de suas comunidades observam e ensinam a Confissão de Dordrecht (1632), uma declaração de fé menonita e anabatista. Com frequência, os candidatos ao batismo recebem uma cópia dessa confissão para estudarem e reafirmarem no dia da iniciação. Fiel à tradição, a Confissão de Dordrecht tem um artigo inteiro dedicado ao combate da vingança.[45] Esse artigo diz:

> Cremos e confessamos que o Senhor Cristo proibiu seus discípulos e seguidores de praticarem todo tipo de vingança e retaliação, e ordenou que não pagassem o mal com mal, ou pagassem a maldição com maldição; em vez disso, deveriam colocar a espada na bainha ou, como os profetas previram, transformar as espadas em arados (Mt 5.39,44; Rm 12.14; 1Pe 3.9; Is 2.4; Mq 4.3; Zc 9.8-9).
>
> Portanto, a partir de seu exemplo, entendemos que não podemos causar dor, dano, ou sofrimento a ninguém, mas devemos buscar o supremo bem-estar e a salvação de todos os homens; e, se for necessário, por causa do Senhor, devemos fugir de uma cidade ou país para outro, correndo o risco de perder nossos bens. Não devemos machucar ninguém, e, se formos feridos, deveremos oferecer a outra face, em vez de nos vingarmos ou retaliarmos (Mt 5.39).
>
> Além do mais, precisamos orar por nossos inimigos, alimentá-los e dar-lhes de beber sempre que estiverem com fome ou sede. Assim, os convenceremos com nossas boas obras, e superaremos toda a ignorância (Rm 12.19-20).[46]

Essa rejeição comunal enfática de vingança não era um princípio teológico abstrato. É "o Senhor Cristo" que proíbe a vingança. E não deveriam apenas se abster da retaliação, mas buscar o supremo bem-estar até mesmo de quem os feriu. Por qual motivo? Pois deveriam agir "*a partir de seu exemplo*". No coração de sua fé e cultura, os cristãos amish adoram um homem que morreu por seus inimigos. Por meio de práticas comunitárias, essa figura abnegada é constantemente representada, louvada, entoada, crida e celebrada. Quando Jesus entregou sua vida e perdoou seus algozes, foi um ato incrível de amor e força espiritual, e de beleza transcendente. Esse ato é marcado no coração e imaginação de cada membro da comunidade.

O apóstolo Pedro viu essa beleza com seus próprios olhos, e a resumiu vividamente:

> Quando amontoaram insultos sobre ele, Jesus não retaliou. Quando sofreu, não fez ameaças. Em vez disso, ele confiou naquele que julga justamente. "Ele mesmo carregou nossos pecados" em seu corpo na cruz, para que morrêssemos para o pecado e vivêssemos para a justiça. "Por suas feridas vocês foram curados" [...] Não paguem o mal com mal, ou insulto com insulto. Ao contrário, paguem o mal com bênção, pois você foram chamados para herdar uma bênção (1Pe 2.23-24; 3.9).

Esse é o tipo de comunidade que gera perdão e restauração de relacionamentos. De que maneira podemos estabelecer outras comunidades semelhantes no futuro?

---

[1]Delia Owens, *Where the crawdads sing* (New York: Putnam, 2018), p. 198 [publicado em português por Intrínseca sob o título *Um lugar bem longe daqui*].

[2]Salma Hayek, "Harvey Weinstein Is My Monster Too", *The New York Times*, December 12, 2017, www.nytimes.com/interactive/2017/12/13/opinion/contributors/salma-hayek-harvey-weinstein.html.

[3]Danielle Berrin, "Should We Forgive the Men Who Assaulted Us?", *The New York Times*, December 22, 2017.

[4]Earthling (Pacific Northwest), comentário em: Berrin, "Should We Forgive?", https://nyti.ms/3wvJqLu#permid=25318811.

[5]Ver "Dianna Ortiz, Nun Previously Abducted by Guatemalan Military, Dies at 62", Robert F. Kennedy Human Rights, February 19, 2021, https://rfkhumanrights.org/in-the-news/dianna-ortiz-nun-previously-abducted-by-guatemalan-military-dies-at-62.

[6]Dianna Ortiz, "Theology, International Law, and Torture: A Survivor's View", *Theology Today* 63, no. 3 (2006): 346, citado em Jacob and Rachel Denhollander, "Justice: The Foundation of a Christian Approach to Abuse", *Fathom*, November 19, 2018, www.fathommag.com/stories/justice-the-foundation-of-a-christian-approach-to-abuse.

[7]Susan Waters, The Forgiveness Project, sem data, www.theforgivenessproject.com/stories/susan-waters.

[8]Helen Blake e Nicola Lock, "Forgiveness and Reconciliation for Survivors of Sexual Abuse" (trabalho apresentado na 8th Biennial Safe as Churches? Conference, Melbourne, Australia, May 16-17, 2017), www.ncca.org.au/images/SafeChurch/Updated_Forgiveness_and_Reconciliation_for_Survivors_of_Sexual_Abuse_Updated_11.5.17FINAL.pdf.

[9]Blake e Lock, "Forgiveness and Reconciliation".

[10]Jennifer Wright, "Should We Forgive Men Accused of Sexual Assault?", *Harper's Bazaar*, March 8, 2018, www.harpersbazaar.com/culture/politics/a19156505/forgiving-men-accused-of-sexual-assault.

[11]Anne Theriault, "What Women Want from Jian Ghomeshi", *Flare*, September 14, 2018, https://www.flare.com/news/ghomeshi-essay.

[12]Scrimshaw Jen (@ScrimshawsFire), "Forgiveness is overrated and just serves to create power imbalances. 'I forgive you' = 'I am morally superior to you' however you look at it'", Twitter, May 29, 2021, 10h40, https://twitter.com/ScrimshawsFire/status/1398695723567353856.

[13]Jesse Dizard (@Tr4shdr4g0n), "It is a function of what Nietzsche called the slave morality of modern bourgeois society", Twitter, May 31, 2021, 7h45, https://twitter.com/Tr4shdr4g0n/status/1399512374911004672.

[14]Esse é o resumo feito por Nussbaum da posição de Nietzsche. Veja Martha C. Nussbaum, *Anger and forgiveness: resentment, generosity, justice* (Oxford: Oxford University Press, 2016), p. 73-4.

[15]Ibidem, p. 10.

[16]Ibidem, p. 11. O itálico é meu.

[17]Ibidem, p. 10. Veja o capítulo 3 de Nussbaum ("Forgiveness: a genealogy") para uma crítica ampla do perdão transacional, no qual ela interpreta por engano como o perdão cristão.

[18]Malcolm Gladwell, *David and Goliath: underdogs, misfits, and the art of battling giants* (New York: Little, Brown, 2013), p. 248-50.

[19]Wilma Derksen, The Forgiveness Project, sem data, www.theforgivenessproject.com/stories/wilma-dirksen.

[20]Idem.

[21]Esse relato se encontra em Robert Enright, "Two Weaknesses of Forgiving: It Victimizes and Stops Justice", *Psychology Today*, August 10, 2017, www.psychologytoday.com/us/blog/the-forgiving-life/201708/two-weaknesses-forgiving-it-victimizes-and-stops-justice.

[22]Amanda Borschel-Dan, "Holocaust Survivor Preaches Forgiveness of Nazis as 'Ultimate Revenge'", *Times of Israel*, December 8, 2016, www.timesofisrael.com/holocaust-survivor-preaches-forgiveness-of-nazis-as-ultimate-revenge.

[23]"Maria Gabriela de Faria on Growth, Empowerment, and Positive Change", *Global Heroes*, February 11, 2021, www.globalheroes.com/maria-gabriela-de-faria-empowerment.

[24]Rebecca Manley Pippert, *Hope has its reasons: from the search for self to the surprise of faith* (New York: Harper & Row, 1989), p. 113-44.

[25]L. Gregory Jones, *Embodying forgiveness: a theological analysis* (Grand Rapids: Eerdmans, 1995), p. 37.

[26]Ibidem, p. 64.

[27]Ibidem, p. 65.

[28]Bradley Campbell e Jason Manning, "Microaggression and Moral Cultures", *Comparative Sociology* 13 (2014): 692-726; Bradley Campbell; Jason Manning, *Wars* (Cham: Palgrave MacMillan, 2018).

[29]As raízes intelectuais e sociais dessa nova cultura de vergonha e honra são diversas. Existem bons argumentos para afirmar que as mídias sociais nos levam inerentemente para essa cultura. No entanto, ainda mais interessante, é o fato de que muitas pessoas acham que Herbert Marcuse e outros pensadores neomarxistas do século 20 unificaram os insights terapêuticos de Freud com a ideia marxista de que a cultura pode ser reduzida ao exercício de poder.

[30]Andrew Sullivan, "Is Intersectionality a Religion?", *New York*, March 10, 2017; John McWhorter, "Antiracism, Our Flawed New Religion", *Daily Beast*, July 27, 2015; Michael Lind, "The Revenge of the Yankees: How Social Gospel Became Social Justice", *Tablet*, November 14, 2020; Joshua Mitchell, *American awakening: identity politics and other affliction of our time* (New York: Encounter Books, 2020); Eric Kaufmann, "Liberal Fundamentalism: A Sociology of Wokeness", *American Affairs* 4, no. 4 (Winter 2020): 188-208; Antonia Senior, "Identity Politics Is Christianity Without Redemption", *UnHerd*, January 20, 2020; Jonathan Haidt, "Why Universities Must Choose One Telos: Truth or Social Justice" (lecture, Duke University, Durham, NC, October 6, 2016), disponível em: https://heterodoxacademy.org/blog/one-telos-truth-or-social-justice-2.

[31]Sullivan, "Is Intersectionality a Religion?".

[32]Émile Durkheim, *The division of labor in society* (New York: Free Press, 2014) [publicado em português por Martins Fontes sob o título *Da divisão do trabalho social*].

[33]Idem, *Selected writings*, Anthony Giddens, org. (Cambridge: Cambridge University Press, 1972; Christian Smith, *Religion: what it is, how it works, and why it matters* (Princeton: Princeton, 2017); Émile Durkheim, *The elementary forms of religion* (Oxford: Oxford University Press, 2008) [publicado em português por Martins Fontes sob o título *As formas elementares da vida religiosa*]; Steven Lukes, *Moral relativism* (New York: Picador, 2008); Jonathan Haidt, *The righteous mind: why good people are divided by religion and politics* (New York: Pantheon, 2012). Durkheim acreditava que a transição para a fundamentação secular de valores morais seria possível, embora difícil. Alan Jacobs pensa que, se Durkheim estivesse vivo hoje, ele estaria preocupado que a transição fosse mais difícil do que pensava.

Ver Alan Jacobs, "The Paradoxical Relevance of Durkheim to Our Time", *Hedgehog Review*, December 15, 2020, https://hedgehogreview.com/blog/thr/posts/the-paradoxical-relevance -of-durkheim-to-our-time.

[34]Tom Holland, *Dominion: how the Christian revolution remade the world* (New York: Basic Books, 2019).

[35]Ayjay (Alan Jacobs), "Vengeance", *Snakes and Ladders* (blog), June 26, 2017, https://blog.ayjay.org/vengeance.

[36]"Pennsylvania: The Revolt of Leo Held", *Time*, November 3, 1967, http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,836437,00.html.

[37]D. A. Carson, *Love in hard places* (Wheaton: Crossway Books, 2002), p. 72.

[38]Seamus Martin, "Atrocities by Former 'Good Guys' Seen as 'Understandable' Desire for Revenge", *Irish Times*, August 7, 1999, www.irishtimes.com/news/atrocities-by-former-good-guys-seen-as-understandable-desire-for-revenge-1.214374.

[39]William Makepeace Thackeray, *Vanity fair: a novel without a hero* (London: Bradbury and Evans, 1853), p. 8.

[40]Hannah Arendt, *The human condition* (Chicago: University of Chicago Press, 1958), p. 237 [publicado em português por Forense Universitária sob o título *A condição humana*].

[41]Martin Luther King Jr., *A gift of love: sermons from "Strength to love" and other Preachings* (Boston: Beacon, 1963), p. 45-6.

[42]Donald B. Kraybill, Steven M. Nolt e David L. Weaver-Zercher, *Amish grace: how forgiveness transcended tragedy* (San Francisco: Jossey-Bass, 2010).

[43]Ibidem, *Amish grace*, p. 176-7.

[44]Ibidem, p. 181.

[45]Ver artigo XIV da Confissão de Dordrecht, disponível em: https://gameo.org/index.php?title=Dordrecht_Confession_of_Faith_(Mennonite,_1632).

[46]Os leitores vão perceber — ou já sabiam, é claro — que os anabatistas são pacifistas. Os críticos dessa posição poderiam discutir se pegar em armas para defender o próprio país contra invasores e escravização é uma forma de vingança e retaliação. Entretanto, todos os cristãos concordarão com a essência desse parágrafo admirável.

CAPÍTULO 3

A HISTÓRIA DO PERDÃO

Guardar ressentimento é o mesmo que beber veneno e esperar que o outro morra.

— CARRIE FISHER[1]

O abandono do perdão em nossa cultura é fato perturbadora, mas isso levanta uma dúvida. De onde veio a nossa compreensão do perdão? De que maneira podemos preservar esse conceito ou encontrá-lo novamente?

Hannah Arendt responde de sua própria perspectiva: "O descobridor do papel do perdão no âmbito dos negócios humanos foi Jesus de Nazaré. O fato de ele ter descoberto isso no contexto religioso, e articulado o perdão em linguagem religiosa, não é motivo para menosprezá-lo no sentido estritamente secular".[2] Arendt sugere que recorramos aos ensinamentos de Jesus, o autor do conceito mundial do perdão.

A ausência do perdão

A tese de Arendt pressupõe que as culturas antigas, mesmo as mais admiráveis e sofisticadas, não valorizavam o perdão. A pesquisa moderna confirma isso.

David Konstan, professor de estudos clássicos, escreveu: "O conceito moderno de perdão, no sentido pleno e mais rico da palavra, não existiu na antiguidade clássica, isto é, na Grécia e Roma [as maiores influências na civilização ocidental], ou pelo menos não exerceu nenhum papel sequer no

pensamento ético dessas sociedades".[3] Charles L. Griswold, em o que talvez seja o mais respeitado tratamento filosófico contemporâneo do perdão, afirma: "É surpreendente e esclarecedor que o perdão não fosse visto como virtude pelos filósofos gregos antigos".[4]

Isso não significa que os gregos não tenham reconhecido a virtude da compaixão, mas esse entendimento estava muito aquém do nosso conceito moderno do perdão. As "virtudes cardinais" eram sabedoria, justiça, coragem, e autocontrole, todas as quais tendem a excluir, ou pelo menos desincentivar, as emoções tenras de misericórdia e afeto. Os povos antigos "imaginavam os deuses como humanos, atribuindo-lhes paixões como inveja, implicância, e vingança, portanto, não podiam compreender a ideia sublime do perdão gratuito e gracioso".[5]

A *Ilíada* de Homero é uma poesia épica cuja trama é impelida quase inteiramente pela busca de justiça sangrenta e vingança. Em certo momento o poema afirma que "a raiva amarga que se revira como fumaça dentro do coração de um homem e que, para ele, se torna algo muito mais doce que o gotejar do mel" [tradução livre].[6] A história chega a seu ápice nos livros 21 e 22 com o retorno de Aquiles para lutar contra os troianos depois da morte de seu amigo Pátroclo. Somente após matar Heitor e profanar o seu corpo, Aquiles escuta o rei Príamo, pai de Heitor. Príamo arrisca sua vida quando vai sozinho à tenda de Aquiles de noite, para implorar que ele lhe entregue o corpo do filho. Príamo pede que Aquiles tenha compaixão (*eleison*) dele ao se lembrar do próprio pai (livro 24, 503-5). Afinal, Aquiles se compadece e devolve o corpo a Príamo para que faça um sepultamento digno.

No entanto, o termo grego *eleison* (piedade ou compaixão) e o outro — *sungnome* que significa julgar com brandura — denotam apenas uma punição menos severa, ou julgamento com complacência. Em contraste, o termo bíblico chave para perdão é *aphiemi*, que significa absolver legalmente ou cancelar uma dívida, e não apenas diminuir a pena. Não há indício de que Aquiles tenha perdoado Heitor nem os troianos nem o seu rei por seus atos contra os gregos e contra ele.[7]

De igual modo, o perdão não tem lugar de destaque na antiga filosofia grega. Aristóteles usa o termo *clemência*, mas somente quando "alguém faz algo errado por causa de condições que sobrecarreguem a natureza humana, e que ninguém pode suportar".[8] Para os gregos, *sungnome* (clemência) não é perdoar, mas desculpar. Não é dizer: "Isso é errado e eu o perdoo", mas dizer: "Isso não podia ser evitado". Desculpar significa retirar a responsabilidade de alguém por causa de circunstâncias extenuantes, embora o comportamento em si esteja errado. Desculpar é ligar uma ação a um erro do qual nos compadecemos, e cuja expressão não é intencional".[9]

Isso é "acomodação" e não perdão. Em vez de dizer: "Eu perdoo você", Aristóteles está dizendo: "Eu desculpo você". É um contraste gritante com Mateus 6.12, onde Jesus ensina aos discípulos a orarem: "Perdoa-nos [...] assim como [...] temos perdoado", usando a palavra *aphiemi*, que significa absolver legalmente ou perdoar uma dívida. Portanto, embora Aristóteles considere "generosidade" ou "magnanimidade" virtudes que envolvem benefícios e clemência, ele não está falando do que nós consideramos perdão nos dias atuais.

Os motivos da ausência

Griswold aponta dois motivos pelos quais o perdão não era considerado algo positivo na antiguidade clássica.

Para começar, pessoas virtuosas não precisam de perdão, porque possuem excelência moral. Somente "pessoas inferiores" precisam de perdão, e por que os virtuosos deveriam concedê-lo? Aristóteles alega que pessoas de excelência deveriam responder àqueles que as ofendem, não com perdão (que atribui uma importância exagerada aos transgressores), mas com desprezo. Ser uma pessoa virtuosa é estar "acima do ressentimento provocado pelas ações do *hoi polloi*".[10] Menospreze-os até que suas atitudes sejam inconsequentes para você. O ressentimento deve estar abaixo da pessoa virtuosa, assim como os próprios transgressores estão.

O que falta nessa perspectiva é a ideia cristã de que mesmo as pessoas moralmente boas são falhas. Elas são pessoas imperfeitas que precisam de perdão. Griswold observa que o perdão somente se encaixa em uma

> visão que enfatiza a noção de uma natureza humana comum, irremediavelmente finita e falível [...] O perdão é uma virtude no contexto de uma narrativa sobre a natureza humana [...] que aceita a imperfeição como nossa condição [...] nossa vulnerabilidade uns com os outros; nossa mortalidade [...] a universalidade do sofrimento [...] Tudo isso faz parte integral da nossa imperfeição.[11]

Semelhantemente, os gregos não tinham conceito da dignidade comum a todos as pessoas, independente de raça, cultura ou caráter moral. Griswold afirma: "Parece que a ideia da dignidade inerente das pessoas está ausente desse [...] esquema aristocrático. O [...] esquema dentro do qual o perdão tem seu lugar reconhece [...] nosso direito de exigir tratamento respeitoso uns dos outros".[12]

O segundo motivo pelo qual o perdão era ignorado no pensamento clássico está ligado à visão grega do próprio universo. Os gregos acreditavam que o universo era fundamentalmente impessoal. Embora o povo comum pensasse que o mundo fosse governado simplesmente pelo destino, os filósofos alegavam que por trás do universo havia o *logos* — um princípio transcendente racional (mas ainda impessoal) que ordenava o universo e a história. De qualquer maneira, o cosmo era implacável, e certamente não perdoava ninguém. Esse universo tinha um panteão de deuses, mas, como um estudioso expressou depois de ler todas as histórias antigas e os relatos deles: "Os deuses gregos [além de] não nos mandarem perdoar [...] não são visivelmente perdoadores [...] Porque os gregos não tinham um exemplo divino ou messiânico de perdão incondicional, e não sentiam uma compulsão religiosa de perdoar as pessoas".[13]

Depois de examinar Aristóteles, Griswold passa a considerar Platão e os estoicos. Ele descobre que estes davam até menos atenção à ideia de clemência, e muito menos ao perdão. Um motivo disso é que o perdão e a reconciliação envolvem compreensão do ponto de vista de outra pessoa. Como vimos na *Ilíada*, a noção de compaixão aparecia frequentemente na literatura antiga, porém, era ignorada na antiga filosofia moral.[14] Griswold

conclui que a filosofia antiga era "perfeccionista", isto é, exigia perfeição moral quase total, e não demonstrava nenhuma simpatia àqueles que não podiam alcançá-la. Ele conclui que nessas culturas antigas, "o perdão não é uma virtude porque a alma [moral] aperfeiçoada é quase imune de sofrer injúrias ou cometer injúrias".[15]

A vinda do cristianismo

Desde o início, a igreja cristã foi notável porque enfatizava e praticava o perdão com a não retaliação. Larry Hurtado pesquisou o campo de estudos históricos e concluiu que o cristianismo foi a religião mais perseguida no Império Romano durante os três primeiros séculos. Ser cristão acarretava um custo social muito alto (rejeição por familiares e vizinhos, perda de renda ou trabalho, assédio e violência) e, em muitos casos, havia custos políticos e judiciais, chegando ao mais extremo de todos: a execução.[16] Apesar disso, o cristianismo se expandiu rapidamente. E por qual motivo isso ocorreu? Quando o historiador Kenneth Scott Latourette procurou responder essa pergunta, ele apontou muitos fatores, mas incluiu este:

> É importante lembrar novamente que a igreja não se vigava de seus perseguidores. Nos escritos cristãos da época, há poucos ou nenhum indício de amargura ou de um desejo de vingança contra aqueles que estavam caçando os fiéis [...] Até onde sabemos, não havia orações imprecatórias oferecidas contra eles.[17]

O bispo cristão Cipriano, do século 3 d.C., pregou um sermão que chegou até nós, intitulado *De bono patientiae* ("Sobre o bem da paciência"). Ele nota que os cristãos enfrentam não apenas as crises pessoais de finanças, doenças e morte que todas as pessoas enfrentam. Mas, por serem cristãos, também passam por perda de terras, prisões, espada, feras, fogo e execução.[18] No entanto, apesar disso, os cristãos não devem vingar-se. Cipriano afirma abertamente que, por causa da onda de perseguição daquela época, alguns cristãos: "por causa da severidade de suas feridas, ou por causa de ressentimento contra seus perseguidores [...] querem logo vingar-se".[19]

Entretanto, diz Cipriano, cristãos não agem dessa maneira nem precisam fazê-lo.

Eles não deveriam vingar-se, pois Jesus nos mostrou e ensinou como amar os nossos inimigos, e virar a outra face. Porém, Cipriano acrescenta enfaticamente que os cristãos precisam "esperar e suportar com paciência inabalável o dia da vingança futura".[20] Jesus veio pela primeira vez como servo sofredor, e devemos segui-lo por esse caminho, mas na sua Segunda Vinda, ele será o Juiz que vindicará todos os males, e devemos aguardar esse dia com a esperança que nos transmite perseverança. O sermão é notável por sua maneira de chamar os cristãos à não retaliação, paciência e amor pelos inimigos e, mesmo assim, não ameniza a injustiça dos atos praticados contra eles.

Para entender o impacto do cristianismo na cultura ocidental, considere como Dr. C. John Sommerville, estudioso da história inglesa, e que lecionava na Universidade da Flórida, ilustrava esse fenômeno para seus alunos. Sommerville disse: "Quando os anglo-saxões da Inglaterra adotaram o cristianismo", não entenderam "o que estavam abraçando". Da mesma forma que os gregos e romanos que vieram antes, "entre os valores [...] que os anglo-saxões sempre achavam evidentes [...] estava o conceito de honra que significava conquistar o respeito dos outros" por meio de demonstrações de força — às vezes até força brutal.[21] Pessoas que conquistaram mais honra social eram dignas de respeito, mas as pessoas sem honra social — escravos, mulheres, covardes — não eram dignas. Ao contrário, os valores evidentes aos missionários cristãos incluíam serviço, perdão e "caridade, o que significa querer o bem-estar dos outros". Tudo isso baseado na ideia de que todo ser humano criado à imagem de Deus tem dignidade e merece ser amado por seus semelhantes.

Um exercício intelectual

Para que seus alunos enxergassem a diferença entre essas culturas, Sommerville os desafiou: imaginem que você esteja caminhando na rua à

noite, e uma idosa frágil venha em sua direção, carregando uma bolsa grande debaixo do braço. É claro que você poderia pegar aquela bolsa e o que estivesse dentro dela sem que a mulher o identificasse — então você não seria punido pelo crime. Você faria isso?

O antigo guerreiro anglo-saxão não pegaria a bolsa, pois isso seria abaixo da dignidade dele. Uma pessoa idosa era digna de respeito, além do fato de ela ser uma mulher. Se o guerreiro roubasse a bolsa, sua honra seria manchada aos seus próprios olhos. E se alguém visse o roubo, o guerreiro perderia honra aos olhos dessa pessoa também. "Em outras palavras, se você fosse anglo-saxão, estaria pensando exclusivamente em você mesmo, em sua honra e reputação, e não na senhora idosa", disse Sommerville.[22]

Porém, como seria se você pensasse na vulnerabilidade da mulher e no trauma terrível que ela sentiria depois do assalto? Você também perceberia que talvez outras pessoas dependessem financeiramente dela. Se você roubasse a bolsa, o sofrimento poderia se espalhar para outras pessoas. Então você resolve não pegar a bolsa. Por qual razão? "Você está levando em consideração as outras pessoas e querendo o melhor para elas".[23] Um sistema ético em uma cultura de vergonha e honra é uma ética autorreferente e de autorrealização; no entanto, um sistema ético baseado em princípios cristãos é uma ética "voltada para outros", baseado em um compromisso de buscar o bem dos outros por causa *deles*, e não por sua causa.

Obviamente, o perdão faz pouco sentido numa cultura autorrealizada. Nesse contexto, se você foi ofendido, só poderá recuperar sua honra humilhando ou se vingando do transgressor. Sommerville diz: "A honra chama atenção para o orgulho em vez de humildade; para o domínio em vez do serviço [...] a glória em vez de modéstia; a lealdade à própria tribo e ao próprio povo em vez de respeito para todos; a generosidade apenas aos amigos em vez de igualdade", e traz atenção à vingança em vez de ao perdão. Dentro da cosmovisão cristã, porém, o perdão é sinal, não de fraqueza interior, mas da maior força e virtude moral. Sommerville acrescenta que sempre que coloca esses valores contrastantes — entre

culturas pagãs de honra e a cultura cristã marcada por dignidade — na lousa, os alunos veem imediatamente a maneira pela qual suas noções morais foram moldadas pelo cristianismo, mesmo que eles rejeitem suas doutrinas e fé.[24]

Porém, até o observador mais desatento perceberá que o ocidente nunca se tornou uma cultura completamente cristã. Para os anglo-saxões, a própria ideia de perdão parecia perigosa. Obviamente, a ordem social era baseada no respeito à força. As pessoas não teriam de saber que, se prejudicassem alguém, elas seriam procuradas e sofreriam vingança? Então, os países ocidentais permitiram que o cristianismo tivesse apenas uma influência limitada. "Eles distorceram o cristianismo em algo que poderia anunciar as Cruzadas, que eram [conduzidas] para proteger a honra de Deus. Uma divisão de trabalho medieval permitiu que as mulheres, os servos e os monges se especializassem nas virtudes de caridade".[25] Outro exemplo: o duelo, uma herança óbvia da cultura de honra e vergonha, não caiu em desuso até o início do século 19.[26]

Mesmo assim, a ética cristã do amor foi uma ideia revolucionária que fez da Europa, de maneira muito devagar e imperfeita, a primeira cultura a afirmar a dignidade de cada indivíduo e direitos iguais para todos, em contraste com as culturas mais coletivas de honra e vergonha, que atribuíam mais status para famílias e classes "mais altas". Em uma cultura de honra, as pessoas precisavam conquistar sua honra, ou sofreriam desprezo; enquanto numa cultura inspirada pelo cristianismo, era presumido que todos os indivíduos tivessem dignidade que não precisam conquistar. Em culturas de dignidade, nós abandonamos a agressão pessoal e a violência, e nos voltamos para as cortes judiciais ou as entidades administrativas para resolver disputas.

Então Hannah Arendt tinha razão. Ela argumentava que, mesmo que Jesus tivesse falado de perdão "no contexto religioso", agora não há motivos para não levarmos o perdão a sério "no contexto secular".[27] Mas Nicholas Wolterstorff se apressa à acrescentar uma ressalva importante à exortação de Arendt:

> Vimos que [...] existem sistemas de pensamento dentro dos quais não há lugar para o perdão. O perdão entrou no mundo junto com o reconhecimento de valor divino e humano [...] dos direitos, do dever e da culpa. O perdão não acontece onde esses valores não sejam reconhecidos.[28]

É isso o que está acontecendo hoje? Muitos acham que sim.

A persistência do perdão

Será possível que o conceito de perdão em nossa cultura poderia simplesmente desaparecer quando confrontado por uma ênfase nova e diferente de justiça e honra, em vez de amor e misericórdia? Não creio que seja possível. Embora os recursos teológicos e culturais do perdão estejam diminuindo na sociedade, o perdão não vai desaparecer. Não irá, pois intuição humana permanece poderosa sobre sua importância e poder, mesmo em uma cultura secular que elimina o relacionamento vertical com Deus. Essa intuição é elucidada pelos versículos maravilhosamente estranhos de Eclesiastes 3. Ela vem propriamente da "eternidade no coração".

> Tenho visto o fardo que Deus deu à raça humana. Ele fez tudo belo em seu tempo apropriado. Ele colocou a eternidade no coração humano; no entanto, ninguém pode compreender o que Deus fez do início até o fim (Ec 3.10-11).

A palavra traduzida na versão Almeida Século 21 como "eternidade" denota algo sem fim ou além do tempo. Isso significa que percebemos uma realidade que existe fora do tempo e que ansiamos por ela. Nós ansiamos pela vida e pelo amor sem despedida, pelo triunfo final sobre o mal, e por muitas coisas que este mundo não pode oferecer. "Diferente dos animais que são imersos no tempo, nós ansiamos ver [os eventos e fatos da vida] em seu contexto pleno, pois [inevitavelmente] conhecemos algo da eternidade".[29] Se este mundo é tudo que existe, e se a natureza sempre foi um ciclo no qual os fortes consomem os fracos, então por que o mal nos incomoda? Por que sentimos tão profundamente que existem absolutos morais reais quando falamos para nós mesmos que eles não podem existir? Por que achamos que

quando outros violam esses absolutos eles merecem ser punidos, mas quando *nós* os violamos queremos ser perdoados?

O livro de Eclesiastes responde: não podemos evitar nosso conhecimento de Deus e da eternidade. Com nossos intelectos, podemos negar que exista qualquer coisa, a não ser este mundo "debaixo do sol". Poderíamos até afirmar que a vida não tem sentido, que não há absolutos morais, que a alma não existe. Porém, é impossível viver dessa maneira, pois simplesmente não acreditamos, no fundo do nosso coração, que a vida "debaixo do sol" seja tudo que existe.

Muitas pessoas observam que um dos temas principais nas óperas de Mozart é o perdão. Em *O rapto do serralho*, dois homens tentam livrar suas amadas de um harém, mas são apreendidos. A autoridade quer puni-los, mas o benevolente *pasha* (governador) lhes oferece absolvição. Em *Idomeneo*, o deus Netuno oferece perdão aos protagonistas no final da história. Em *Così fan tutti*, duas mulheres traem seus noivos, mas são perdoadas. No entanto, o mais famoso relato do perdão escrito por Mozart está no final de *As bodas de Fígaro*.

Fígaro, um servo doméstico, está noivo de Susanna, uma serva. Os dois trabalham na casa do Conde Almaviva e sua esposa, a Condessa Rosina. O conde é um homem triste e irritável; ele sente atração por Susanna. O conde assedia Susanna, e a condessa se entristece.

No ato final, Susanna e a condessa trocam roupas entre si, na esperança de enganar o conde e instigá-lo a amar sua esposa novamente. O conde começa a namorar "Susanna", na verdade, sua esposa. Então o conde fica revoltado quando ele vê intimidades entre o que parece ser a condessa (na realidade, Susanna) e Fígaro. Tanto Susanna (ainda disfarçada de condessa) quanto Fígaro imploram ao conde que os perdoe, mas ele recusa.

Finalmente, o conde nota o anel de "Susanna" (na realidade, a condessa), e percebe que ele estava tentando seduzir a própria esposa. De repente, o conde vê-se através dos olhos de outras pessoas e reconhece a destruição e a maldade causadas por seu comportamento. Abalado, o conde levanta sua esposa e se ajoelha diante dela. Agora despido de toda sua autojustificação e autocomiseração, ele não coloca a culpa nos outros; e canta: "Contessa,

perdono!" [Minha condessa, perdoe-me.] A condessa lhe responde, "Eu te perdoo", e todos em volta cantam, "Alegremo-nos!".

No entanto, o que torna essa cena tão famosa é a música em si. Gerações de espectadores sentiram de alguma forma que a música não é apenas linda e memorável, mas transmite a particular doçura e beleza do perdão, e seu poder quase sobrenatural para apagar dívidas, tirar fardos, refazer relacionamentos e transformar identidades. Muitas pessoas dizem que, se os ouvintes apreciarem a música com penitência, ela lhes conferirá uma espécie de absolvição. Ao ouvir as palavras de perdão, a escuridão interior do conde finalmente se dissipa.

Mas o poder dessa cena e da música não faz muito sentido do ponto de vista secular, isto é, para aquele que nega qualquer dimensão vertical ou transcendente. Ian Power sentiu essa contradição ao escrever sobre a ária do conde: "Por que essa peça de Mozart me faz chorar, mesmo que seja ridícula e provavelmente má?".[30] Power, um professor de música na Universidade de Baltimore, diz que a história de Fígaro surge de uma sociedade escrava, opressiva e estratificada. A ópera não aborda nenhuma das desigualdades esmagadoras daquela sociedade; na verdade, ela as celebra e apoia. E a própria ideia de que algumas pessoas têm o poder moral de julgar e perdoar os outros faz parte daquela estrutura tradicional de opressão. Power acredita nisso, mas, contraditoriamente, considera a cena incrível e comovente.

> Para mim, o problema é este: [a cena final] é realmente ridícula [...] É um tolo rico pedindo desculpas a sua esposa por esforçar-se na tentativa de traí-la e acabar fracassando. A esposa lhe responde que está tudo certo, pois ela é uma pessoa melhor. Após essa cena, uma multidão em volta deles canta: "Vamos tocar a vida", durante vinte minutos. Por que essa cena me faz chorar?

Power ensaia esta resposta: a música magnífica e habilidosa simplesmente atinge em cheio nossas emoções. "Será que é a harmonia simples de três vozes de tirar o fôlego? Aquelas cadências enganosas? A maneira pela qual o coro se insere sorrateiramente na textura íntima, como as folhas de uma floresta se tornam mais nítidas em uma lente de longo alcance? Será que é a maneira pela qual os instrumentos de corda reiniciam a harmonia do jeito mais despretensioso possível?". No entanto, Power rejeita essas

possibilidades. “Não creio que a música tenha um poder fortuito de tocar nossas emoções [...] Deve haver algo em sua semântica que me atinge”. A música possivelmente “triste”, “alegre”, “pensativa” ou “agridoce” recebe esses rótulos porque a ligamos a experiências reais. A música tem sentido porque existe algo significativo nessas experiências humanas.

Porém, como Power acredita, se as ações da cena simplesmente “apoiam a opressão feudalista” e são um retrato da “escravidão e horror que apoiam aquela cultura” — por que essas ações seriam tão tocantes para ele?

Afinal, ele consegue dizer apenas isto: “É assim que investigamos afeições: admitindo sua realidade, não importa se ‘deve’ ser ou não”. De certa maneira, Power está seguindo os passos do personagem Salieri na peça e no filme *Amadeus*. Apesar de seu ódio por Mozart, Salieri se espantou com a composição musical do outro.

> Ouvi a música do verdadeiro perdão enchendo o teatro, conferindo absolvição perfeita a todos os espectadores. Deus estava cantando ao mundo todo por meio desse homem diminuto. *Imparável*.[31]

O sociólogo da Universidade Yale, Philip Gorski, afirma que a suposição secular de que todas as coisas têm de ter uma causa material faz com que a moralidade seja o produto da nossa evolução biológica, ou a construção da nossa cultura, sempre criada para apoiar quem estiver no poder. De qualquer maneira, a moralidade é relativa — não há absolutos.[32] Nessa cosmovisão, a confissão e o perdão são sempre um tipo de farsa: Quem diz o que é pecado? Por que devo me sentir culpado por algo que quero fazer? Quem é você para declarar que estou perdoado ou não?

Ian Power se manteve intelectualmente coerente com sua cosmovisão quando julgou o ato de perdão em “Contessa, perdono” como “ridículo ou até maléfico”, e mesmo assim, ele não conseguiu se livrar da sensação de que o perdão era maravilhoso. Assim como Leonard Bernstein — quer fosse um homem secular — descobriu que a música de Beethoven o levava a sentir que “o Céu” e “Deus” eram reais,[33] Power descobriu que a música de Mozart o levava a sentir que o perdão era real.

E é real mesmo.

[1]Carrie Fisher, *The best awful: a novel* (New York: Simon & Schuster, 2005), p. 30. Embora esse provérbio apareça no livro de Fisher, não há consenso sobre quem foi o autor original dele.

[2]Hannah Arendt, *The human condition* (Chicago: University of Chicago, 1958), p. 238 [publicado em português por Forense Universitária sob o título *A condição humana*].

[3]David Konstan, *Before forgiveness: the origin of a moral idea* (Cambridge: Cambridge University Press, 2012), p. ix. Embora Konstan concorde que as culturas antigas tivessem um conceito limitado (ou pouca apreciação) do perdão, ele argumenta que nossa compreensão atual do perdão deve mais a Kant do que à Bíblia ou ao cristianismo. Eu acho essa tese pouco convincente. Sua análise do material bíblico é inconsistente e caracterizada por uma leitura superficial de passagens como Mt 18. Ele também ignora a influência significativa do cristianismo nas ideias de Kant.

[4]Charles L. Griswold, *Forgiveness: a philosophical exploration* (Cambridge: Cambridge University Press, 2007), p. 2. Griswold diz que a "estrutura conceitual" presumida de seu livro é "secular".

[5]Herman Bavinck, *Reformed Dogmatics*, vol. 4, *Holy Spirit, Church, and New Creation*, John Bolt, org., trad. John Vriend (Grand Rapids: Baker, 2008), p. 179.

[6]Homer, *The Iliad*, trad. R. Lattimore (Chicago: University of Chicago Press, 1961), 399 [publicado em português por Penguin-Companhia sob o título *Ilíada*].

[7]Outro exemplo: em *Ifigênia em Táuride* [publicado em português por Peixoto Neto sob o título *Ifigênia em Táuride*], escrito por Eurípides, Electra pede *sungnome* à deusa Ártemis, ao lembrá-la de seu próprio amor por Apolo, seu irmão; no entanto, novamente, esse é um pedido, não de absolvição, mas de leniência. Griswold, *Forgiveness*, p. 4.

[8]Aristóteles, *Nicomachean ethics* 1110a24-26 [publicado em português por Madamu sob o título *Ética a Nicômacos*], citado em Griswold, *Forgiveness*, p. 4.

[9]Griswold, *Forgiveness*, p. 4-5.

[10]Ibidem, p. 8.

[11]Ibidem, p. 14.

[12]Ibidem, p. 9. Veja tb. Nicholas Wolterstorff, *Justice in love* (Grand Rapids: Eerdmans, 2015), p. 184.

[13]Kenneth J. Dover, citado em David J. Leigh, "Forgiveness, Pity, and Ultimacy in Ancient Greek Culture", *Ultimate Reality and Meaning* 27, no. 2 (June 2004): 152-61, https://utpjournals.press/doi/pdf/10.3138/uram.27.2.152.

[14]Griswold, *Forgiveness*, p. 10-4.

[15]Ibidem, p. 15.

[16]Ver Larry W. Hurtado, *Why on earth did anyone become a Christian in the first three centuries?* (Milwaukee: Marquette University, 2016).

[17]Kenneth Scott Latourette, *A history of the expansion of christianity*, vol. 1 (San Francisco: HarperOne, 1975), p. 167.

[18]Citado e discutido em Alan Kreider, *The patient ferment of the early Church: the improbably rise of christianity in the Roman Empire* (Grand Rapids: Eerdmans, 2016), p. 28.

[19]Ibidem, p. 29.

[20]Ibidem.

[21]C. John Sommerville, *The decline of the secular university* (Oxford: Oxford University Press, 2006), p. 69.

[22]Ibidem.

[23]Ibidem.

[24]Ibidem, p. 70.

[25]Ibidem.

[26]Veja Kwame Anthony Appiah, *The honor code: how moral revolutions happen* (New York: W. W. Norton, 2010).

[27]Arendt, *Human condition*, p. 214-5.

[28]Wolterstorff, *Justice in love*, p. 185.

[29]Derek Kidner, *The message of Ecclesiastes: a time to mourn, a time to dance* (Downers Grove: InterVarsity, 1991), p. 39.

[30]Ian Power, "Why Does This Mozart Piece Make Me Cry Even Though It's Stupid and Probably Evil?", *Medium* (blog), January 11, 2019, https://medium.com/@ianpoweromg/why-does-this-mozart-piece-make-me-cry-even-though-its-stupid-and-probably-evil-80c63c60fc7f.

[31]*Amadeus* (1984), dirigido por Milos Forman, adaptado de uma peça escrita por Peter Shaffer.

[32]Philip Gorski, "Where Do Morals Come From?", *Public Books*, February 15, 2016, www.publicbooks.org/where-do-morals-come-from.

[33]Leonard Bernstein, *The joy of music* (Pompton Plains: Amadeus, 2004), p. 29.

L.B. (Leonard Bernstein) — Beethoven quebrou todas as regras, e produziu peças perfeitas de tirar o fôlego. Perfeitas — essa é a palavra! Quando você tem a impressão de que a nota que sucede a anterior é a única nota possível de ser tocada naquele instante, naquele contexto, então é bem provável que você esteja ouvindo uma obra de Beethoven. Melodias, fugas, ritmos — esses são dos Tchaikovskys, dos Hindemiths e dos Ravels. Nosso rapaz é incrível, traz coisas do Céu, é capaz de deixar você pensando no final: está tudo certo no mundo. Há algo sempre consistente, que obedece à sua própria lei sem falhar: algo em que podemos confiar, que jamais nos decepcionará.

P.L. (Poeta lírico) — (Silenciosamente) Mas isso é quase a definição de Deus.

L.B. — É isso que eu queria.

CAPÍTULO 4

O LIVRO DO PERDÃO

> Tendo o SENHOR passado diante de Moisés, proclamou: SENHOR, SENHOR, Deus misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e cheio de bondade e de fidelidade; que usa de bondade com milhares; que perdoa a maldade, a transgressão e o pecado; que de maneira alguma considera inocente quem é culpado; que castiga o pecado dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, até a terceira e quarta geração.
>
> — ÊXODO 34.6-7 (A21)

Para que comecemos a recuperar o perdão, precisamos examinar sua fonte. De acordo com Hannah Arendt, essa fonte é a Bíblia em geral e o ensinamento de Jesus em particular. Na verdade, poderíamos afirmar que o perdão está no cerne da mensagem cristã, como também se faz presente em toda Bíblia.

A negação da asserção

Há quem insista que a Bíblia não enfatiza o perdão. Certa vez, um crítico disse: "É enigmática a baixa frequência de referências ao perdão no Novo Testamento; isso é surpreendente, à luz da insistência dos teólogos sobre a centralidade do perdão ao cristianismo".[1] Krister Stendahl, estudioso bíblico da Universidade Harvard, diz que as palavras gregas mais comuns para o perdão (*aphesis* e *apheiemi*) estão "espetacularmente ausentes" das epístolas paulinas.[2] Essas afirmações promovem a ideia revisionista de que o perdão não está tão presente na Bíblia quanto se pensava.

Contudo, só porque uma das palavras que denota o perdão não aparece em uma passagem bíblica, isso não significa que a ideia não esteja presente. E quando Paulo utiliza o termo, ele mostra a sua importância para todo o seu pensamento. Em versículos como Colossenses 1.14, por exemplo, a palavra é capaz de resumir a essência do que Cristo realizou por nós, e o que ele nos entregou: Jesus nos resgatou das trevas, nos transferiu para o reino de Deus, e tudo isso para nos dar "o perdão dos pecados".

E nos Evangelhos, quando Jesus declarou que podia perdoar pecados, criou uma controvérsia enorme, mas foi essencial à sua afirmação de que de fato era Deus (Mt 9.2-6; Mc 2.7-10). Jesus disse que seu sangue foi derramado "para o perdão dos pecados" (Mt 26.28). E como já observamos, o perdão é a única petição do Pai Nosso que Jesus repete, ressalta e enfatiza (Mt 6.14-15).

Portanto, independentemente do número de ocorrências da palavra, o conceito do perdão é central ao sentido da Bíblia toda e à fé dos cristãos.

Nas escrituras hebraicas existem três palavras de raiz que denotam o perdão. *Kpr* significa cobrir o pecado, e é usada constantemente em relação a sacrifícios de animais. *Slh* é uma palavra que significa absolver, ou parar de culpar alguém, também ligada aos sacrifícios. Ela mostra que o perdão requer expiação, uma forma de pagamento. *Ns* significa carregar ou retirar; é uma figura do pecado sendo removido para longe de nós (cf. Sl 103.12). Esse último versículo fala tanto do perdão humano quanto do perdão divino (cf. 1Sm 25.28; Gn 50.17).

Portanto, o conceito de perdão está presente com frequência nas Escrituras, mesmo quando palavras específicas que se referem ao perdão não sejam usadas. O leitor atento observará esse fenômeno em quase todas as histórias principais no livro de Gênesis.

O perdão nos livros de Moisés

Adão e Eva foram advertidos em Gênesis 2.17 que, literalmente, "no dia" em que comessem da árvore do conhecimento do bem e do mal, "com

certeza morreriam" (A21). No entanto, quando realmente comeram da árvore, eles continuaram vivos. Agostinho explica:

> Se nos perguntarem com que tipo de morte Deus advertiu o homem [em Gn 2.17], se era corporal ou espiritual ou a segunda morte, responderemos: foram *todos* esses. Deus incluiu não apenas a primeira [...] morte, na qual a alma perde a Deus, nem apenas a segunda [...] morte — eterna, ao final de tudo [...] mas *todos* os tipos de morte.[3]

Adão e Eva perderam seu relacionamento com Deus, experimentando o que Agostinho chamou de "morte espiritual": alienação de Deus (eles se esconderam atrás das árvores) e alienação um do outro (eles se cobriram com folhas de figueiras). Porém, no dia em que pecaram, Deus não afligiu Adão e Eva com a morte corporal e eterna, que, de acordo com seu próprio decreto, mereceriam. Por qual razão? Foi por causa de sua graça e de sua misericórdia, os atributos divinos que fundamentam todo o perdão.

A mesma coisa aconteceu quando Caim assassinou seu irmão Abel. Em vez de se arrepender do crime, Caim reclamou que outras pessoas o caçariam e matariam por causa de sua atitude (Gn 4.13-14). Em um ato surpreendente, Deus colocou um "sinal" ou uma marca em Caim — "não um estigma, mas um salvo-conduto"[4] — que o protegeu de um modo não especificado, para que ele pudesse ter uma expectativa de vida normal. Um comentarista observou: "Esse foi o gesto máximo de misericórdia à pessoa não arrependida".[5]

Quando Abraão creu em Deus pela fé, o Senhor "atribuiu-lhe isso como justiça" (Gn 15.6, A21). Isso significa que Abrão foi completamente perdoado de seus pecados, o que Paulo esclarece em Romanos 4.1-16, embora, novamente, a palavra *perdão* não apareça de maneira direta no texto de Gênesis.

À primeira vista, a narrativa do dilúvio parece tratar somente do julgamento divino do pecado. Mas antes da chuva, quando Deus viu que a maldade do homem era grande na terra (Gn 6.5, A21), o texto nos conta que isso "lhe pesou no coração" (Gn 6.6). A palavra hebraica indica uma mistura de ira e tristeza: aqui nas primeiras páginas da Bíblia temos um insight notável sobre a atitude de Deus diante do pecado.

Deus não está meramente triste nem meramente irado, porque Deus não é meramente santo nem meramente amoroso. Deus está irado por causa da ofensa e da violação do pecado, mas lamenta os seus efeitos: como o pecado afeta a criação e a raça humana que tanto ama. É importante para nossos propósitos que percebamos, entre outras maneiras de descrevê-lo, que a Bíblia nos mostra a *gravidade* do pecado para Deus. Quando Derek Kidner lê Gênesis 6.6, ele analisa o texto de modo bem realista: "Deus já sofre por causa do homem". E isto é um prenúncio do sofrimento voluntário de Deus pelo pecado na cruz.[6]

Deus considera o pecado não meramente revoltante, mas grave, e por causa disso nós vislumbramos em seu ser, não somente uma insistência em punir o mal e a injustiça, mas também o amor, mesmo por seu povo caído. É essa tensão aparente entre a santidade de Deus e seu amor — entre a necessidade de que o pecado seja punido, e o desejo de que os pecadores sejam libertos — que se torna a base para o perdão que Deus determina, realiza e nos oferece. E essa dinâmica respeita igualmente a justiça e a misericórdia.

A ideia de que o pecado é grave para Deus também tem profundas implicações práticas para as pessoas que queiram mudar suas vidas e seus costumes. Se você disser: "Preciso parar de fazer tal coisa, porque vai complicar a minha vida", então você não está realmente arrependido do pecado em si, mas das *consequências* ou resultados do pecado. Você não está arrependido principalmente porque o pecado entristeceu a Deus, mas porque ele entristeceu você e outros. Isso significa que, assim que seu hábito pecaminoso deixar de complicar a sua vida, você deixará de complicar a vida do seu pecado. No entanto, se você reconhecer o seu pecado e sentir no íntimo o que ele está fazendo a Deus, terá uma motivação permanente para abandonar o pecado em si.

A primeira vez que o perdão é mencionado especificamente em Gênesis e, portanto, na Bíblia, é na história de José. Os irmãos de José pedem a ele que os perdoe por tê-lo vendido a comerciantes de escravos (Gn 50.17). A palavra hebraica usada é *nasah*, que traz a ideia de mandar o pecado embora de modo que aquele que exerce o perdão deixe de atribuir culpa ao

transgressor. Embora José não tenha dito, literalmente, "Eu os perdoo", mesmo assim, ele rejeita a vingança e promete amar seus irmãos, um elemento crucial do perdão.

Uma vez que passamos de Gênesis para outros livros do Antigo Testamento, vemos referências mais frequentes ao perdão. Moisés intercede pelo povo e recebe o perdão de Deus para eles (Êx 32.32; 34.9; Nm 14.19-20). A referência mais óbvia é que o sistema inteiro de adoração no tabernáculo é estabelecido para oferecer perdão. Os sacrifícios de animais são para o perdão dos pecados (Lv 4.20,26,31,35; 5.10,13,16,18; Nm 15.25-26,28). Quando Salomão constrói o Templo para substituir o Tabernáculo, ele pede a Deus que, por meio do Templo, ele ouça seu povo e os perdoe. O perdão é o tema que domina as orações de Salomão, e sua compreensão do Templo (1Rs 8.30,34,36,39,50; 2Cr 6.21,25,27,30,39). Portanto, o perdão está no âmago de toda adoração no Antigo Testamento. Sem perdão, não há nenhuma possibilidade de nos relacionarmos com Deus.

O perdão nos Salmos

Os salmos talvez sejam a expressão máxima do caráter do perdão de Deus no Antigo Testamento, e do meio para recebê-lo. Cada um dos chamados salmos penitenciais (Sl 6; 32; 38; 51; 102; 130 e 143) mostra como nos aproximar de Deus com arrependimento, a fim de recebermos o seu perdão. Mas as súplicas de perdão não se limitam aos salmos confessionais; elas pontuam esse livro inteiro de oração (Sl 19.12; 25.11,18; 65.3; 78.38; 85.2; 99.8; 103.3).

O salmo 130, um dos salmos penitenciais, serve-nos de estudo de caso:

> SENHOR, das profundezas clamo a ti. SENHOR, escuta minha voz; estejam teus ouvidos atentos às minhas súplicas, pedindo misericórdia. SENHOR, se atentares para o pecado, quem resistirá, Senhor? Mas o perdão está contigo, para que sejas temido. Espero no SENHOR, minha alma o espera; em sua palavra eu espero. Espero pelo Senhor mais do que os guardas pelo amanhecer, sim, mais do que os guardas esperam pela manhã! Ó Israel, coloca a esperança no SENHOR! Pois no SENHOR há amor fiel, e nele há plena redenção; ele mesmo redimirá Israel de todas as suas maldades (Sl 130.1-8).

A metáfora de "profundezas" cria a imagem do salmista se afogando, ou no fundo do mar, ou possivelmente no fundo de um poço. Que profundezas são essas? Ficamos sabendo especificamente só no versículo 3, mas já temos um indício quando o salmista diz que sua súplica é pela "misericórdia". Em geral, a pessoa que estivesse presa num poço profundo não clamaria por misericórdia, mas simplesmente por resgate. Então, concluímos que as profundezas do salmista são de culpa e vergonha. Ele está pedindo "perdão" (v. 4). Essa oração nos ensina várias coisas sobre o ponto de vista do Antigo Testamento quando se trata do perdão.

Esse salmo nos ensina sobre a *necessidade universal* do perdão. O salmista faz uma pergunta retórica: se o Senhor "atentasse para o pecado", isto é, se ele guardasse uma lista dos nossos pecados e delitos — "quem resistirá?". A resposta óbvia é ninguém. Compare esse versículo com Salmos 1.5 e 5.5. "Resistir" espiritualmente significa ser aceitável a Deus em geral ou subsistir "no julgamento". Então a lição não é que todo mundo peca. Isso não é novidade para ninguém. Pelo contrário, a lição é que todo mundo está espiritualmente alienado de Deus. Ninguém é bom o suficiente para entrar na santa presença de Deus. Quando Paulo ensinou que "não há nenhum justo, nem um sequer" (Rm 3.10), ele estava citando Salmos 14.2-3, em que Davi diz: "O SENHOR olha dos céus para toda a humanidade para ver se há alguém que tenha entendimento, que busque a Deus. Mas todos se desviaram [...] não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer". Esse versículo em salmo 130 foi citado efetivamente por Paulo em Romanos 3.10-18 para provar que o mundo não está dividido entre pessoas "boas" que irão para o céu e pessoas "más" que irão para o inferno. Todas estão perdidas. No dia do julgamento, ninguém passará no teste de bondade e decência básica. Por causa do nosso pecado, ninguém "resistirá".

Esse salmo nos ensina sobre o *problema* do perdão. O que torna o perdão difícil é que o pecado cria um "registro": um resíduo de responsabilidade ou obrigação. Por exemplo, se alguém roubar algo de você, ou cometer uma injustiça contra você, e essa pessoa for apreendida, ela talvez diga: "Bom, isso aconteceu na semana passada. Agora já foi". No entanto, você teria uma forte convicção de que o pecado contra você criou uma dívida persistente,

uma responsabilidade ou obrigação que não vence com o tempo. O transgressor *deve* algo a você. Os pecados criam um registro; eles não desaparecem simplesmente no ar. Portanto, o salmista está dizendo que os nossos pecados criam um registro com Deus que terá de ser "acertado" no dia do julgamento. Todos nós estaremos perdidos e condenados. Todos nós pereceremos no "saldo devedor" do registro dos nossos pecados.

Esse salmo nos ensina sobre o *fato* do perdão de Deus. O salmista não diz: "*Talvez* eu encontre perdão contigo". Ao contrário, ele diz: "O perdão *está* contigo". Em outras palavras: "Mesmo que haja um registro de pecados que sirva para condenar todos, o Senhor abre o caminho para o perdão". Esse fato, porém, deixa o salmista de boca aberta! Para ele, o perdão de Deus é chocante e inexplicável. A maneira de Deus realizar a redenção é um mistério total para o escritor, mas não para nós, que sabemos sobre a morte de Cristo na cruz (cf. Rm 3.25-26). Um estudioso do Antigo Testamento escreve: "Isso revela como era tênue a segurança da expiação, em geral, nessa fase da história. Um cristão poderia contar com a plenitude da redenção, em vez de esperar pelo julgamento brando. No final do salmo, o escritor está fazendo isso mesmo [...] porém, o mecanismo da redenção [...] ainda não lhe foi revelado".[7]

Esse versículo nos ensina algo sobre o *resultado interior* do perdão divino. Em uma de suas afirmações mais notáveis, o salmista diz que perdão, absolvição e graça levam ao aumento do "temor" do Senhor. O que significa isso? O "temor do Senhor" é um dos conceitos mais básicos que o Antigo Testamento usa para descrever um caráter piedoso. Quando Deus fala bem de Jó, ele diz: "Observaste o meu servo Jó? Não há ninguém igual a ele na terra [...] é um homem que teme a Deus e se desvia do mal" (Jó 1.8). O termo aparece repetidas vezes na Bíblia, e quando leitores modernos o leem, quase sempre pensam em alguém que está trêmulo e com medo. A palavra é interpretada como negativa. No entanto, esse versículo lança uma nova luz sobre o significado de "o temor do Senhor". Há outros versículos que falam sobre esse temor, por exemplo, em Provérbios 28.14 ("Feliz é o homem que sempre teme o SENHOR", A21) e em Salmo 19.9 ("O temor do SENHOR é

limpo e permanece para sempre", A21). Mas esse versículo (Sl 130.4) nos dá a visão mais clara do que é realmente o temor do Senhor.

Certamente, o termo *temor* tem de se referir, pelo menos, a uma sensação de ser humilhado e inundado por algo ou alguém. No entanto, agora percebemos que o temor do Senhor não tem a ver com simples medo. "O temor servil teria diminuído, e não aumentado, pelo perdão [...] O significado verdadeiro de "temor do Senhor" no Antigo Testamento [...] implica relacionamento".[8] Portanto, poderíamos definir esse termo assim: "alegre reverência e deslumbramento diante da grandeza transcendente de quem Deus é". O temor do Senhor significa ser profundamente tocado por quem Deus é, e pelo que Deus fez.

É particularmente interessante perceber que esse "temor" é paradoxal. Quanto mais experimentamos a graça, o perdão e o amor, mais esquecemos de nós mesmos. É nesse momento que nos curvamos diante de Deus em submissão maravilhada à sua grandeza. Quando *realmente* entendemos que somos perdoados, não caímos na "libertinagem" ou independência, mas nos submetemos respeitosamente à sua soberania. Obviamente, o temor exuberante do salmista não podia ser tão grande quanto o nosso. John Newton escreveu sobre isso:

> Amemos, cantemos e maravilhemos;
> Louvemos ao nome do Salvador.
> Ele silenciou o trovão estrondoso da Lei;
> Ele apagou as chamas do Sinai;
> Ele nos lavou em seu sangue,
> Ele nos trouxe para perto de Deus.
>
> Deslumbremo-nos!
> Graça e justiça
> Juntam-se e apontam para as riquezas da misericórdia.
> Quando na graça por meio de Cristo confiamos,
> A justiça sorri e não pede mais nada.
> Ele que nos lavou em seu sangue
> Assegurou nosso caminho a Deus.

O resultado do perdão de Deus é um paradoxo de confiança e humildade. Em vista desse amor imerecido, somos ao mesmo tempo erguidos e

humilhados até o pó.

O salmo 130 também nos ensina a *finalidade* do perdão divino. O salmista diz que está esperando *pelo Senhor*. Em última análise, ele não está buscando apenas um adiamento da punição ou uma isenção dela. Em vez disso, seu objetivo é o próprio Deus. A "alma" do salmista espera pela volta de seu Senhor. Ele anseia por comunhão e conexão. O perdão bíblico, em seu sentido mais pleno, não é simplesmente a procura de absolvição ou remissão; mas é sempre desejoso de um *relacionamento restaurado*. O objetivo nunca é meramente terapêutico, ou seja, uma espécie de livramento do sofrimento interior. Em primeiro lugar, o perdão busca restaurar nosso relacionamento com Deus; em segundo, aprofundar a nossa comunhão com Deus. Nesse salmo, "esperar" em arrependimento significa nos arrependermos e esperarmos até que a nossa alma "veja" novamente a Deus.

Há pelo menos três maneiras de "esperar" o perdão de Deus: (1) Esperamos *ansiosamente*. A imagem de guardas esperando o amanhecer (v. 6) é significativa. Não importa a duração aparente da noite, a manhã sempre chega. Sempre. (2) Esperamos *obedientemente*. O salmista afirma que coloca sua esperança "em sua palavra" (v. 5). Isso significa que ele recebe as promessas, incumbências, e ordenanças da Escritura, e as segue completamente. Nós "esperamos" por Deus quando lhe obedecemos, não importa como estejamos nos sentindo. (3) Esperamos *em comunidade*. Nos versículos 7 e 8 o salmista começa a falar ao seu povo sobre a "*plena* redenção" (v. 7) disponível para cobrir "*todas* as suas maldades" (v. 8). O que o salmista está fazendo? Ele está louvando a Deus diante de seus irmãos na fé e com eles. O salmista está praticando a espiritualidade em comunidade, e não apenas a espiritualidade individual. Ele está ministrando aos outros.

Por fim, enxergamos somente um indício do *motivo* ou da *causa* do perdão de Deus. O salmista diz: "Ele mesmo redimirá Israel de todas as suas maldades" (v. 8). De alguma maneira, o próprio Deus virá e providenciará o pagamento pelo pecado. Nós sabemos como isso aconteceu! Zacarias, pai de João Batista, cantou sobre o Cristo: "Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu seu povo" (Lc 1.68).

Embora o Novo Testamento nos dê muitas informações sobre o perdão entre pessoas, os salmos penitenciais são exímios para nos instruir em como buscar e receber o perdão divino. Conta-se que Agostinho, em seus últimos dias de vida, mandou colocar cópias desses salmos na parede ao lado de sua cama. Enquanto a morte não chegava, Agostinho lia, chorava e orava esses salmos, especialmente o salmo 51.[9]

O perdão nos Profetas

A última parte do Antigo Testamento consiste dos profetas "maiores" e "menores", onde novamente o perdão divino se destaca. O trabalho principal dos profetas era apresentar o "processo judicial" de Deus contra seu povo. Uma maneira de entender as quatro partes do Antigo Testamento é por meio do Pentateuco que descreve a aliança entre Deus e seu povo, incluindo sua provisão de perdão. Já a literatura de sabedoria traz um olhar detalhado sobre a aliança e suas aplicações na vida do povo, tanto nas práticas diárias (Provérbios, por exemplo) quanto nas questões íntimas do coração e de adoração (Salmos, por exemplo). Os livros históricos, de maneira diferente, traçam a trajetória infeliz de declínio que a longo prazo, o povo quebra suas promessas e não cumpre as condições da aliança. Finalmente, os profetas, representantes de Deus, entram em cena como advogados de acusação. Explicam as consequências da infidelidade do povo à aliança. No entanto, também falam da redenção futura e de uma nova aliança que será maior e trará mais bênçãos.

Pentateuco	**A aliança criada**	**Perdão providenciado**
Sabedoria	**A aliança vivida**	**Perdão recebido**
Livros históricos	**A aliança quebrada**	**Perdão rejeitado**
Profetas	**As consequências e a aliança renovada**	**Perdão providenciado outra vez**

A tarefa principal dos profetas era anunciar ao povo as consequências severas de sua infidelidade à aliança. Haveria desintegração social e derrotas militares, colonização por forças estrangeiras e exílio. Entretanto, Deus permanecerá perdoador, e a punição abrirá caminho para uma redenção maior, pois Deus não deixa de amar o seu povo (Os 11.8). Um remanescente do povo se arrependerá (Is 4.3; 6.13; 7.3) e viverá pela fé (Hc 2.4; Is 7.9; 28.16; 30.15). Deus fará uma nova aliança com eles, perdoará todos os seus pecados e os dará um novo coração e um novo espírito. Assim, o povo finalmente será transformado para que caminhe com Deus em obediência e amor (Jr 24.7; 31.31; 32.37; Ez 11.19; 36.24). O povo de Deus não será apenas mais santo e comprometido a lhe obedecer ("Porei a minha lei em suas mentes e a escreverei em seus corações", Jr 31.33); mas também experimentará pleno perdão ("Perdoarei sua maldade e não me lembrarei mais de seus pecados", Jr 31.34).

De que maneira se dará essa transformação? Nenhum profeta fala mais sobre esse futuro do que Isaías. Essa transformação se dará por meio do Messias, que é ao mesmo tempo um Rei (Is 11) e um servo sofredor (Is 52.13—53.12). Esse servo dará salvação a Israel, e os gentios serão incorporados à nação (Is 42.1). Nossos pecados não serão lembrados (Is 43.25). Deus estabelecerá o novo céu e a nova terra, a nova Jerusalém na qual todos os povos serão perdoados (Is 33.24).

O mais surpreendente de tudo é perceber que até os profetas, chamados por Deus para advertir Israel sobre o seu pecado e os julgamentos iminentes, não poderiam evitar de falar também, de maneira bem comovente, sobre a graça e a misericórdia de Deus. A mensagem dos profetas, portanto, é que nenhum acúmulo de maldade e resistência humana é capaz de impedir que o perdão de Deus nos encontre.

O perdão nos Evangelhos

Quando chegamos aos Evangelhos, descobrimos uma ênfase maior e um foco ainda mais nítido no perdão, e não apenas no perdão divino (o que chamamos de vertical), alvo quase exclusivo do Antigo Testamento.

Também recebemos instrução sobre o perdão humano, e como ele pode trazer reconciliação e restauração de comunidade. Enfim, recebemos uma explicação sobre a base do perdão, que vai além dos sacrifícios simbólicos de animais — e diz de qual *maneira* Deus pode perdoar. Essa base aprofunda imensuravelmente a nossa compreensão do custo altíssimo da graça e da misericórdia de Deus.

No grego do Novo Testamento há duas palavras principais usadas para transmitir a ideia de perdão. *Charizomai* contém o termo *charis*, ou "graça", e significa lidar com alguém de maneira doadora e graciosa, em vez de estritamente calculista. Portanto, o perdão não é algo conquistado ou merecido. Como qualquer outro presente, o perdão é oferecido pela graça e pelo amor, à custa do doador. Paulo prefere essa palavra.

A outra palavra é *aphesis* que significa "remissão" — "isentar alguém de uma obrigação ou dívida legal".[10] Essa é a palavra usada com mais frequência no Novo Testamento (aproximadamente 40 vezes).[11] É a palavra mais comum para o perdão nos Evangelhos, em Tiago e nas epístolas de João. O conceito de remissão sugere que o perdão sempre tem preço. Quando uma dívida é cancelada por um credor, significa que o credor paga ou absorve a dívida no lugar do devedor. Portanto, o perdão implica que outra pessoa assuma a punição ou a dívida do transgressor.

No início dos Evangelhos, o foco já está no perdão. José recebeu a promessa em Mateus 1.21 de que o Messias salvaria seu povo dos seus pecados. A promessa a Zacarias em Lucas 1.77 foi que Cristo nos daria "o conhecimento da salvação por meio do perdão dos [...] pecados". João Batista, o precursor de Jesus, pregou "o batismo de arrependimento para o perdão dos pecados" (Mc 1.4).

Quando Jesus começou a pregar e ensinar, ele declarava com frequência que podemos conhecer o perdão de Deus e, em seguida, perdoar aqueles que nos ofenderam. Como já vimos, essa mensagem está no cerne do Pai Nosso: "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos nossos devedores" (Mt 6.12).

Jesus acrescenta: “Pois se perdoarem aos outros as suas ofensas, também o Pai celestial os perdoará; se, porém, não perdoarem os pecados dos outros, tampouco o Pai de vocês perdoará as suas ofensas” (Mt 6.14-15). Apesar da primeira impressão, Jesus não está dizendo que o perdão de Deus é conquistado ou merecido por meio do nosso perdão aos outros. As palavras gregas traduzidas por “perdão” não trazem essa ideia, e a parábola chave do Servo Impiedoso (Mt 18.23-35) deixa claro que é o perdão de Deus que providencia a base — a motivação e o poder — para o nosso perdão aos outros. Como vimos no capítulo 1, essa parábola nos dá uma ampla estrutura pela qual podemos entender as duas dimensões, divina e humana, de todo perdão cristão.

Quando Jesus perdoa pecados, testemunha de sua divindade e da experiência transformadora do perdão. Quando certa vez perdoou uma mulher, disse:

> Portanto, eu lhes digo que os pecados dela, que são muitos, lhe são perdoados, pois ela amou muito. Mas aquele a quem se perdoa pouco, este ama pouco (Lc 7.47).

A estrutura bidimensional é novamente confirmada aqui. O sinal de que você foi perdoado é uma capacidade maior de amar, de presentear e de perdoar aos outros. Uma percepção desprovida de perdão nos leva a uma capacidade menor, ou até inexistente, de estender graça ou de conceder o perdão.

A base do perdão

Assim como os Evangelhos se iniciam com declarações de perdão dos pecados, eles terminam da mesma maneira. Na cruz, Jesus pede a Deus que perdoe seus inimigos (Lc 23.34), e depois de sua ressurreição, ele manda seus discípulos mostrarem ao mundo o caminho para o perdão dos pecados (Lc 24.47; Jo 20.23).[12]

O mais importante de tudo é que no final de sua vida, Jesus concede à igreja o sacramento da Ceia do Senhor, com o cálice simbolizando “o sangue da aliança derramado em favor de muitos para perdão dos pecados”

(Mt 26.28). Aqui, afinal, temos a resposta a todas as perguntas levantadas no Antigo Testamento, especialmente depois que Deus se revelou a Moisés em Êxodo 34.7, dizendo que ele era o Deus que "perdoa a maldade" e, mesmo assim, "não considera inocente quem é culpado". Como isso é possível? Perdoar não *significa* que escapamos da ainda de modo punição? De que maneira Deus poderia punir todos os pecados e, no entanto, nos perdoar? Os sacrifícios de animais pareciam indicar uma solução (Lv 17.11), mas era parcial. Esses sacrifícios eram custosos, mas tinham de ser oferecidos repetidamente.

Na véspera de sua morte, Jesus nos deu a resposta a todos esses enigmas. A base — o meio objetivo do perdão — é a morte expiatória de Jesus Cristo na cruz. Seu sangue "derramado", que anuncia sua morte, é o que torna possível que sejamos perdoados. Paulo criou seu próprio resumo: "Ele perdoou todos os nossos pecados, cancelando a escrita de dívida que constava contra nós e que nos condenava. Ele a removeu, cravando-a na cruz" (Cl 2.13-14). O autor de Hebreus talvez tenha falado ainda mais claramente: "Dia após dia, todo sacerdote realiza seus deveres religiosos; vez após vez, ele oferece os mesmos sacrifícios, que jamais conseguem remover pecados. Mas quando este sacerdote ofereceu um único sacrifício, uma vez por todas, assentou-se à direita de Deus" (Hb 10.11-12).

Em suma, Jesus satisfez na cruz tanto a justiça de Deus quanto o seu amor, do modo mais sábio, maravilhoso e glorioso possíveis. Este, portanto, é o foco do próximo capítulo.[13]

O ensaio breve e desconhecido de C. S. Lewis que se chama "Sobre o perdão", nos conta que, quando ainda era novo na fé em Cristo, Lewis percebeu que ao pedir perdão a Deus, na verdade ele estava pedindo que Deus o desculpasse:

> Porém, existe uma diferença enorme entre perdoar e desculpar. O perdão diz: "Sim, você cometeu esse pecado, mas eu aceito seu pedido de perdão; jamais cobrarei isso de você, e tudo entre nós vai ser exatamente como era antes". No entanto, a desculpa diz: "Vejo que você realmente não queria fazer o que fez, ou a situação estava fora do seu controle; na verdade, não foi culpa sua".[14]

Lewis alega que muitos de nós recitamos o Credo dos Apóstolos na igreja — "Eu creio [...] no perdão dos pecados" — mas, na verdade, não cremos assim. Ao contrário, pensamos que "Deus não vai nos querer de volta", a não ser que possamos montar uma defesa para mostrar que não éramos tão culpados assim. No entanto, esse não é o perdão. "O perdão verdadeiro enxerga o pecado firmemente, o pecado que [...] não é desculpável [...] e o vê em todo o seu horror, sujeira, maldade e malícia e, mesmo assim, reconcilia-se integralmente com o pecador".[15]

Isso é extremamente difícil, se não impossível, seres humanos fazerem isso sem ajuda nenhuma. No entanto, no evangelho temos ajuda em proporções sobrenaturais. Lewis explica:

> Como podemos perdoar as provocações incessantes da vida diária? Isso é possível somente se nos lembrarmos da nossa situação [...] *Ser cristão significa perdoar o indesculpável, porque Deus perdoou o indesculpável em você*.[16]

---

[1]Ashraf H. A. Rushdy, *After injury: a historical anatomy of forgiveness, resentment, and apology* (Oxford: Oxford University Press, 2018), p. 31.

[2]Ibidem.

[3]Agostinho, *The City of God* 13.12 [publicado em português por Vozes sob o título *Cidade de Deus*], citado em Derek Kidner, *Genesis: an introduction and commentary* (Downers Grove: InterVarsity, 1972), p. 69 [publicado em português por Vida Nova sob o título *Gênesis: introdução e comentário*].

[4]Kidner, *Genesis*, p. 76.

[5]Ibidem.

[6]Ibidem, p. 86.

[7]Derek Kidner, *Psalms 73-150* (London: InterVarsity, 1973), p. 446 [publicado em português por Vida Nova sob o título *Salmos 73-150: introdução e comentário*].

[8]Ibidem, p. 446.

[9]Possidius, *Life of Augustine* 31.2, tradução para o inglês de H. T. Weiskotten, M. M. Muller e R. Deferrari, em: *Early Christian biographies* (Washington: Catholic University of America, 1952), p. 67-124.

[10]Rudolf Bultmann, "Αφίημι, Αφεσις, Παρίημι, Πάρεσις", em: Gerhard Kittel, Geoffrey W. Bromley, Gerhard Friedrich, orgs., Theological Dictionary of The New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), p. 509.

[11]Duas outras palavras são: *apolyo*, "soltar", usada em Lc 6.37, e *paresis*, "passar por cima", usada em Rm 3.25.

[12]Não temos tempo para discutir dois aspectos do ensinamento dos Evangelhos sobre perdão que frequentemente são considerados problemáticos. Leon Morris aborda essas questões de maneira sucinta: "Temos de mencionar duas dificuldades. Uma é o pecado contra o Espírito Santo que jamais pode ser perdoado (Mt 12.31s; Mc 3.28s; Lc 12.10; cf. 1Jo 5.16). Esse pecado nunca é definido. No entanto, à luz do ensinamento geral do Novo Testamento, é impossível imaginar que esse pecado seja um ato específico. Em vez disso, a referência se refere à blasfêmia contínua contra o Espírito Santo de Deus por alguém que consistentemente rejeita a chamada graciosa de Deus. Essa é blasfêmia de verdade". Em outras palavras, o pecado contra o Espírito Santo é a rejeição de Jesus Cristo como Salvador. Já que é a fé em Cristo somente que traz perdão para todo pecado, a rejeição de Cristo é o único pecado que nos separa de todo perdão, inclusive o pecado da rejeição de Cristo. "A [segunda dificuldade] se encontra em Jo 20.23: 'Se perdoarem os pecados de alguém, serão perdoados'. É mais difícil pensar em Cristo deixar nas mãos dos homens a decisão sobre o perdão, ou não, dos outros. Os pontos importantes nesse versículo são o plural ('alguém' é plural no grego; o termo aponta para categorias, e não para indivíduos); e o tempo perfeito traduzido como 'serão perdoados' (significa 'tem sido perdoados', e não 'serão perdoados'). Portanto, o significado da passagem parece ser: à medida que os discípulos de Jesus sejam inspirados pelo Espírito Santo (v. 22), eles poderão dizer com certo grau de certeza quais categorias de pessoas tiveram seus pecados perdoados, e quais não tiveram." Em outras palavras, quando Jesus dá aos discípulos a capacidade de perdoar pecados, isso significa que ele lhes dá o evangelho, que explica às pessoas como elas poderão receber o perdão. Isso significa que os discípulos podem declarar quem recebeu o perdão (aqueles que confiaram na salvação de Cristo por meio de uma fé sincera) e quem não recebeu. Essas citações são extraídas de L. L. Morris, "Forgiveness", em *New Bible Dictionary*, D.R.W. Wood et. al., orgs. (Leicester: InterVarsity, 1996), p. 382.

[13]Veja a nota 4 do capítulo 5 para uma discussão sobre a "simplicidade" de Deus. Essa doutrina afirma que não pode existir contradição verdadeira entre quaisquer atributos de Deus.

[14]C. S. Lewis, "On Forgiveness", em *The weight of glory and other addresses* (New York: Touchstone, 1980), p. 133 [publicado em português por Thomas Nelson Brasil sob o título *O peso da glória*].

[15]Ibidem, p. 134-5.

[16]Ibidem, p. 135-6. O itálico é meu.

Parte 2

COMPREENDENDO O PERDÃO

CAPÍTULO 5

O DEUS DO AMOR E DA FÚRIA

> Porque Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por meio dele. Quem nele crê não é condenado; mas quem não crê, já está condenado, pois não crê no nome do Filho unigênito de Deus.
>
> — João 3.16-18 (A21)

A chave do perdão cristão é a cruz. Ela é a base do perdão porque não somente possibilita que Deus nos perdoe sem comprometer a sua justiça, mas também provê a motivação e o modelo do perdão que oferecemos a quem nos ofende. Para entender como nós — pessoas iradas e injustiçadas — podemos perdoar, precisamos ver como Deus, a pessoa supremamente ofendida, pode perdoar. A maneira pela qual Deus perdoa é por meio da cruz.

O pano de fundo do Antigo Testamento

As muitas instruções sobre o perdão no Antigo Testamento levantaram uma grande dúvida que carecia de resolução. Diante do nosso conhecimento da santidade e da justiça de Deus, é difícil entender a própria existência do perdão.

Conta-se que Heinrich Heine disse à beira da morte: "Deus vai me perdoar; é o trabalho dele". Mas a mensagem clara do Antigo Testamento é

que o perdão de Deus não pode ser tratado de uma forma leviana. O Deus do universo se mostrará santo em sua justiça (Is 5.16). Quando Deus desce até a montanha, ela se torna santa e não pode ser tocada; se alguém se aproximar, morrerá (Êx 19.23-24). "A santidade é perfeição, não apenas no sentido moral, como também no sentido geral [...] religioso, ético [...] interno, externo".[1] É a santidade de Deus que o motiva a punir o pecado (Lv 11.44-45; 19.2; 20.7; 1Rs 9.3-7). A justiça de Deus está diretamente ligada à sua santidade. Ele é sempre justo (Gn 18.25; Sl 119.137; 129.4), e não permitirá que os injustos e os transgressores fiquem sem punição (Ne 1.3s; Êx 20.7; Ez 7.4,9; 8.18; 9.10). A ira de Deus não é uma espécie de raiva descontrolada; na verdade, é a manifestação judicial de sua santidade contra o mal (Sl 6.1; 38.1; Jr 10.24).

Nada é mais claro no Antigo Testamento: Deus fará justiça, e diante do pecado ele não pode virar-lhe as costas, nem menosprezá-lo, nem ignorá-lo. Herman Bavinck se opõe "à ideia vazia de que o perdão é natural para Deus".[2] Embora "o Antigo Testamento desconheça o perdão extraído de um Deus reticente, ou comprado com suborno", ao mesmo tempo "o perdão divino não é automático [...] ou algo que faz parte da natureza das coisas. Há muitas passagens bíblicas que falam de ofensas não perdoadas pelo Senhor (Dt 29.20; 2Rs 24.4; Jr 5.7; Lm 3.42). Quando o perdão é recebido, deve ser [...] contemplado com temor e admiração".[3]

Embora o Antigo Testamento fale da justiça clara e inabalável de Deus, ele está repleto de afirmações e promessas garantindo que Deus é um Deus perdoador (Nm 14.18-20; 1Sm 25.28; 1Rs 8.30-33; Sl 25.11; 32.1-2,5,51; 103.3; 130.4; 143.2). Quando Isaías encontra o Deus três vezes santo, elevado e sublime, o profeta, angustiado, confessa sua pecaminosidade radical. Deus imediatamente lhe oferece o perdão dos pecados (Is 6.7). É dessa maneira que o Antigo Testamento ensina que Deus perdoa, e esse perdão é um dom extraordinário e inexplicável.

No cerne da revelação do Antigo Testamento mora um paradoxo aparente, evocado mais nitidamente em Êxodo 34.6-7 e Números 14.18-20. Em Números 14 nós lemos: "O SENHOR é tardio em irar-se e o amor dele

transborda; perdoa o pecado e a rebelião; no entanto, não deixa o culpado sem punição" (v. 18). No monte Sinai, Deus declara seu nome a Moisés:

> Tendo o SENHOR passado diante de Moisés, proclamou: SENHOR, SENHOR, Deus misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e cheio de amor e de fidelidade; que usa de amor com milhares; que perdoa a maldade, a rebelião e o pecado; que de maneira alguma deixa de punir o culpado (Êx 34.6-7).

O hebraico é ainda mais enfático, pois diz, literalmente, que de maneira alguma Deus considera o culpado como se fosse inocente.

A tensão é grande. E como podemos resolvê-la? Deus é amoroso e perdoa o culpado ou Deus é justo e pune o culpado? Deus é as duas coisas, mas como isso é possível? A resposta definitiva não é revelada até chegarmos ao Novo Testamento. Deus é tanto um Deus de amor quanto de ira. Na cruz, percebemos que esses atributos não entram em conflito, mas trabalham juntos para salvar o mundo.

Nosso conceito de Deus

Poderíamos dizer que João 3.16 é o versículo mais famoso da Bíblia. É um versículo "confortável", mas somente quando o tiramos do contexto. No versículo seguinte, o texto fala de "condenação" e, um pouco depois, em João 3.36, essa palavra é explicada de maneira incisiva: "Quem crê no Filho tem a vida eterna; quem, porém, rejeita o Filho não verá a vida, pois sobre ele permanece a ira de Deus".

As pessoas, na modernidade, têm dificuldade de lidar com a ideia de um Deus irado que condena. No entanto, no livro de João, a Bíblia coloca a condenação próxima ao versículo mais famoso sobre o amor. Em outras palavras, a Bíblia nunca considera o amor de Deus e a ira de Deus em oposição. De fato, a Bíblia nos diz que em Deus esses atributos não se contradizem — e mais ainda, eles não fazem sentido separadamente. Os dois aspectos estabelecem um ao outro.[4]

Deus é tanto amor quanto fúria. Não que Deus tenha uma dupla personalidade, alternando-se entre amor e ira. Sua ira e seu amor são

coerentes porque não são como os nossos; em vez disso, são perfeitamente santos e bons. Quando nos iramos, geralmente é porque as coisas que mais amamos estão sendo ameaçadas. Contudo, por causa do pecado, os objetos supremos do nosso amor incluem nossa imagem pública, nosso ego ou um plano estimado que finalmente irá nos satisfazer. Quando essas coisas são ameaçadas, nós nos iramos e, frequentemente, machucamos pessoas e destruímos as coisas ao nosso redor.

Quando vemos todas as instâncias da ira de Deus na Bíblia, imaginamos instintivamente que a ira dele deve ser igual à nossa, e então nos revoltamos. No entanto, a ira de Deus *não* é orgulho ferido, como é o nosso caso. Deus fica irado somente quando o mal destrói as coisas que ele ama: a Criação e a humanidade que ele fez para a sua própria glória e para a nossa felicidade.

Deus não é apenas um Deus de amor ou um Deus de ira. Ele é os dois. E se os dois não couberem em seu conceito de Deus, sua perspectiva da realidade em geral será distorcida, seu conceito do perdão inclusive.

Se você imaginar apenas um Deus amoroso que nunca diz não, ou se imaginar um Deus irado que nunca diz sim, isso deixará a sua vida distorcida. Essa visão afetará a sua maneira de viver e encarar a vida. Afetará a sua tomada de decisões, e como você se relaciona com outras pessoas, com você mesmo e com o mundo ao seu redor. Talvez seja muito simplista (mas nem tanto) dizer que, se você acreditar apenas num Deus de amor, você viverá como se fosse uma criança mimada. No entanto, se você acreditar apenas num Deus de ira, você viverá como se fosse uma criança que sofre maus-tratos.

Em nenhum outro lugar na Bíblia vemos o amor e a fúria de Deus juntos tão evidentemente como vemos na cruz. Lá, os dois se encontram, coincidem, e são satisfeitos. Quando compreendemos a obra de Cristo na cruz, e nos alegramos nela, ficamos longe de viver como crianças mimadas ou maltratadas.

A ira de Deus expressa o amor

A ideia de que existem padrões morais absolutos, que são corretos a despeito do que as pessoas creem, e que Deus punirá aqueles que os infringirem, está desaparecendo entre as elites da civilização ocidental, e essa ideia é, para muitos, revoltante. Mas veja só! A lei de Deus, resumida por Jesus (Mt 22.36-40), é a ordem de amar de modo correto, proporcional e completo. O descumprimento dessa lei destrói a criação, outras pessoas, e o nosso próprio coração — coisas que Deus fez e ama. Portanto, quando desobedecemos à sua lei, a ira de Deus é tanto um convite para que amemos quanto uma expressão de seu amor.

C. S. Lewis escreveu um trecho famoso sobre a impossibilidade de incutir uma ética de amor sem um Deus de ira que modele comportamento amoroso e puna comportamento não amoroso. Lewis descreve as tentativas de uma educação moral moderna de desenvolver caráter em jovens que aprenderam o relativismo moral. "Em uma espécie de simplicidade mórbida, retiramos um órgão de uma pessoa e exigimos que ele funcione. Produzimos homens sem peito e esperamos deles a virtude e a iniciativa. Zombamos da honra e ficamos chocados ao encontrar traidores em nosso meio. Nós os castramos e exigimos que sejam férteis".[5] Se todos os valores morais e construções morais são relativas, como é que você pode argumentar que todos nós *devemos* tratar uns aos outros com amor, sem explorar o outro? Como é que você pretende motivar as pessoas a realizarem os sacrifícios necessários para fazer justiça, se você lhes falar que não existe nenhum amor divino, redentor, no universo? Será que você apelará ao interesse próprio delas e dirá: "O mundo vai funcionar melhor assim"? Isso não é mesmo um apelo ao egoísmo? Se essa for a única maneira de justificar uma afirmação moral, por que as pessoas não poderiam ser egoístas de uma maneira que lhes fosse prática?

A ideia de um Deus pessoal e infinito em amor é exclusiva ao cristianismo. De onde tiramos a ideia original de que Deus é um Deus de amor? Será que simplesmente lemos o jornal, observamos a condição do mundo e afirmamos: "Ah, é tão óbvio que Deus é um Deus de amor"? Não. A ideia não surgiu assim. Será que lemos a história da humanidade e dizemos: "Ah, ficou evidente que Deus é um Deus de amor"?

Essa ideia veio por meio da leitura dos textos de outras religiões? Você enxerga neles o conceito de um Deus que é um pastor amoroso e pessoal, um aliado, um Pai íntimo, um irmão, um noivo? Não, a ideia não veio dessas fontes.

Bavinck, em sua obra *Dogmática reformada*, observa que muitas religiões orientais ensinam que qualquer desigualdade que experimentamos nesta vida se deve a "pensamentos, palavras e obras que cogitamos, falamos e cometemos em uma vida anterior". Dessa maneira, "no mundo moral prevalece a lei inquebrável do *carma*. Não há perdão, apenas retribuição".[6] Não, a ideia de um Deus amoroso não vem dessas religiões.

Será que nós tiramos a ideia de que Deus é amor ao olharmos para a natureza e a sua beleza? Esse caminho parece mais promissor, até que comecemos a examiná-lo mais a fundo. Pense na teoria moderna da evolução, que é absolutamente brutal: apenas os mais "aptos" sobrevivem. "A natureza não conhece o perdão; ela não se importa, nem um pouco, com a auto-humilhação e a confissão das transgressões".[7] Annie Dillard, em seu livro *Pilgrim at Tinker Creek*, ganhou o prêmio Pulitzer por sua descrição da violência que havia observado na natureza em torno do riacho perto de sua casa nas montanhas.[8] Não, a ideia não veio de lá.

O conceito de um Deus amoroso veio da Bíblia e foi considerado muito peculiar e estranho. A sociedade humana podia entender um Deus que era principalmente um Deus de ira, que exigia deferência ou que poderia ferir o ofensor; mas as pessoas não conseguiam entender um Deus misericordioso, amoroso, que criou nós todos à sua imagem e que então perdoa as pessoas que fizeram coisas erradas. A sociedade não gosta da ética do amor: *Virar a outra face. Tratar cada pessoa (até as mais fracas) como se fossem infinitamente valiosas*. Como vimos antes, quando os pagãos antigos descobriram a noção cristã de misericórdia e perdão, eles se ofenderam e acharam que a ideia era muito perigosa e impraticável. No entanto, a perspectiva cristã prevaleceu em muitos lugares e transformou o mundo.

Um amigo meu estava fazendo um curso de doutorado em Yale, e me contou o que as pessoas atualmente pensam sobre a escravidão e o que

reiteradamente dizem: "Como é que as pessoas aceitaram uma monstruosidade dessas?". Meu amigo disse: "Os historiadores não pensam dessa maneira. A pergunta que fazem é: 'Em vista do fato de que todas as sociedades acreditavam que tinham o direito de atacar e escravizar os povos mais fracos, e todo mundo sempre vivia dessa forma, a pergunta histórica real é: Por que alguém pensou um dia que isso era errado? Quem teve essa ideia primeiro?". Então meu amigo respondeu à sua própria pergunta, com a observação de que as primeiras vozes dos séculos 4, 17, 18 e 19 que apoiavam a abolição da escravidão eram todas cristãs. E os cristãos que reivindicaram essa justiça acreditavam que existe um Deus de amor que exige que amemos o nosso próximo — *todos* eles — como a nós mesmos.

A ira de Deus é a expressão de um Deus amoroso que exige, por direito, o amor dos seres humanos uns para com os outros e para com ele.

O amor de Deus expressa a ira

Em última análise, a ira de Deus tem a ver com o amor. Portanto, muitas vezes o amor de Deus se expressará em ira. Em seu livro *Hope has its reasons* [A esperança tem suas razões], Rebecca Manley Pippert pergunta: "Como reagimos quando vemos uma pessoa querida devastada por ações ou relacionamentos impróprios [...] Será que respondemos com tolerância inócua?". A autora viu dois amigos talentosos se destruírem por causa de abuso de drogas. Ela disse: "Fico furiosa quando estou com eles. Quero dizer: 'Vocês não estão vendo? Vocês não sabem que estão se prejudicando? A cada encontro, você parece mais distante de quem realmente é!'".

"O amor verdadeiro", ela diz, "resiste contra o engano, a mentira e o pecado que destroem. A ira e o amor estão ligados inseparavelmente na experiência humana". "E se eu, uma mulher imperfeita, narcisista e pecadora sente tanta dor e ira sobre a condição de alguém, quanto mais um Deus moralmente perfeito, o criador deles? A ira não é o oposto do amor. O ódio é o contrário, e a forma final do ódio é a indiferença".[9] Então, mesmo

em nós seres humanos falhos, o amor e a ira não se opõem um ao outro, mas podem ser interdependentes.

Vemos isso na Bíblia toda. De um lado, a Bíblia fala da oposição de Deus ao pecado e ao mal, usando linguagem incisiva. Mas por outro lado, o Senhor chora quando vê o pecado. Seu "coração está cheio de dor" por causa do pecado (Gn 6.6).[10] Ele chora sobre o pecado de Israel e fala de sua profunda compaixão (Os 11.8). Jesus chora sobre a Jerusalém pecaminosa (Lc 19.41-44). Essa atitude não é nem severa nem uma concessão ao pecado.

A Bíblia não revela um Deus simplesmente de fúria, ou um Deus simplesmente de amor. Ela revela um Deus de amor e de fúria, pois Deus é santo. Amor santo. Ira santa. Isso significa que sua oposição implacável ao mal manifesta-se em sua vida. O universo foi criado de tal maneira que, se você transgredir a lei de Deus, estará transgredindo-a contra você mesmo. Você pode até *esconder* seus pecados, mas nunca pode *fugir* deles. E Deus fez o mundo assim por causa do seu amor.

Deus em toda sua glória é revelado na cruz

No entanto, pelo fato de que neste mundo — e em nossos corações — o amor e a ira estarem em conflito, precisamos de ajuda para entendermos quem é Deus. A nossa tendência é adotar uma espécie de religião "conservadora" que é rigorosa e baseada em um Deus severo, ou em uma religião "liberal" que é relativista que enxerga Deus meramente como um ser acolhedor. Como podemos evitar essas duas distorções?

Se o Deus verdadeiro é um Deus tanto de amor quanto de fúria, então a realidade de Deus é revelada de maneira suprema na cruz. É para lá que precisamos ir para curar o nosso entendimento e receber um coração íntegro.

Horatius Bonar (1808-1889) foi pastor da Free Church da Escócia, e escreveu mais de 140 hinos sobre temas diversos. Diziam que ele tinha

"poesia na alma", mas seu coração estava engajado em demonstrar a maneira em que a cruz nos salva.[11] Em um de seus livros, ele escreveu:

> Deus é Pai; mas ele também é Juiz. Será que o Juiz se submete ao Pai, ou o Pai se submete ao Juiz? [...] O seu amor pelo pecador será encoberto por seu ódio ao pecado, ou seu ódio ao pecado será encoberto por seu amor pelo pecador? Deus jurou que ele não tem prazer na morte do ímpio (Ez 33.11); mas ele também jurou: a alma que pecar, morrerá (Ez 18.4). Qual dos juramentos será cumprido? Um se submeterá ao outro?

Bonar amontoa esses pares de versículos bíblicos, todos os quais são meras versões e ecos daquela "contradição" aparente em Êxodo 34.7: "perdoa a iniquidade [...] mas de maneira alguma considera inocente o culpado". Bonar resume: "Lei e amor [...] Um não se submete ao outro. Os dois hão de permanecer, senão os pilares do universo serão abalados".[12] Essa tensão, de diversas maneiras, direciona a narrativa da Bíblia inteira. No entanto, o desfecho não é simplesmente a morte de Cristo, mas a sua morte voluntária como segunda pessoa do Deus trino, como substituto em nosso lugar. O resumo clássico dessa doutrina, inigualável em sua brevidade e claridade, é de John Stott, no livro *A cruz de Cristo*:

> Poderíamos afirmar que o conceito da substituição está no cerne tanto do pecado quanto da salvação. Pois a essência do pecado é o homem que se coloca no lugar de Deus, enquanto a essência da salvação é Deus que se coloca no lugar do homem. O homem se impõe contra Deus, e se coloca no lugar onde somente Deus merece estar; enquanto Deus se sacrifica pelo homem, e se coloca no lugar onde somente o homem merece estar. O homem reivindica prerrogativas que pertencem exclusivamente a Deus; Deus aceita a punição que pertence exclusivamente ao homem.[13]

O próprio apóstolo Paulo diz que "o derramamento de sangue" (Rm 3.25) abriu o caminho para que Deus fosse "justo, e também justificador" daqueles que creem (Rm 3.26). Justo, porém perdoador.

> O amor e a Lei — ambos triunfaram. Um não se submeteu ao outro. Cada um permaneceu firme; melhor ainda: cada um é [...] honrado e glorificado. Jamais existiu amor como o amor de Deus — tão grande, tão sublime, tão intenso, tão abnegado. No entanto, a lei nunca foi tão pura, tão ampla, tão gloriosa, tão inexorável.
>
> Não houve *concessões*. A Lei e o amor exerceram seus papéis abrangentes. Nenhuma letra ou traço foram sacrificados. Um lado, com toda a sua severidade; o outro com toda a sua compaixão.

> O amor nunca foi tão verdadeiro, e a Lei jamais foi tão contundente, a não ser nessa conjunção dos dois.[14]

Quando Paulo medita nessa verdade, ele frequentemente irrompe em doxologia: "Ó [...] as riquezas, a sabedoria e o conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! [...] Pois todas as coisas são dele, por ele e para ele" (Rm 11.33,36).

A cruz não apenas dá uma suspensão temporária da condenação. A Bíblia nos diz que Cristo se apresenta diante do Pai como nosso representante legal, nosso advogado (1Jo 2.2; Hb 7.25; Rm 8.33-34). Isso significa que a Lei, que era nossa inimiga, e exigia nossa punição, agora se torna nossa amiga, exigindo nossa aceitação. Como assim? A Lei foi perfeitamente cumprida por nosso substituto, então seria *injusto* Deus nos acusar! Se Deus exigisse nossa punição por qualquer pecado, seria uma cobrança duplicada da mesma dívida (pois Jesus já pagou). Agora Jesus fica diante do Pai, em certo sentido, exigindo não a misericórdia, mas a justiça para nós. Temos tanto a sua Lei quanto o seu amor em nosso *favor*. Não poderíamos estar mais seguros.

João escreve: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados" (1Jo 1.9). Perceba que João não diz meramente que Deus perdoa porque é misericordioso, embora isso seja verdade. A nossa aceitação por Deus é também uma questão de justiça. Deus já recebeu o pagamento completo por meus pecados, e seria injusto exigir um segundo pagamento. Augustus Toplady, autor de muitos hinos, expressou desse modo a ideia:

> Se tu meu perdão asseguraste,
> E livremente em meu lugar sofreste
> A ira divina plena,
> Duas vezes Deus não pode exigir,
> Primeiro da mão sangrenta do meu fiador
> E novamente, da minha.[15]

Bonar conclui:

> Na cruz, naquela combinação do judicial e do paternal [...] a Lei se tornou a fonte e o veículo do amor [...] para que [...] o amor fosse o cumprimento da Lei. A Lei que era contra o pecador se tornou aliada dele.[16]

Um Deus abusivo?

Na cruz, a ira de Deus e o amor de Deus agora ardem por você e não contra você. Os dois brilham igualmente, de forma interativa e mútua, para você. Se você não compreender a expiação substitutiva de Jesus Cristo, de modo teológico e existencial — feita *para você, em seu lugar* —, você será, espiritualmente falando, como uma criança mimada ou negligenciada. Duas perguntas podem nos ajudar a saber se compreendemos essa verdade e se ela realmente faz parte da nossa vida.

Quando acontece algo que revela seus pecados mais nitidamente do que você queria ver ou admitir, você se afasta de Deus ou se aproxima dele? Se você preferir se afastar de Deus, da oração e da igreja, isso mostra que você não entendeu o que Jesus realmente fez. No entanto, se você entendesse, seu diálogo interior com Deus seria parecido com este: "Jesus, antes eu sabia que o Senhor morreu por mim e me aceitou, mas não tinha ideia do quão pecador e tolo eu era. Agora eu sei que o seu amor é maior do que eu pensava. A sua misericórdia é mais generosa e imerecida do que eu pensava!". Se você entendeu a cruz, então a descoberta de novas fraquezas profundas em sua vida o impele para mais perto de Deus e não para mais longe dele.

Muitas pessoas lutam com sentimentos de inadequação e vergonha. Parece que elas têm uma voz interior que está sempre as chamando de tolas, idiotas ou fracassadas. Ao caminharem pela rua, de repente, uma voz diz: "Você acha que será amada por alguém? Você se acha cristã? Olha o que você fez". Como é que você lida com isso? A criança negligenciada inventa desculpas. Você começa a discutir com a voz? "Bom, hoje foi um dia difícil", ou "É, o que eu fiz não foi legal, mas se você tivesse a mãe que *eu tenho*". Ou você procura ler um livro que lhe diga que ninguém tem o direito de fazê-lo sentir culpado sobre nada? Nada disso funciona. A voz continua.

No entanto, se você realmente compreende e se regozija no que Jesus fez na cruz, poderá dizer à voz — ou a qualquer pessoa que falar com você dessa maneira: "Mesmo que eu não tivesse feito aquilo que provoca em mim um sentimento de culpa, eu não seria aceitável diante de Deus. Eu não consigo fazer isso! Ninguém consegue! Mas Jesus pode, e ele fez. Ele mesmo pagou um preço infinito por isso. Agora estou nele. Jesus *é* minha sabedoria, justiça, santificação e redenção."

Se você tem um Deus que é apenas ira, e se compreende muito pouco do que aconteceu na cruz, você se tornará uma pessoa impulsiva. Você se esforçará para ser uma pessoa normal. Tentará ser uma boa pessoa, mas sempre se sentirá indigna. Será difícil se tornar uma pessoa amável, pois o medo não consegue despertar o amor. Somente o amor pode despertar e nutrir mais amor.

Quando a voz de sua consciência (ou talvez do próprio Satanás) dizer: "Suma daqui, seu miserável! Que vergonha tenho de você", lembre-se da cruz e escute a voz de Jesus: "Amado, vem aqui. Eu carreguei a culpa".

Um Deus distante e isolado?

Veja outra pergunta para outro tipo de pessoa. Talvez você tenha sido criado com o que hoje é chamado de uma perspectiva iluminista de Deus. Isto é, ou você não acredita em Deus ou acredita em um Deus que não sabe dizer não nem sabe confrontá-lo. Você não acredita em trechos da Bíblia que acha ultrapassados. E se acredita em Deus, ele é um espírito solidário de amor e vida, e, na melhor das hipóteses, um auxiliar em sua jornada para alcançar os objetivos que você mesmo escolheu. Você vive como bem entende.

Sabemos os danos causados em crianças cujos pais são distantes e ausentes, quando não se envolvem na vida dos filhos, ou nunca contrariam a vontade deles, ou nunca os disciplinam. A curto prazo, as crianças adoram essa vida. Elas fazem o que querem! Porém, mais cedo ou mais tarde, elas se sentem órfãs e, na prática, de fato são. A ironia é que os pais que nunca estabelecem regras ou nunca disciplinam os filhos — que os bajulam — estão deixando de amá-los. Crianças amaldiçoadas com pais desse tipo

experimentam desequilíbrio emocional pelo resto da vida. Não sabem onde estão os limites, onde ficam as fronteiras.

Quando se trata de Deus, muitas pessoas agem dessa maneira. São "espirituais, mas não religiosas". Elas querem um Deus que não condene nada. Querem um Deus que as inspire, mas que não estabeleça regras que precisem ser obedecidas. Buscam sucesso na carreira, ou recorrendo a relacionamentos e ao sexo a fim de receberem afirmação pessoal, mas parece que nada os satisfaz. Elas são relativistas morais quando alguém lhes diz como viver, mas são absolutistas morais quando estão ditando como os outros devem se comportar. Percebem a incoerência, no entanto, não sabem o que fazer para resolvê-la.

Porém, se realmente entender o que Jesus fez por você na cruz, e se alegrar nisso, você se livrará da culpa e da vergonha que as religiões moralistas podem lhe trazer. Ao mesmo tempo, você se sente obrigado a viver de maneira a agradar aquele que morreu por você — e *esse tipo de obediência não é um fardo; é um prazer*. Você quer levar alegria àquele que lhe trouxe tanta alegria. Cowper resumiu desta forma: "Ver a Lei sendo cumprida por Cristo [...] transforma um escravo numa criança, e o dever, em escolha".[17] Cowper estava considerando uma passagem do apóstolo Paulo em Romanos 8:

> Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque o Espírito que vocês receberam não é de escravidão, para que vivessem com medo novamente; ao contrário, o Espírito que receberam possibilitou a sua adoção como filhos. Por meio dele clamamos: *Aba*, Pai! O próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus (Rm 8.14-16).

Somente a compreensão do que Jesus fez na cruz — a doutrina da expiação substitutiva — poderá prevenir essas distorções espirituais que descrevemos. Somente essa doutrina nos impede de pensar que Deus é fundamentalmente santo com um pouco de amor ou fundamentalmente amoroso com um pouco de santidade. Em vez disso, Deus é santo e amoroso por igual, de maneira interdependente. Somente essa perspectiva de Deus transforma a pessoa mimada ou negligenciada em uma pessoa saudável e amada.

Apenas essa perspectiva de Deus e da cruz nos habilita a exercer o perdão humano, atribuindo igual peso à justiça e à misericórdia. Sem essa doutrina, a dimensão vertical e a dimensão divina se atrofiam. Neste caso, o perdão humano se torna uma mera caça à liberdade emocional ou a uma vingança qualquer.

A doutrina da cruz é maravilhosa, única, transformadora e libertadora. Exclamemos com o escritor da epístola de Hebreus: "Como escaparemos se negligenciarmos tão grande salvação?" (Hb 2.3).

---

[1]Herman Bavinck, *Reformed Dogmatics*, vol. 2, *God and Creation*, John Bolt, org., John Vriend, trad. (Grand Rapids: Baker, 2004), p. 219 [publicado em português por Cultura Cristã sob o título *Dogmática reformada*].

[2]Ibidem, vol. 4, *Holy Spirit, Church, and New Creation*, John Bolt, org., John Vriend, trad. (Grand Rapids: Baker, 2008), p. 179-80.

[3]L. L. Morris, "Forgiveness", em New Bible Dictionary, D.R.W. Wood et. al., orgs. (Leicester, Downers Grove: InterVarsity, 1996), p. 381.

[4]Isso faz parte da doutrina da "simplicidade" de Deus. A simplicidade de Deus significa que todos os seus atributos são idênticos a sua essência singular. O amor de Deus e a justiça de Deus jamais se opõem um ao outro, porque são facetas de seu ser essencial. A justa ira de Deus contra o pecado que nos destrói é uma expressão do seu amor, e seu amor é uma expressão da sua justiça. Assim, a cruz não "resolve a contradição" entre o amor e a justiça de Deus. Em vez disso, ela expressa em tempo real de que maneira o amor e a justiça de Deus trabalham juntos. Para saber mais sobre a simplicidade de Deus, ver Herman Bavinck, *Reformed Dogmatics* [publicado em português por Cultura Cristã sob o título *Dogmática Reformada*, 4 vols.]. "A unicidade de Deus, porém, não consiste apenas em uma unidade de singularidade, mas também em uma unidade de simplicidade. O fato é que a Escritura, para descrever a plenitude da vida de Deus, usa não apenas adjetivos, mas também substantivos. A Bíblia nos diz não apenas que Deus é verdadeiro, justo, vivo, iluminador, amoroso e sábio, mas também que ele é a verdade, a justiça, a vida, a luz, o amor e a sabedoria (Jr 10.10; 23.6; Jo 1.4,5,9; 14.6; 1Co 1.30; 1Jo 1.5; 4.8). Portanto, por causa de sua perfeição absoluta, cada atributo de Deus é idêntico a sua essência. Mais tarde, a teologia ensinou essa doutrina bíblica sob o termo 'a simplicidade de Deus'". Bavinck, *Reformed Dogmatics*, vol. 2, p. 173-7.

[5]C. S. Lewis, *The abolition of man* (New York: HarperOne, 2015), p. 27 [publicado em português por Thomas Nelson Brasil sob o título *A abolição do homem*].

[6]Bavinck, *Reformed Dogmatics*, vol. 4, p. 179-80.

[7]Ibidem.

[8]Annie Dillard, *Pilgrim at tinker creek* (New York: HarperCollins, 1974).

[9]Rebecca Manley Pippert, org., *Hope has its reasons* (Downers Grove: IVP Books, 2001), p. 101. Ver cap. 4, "What Kind of God Gets Angry?".

[10]Essa frase é de minha tradução.

[11]Ver o ensaio biográfico breve, porém proveitoso, sobre Bonar, por Sinclair Ferguson, disponível em: www.desiringgod.org/articles/his-hymns-make-souls-feel-whole.

[12]Horatius Bonar, *The everlasting righteousness* (1874; reimp. Edinburgh: Banner of Truth, 1993), p. 3-4.

[13]John R. W. Stott, *The cross of Christ* (Downers Grove: InterVarsity, 1986), p. 160 [publicado em português por Vida sob o título *A cruz de Cristo*].

[14]Bonar, *Everlasting righteousness*, p. 4.

[15]Citado por J. I. Packer, "Sacrifice and Satisfaction" em: James M. Boice, org., *Our Savior God: studies on man, Christ, and the Atonement* (Grand Rapids: Baker, 1980), p. 137.

[16]Bonar, *Everlasting righteousness*, p. 12.

[17]William Cowper, "Love Constraining to Obedience", em: Davie Donald, org.; *The new Oxford book of Christian verse* (Oxford: Oxford University Press, 1981), p. 195-6.

CAPÍTULO 6

Justiça e amor, glória e abuso

> Embora a tua súplica seja por justiça, consideres isto: no decurso da justiça, ninguém verá a salvação. Oramos, sim, por misericórdia, e essa mesma oração nos ensina a praticar obras de misericórdia.
>
> — WILLIAM SHAKESPEARE[I]

Deus é um Deus tanto de ira quanto de amor, e ambos se cumprem concomitantemente na cruz. Quão maravilhoso é o fato de que a justiça e o amor são perfeitamente integrados na essência de Deus! No entanto, na sociedade e em nossos corações, parece que os dois estão em constante combate mortal.

A justiça e o amor de Deus transformam uma cultura de vergonha e honra

As sociedades antigas eram culturas de vergonha e honra, baseadas não em dignidade humana igualitária, mas em uma hierarquia de honra e status social. Nessas culturas, a prática da vingança era absolutamente necessária para manter a honra das pessoas. Um homem que não se vingasse não seria digno de respeito. Nesse tipo de cultura, nem justiça nem amor eram importantes.

Penalidades justas, cuidadosamente calculadas, eram menos importantes que o direito das vítimas de buscarem "a satisfação da honra" e a vingança.

Não causa surpresa a inexistência de exortações nas sociedades pré-cristãs no sentido de "amar aqueles que os ofendem".

Em geral, os estoicos aconselhavam as pessoas a não praticarem a vingança, porém um exame mais cuidadoso do seu raciocínio revela muito. Uma maneira de vencer a amargura e atingir os malfeitores, sem as complicações da vingança, era o desprezo ("Não se incomode com nada que lhe disserem"). Esse desdém, na verdade, era uma maneira de punir o infrator, enquanto a vítima se livrava da ira excessiva. "Resignação, não perdão, era o meio estoico de lidar com pessoas intransigentes ou com circunstâncias difíceis."[2] A ira era abrandada, não com a prática da justiça, nem com o amor, mas pelo desligamento do coração.

A Bíblia, porém, estabeleceu princípios que subverteriam a cultura de honra. O livro de Provérbios ensina:

> Evitar conflitos é motivo de honra para o homem, mas todo insensato se apressa para brigar (Pv 20.3).
>
> A arrogância do homem o abaterá, mas o humilde de espírito obterá honra (Pv 29.23).

Aqui temos um princípio revolucionário que desafiou a sociedade pagã: é mais honroso não se preocupar muito com a própria honra. Em boa parte das culturas, as pessoas que revidavam com mais celeridade tinham a maior honra em jogo. Mas Provérbios diz que essas pessoas, na verdade, são mais insensatas. O ensinamento sobre a insensatez nos livros bíblicos de sabedoria é muito rico, mas podemos afirmar que, biblicamente, o insensato é de modo nocivo autorreferente por causa da insegurança e de um vazio interior. De acordo com a Bíblia, a pessoa que se defende é a mais fraca, não a mais forte.

O versículo mais contracultural da Bíblia é Provérbios 29.23, que afirma: é a arrogância que derruba as pessoas, e é apenas a humildade e a autorrenúncia que lhes acrescentam honra e respeito. Nada podia ser mais contraintuitivo para as culturas antigas do Oriente e do Ocidente. A implicação é esta: as pessoas mais fortes não são levadas pela raiva a

atacarem os semelhantes, contudo prosseguem com autocontrole total para fazer justiça e amar o próximo.

Na antiguidade, somente as escrituras hebraicas providenciaram a perspectiva de um Deus que era infinitamente glorioso e maior do que nós, diante de quem apenas a humildade mais profunda é apropriada.

A justiça e o amor de Deus criam uma comunidade de reconciliação

Palavras revolucionárias sobre o amor ao próximo são inseridas nos regulamentos cerimoniais do livro de Levítico num texto bem famoso. O próprio Jesus cita e expõe Levítico 19.17-18. Um estudioso disse, "o sentimento que subjaz esse aforismo era singular no mundo antigo e representa um dos preceitos morais mais proeminentes do Antigo Testamento".[3]

> Não odiarás o teu irmão no coração. Não deixarás de repreender o teu próximo, para que não sofras por causa do pecado dele. Não te vingarás nem guardarás ódio contra gente do teu povo; pelo contrário, amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o SENHOR (Lv 19.17-18, A21).

Esses dois versículos explicam como Deus queria que a comunidade da aliança agisse quando uma pessoa ofendesse a outra.[4]

Três coisas são proibidas. Não devemos *buscar vingança*, ou pagar a pessoa com a mesma moeda. No entanto, não basta simplesmente deixar de praticar certas ações. Também não devemos *nutrir o ódio* em nossos corações. *Odiar* é uma tradução da palavra hebraica que significa literalmente "diminuir o status", ou seja, desprezar ou menosprezar a pessoa que nos ofendeu. Também não devemos *guardar rancor*. Mesmo que sentimentos negativos sejam inevitáveis no começo, nós não devemos nutri-los ao longo do tempo.

No entanto, há duas coisas que os cristãos *precisam* fazer na hora do conflito: repreender *e* amar a pessoa que os ofendeu.

A repreensão tem de ser franca, uma palavra que significa apontar o erro de outra pessoa. O texto acrescenta uma frase intrigante: "para que não

sofras por causa do pecado dele". Isso indica que nós compartilhamos a culpa do agressor *se deixarmos de confrontá-lo e não procurarmos coibir o seu comportamento*. Em outras palavras, Deus nos responsabiliza, mesmo que sejamos a vítima no primeiro momento, se deixarmos de buscar a justiça quando for apropriado.

O mandamento de não guardar rancor é claramente um convite ao perdão. No entanto, vemos aqui uma abordagem do perdão com nuance notável. Nós devemos perdoar e confrontar os transgressores sobre o seu pecado. A justiça e a misericórdia se unem perfeitamente.[5]

Por que devemos agir dessa maneira? A resposta é facilmente despercebida no texto de Levítico 19.18. Depois da breve exortação vem a declaração simples: "Eu sou o SENHOR". Levítico é bem conhecido por seus regulamentos éticos seguidos pela afirmação: "Eu sou o SENHOR". É crucial compreendermos o significado disso. A justiça e o amor *têm* de ser unidos em nós porque são unidos no Senhor. *É possível* unirmos a justiça e o amor porque eles são unidos no Senhor, e ele nos ajudará.

Outro texto do Antigo Testamento sugere que, se *não unirmos* o amor e a justiça em nossas relações pessoais, no fim das contas não faremos nem uma coisa nem outra. Provérbios 24.29 é um retrato da estrutura psicológica do ressentimento.

> Não digas: "Farei contra ele como fez a mim; pagarei a cada um de acordo com seus atos" (Pv 24.29).

O coração mascara a vingança como se fosse a justiça: "Tudo será perfeitamente justo e imparcial. Eu simplesmente os ferirei do mesmo modo que eles me feriram". Mas raramente isso acontece. Caim ressentiu-se com o favor que Abel recebeu de Deus, e porque ele não conseguiu dominar o seu ressentimento, o caso acabou em assassinato (cf. Gn 4.6-7). Talvez o seu coração irado comece dizendo: "Eu os ferirei apenas na mesma medida que eles me feriram", mas rapidamente o sentimento se transforma: "Pois é, eles me atacaram primeiro, então merecem *mais* do que fizeram a mim". Logo cai a máscara da suposta justiça e revela-se a face da vingança.

As implicações já são óbvias. Não é suficiente perdoar os transgressores; você também precisa lhes falar sobre a injustiça que cometeram. Por outro lado, também não é suficiente apenas buscar a justiça. Se não perdoá-los, você ultrapassará a justiça alcançando assim a vingança. Enfim, você não se livrará do que fizeram. O padre Henri Nouwen escreveu: "Se eu não perdoar, ficarei amarrado ao desejo de vingança, e dessa forma perderei a minha liberdade. O perdoado perdoa. Isso é o que proclamamos quando oramos: 'Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores'. Essa luta diária está no âmago da vida cristã."[6]

Portanto, há duas maneiras de buscar a justiça — motivado por justiça ou motivado por amor. Você pode buscar a justiça para aplacar a sua própria ira e para fazer o transgressor sofrer, mas isso só serve para endurecer o seu próprio coração e você se tornará mais propenso a ferir alguém no futuro. Além do mais, esse caminho permite que o transgressor exerça controle sobre você. No entanto, você pode buscar a justiça — como sugere o versículo de Levítico — motivado por amor. É a nossa responsabilidade ajudar os transgressores a enxergarem seu próprio pecado. Fazemos isso por causa do nosso amor: a eles (Gl 6.1), às futuras vítimas, à comunidade humana e por amor a Deus. Isso só será possível se perdoarmos e ao mesmo tempo buscarmos a justiça.

O Novo Testamento nos dá mais insights sobre a combinação de justiça e amor, mas reservarei a maior parte deles para os próximos capítulos. Entretanto, é importante considerar um deles agora. Cristãos que buscam a justiça precisam ser guiados pela cruz.

Sabemos que Deus *não* nos deu o que merecemos. É Jesus quem recebeu a pena máxima por causa dos nossos pecados. A punição que merecemos por nossa vida de pecado cai sobre Jesus, para que a recompensa que ele merece por sua vida perfeita e maravilhosa seja creditada a nós. Esse entendimento clássico da doutrina de justificação pela fé, e não pelas obras, é uma espada de dois gumes. Por um lado, vemos a preocupação permanente de Deus em fazer justiça. Ele não abanou a mão para a raça humana e disse: "Tudo bem, eu perdoo todos vocês pela maldade que fizeram! Vamos em frente". Ele levou a justiça tão a sério que a segunda

pessoa da Trindade assumiu a natureza humana, viveu como servo e morreu na cruz, pagando ele mesmo a dívida com a justiça. Portanto, nós também temos de ter paixão pela justiça!

Por outro lado, a doutrina da justificação também nos lembra que *nós* erramos, que somos autores da injustiça, perdoados por Deus. Assim, embora sejamos totalmente comprometidos com a justiça, não devemos sair pelo mundo com um olhar condescendente para com os injustos. Não demonizamos, nem tratamos de modo duro ou arbitrário qualquer pessoa criada à imagem de Deus. Buscamos a justiça incansavelmente, mas com humildade.

A justiça e o amor de Deus aplicados ao abuso

A ex-ginasta Rachael Denhollander foi agredida sexualmente várias vezes por Larry Nassar, médico da equipe olímpica dos Estados Unidos. Em 2018 ela rompeu o muro de negação oficial, e se tornou a primeira mulher a acusar Nassar publicamente. A atitude de Rachael abriu caminho para que centenas de outras mulheres tratadas por Nassar contassem suas histórias de abuso e agressão.

Denhollander é cristã, mas em seu trabalho como advogada ela via frequentemente igrejas "lidando incorretamente com alegações de agressão sexual. As igrejas aconselhavam as vítimas a perdoarem o transgressor e a se esquecerem do caso. Quando mulheres avisavam sobre o comportamento suspeito de alguém, as igrejas não as ouviam e, de acordo com as vítimas, até interferiam nas investigações criminais".[7] Denhollander soube de casos de esposas que foram aconselhadas a perdoar e não denunciar os maridos que estavam abusando de suas filhas. No fundo, era o "ensinamento de muitas igrejas sobre conceitos como união, perdão e graça que resultou no 'perdão' de agressores, enquanto as suas vítimas eram silenciadas e caracterizadas como 'amarguradas'".[8]

Esse tipo de comportamento levou muitos defensores e vítimas a rejeitarem o perdão, especialmente em casos de abuso sexual. Algumas

vítimas chegaram até mesmo a culpar a doutrina cristã da expiação pelo abuso na igreja. O ensinamento de que o Filho de Deus morreu na cruz para satisfazer a ira divina contra o pecado é caracterizado como uma forma de "abuso divino de crianças". A culpa pela doutrina da expiação substitutiva é atribuída à famosa obra de Anselmo, *Cur deus homo?* [Por que Deus se fez homem?]. A doutrina já foi criticada como "porta de entrada para o extremismo de direita" porque ela nos habitua a um Deus violento.[9] Portanto, há pessoas que afirmam que a ideia clássica de Deus "Pai, castigando seu Filho por uma ofensa que ele nem cometeu [...] ridiculariza o ensinamento do próprio Jesus sobre o amor aos inimigos"[10] e leva, necessariamente, a uma cultura de abuso.

A série de podcasts, *The rise and fall of Mars Hill* [A ascensão e a queda de Mars Hill], incitou uma discussão ampla no final de 2021.[11] A Mars Hill Church em Seattle era uma megaigreja evangélica que, debaixo da liderança do pastor Mark Driscoll, desintegrou-se e desapareceu quase da noite para o dia. Muitos críticos da Mars Hill alegaram que a teologia evangélica era a culpada pelo *éthos* autoritário e tóxico que se desenvolveu na igreja. Um autor disse que pelo fato de a "teologia retributiva da substituição penal ser abusiva", ela incentiva "éticas abusivas" na congregação e ao redor do país hoje. Ele argumentou que a ideia de que Deus julga as pessoas por seus pecados é intrinsecamente hierárquica, e alimenta culturas eclesiásticas que também são obcecadas pela hierarquia e pelo poder.[12]

Muitas vítimas de abuso e aqueles que apoiam a causa afastaram-se da religião tradicional e do cristianismo, em particular, a fim de lutar contra a opressão. Mas Denhollander, uma defensora calma, porém feroz, das vítimas de abuso, não seguiu por esse caminho.

Em seu livro de memórias *What is a girl worth?* [Quanto vale uma garota?] ela revela sua grande luta interior depois de se dar conta do que Larry Nassar lhe havia feito. "Eu queria perdoar Larry, mas eu não queria que meu perdão fosse usado como desculpa para alguém achar que algo terrível não fosse realmente tão grave. Alguns líderes [cristãos] sugeriram: 'Você não perdoou de verdade, a não ser que você seja agradecida pelo mal

que lhe foi feito'. *Será que esse é o significado verdadeiro do perdão?* Não. Está errado, mas eu havia escutado isso tantas vezes de figuras de autoridade que eu me sentia só em meu sofrimento".[13]

Ela admite que considerou "tirar Deus de cena", da mesma maneira que muitas outras pessoas fizeram. O caminho secular, então, seria uma possibilidade? Essa opção não tiraria a culpa que ela sentia enquanto lutava para perdoar? Dessa forma a sua busca por justiça não seria desimpedida de todo tipo de mania religiosa? Isso não seria uma espécie de libertação para que ela fosse quem realmente era, e seguir seu próprio entendimento de certo e errado, e da justiça, em vez de estar debaixo da ditadura das figuras religiosas?

No entanto, ela escreve: "Na minha cabeça já segui esse caminho muitas vezes, e não resolvi o problema. Se os parâmetros da verdade fossem estabelecidos apenas por pessoas, eu não poderia definir o mal, nem a justiça [...] Tirar Deus de cena não resolveu o problema do mal. Na verdade, agravou o problema". Ela "lutou com críticas à fé cristã", e parecia prestes a abandoná-la diante das circunstâncias. Mas, "não importa para onde eu olhasse, fui confrontada com coisas que eu não podia explicar sem Deus". Embora tivesse grandes perguntas sem respostas, ela percebeu que tinha "mais respostas genuínas por causa da minha fé, do que sem ela".[14]

Na verdade, Larry Nassar se tornou o motivo de Rachael não abandonar a fé.

> As outras religiões [...] com a exceção do cristianismo, dependiam de um sistema em que as pessoas fizessem coisas boas e suficientes para contrapor as coisas ruins, como se a vida fosse uma balança, e os danos causados pelo mal desaparecessem se alguém fizesse um certo número de obras de caridade, recitasse as orações corretas ou fizesse peregrinações suficientes. Mas isso não é justiça. Eu sabia que Larry havia ajudado a criar uma fundação para ajudar pessoas com autismo, o que era ótimo, mas essa boa obra não eliminou os meus pesadelos. O mal que ele cometeu continuava a existir. O estrago aconteceu. Nada podia apagar aquele mal.[15]

A cruz, a justiça e o amor

Em 2018, Rachael e seu marido, Jacob, doutorando no Southern Baptist Theological Seminary, apresentaram um trabalho à Evangelical Theological Society com o título "Justice: the foundation of a Christian approach to abuse" [Justiça: a base de uma abordagem cristã do abuso].[16] O relatório começa de maneira direta, confrontando os evangélicos com as frequentes alegações de abuso sexual dentro de suas igrejas, e mostrando quantas vezes "essas comunidades tomaram o lado do transgressor, protegendo-o, recolocando-o rápida e silenciosamente em posições de liderança, fazendo uma blindagem contra as consequências de suas ações e, no processo, traumatizando as vítimas novamente". Rachael e Jacob afirmam que, embora essa prática seja, às vezes, fonte de "corrupção descarada", é mais comum que a igrejas deixem de lidar corretamente com as situações "por causa de teologia deficiente e informações equivocadas sobre a dinâmica do abuso".

A fim de remediar essa "teologia deficiente", Rachael e Jacob indicam uma doutrina clássica: a expiação substitutiva, que explica como Jesus pagou a pena dos nossos pecados para que fôssemos perdoados. Rachael e Jacob acreditam que uma compreensão correta dessa doutrina é capaz de prover "tanto conforto quanto vindicação para as vítimas", e também serve de "princípio abrangente para guiar as comunidades cristãs à medida que procuram agir com justiça nos casos de abuso". O casal extrai vários princípios da doutrina da expiação substitutiva.

Em primeiro lugar, "na cruz, a sensação de injustiça da parte da vítima é respeitada, como também o seu desejo de vindicação. A injustiça e a iniquidade são reais, e Deus as odeia". Jesus enfrentou a ira divina contra o pecado na cruz. Os Denhollanders citam Fleming Rutledge:

> Hoje em dia, há pessoas que se sentem enjoadas quando falam da ira de Deus, mas não há como negar esse tema bíblico proeminente. Povos oprimidos ao redor do mundo já foram empoderados pela figura bíblica de um Deus que se ira pela injustiça e pela iniquidade.[17]

Na cruz, percebemos que o pecado e o mal não são triviais. A cruz mostra o compromisso de Deus com a justiça, e os Denhollanders argumentaram que isso significa que nós *devemos* buscar a justiça aqui na

terra. Mesmo assim, a busca pela justiça neste mundo será sempre frustrada. "Na pior das circunstâncias, os tribunais de justiça são instrumentos da perpetuação de injustiça. E mesmo no contexto dos melhores resultados, a justiça terrena não consegue restaurar o que foi danificado ou quebrado [...] mas a nossa confiança pode descansar na perfeita justiça de Deus". Nós nos consolamos pelo fato de que, embora nenhuma justiça terrena seja completa, e plenas reparações e restituições sejam impossíveis aqui na terra, sabemos que, no final da história, Deus endireitará todas as coisas.

Em segundo lugar, a cruz mostra que Deus está comprometido tanto com a justiça quanto com o perdão; não há nenhuma rivalidade entre os dois. Ao mesmo tempo em que Jesus morreu na cruz, a justiça foi feita em relação ao pecado, e a porta foi aberta para o perdão. Deus "uniu o seu perdão à satisfação das exigências da justiça".[18] Nós também precisamos buscar as duas coisas. Com isso, chegamos à pergunta de como é que a cruz podia estar igualmente comprometida com ambas.

A resposta se revela somente se invocarmos a doutrina da Trindade. Os cristãos não creem que existam três deuses. Pelo contrário, existe um Deus em três pessoas, mas a plenitude do ser divino reside em cada pessoa. O Pai não é o Filho, mas o Pai e o Espírito estão no Filho (Jo 14.11,20; Mt 11.27). Portanto, é extremamente incorreto afirmar que na cruz o Pai agrediu o Filho. Miroslav Volf escreve: "O Pai só estaria maltratando o Filho na cruz [...] se Cristo fosse uma terceira pessoa além de Deus, que foi injuriado, e se Cristo não fizesse parte da humanidade que maltratou a Deus. Mas Cristo não é essa terceira pessoa [...] 'Em Cristo', escreveu o apóstolo Paulo, 'Deus estava reconciliando o mundo a si mesmo' (2Co 5.19)".[19]

Volf acrescenta: "Cristo não estava reconciliando um Deus irado a um mundo pecaminoso. (Um erro típico dos cristãos conservadores.) Cristo não estava reconciliando um mundo pecaminoso a um Deus amoroso. (Um erro típico dos cristãos liberais.) Pelo contrário, Deus em Cristo estava 'reconciliando o mundo a si mesmo'". A doutrina da Trindade significa que, na cruz, de acordo com John Stott, vemos a "auto-substituição" de Deus".[20]

O próprio Deus vem e aceita a punição, pagando a dívida que nós devíamos pagar.

Os Denhollanders escrevem: "Não podemos afirmar que o banqueiro perdoou uma dívida de alguém se um terceiro fez isso; no entanto, quando o próprio banqueiro paga uma dívida em prol do devedor, esse ato é *tanto* a satisfação (da justiça) *quanto* o perdão (em uma só canetada)".[21] Na cruz, a realidade do mal e a necessidade da justiça são afirmadas. Ou a punição divina será aplicada ao transgressor, ou ela será assumida por Deus e aplicada nele mesmo".[22]

Terceiro, "o exemplo de Deus na cruz inverte as dinâmicas do poder que operam na opressão e no abuso". Esse ponto é tão crucial que reproduzirei a citação completa:

> Em geral, o abuso gera impactos devastadores porque ele subverte os conceitos necessários para alguém agir como um indivíduo relacional. Os abusadores[23] frequentemente usam técnicas de aliciamento, utilizando presentes, o toque inocente ou manifestações de bondade, a fim de condicionar a vítima e prepará-la para o abuso. Na maior parte das vezes, os agressores são indivíduos que se mostram seguros e confiáveis. Até acredita-se que eles estejam cuidando da vítima de maneira sacrificial. Os conceitos de confiança, proteção, segurança, amor, compaixão e cuidado são distorcidos pelo agressor e exercidos como armas para facilitar a violação no campo mais íntimo. Todo conceito do qual dependemos para termos relacionamentos saudáveis passa a ser distorcido e inseguro; são redefinidos como ferramentas para facilitar o mal. Na verdade, o motivo pelo qual a maior parte dos abusadores praticam o abuso sexual vai além de uma mera busca de satisfação sexual; eles tiram prazer da assimetria de poder e de controle que conseguem exercer.
>
> É crucial que os sobreviventes possam definir, compreender, e reaprender esses conceitos fundamentais. Se não forem capazes de reconhecer o abuso e a manipulação de poder, é possível que entrem novamente em relacionamentos abusivos. Às vezes, poderão se tornar abusadores, e quase sempre são incapazes de interagir de maneira relacional com o mundo ao seu redor.
>
> A cruz se opõe nitidamente ao comportamento de um abusador, pois ela mostra o exemplo supremo de cada um desses conceitos destruídos pelo abuso. Na encarnação, na cruz, o Filho se despe de suas prerrogativas divinas — o forte se torna fraco [...] Na cruz, Deus age em prol dos outros para vencer o mal, assegurar a justiça, libertar o escravizado e restaurar a Criação. O próprio Deus se identifica com a vítima, porque ele sujeitou-se livremente à injustiça. A cruz é o repúdio máximo da ideia de que o poder é para ser utilizado para o benefício e prazer daqueles que o retêm. Na cruz, as vítimas encontram a estrutura e o fundamento para começarem a definir e entender corretamente conceitos que foram distorcidos, subvertidos e manipulados durante o abuso. E por meio disso começarem a curar os danos causados pelo abuso.[24]

Por fim, a única possibilidade de relacionamentos serem curados é se tanto a justiça quanto o perdão forem buscados simultaneamente, usando o exemplo da cruz. A cruz mostra à vítima sua necessidade do perdão, e isso facilita a oferta do perdão a outros. A cruz ajuda os cristãos a "deixarem de enxergar criminosos e abusadores como 'outros' ou fundamentalmente diferentes de nós, pois o mal também reside em nossos corações".[25] Essa experiência de humildade nos impede de ir além do desejo de fazer justiça e restauração que protegem as futuras vítimas, à vingança e ao desejo de destruir o transgressor de maneira permanente.

Por outro lado, a melhor oportunidade para o transgressor reconhecer o seu pecado e autoengano, e se transformar, é ser confrontado com as consequências de seus atos.

> A natureza temporal da justiça humana serve como imagem da justiça final de Deus. Ela dá ao abusador a oportunidade de ficar frente a frente com a realidade e a severidade do seu pecado. Ela é uma chamada para que o abusador se arrependa e se alinhe com Deus e a vítima, e condene o mal que cometeu. É somente nesse cenário que a possibilidade de reconstruir um relacionamento é possível [...] Os abusadores verdadeiramente arrependidos que vieram a se alinhar com Deus e as vítimas não usam seu arrependimento como desculpa para escapar da justiça humana ou para fazer exigências de suas vítimas. A pessoa arrependida de verdade reconhece os danos que ela causou e a legitimidade da punição.[26]

Rachael Denhollander empregou essa teologia bíblica sutil no tribunal. Ela olhou para Larry Nassar e disse:

> Peço a Deus que você experimente a culpa que esmaga a sua alma, para que um dia você experimente o verdadeiro arrependimento e o perdão autêntico de Deus. Você precisa desse perdão muito mais do que precisa do meu, embora eu também lhe ofereça isso.[27]

Outro sobrevivente do abuso testemunhou do poder da cruz. Mez McConnell foi abusado física e emocionalmente pela madrasta durante muitos anos.[28] Em um artigo ele escreveu:

> Como sobrevivente de abuso infantil, preciso estar ciente de como o abuso afetou a minha vida inteira, especialmente meus pensamentos. Olho com desconfiança para pessoas desconhecidas. Desconfio de jogos de poder. Detesto o bullying. Acho que estou sempre sendo manipulado. Em geral, não confio nas pessoas. Para mim, elas são culpadas até que provem ao contrário. Todo desconhecido é um abusador em potencial. E esse não é um bom jeito de viver [...]

> Por isso a cruz coloca meus pés no chão [...] Por isso a doutrina da expiação substitutiva enche a minha dor com alegria, esperança e um tipo de sentido [...] Na cruz, Deus age a favor dos fracos, dos oprimidos e das vítimas de abuso. Para vencer o mal. Para fazer justiça. Para libertar os escravizados. O próprio Deus se identifica com todas as vítimas de vil manipulação e jogos de poder. A cruz é a maior demonstração dessa verdade que já vimos ou veremos.[29]

O Cordeiro de Deus

A justiça e o amor de Deus se manifestam em uma das histórias mais famosas da Bíblia: o Êxodo.

Deus ordena aos egípcios que libertem os israelitas da escravidão, mas os egípcios se recusam. Depois de várias advertências, Deus determina julgamento contra o Egito por causa de sua opressão e escravidão, um grande mal (Ap 18.13). Deus então envia o anjo destruidor. A punição justa é que o primogênito — a esperança e a força das antigas famílias, que passavam a herança para o filho mais velho — de cada casa morrerá. No entanto, Deus orienta os israelitas a observarem a Páscoa. Eles deveriam matar um cordeiro, consumir a sua carne e colocar o sangue do animal nos umbrais da casa. Eles não poderiam sair de casa por nenhum motivo. Essa história revela duas verdades notáveis.

Em primeiro lugar, significa que "o anjo da morte" (Êx 12.23, NTLH), aquele que levava a ira de Deus contra o mal e o pecado, não foi apenas para as casas dos egípcios. A ira divina contra o pecado não faz acepção de pessoas. O anjo passou em *cada* casa no Egito porque cada família merecia isso. Não há hierarquia nessa história entre os israelitas "bons" e os egípcios "maus". É como se Deus dissesse para Israel: "Vocês são os oprimidos; eles são os opressores. Vocês adoram o Deus verdadeiro; eles adoram ídolos. Porém, se nessa noite eu julgasse vocês de acordo com a minha santidade, vocês também não passariam no teste. Todos carecem da glória de Deus. Todos são pecadores. Vocês estão tão perdidos quanto os egípcios, e precisam igualmente de salvação pela graça". Essa é a verdade radical na qual Paulo baseia o evangelho da graça, isto é, que "não há justo, nem um sequer" (Rm 3.10).

Em segundo lugar, essa história nos mostra que *substituição* é a maneira de satisfazer tanto a justiça quanto o amor. Todo primogênito de cada casa deveria ter olhado para a mesa e visto a carne do cordeiro no prato e dito: "O único motivo pelo qual eu não morri é porque esse cordeiro morreu". Como já vimos, todo pecado acarreta uma dívida, e essa dívida nunca desaparece; ela é paga, de uma maneira ou de outra. Alguém sempre paga: ou alguém o substitui para que você seja perdoado ou você paga a sua própria dívida. A dívida jamais desaparece sozinha.

Quando você junta essas verdades — a pecaminosidade de todo mundo e, portanto, nossa necessidade universal de um substituto — fica evidente que a Páscoa apontava para algo além de si mesma. O Novo Testamento articula o que qualquer observador sensato da época concluiria: é impossível que o sangue de animais apague pecados (Hb 10.4). O cordeiro não é, de maneira nenhuma, o substituto que precisamos. Mas onde encontraremos esse substituto definitivo?

Jesus Cristo, na noite em que foi traído, celebrou a ceia da Páscoa com os seus discípulos. Eles esperavam ouvi-lo dizer o que o oficiante da Páscoa sempre dizia: "Este é o pão da nossa aflição. Nossos antepassados sofreram no deserto para que nós pudéssemos ser livres". Em vez disso, Jesus se levantou e disse: "Este é o meu corpo partido por vós". Em outras palavras, "Este é o pão da *minha* aflição. É *meu* sofrimento que libertará vocês de forma definitiva". O cordeiro assado estava sobre a mesa, mas o verdadeiro Cordeiro de Deus estava *à* mesa.

É por isso que João Batista olhou para Jesus e disse: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29). João estava dizendo: "Agora finalmente eu vejo! Nossos primogênitos não foram salvos por causa da morte de alguns pequenos animais. Nossos primogênitos foram salvos porque Deus decidiu entregar o *seu* primogênito". João 19.33 diz que os ossos de Jesus não foram quebrados. Por quê? Porque o cordeiro pascal não podia ter ossos quebrados; o animal não podia ter mácula nem defeito.

Jesus bradou da cruz que ele se sentia abandonado (Mt 27.46). Se ele era o melhor homem que já viveu na terra, por que estaria abandonado? Ele foi abandonado *em nosso lugar*. Ele foi o nosso substituto.

Se você tivesse puxado conversa com um israelita no deserto do Sinai e lhe perguntando, "O que você está fazendo e para onde está indo?", ele diria: "Eu era estrangeiro numa terra estranha, sob a pena de morte, mas eu me refugiei debaixo do sangue do cordeiro, e fui salvo. Agora estou livre da escravidão e, embora eu esteja nesse deserto, Deus está comigo e ele está me levando à Terra Prometida".

Você percebeu? É exatamente isso que diz o cristão. Todos os propósitos de Deus para nos redimir foram cumpridos no dia em que Jesus Cristo se tornou o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

---

[1]William Shakespeare, *The merchant of Venice*, ato 4, cena 1 [publicado em português por Nova Fronteira sob o título *O mercador de Veneza*].

[2]Robert Yarborough, "Forgiveness and Reconciliation", em: T. Desmond et al., org., *New Dictionary of Biblical Theology* (Downers Grove: InterVarsity, 2000), p. 500.

[3]R. K. Harrison, *Leviticus: an introduction and commentary*, vol. 3, Tyndale Old Testament Commentaries (Downers Grove: InterVarsity, 1980), p. 202 [publicado em português por Vida Nova sob o título *Levítico: introdução e comentário*]. "Essa chamada 'regra de ouro' foi citada por Cristo (Mt 19.19; 22.39; Mc 12.31; Lc 10.27, etc.) como ideal de comportamento altruísta na sociedade. O sentimento que subjaz esse aforismo era singular no mundo antigo, e representa um dos preceitos morais mais proeminentes do Antigo Testamento."

[4]Ver especialmente Jay Sklar, *Leviticus: an introduction and commentary* Tyndale Old Testament Commentaries (Nottingham: InterVarsity, 2013), p. 246-7.

[5]Para o ensinamento do Antigo Testamento sobre como reagir corretamente à repreensão, ver Sl 141.5 e Pv 9.7-8; 15.12.

[6]Henri Nouwen, *The road to daybreak* (New York: Doubleday, 1990), p. 68.

[7]Rachael Denhollander, *What is a girl worth?* (Carol Stream: Tyndale, 2019), p. 140.

[8]Ibidem, p. 140-1.

[9]Makonagasawa, "Atonement in Scripture: Why Penal Substitution is a Gateway Drug to Right-Wing Extremism," Anástasis Center for Christian Education & Ministry, February 22, 2016, https://newhumanityinstitute.wordpress.com/2016/02/22/atonement-in-scripture-why-penal-substitution-is-a-gateway-drug-to-right-wing-extremism/#_ftnref10.

[10]Steve Chalke e Alan Mann, *The lost message of Jesus* (Grand Rapids: Zondervan, 2004), p. 182-3.

[11]O site do podcast é: www.christianitytoday.com/ct/podcasts/rise-and-fall-of-mars-hill.

[12]Rick Pidcock, "I Lived in the Culture of 'The Rise and Fall of Mars Hill' and There's One Part of the Story That's Wrong", *Baptist News Global*, August 24, 2021, https://baptistnews.com/article/i-lived-in-the-culture-of-the-rise-and-fall-of-mars-hill-and-theres-one-part-of-the-story-thats-wrong/#.YdDAcxPMJhF.

[13]Denhollander, *What is a girl worth?*, p. 99.

[14]Ibidem, p. 100-1.

[15]Ibidem, p. 103.

[16]Jacob and Rachael Denhollander, "Justice: The Foundation of a Christian Approach to Abuse" (trabalho apresentado na 70ª reunião anual da Evangelical Theological Society, em Denver, Colorado, 13 de novembro de 2018), www.fathommag.com/stories/justice-the-foundation-of-a-christian-approach-to-abuse. Esse relatório importante é dirigido à comunidade evangélica protestante, mas é também relevante para outros ramos da igreja cristã, em particular a Católica Romana, onde há história de décadas de abuso sexual e acobertamento dos crimes.

[17]Fleming Rutledge, *The crucifixion: understanding the death of Jesus Christ* (Grand Rapids: Eerdmans, 2017), p. 129.

[18]Denhollander, "Justice".

[19]Miroslav Volf, *Free of charge: giving and forgiving in a culture stripped of grace* (Grand Rapids: Zondervan, 2005), p. 145.

[20]John R. W. Stott, *The cross of Christ* (Downers Grove: InterVarsity, 1986), p. 133 [publicado em português por Vida sob o título *A cruz de Cristo*].

[21]Denhollander, "Justice". Os ítalicos são meus.

[22]Ibidem.

[23]A questão do abuso é muito importante e contestada. Veja Apêndice B.

[24]Denhollander, "Justice".

[25]Ibidem.

[26]Ibidem.

[27]Denhollander, *What is a girl worth?*, p. 310.

[28]Mez McConnell, *The creaking on the stairs: finding faith in God through childhood abuse* (Fearn, Ross-shire: Christian Focus Publications, 2019).

[29]Mez McConnell, "The Rock-Solid Hope of Penal Substitutionary Atonement (Parte 3)", 20 Schemes Equip, October 8, 2020, https://20schemesequip.com/rock-solid-hope-penal-substituionary-atonement.

CAPÍTULO 7

AS BASES DO PERDÃO

> Ao considerarmos os pecados humanos [...] devemos sempre optar pelo amor humilde. Se você resolver fazer isso, de uma vez por todas, será capaz de subjugar o mundo inteiro. A humildade com amor é maravilhosamente forte, a maior força que existe, e não há nada que se compare a ela.
>
> — FIÓDOR DOSTOIÉVSKI[I]

A compreensão cristã do perdão é rica e multidimensional, e transformou o mundo de verdade. Porém, para praticarmos o perdão, precisamos examinar seus componentes básicos. Não há melhor lugar para começarmos do que os dois pares de diretivas que Jesus passou aos seus discípulos sobre como reagir a transgressões.

Duas diretivas de Jesus sobre o perdão

Jesus oferece duas diretivas sobre o perdão que, à primeira vista, parecem contraditórias. Mas juntas, são cruciais para entendermos como funciona realmente o perdão. Em Marcos 11.25, Jesus disse: "Quando vocês estiverem orando em pé, se tiverem alguma coisa contra alguém, perdoem, para que também o seu Pai que está no céu os perdoe as suas ofensas".

Nos tempos bíblicos, era costume orar em pé (1Rs 8.14,22; Ne 9.4; Sl 134.1; Lc 18.11,13). Se estiver orando, e se lembrar de que está guardando ressentimento contra alguém, você precisa perdoar na hora. Estudiosos

observam que a palavra traduzida como "perdoem" (*aphiete*) está no presente do imperativo, para que a ênfase seja o maior possível.[2]

Jesus acrescenta: "para que também seu Pai que está no céu os perdoe as suas ofensas" (Mc 11.25). Novamente, é bom lembrar que isso não pode significar que o perdão de Deus depende do nosso. Pelo contrário, significa que, se você não perdoa, isso revela que não entendeu e não aceitou a graça imerecida de Deus. Talvez você tenha achado que a sua contrição e reparação pudessem conquistar o favor de Deus. Talvez você tenha transformado seu remorso e sua vergonha em uma espécie de "boa obra" que (a seu ver) supostamente coloca Deus em dívida com você. O sinal evidente de que você está nesse caminho, em vez de receber o perdão e a misericórdia imerecidos de Deus, é a incapacidade de perdoar. Estão ausentes de sua vida a humildade que vem do reconhecimento da sua perdição e a alegria que vem do conhecimento da sua aceitação em Cristo.

Sem a humildade de reconhecer que você também merece a condenação, e sem a alegria que vem do conhecimento da sua posição no amor de Cristo, lhe será impossível abrir mão de seu desejo de vingança. "Portanto, ser perdoado e não perdoar, receber misericórdia e não oferecer misericórdia, é na realidade não experimentar a aceitação graciosa de Deus, e ridiculariza a oração descrita nos versículos 22 a 24".[3] Este é o ensino de Jesus: se você perceber que não perdoou, faça-o na hora.

Esse texto sozinho apoiaria o que chamamos de o modelo de perdão "graça barata", que coloca toda ênfase na eliminação da ira por parte da vítima, sem nenhuma provisão para que haja mudança no transgressor.

No entanto, essa diretiva de perdoar imediatamente — enquanto você está orando — parece contradizer outra afirmação de Jesus em Lucas:

> Se o seu irmão pecar contra você, repreenda-o; e se ele se arrepender, perdoe-lhe. Mesmo se pecar contra você sete vezes no dia, e sete vezes lhe vier, dizendo: "Estou arrependido", você tem de perdoar-lhe (Lc 17.3-4).

Esses versículos mostram duas responsabilidades. Primeiro, se alguém pecar *contra você*, repreenda-o. Isso não significa a necessidade de corrigirmos todo e qualquer pecado que identificarmos por aí. Gálatas 6.1 e

1Tessalonicenses 5.14 nos orientam um pouco nesse sentido (falarei mais tarde sobre isso), mas esses versículos em Lucas não estão falando de pecado em geral. Jesus diz que se alguém pecar contra *você*, "repreenda", uma palavra que significa confrontar. No entanto, se a pessoa se arrepender, a nossa segunda responsabilidade é perdoá-la.

Aprendemos com esse texto, em primeiro lugar, que as responsabilidades de confrontar e perdoar pesam igualmente em nós. A realidade do temperamento humano é que poucas pessoas conseguem manter esse equilíbrio sem a ajuda do Espírito Santo. As pessoas são propensas, ou a confrontar e desafiar em vez de perdoar, ou a perdoar e esquecer em vez de confrontar. Também aprendemos que o arrependimento indicado por Jesus pode acontecer "sete vezes no dia". Não pensemos que Jesus está ensinando que esse cenário é bem provável. Mas está ensinando que não devemos exigir do transgressor um arrependimento prolongado e autopunitivo. Não devemos perdoar de forma devagar ou relutante.

Finalmente, aprendemos que o objetivo do perdão não é cura interior nem retaliação ao transgressor. Sem dúvida, o perdão *pode* trazer cura interior e *pode* fazer parte da busca por justiça. Mas o supremo propósito do perdão é a restauração da comunidade. "O objetivo do perdão aqui não é humilhar, vencer, ou punir os pecadores, mas corrigi-los e restaurá-los. Muitas vezes, é mais fácil fingir que não vimos o pecado na comunidade. A admoestação de irmãos cristãos requer que a igreja funcione como corpo no trabalho custoso de reconciliação".[4]

A leitura de Lucas 17 à parte de Marcos 11.25 já levou muitas pessoas a pensar que o perdão não é necessário até que haja arrependimento integral e restituição da parte do transgressor. Entretanto, Marcos 11.25 é enfático: "Perdoem, se tiverem *alguma coisa contra alguém*". O texto não diz, "a não ser que a pessoa não se arrependa". Por outro lado, Marcos 11.25 pode nos dar a impressão de que o perdão é algo que acontece completamente no coração, e pode ser realizado num instante.

O artigo XX dos Artigos de Religião Anglicanos diz: "Não é permitido à Igreja [...] interpretar um lugar na Escritura de maneira que despreze

outro".[5] Com base nesse princípio consagrado da interpretação bíblica, de que maneira podemos ler esses textos de modo a não permitir que um deles seja padrão absoluto, e outro seja relativizado e perca sua força?

A resposta é que o perdão pode ter dois significados que se sobrepõem. "Às vezes o perdão do qual o Novo Testamento fala pressupõe arrependimento da parte do transgressor, e às vezes não".[6] Lucas 17.3-4 é um exemplo do primeiro, enquanto Marcos 11.25 é um exemplo do segundo. Quando Estêvão morria, ele orou: "Senhor, não lhes atribua este pecado" (At 7.60). É evidente que não houve arrependimento da parte dos transgressores, pois estavam apedrejando Estêvão e o matando enquanto ele falava. Mesmo assim, Estêvão os perdoou.

O perdão interior e exterior

Como é que essas duas diretivas podem ser verdadeiras ao mesmo tempo? A resposta é que a palavra *perdão* está sendo usada de duas maneiras um pouco diferentes. Em Marcos 11, "perdoem" significa uma disposição interior de não buscar vingança. Em Lucas 17, "perdoem" significa "sejam reconciliados". Portanto, há um tipo de perdão que é apenas interior, e um outro tipo que se manifesta em possível restauração de relacionamento (cf. Mt 5.24 — "seja reconciliado com seu irmão"; Mt 18.15 — "Se o seu irmão pecar contra você, vá a sós com ele e repreende-o; se ele ouvir, ganhou o seu irmão"). Seja qual for o caso, a vítima precisa perdoar interiormente, mas a reconciliação depende de o transgressor assumir o seu erro e se arrepender. Alguns chamam o primeiro tipo de "perdão de disposição" e o outro de "perdão de reconciliação".[7]

Não são dois tipos de perdão, mas dois aspectos, ou estágios, do perdão. Poderíamos dizer que o primeiro tipo precisa acontecer sempre, e o segundo pode acontecer, mas nem sempre é possível. O perdão de disposição pode acontecer sem a reconciliação, mas a reconciliação não pode ocorrer, a não ser que o perdão de disposição já tenha ocorrido. Se a vítima em Lucas 17 não perdoou pessoalmente, por que estaria disposta à reconciliação? Para

que a vítima esteja aberta à reconciliação, antes ela tem de ter feito algum trabalho de perdão no coração. A recusa de arrependimento da parte do transgressor não é desculpa para amargura contínua, algo que, segundo a Bíblia, fatalmente, envenenará a alma (Hb 12.15).

Aprendemos duas lições importantes dessas diretivas.

Primeiro, o perdão cristão nunca é simplesmente individualista, isto é, preocupado apenas com a cura interior do coração. Não é menos que isso, mas é muito mais. O anseio de Deus é pela cura exterior e social da comunidade também. O perdão de disposição deseja e busca a reconciliação, mesmo que o transgressor não queira. Portanto, o perdão nunca trata apenas da paz interior da vítima, embora isso seja importante. Os modelos seculares terapêuticos do perdão ignoram essa parte.

Em segundo lugar, o perdão cristão nunca enfraquece a busca por justiça, mas a promove. Por quê? O perdão interior muda a atitude do coração, de um desejo de infligir dor ao transgressor, para um desejo do bem-estar dele. Essa é a essência do perdão interior, e significa passar da antipatia ao amor. O amor é o desejo genuíno do bem-estar de alguém, colocando a nossa alegria "dentro" da alegria dos outros, para que a prosperidade deles nos traga alegria. O amor, então, é a essência do perdão. O modelo secular do perdão merecido ignora o amor.

No entanto, isso também é a essência da justiça! *Por que* o cristão deve buscar a justiça? Porque a injustiça entristece o Deus que amamos, estraga a criação que amamos, machuca as pessoas que amamos; ela machuca até o transgressor, a quem devemos amar e não odiar. Buscar a justiça é *o que*? É falar a verdade em amor, e não proteger as pessoas das consequências de suas ações.

> Isso sugere [...] que a indignação moral, e até a revolta moral, seja, às vezes, uma prova de amor — amor pela vítima, amor pela igreja de Deus, amor pela verdade, amor por Deus e sua glória. A falta de indignação moral e a inércia diante da justiça em alguns casos pode ser evidência, não de carinho e amor, mas *da omissão do amor*.[8]

Essa verdade pede discernimento e escrutínio do coração. Paixão por justiça e indignação moral podem, facilmente, se tornar servos do nosso ego,

ou do nosso desejo de estarmos certos e mantermos a superioridade moral, nos sentirmos virtuosos, ou nos vingarmos contra as pessoas das quais não gostamos. É raro nos indignarmos moralmente, motivados por amor a Deus, à sua criação, ao seu povo, e até ao transgressor, no entanto, esse amor se faz necessário.

A essência da justiça é amar o seu próximo de tal maneira que você deseja o livrar do mal que maquina em seu coração. Dessa forma, é possível buscar tanto a justiça quanto o perdão, renunciar a vingança e ainda buscar a justiça para o bem de todos, e não para nossa satisfação emocional.

Portanto, do ponto de vista pastoral, é crucial que esses dois aspectos do perdão sejam bem discernidos, pois isso nos capacitará a navegar muitas situações comuns que frustram os esforços que levem ao perdão.

E se o transgressor quebrou a lei, como nos casos de abuso e agressão no local de trabalho, ou nos relacionamentos, ou contra crianças? Podemos perdoar em nosso coração, e ainda insistirmos que o transgressor responda perante a justiça por suas atitudes criminosas.

E se o transgressor se negar a se encontrar com você, ou ouvi-lo, ou se ele insistir em agredi-lo? Você não será imobilizado pelas atitudes do transgressor. Você ainda pode perdoá-lo, e dessa maneira não deixar que o mal domine sua própria vida, sua memória e seu comportamento.

E se a pessoa que ofendeu você já morreu, como é bastante comum nos casos de abuso cometido por parentes? Novamente, você não fica sem ação. Embora a reconciliação seja o resultado mais desejável e curador, se a reconciliação não for possível, há uma maneira de guardar o seu coração para que possa crescer e prosperar na vida.

Steven McDonald era policial em Nova York em 1968. Enquanto fazia a ronda em Central Park, McDonald foi baleado três vezes à queima-roupa por um rapaz de quinze anos. Surpreendentemente, ele sobreviveu, mas ficou paralisado do pescoço para baixo. Ele escreveu mais tarde: “Aproximadamente seis meses depois que eu fui baleado, minha esposa deu à luz um menino, que chamamos de Conor. Para mim, o nascimento de Conor foi uma mensagem de Deus, dizendo que eu deveria viver de forma

diferente [...] Eu pedi que Deus me transformasse, que a pessoa que eu era fosse substituída por algo novo".[9]

A primeira resposta àquela oração foi um desejo de perdoar o rapaz, Shavod, que havia puxado o gatilho e estava encarcerado. Steven começou a escrever-lhe cartas. "No começo ele não respondia às minhas cartas", mas, para sua surpresa, Shavod lhe escreveu e até ligou da prisão para pedir desculpas pelo acontecido. Steven achou que tinha conseguido a reconciliação, mas "com o passar do tempo a nossa correspondência minguou". Shavod silenciou-se. Em 1995, ao receber a liberdade, Shavod morreu três dias depois em um acidente de moto. Muitas pessoas achavam que os esforços de Steven para reconciliar-se com seu agressor haviam sido desperdiçados. No entanto, embora Steven não tivesse êxito em efetivar nenhuma mudança real, ou estabelecer um novo relacionamento, seus esforços o ajudaram a se livrar ainda mais da amargura. E ele começou a enxergar o contexto maior que o ajudou a entender Shavod:

> Eu era o sistema que deixava os proprietários cobrarem aluguel por apartamentos esquálidos em prédios caindo aos pedaços. Eu era a agência municipal que renovava bairros pobres e empurrava os moradores para fora, pela gentrificação, sem se importar com o fato de serem cidadãos de bem, ou traficantes, ou criminosos. Eu era o policial irlandês que aparecia às ocorrências domésticas e saía sem fazer nada, porque nenhuma lei havia sido quebrada. Para Shavod Jones, eu era o inimigo [...] E eu não podia culpá-lo. A sociedade — sua família, as agências sociais responsáveis, as pessoas que haviam impedido que seus pais continuassem juntos — deixou de cuidar de Shavod muito tempo antes que ele me conhecesse lá em Central Park.[10]

Steven McDonald havia perdoado internamente, mesmo que ele não conseguisse efetivar nenhuma mudança em seu transgressor. Mesmo assim, seu esforço para alcançar a reconciliação, quase totalmente fracassado, ajudou a renovar o seu coração e serviu de testemunho ao mundo. Nesse exemplo, podemos ver o poder das meias-verdades dos modelos seculares populares do perdão. Tanto o modelo terapêutico quanto o modelo transacional de mérito é parcialmente correto, mas equivocado no geral. O primeiro coloca toda ênfase na disposição interior, e o segundo coloca toda ênfase no arrependimento do transgressor. No entanto, de acordo com o ensino de Jesus, não apenas a busca de ambos é exigida, mas eles são

interdependentes, como ilustramos no estudo de caso de Steven McDonald. Todavia, esses modelos, que são seculares em sua origem, são bem prevalentes dentro da igreja, inclusive na igreja evangélica. David Powlison afirmou:

> Quando reconhecemos que o nosso perdão tem duas partes interligadas, isso nos ajuda a navegar as mensagens opostas que são ouvidas com frequência em grupos cristãos. Alguns na igreja ensinam: "Se você perdoar de coração, você não precisa ir até a pessoa". Outros ensinam: "A não ser que a pessoa peça, você não precisa perdoar". Cada grupo enfoca uma meia-verdade, e tira uma conclusão falsa. Quando você unir as duas partes do que Jesus fez e ensinou sobre o perdão, o resultado é uma verdade coerente.[11]

As duas diretivas de Jesus sobre o amor aos inimigos

O final de Mateus 5 é frequentemente chamado de o "ápice" do Sermão do Monte. Certamente é a parte mais radical. No versículo 20, Jesus fala de uma "justiça" — uma maneira de viver — que excede muito o exemplo dos escribas e fariseus. À primeira vista, essa é uma afirmação enigmática. Os fariseus eram muito meticulosos em sua obediência detalhada à Lei. De fato, eles acrescentaram muitos regulamentos à lei mosaica revelada por Deus. Em outros momentos, Jesus critica o legalismo deles. Portanto, como é que Jesus pode falar de *exceder* a justiça dos fariseus? O final do capítulo 5 elabora essa nova maneira de viver. Ela ultrapassa qualquer exemplo no Antigo Testamento, sem falar das filosofias e éticas da antiguidade pagã. Jesus apresenta uma vida de amor que inclui inimigos e "pessoas más", não apenas amigos e "pessoas boas".

Jesus diz:

> Ouvistes que foi dito: 'Olho por olho e dente por dente'. Eu, porém, vos digo: Não resistais ao homem mau; mas a qualquer que te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser levar-te ao tribunal, e tirar-te a túnica, deixa que leve também a capa; e, se alguém te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas milhas. Dá a quem te pedir e não voltes as costas a quem te pedir emprestado (Mt 5.38-42).

Quase todos os estudiosos e teólogos concordam: Jesus não está derrubando a *lex talionis* ("olho por olho") como ela foi entregue em Êxodo

21.24, Levítico 24.19-20 e Deuteronômio 19.21. "[A regra] foi entregue, como vemos no contexto do Antigo Testamento, para prover uma fórmula de punição ao sistema judicial nacional, porque, no mínimo, acabaria decisivamente com ciclos de vingança".[12] Em outras palavras, a *lex talionis* era uma diretriz para juízes que estavam presidindo casos judiciais e indicando os limites de restituição. Não era uma justificativa para vingança em relacionamentos pessoais, que era especificamente proibida por Levítico 19.17-18. Evidentemente, porém, no tempo de Jesus, essa diretriz se tornara exatamente isso, a maneira de as pessoas reagirem a qualquer ofensa.

Entretanto, Jesus apresenta um princípio surpreendente: "não resista [*anthistemi*] à pessoa má" (Mt 5.39). Será que Jesus está dizendo que devemos permitir que uma pessoa má faça qualquer coisa contra nós? Até antes de examinar os exemplos dados por ele nos versículos seguintes, já sabemos que não podemos interpretar essa frase assim. Jesus não diz que não devemos nos opor ao mal, nem o restante do Novo Testamento diz isso. A face de Deus está contra aqueles que fazem o mal (1Pe 3.12). Somos admoestados a resistir ao diabo (Tg 4.7; 1Jo 2.13-14). Devemos expulsar a pessoa má do nosso meio, em vez de tolerá-la (1Co 5.13; Ap 2.2). Somos instados a lutar contra o mal (Ef 6.12). Tudo isso significa que Jesus não está dizendo que devemos simplesmente permitir que o mal faça qualquer coisa contra nós.

Então, o que Jesus está dizendo? John Stott observa:

> O primeiro indício para compreendermos corretamente o ensino de Jesus é reconhecer que as palavras *tō ponērō* ("o mal") são masculinas e não neutras. [...] Jesus não nega que o mal exista [...] O que ele não permite é que nós retaliemos.[13]

Jesus não está dizendo que devemos deixar o mal trabalhar à vontade. Mas devemos vencer o mal com o bem (Rm 12.18s), sem destruir o transgressor. As quatro ilustrações de Jesus apoiam essa perspectiva.

A primeira ilustração é um tapa na face direita. Uma vez que a maioria das pessoas é destra, essa frase se refere a um tapa com o dorso da mão. No oriente próximo antigo, esse era o meio preferido de insultar alguém. É uma

ação projetada, não para machucar fisicamente, mas para humilhar. Os cristãos não deveriam agir dessa maneira.

Em segundo lugar, uma pessoa endividada podia oferecer uma peça de roupa ("a túnica") como garantia. Aqui, Jesus diz que se você for processado judicialmente, em vez de responder com ressentimento e resistência, faça o possível para acertar as contas com o credor, mesmo que isso signifique a oferta voluntária de outra peça de roupa.[14]

O terceiro e quarto casos são ainda mais evidentes. "Se alguém te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas milhas. Dá a quem te pedir e não voltes as costas a quem te pedir emprestado" (Mt 5.41-42). Uma tradução melhor para a palavra "obrigar" seria "recrutar" (grego, *angareuo*). A lei permitia que as legiões romanas recrutassem civis de forma involuntária para carregar equipamento militar até a distância de uma milha romana. Embora fosse irritante, essa prática era perfeitamente legal, e Jesus aconselha seus discípulos a não prestarem esse serviço aos soldados de forma relutante ou rancorosa. O último exemplo é de alguém que precisa pegar dinheiro emprestado. A lei mosaica já mandava os israelitas emprestarem dinheiro para as pessoas necessitadas (Êx 22.25; Lv 25.37; Dt 23.19) com espírito generoso (cf. Dt 15.7-11; Sl 37.26, 112.5).

Portanto, o ensinamento de Jesus não é que devemos permitir que o mal faça o que quiser conosco. Em Mateus 18.15-18, Jesus nos ordena a confrontar aqueles que nos ofenderam. Paulo se opõe a Pedro publicamente e, portanto, lhe resiste quando este está seriamente errado (Gl 2.11s). A Bíblia está repleta de exortações para corrigir e repreender (p. ex., Gl 6.1). O Novo Testamento explica que os governantes são escolhidos por Deus para punir o mal (Rm 13.1-8; 1Pe 2.14).

No entanto, enquanto os cristãos resistem ao mal, não devem mirar nos transgressores para machucá-los ou manchar a sua reputação, a fim de dar o troco. Em todos os estudos de caso apresentados por Jesus, ele convoca os seus discípulos a não responderem ao mal com fúria, ego ferido e espírito vingativo.[15]

Um escritor cristão fez uma reflexão em cima desses versículos: "Esse é um ensinamento muito espiritual [...] Eu preciso pensar corretamente sobre mim mesmo e o espírito de autodefesa que se levanta imediatamente quando qualquer injustiça é cometida contra mim. Também preciso lidar com o desejo de vingança e o espírito de retaliação que são tão característicos do ego natural".[16]

A revolução

O parágrafo final de Jesus é ainda mais revolucionário:

> Vocês ouviram o que foi dito: Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo. Eu, porém, lhes digo: Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem; para que vocês se tornem filhos de seu Pai que está no céu; porque ele faz nascer o sol sobre maus e bons e faz chover sobre justos e injustos. Pois, se amarem quem os amam, que recompensa vocês terão? Os publicanos também não fazem o mesmo? E, se cumprimentarem somente os seus compatriotas, o que fazem de especial? Os gentios também não fazem o mesmo? Sejam, pois, perfeitos, assim como perfeito é o seu Pai celestial (Mt 5.43-48).

Como já observamos, a passagem de Levítico 19.17-18 era inédita no mundo antigo. Mesmo assim, ela não chegou a mandar que os ouvintes amassem os inimigos. Primeiro, ela não usou o termo específico para "inimigo". Também, Levítico 19.17 deixa claro que as instruções que vetavam a vingança se referiam a "um compatriota israelita", e foi entendido que essa regra contra a vingança se aplicava apenas à comunidade da aliança.

Jesus começa mostrando que era assim que Levítico 19.17-18 era interpretado. "Ouviram o que foi dito" que "ame o seu próximo" (uma citação de Lv 19.18) "e odeie o seu inimigo". As pessoas, é claro, interpretavam a palavra *próximo* como referência apenas ao seu próprio povo, pessoas que pertenciam à mesma nação e à mesma religião. Os estrangeiros não eram contemplados — não eram considerados próximos. Nesse caso, a diretiva de amar o próximo se aplicava apenas àqueles da mesma raça e religião.

No entanto, Jesus agora diz que essa não é a maneira correta de entender o mandamento de "amar o próximo". Em outro lugar, na parábola do Bom

Samaritano (Lc 10.25-37), ele ensina que o próximo pode ser qualquer pessoa. O "bom próximo" da parábola presta ajuda dispendiosa e arriscada a um homem de outra religião e outra nacionalidade. No Sermão do Monte, porém, Jesus deixa explícito esse ensino.

Jesus deixa claro que os cristãos precisam mostrar amor em vez de ódio a todas as pessoas, até mesmo àquelas de outras religiões e raças. Ele fala especificamente aos seus discípulos que deveriam saudar não apenas os "compatriotas", o seu próprio povo. Já que o cumprimento tradicional era tipicamente um abraço e a palavra *shalom*, palavra que significa pleno florescimento e paz. Jesus está dizendo que não podemos limitar o nosso compromisso com o bem dos outros à nossa própria tribo e povo, e nem exclusivamente à comunidade cristã. Precisamos abrir os nossos braços e corações ao "Outro" — àqueles que são diferentes de nós quanto à religião, raça, moral, e política. E precisamos desejar o *shalom* deles. Dessa maneira, Jesus "apresenta o conceito do amor não discriminatório".[17]

"Amar aqueles que não amam você não é um fragmento de sabedoria pragmática, mas reflete o caráter do próprio Deus (v. 45), que dá terra frutífera por meio de sol e chuva a todas as pessoas, independentemente de seus motivos ou caráter".[18] Nos últimos versículos, Jesus diz que esse princípio diferenciará os seus discípulos de todos os outros. A vida humana normal é interesseira e transacional; você "ama aqueles que amam você". Nós incentivamos as pessoas que admiramos e cujo incentivo almejamos receber. Nossos relacionamentos afetivos frequentemente parecem relacionamentos econômicos. Nós investimos naquilo que nos dará lucro. Nós oferecemos amor se soubermos que receberemos de volta o amor que nos beneficiará. Não amamos as pessoas que não retribuem o nosso amor, ou que não nos dão incentivo que queremos.

Atrás das perguntas retóricas dos versículos 45-47 existem duas pressuposições. Uma é que os cristãos *devem* ter vidas de amor que sejam visivelmente "diferentes, especiais, e extraordinárias", distintas do resto da sociedade.[19] A segunda é que eles *podem* fazer isso porque "nós amamos porque ele nos amou primeiro" (1Jo 4.19). Esse é o sentido mais elevado da

retidão em Levítico 19.17. É uma maneira inteiramente nova de viver, não baseada em honra, orgulho e força, mas em respeito, graça, humildade e perdão.

A frase simples "amar os inimigos" explodiu como uma bomba e mudou o curso da vida humana. Ela já foi debatida furiosamente de muitas maneiras. O versículo significa que não podemos ter departamento de polícia? Não. Significa pacifismo? Certamente significa que a guerra é permitida apenas em situações bem específicas. No entanto, a pergunta central é como esse princípio funciona em relacionamentos pessoais. A abordagem cristã mais comum, com todas as suas possibilidades transformativas, é ilustrada por uma história clássica.

Tom Skinner era evangelista afro-americano, nascido e criado nas ruas de Nova Iorque.[20] Ele se converteu e escreveu em seu livro de memórias, *Black and free*: "2Coríntios 5.17 é verdade. Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. Se Jesus Cristo não tivesse me alcançado, eu estaria morto, na prisão, ou numa escala maior de criminalidade [...] Jesus Cristo vive em mim. Minha vida tem novo sentido e propósito por causa dele. A obra espetacular do Espírito de Deus ficou logo evidente quando ele transformou a minha vida. Ele tirou de mim o preconceito, o ódio e a violência".[21] Skinner relata um incidente que aconteceu poucas semanas após a sua conversão:

> Em um jogo de futebol, algumas semanas depois, meu amor cristão novinho enfrentou outro desafio. Eu jogava na equipe ofensiva do lado esquerdo do campo. A minha tarefa era abrir caminho para o jogador que estava avançando com a bola. Então, quando o *quarterback* iniciou uma jogada que passaria por meu lado, eu estava lá para neutralizar a defesa. O nosso *half-back* correu ileso com a bola e marcou pontos.
>
> A gente estava se levantando do chão para voltar ao nosso lado do campo [...] O rapaz que eu havia bloqueado estava furioso. Ele pulou na minha frente e me deu um murro na barriga. Quando eu me dobrei com a força do soco, ele bateu o braço nas minhas costas. Caí no chão, e ele começou a me chutar, gritando: "Negro sujo; seu macaco nojento! Vou te dar uma lição!"
>
> Em circunstâncias normais, o velho Tom Skinner teria pulverizado aquele rapaz branquinho. Em vez disso, eu me levantei do chão [...] e lhe disse: "Sabe, por causa de Jesus Cristo, eu te amo mesmo assim" [...]

O rapaz jogou o seu capacete no chão, e saiu do campo correndo. Ele não conseguiu jogar mais naquele dia. Depois do jogo, ele me procurou no vestiário e disse: "Tom, ao dizer que me amava, você acabou mais com meus preconceitos do que se tivesse me dado um soco na cara".[22]

É importante notar que, apesar de sua profunda internalização do mandamento de Jesus de amar os inimigos, Skinner se tornou crítico social e promotor ardoroso da justiça racial, dentro e fora da igreja. Na cabeça de Skinner, não havia conflito entre o perdão amoroso e a busca por justiça. Ele estava certo.

---

[1]Fyodor Dostoyevsky, *The brothers Karamazov*, tradução para o inglês de Constance Garnett (Theophania, 2011), p. 270 [publicado em português por Editora 34 sob o título *Os irmãos Karamázov*].

[2]Robert H. Gundry, *Mark: a commentary on his apology for the cross*, vol. 2 (Grand Rapids: Eerdmans, 1993), p. 649.

[3]Craig Evans, *Mark 8:27-16:20*, vol. 34B, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, 2001), p. 193. "Perde-se a natureza da reciprocidade em todas essas passagens, se o perdão de Deus é visto como causado ou conquistado pelo perdão humano. A parábola do Servo Impiedoso em Mt 18.21-35 ilustra que o nosso perdão precisa brotar da experiência de sermos perdoados. Portanto, ser perdoado e não perdoar, receber misericórdia e não oferecer misericórdia é, na realidade, a falta de experimentar a aceitação graciosa de Deus, e ridiculariza a oração descrita nos versículos 22 a 24, como expressão do nosso relacionamento com Deus".

[4]James R. Edwards, *The Gospel according to Luke*, The Pillar New Testament Commentary, D. A. Carson, org. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans and Apollos, 2015), p. 478.

[5]Church of England, Articles of Religion, www.churchofengland.org/prayer-and-worship/worship-texts-and-resources/book-common-prayer/articles-religion#XX.

[6]D. A. Carson, *Love in hard places* (Wheaton: Crossway, 2002), p. 81.

[7]Aqui, estou emprestando dois termos de dois escritores que trabalham com a mesma formulação dos dois aspectos do perdão, David Powlison, *Good and angry: redeeming anger, irritation, complaining, and bitterness* (Greensboro: New Growth, 2016), p. 84-7; e Carson, *Love in hard places*, p. 82.

[8]Carson, *Love in hard places*, p. 85.

[9]Johann Cristoph Arnold, *Why forgive?* (Walden: Plough, 2010), p. 183-4.

[10]Ibidem, p. 185.

[11]Powlison, *Good and angry*, p. 86.

[12]D. A. Carson, "Matthew", in *The Expositor's Bible Commentary*, vol. 8, Frank E. Gaebelein, org. (Grand Rapids: Zondervan, 1995), p. 155-7.

[13]John R. W. Stott, *Christian counter-culture: the message of the Sermon on the Mount* (Leicester: InterVarsity, 1978), p. 105 [publicado em português sob o título A mensagem do sermão do monte: contra-cultura cristã].

[14]R. T. France, *The Gospel of Matthew*, The New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), p. 221.

[15]"À medida que esse princípio legal é superado por aquilo para o qual ele aponta, assim também é essa dureza de coração. Os profetas do Antigo Testamento previam um tempo em que haveria uma transformação de coração entre o povo de Deus, vivendo debaixo de uma nova aliança (Jr 31.31-34; 32.37-41; Ez 36.26). Os pecados do povo seriam perdoados (Jr 31.34; Ez 36.25), e obediência a Deus fluiria do coração (Jr 31.33; Ez 36.27) à medida que a era escatológica rompesse. Portanto, as instruções de Jesus sobre essas questões são fundamentadas em escatologia. Em Jesus e o reino, o cumprimento (mesmo que seja parcial) das promessas do Antigo Testamento, a era escatológica que a Lei e os Profetas haviam profetizados (Mt 11.13), está chegando; e as profecias que impediam o mal enquanto apontavam adiante para o *escathon* agora são superadas pela nova era e pelos corações novos que ela traz (cf. Piper, p. 89-91)." Carson, *Matthew*, p. 156.

[16]D. Martyn Lloyd-Jones, *Studies in the Sermon on the Mount*, vol. 1 (Grand Rapids: Eerdmans, 1969), p. 279 [publicado em protuguês por Fiel sob o título *Estudos no Sermão do Monte*].

[17]France, *Gospel of Matthew*, p. 223.

[18]Ibidem, p. 224.

[19]Ibidem.

[20]Skinner morreu em 1994 de leucemia. "Tom Skinner, 52, Minister and Trainer", *The New York Times*, June 26, 1994, www.nytimes.com/1994/06/26/obituaries/tom-skinner-52-minister-and-trainer.html#:~:text=Tom%20Skinner%2C%20the%20son%20of,before%20that%20in%20midtown%20Manhattan.

[21]Tom Skinner, *Black and free* (Grand Rapids: Zondervan, 1970), p. 88.

[22]Ibidem, p. 89.

Parte 3

PRATICANDO O PERDÃO

CAPÍTULO 8

NOSSA NECESSIDADE DE PERDÃO

> Sou tão culpada.
> Sou uma causa perdida e você é o único que pode me salvar.
> — ADELE, "MY LITTLE LOVE" (CANÇÃO ESCRITA PARA SEU FILHO SOBRE O DIVÓRCIO DOS PAIS DELE) DO ÁLBUM *30*

A primeira dimensão insubstituível do perdão cristão é o que já chamamos de "vertical". Por meio dela, reconhecemos a nossa necessidade do perdão e a nossa recepção desse perdão de Deus. Os cristãos acreditam que a experiência do perdão de Deus é uma motivação unicamente poderosa — como também o padrão instrutivo — para a extensão do perdão a outros. Uma vez que esse conceito é fundamental para o perdão humano, vamos analisá-lo em dois capítulos.

A fé em Jesus Cristo e em seu evangelho nos ajuda a entender a nossa necessidade profunda e indelével da remoção divina da nossa culpa e vergonha. Ela também nos fornece recursos disponíveis apenas aos cristãos, e esses recursos são necessários tanto para receber o perdão de Deus quanto oferecê-lo a outros.

Entendendo a culpa e a vergonha

Wilfred McClay escreveu sobre "The strange persistence of guilt" [A estranha persistência da culpa].[1] Se os cristãos começam a falar sobre a importância do perdão de Deus, alguns vão dizer que estes estão vivendo no

passado. Sim, eles dizem que no final do século 19 e no início do século 20, as pessoas ainda estavam lamentando o declínio da fé e lutando com a culpa, mas isso foi apenas um resquício. Friedrich Nietzsche, em *Genealogia da moral* (1887), argumentou que à medida que mais e mais pessoas rejeitassem a religião e Deus, os reflexos morais antigos que essas crenças criaram — em particular, a experiência de culpa e vergonha — iriam desvanecer.

Temos também a obra de Sigmund Freud. Embora muito do seu arcabouço psicanalítico seja rejeitado hoje por não ter base suficiente na ciência, a sua ideia geral da terapia permeou o tecido da cultura e está mais forte do que nunca. O freudismo ensinava que os seres humanos são esmagados por culpa e vergonha impostas por "interdições" — julgamentos condenatórios impostos nas pessoas por famílias, tribos, religiões e outras instituições culturais opressivas que lhes sugavam a vida. Freud procurou "desmoralizar" a culpa ao tratá-la como estritamente subjetiva, sem fundamento sequer em realidades morais objetivas. A liberdade vem pela "análise" — a neutralização e desconstrução dessas interdições sociais, a fim de diluir o poder delas. Precisamos enxergar o fato de que nossos sentimentos de culpa são realmente imposições colocadas sobre nós por aqueles que querem usar seu poder e influência para nos subjugar.

Um terceiro pensador, cujo trabalho subverteu a ideia de culpa e vergonha interior, foi Karl Marx. Embora o trabalho de Marx não fosse, a exemplo de Nietzsche e Freud, voltado principalmente à culpa, ele deu as ferramentas para desconstruir quaisquer reivindicações morais como "realmente apenas" criações da nossa posição social. Todas as afirmações morais, de acordo com Marx, são meios que as autoridades usam para se manter no poder e preservar a estrutura social que as beneficie.

Então, com o predomínio desses grandes filósofos e pensadores, e com a aceleração da secularização da sociedade ocidental, sem dúvida, de acordo com a previsão de Nietzsche, a experiência de culpa e vergonha iria diminuir na sociedade em geral, e continuar apenas, se é que continuasse, entre bolsões isolados de pessoas extremamente religiosas.

É evidente que isso não aconteceu. Nas últimas duas décadas, livros sobre a cura da culpa e da vergonha, por John Bradshaw, Brené Brown e outros

autores foram lidos e escutados por milhões de pessoas. E outros termos — baixa autoestima, sentimentos de insuficiência, imagem corporal inadequada, autodepreciação e automutilação — se encaixam perfeitamente no que chamamos tradicionalmente de culpa e vergonha.[2] Por que a sociedade de Nietzsche, isenta de culpa, não se concretizou?

McClay mostra que a sociedade secular não conseguiu se livrar da culpa e da vergonha, mesmo que tenha relativizado o conceito da verdade moral. As pessoas seculares se encontram numa situação estranha: sentem-se pecadoras sem ter um nome adequado para essa sensação. Há uma "necessidade generalizada de buscar a inocência por meio de absolvição moral e, de alguma forma, descarregar o peso moral pessoal; no entanto, o fato é que o meio convencional de buscar essa absolvição — ou de manter a gama de responsabilidades pelos pecados pessoais dentro de limites razoáveis — não se encontra, em geral, disponível".[3]

McClay convence quando alega que nossa nova cultura reversa de culpa e vergonha, em qual as vítimas e os marginalizados recebem a maior honra, é uma resposta a essa necessidade de os pecadores descarregarem sua culpa sem admitirem que são pecadores. "Pretender obter o status de vítima ou identificar-se com vítimas [...] se oferece como maneira de substituição pela qual o peso moral do pecado possa ser transferido, e a inocência de alguém afirmada".[4] McClay é compassivo e nós também devemos ser. O que ele chama de nova "economia moral" — essa nova solução ao problema de culpa à parte de Deus e confissão — não é "algo tão simples como a hipocrisia que estamos presenciando. Em vez disso, é uma narrativa onde vemos as pessoas realizarem a sua [auto]salvação com temor e tremor".[5]

A culpa não localizada, não aplacada

Há muito tempo, Franz Kafka previu essa situação. Em seu livro, *O processo*, Josef K. está levando uma vida normal. Em seu aniversário de trinta anos, ele é preso. Josef é indiciado, colocado em prisão domiciliar, interrogado e obrigado a depor muitas vezes, mas ninguém lhe fala a natureza das

acusações contra ele. No início, ele acha que tudo não passa de um mal-entendido que poderá ser resolvido facilmente. No entanto, à medida que seu caso se arrasta, Josef começa a examinar a sua vida e se lembra que fez coisas ruins. Talvez esses atos sejam o motivo de sua prisão. Ele começa a duvidar de si mesmo, mas não consegue entender o que está acontecendo. Será que ele merece ser preso ou não? Ele é de fato culpado?

Afinal, Josef nunca descobre o motivo de sua prisão. O carcereiro o leva para fora e o esfaqueia até a morte. Com isso, a história se encerra. Muitos universitários que são obrigados a ler *O processo* ficam extremamente frustrados com o livro. Ele parece uma história sombria e difícil de acompanhar que não tem resolução. Parece que não faz sentido. No entanto, como John Updike escreveu: "Kafka sintetiza [...] a mentalidade moderna: uma sensação de ansiedade e vergonha cujo centro não pode ser localizado e, portanto, não pode ser aplacado".[6]

De muitas maneiras, a cultura moderna diz: "Não acreditamos em Deus. Não acreditamos no céu. Não acreditamos no inferno. Não acreditamos em categorias morais." Kafka diz que a cultura não nos ajudou. Aliás, ela pode ter piorado a nossa situação, porque agora a nossa culpa não pode ser erradicada. Podemos afirmar: "Não acredito no pecado; não acredito na culpa", e mesmo assim, há uma voz interior que nos chama de covardes, tolos, nos deixa envergonhados e nos acusa de não vivermos direito. Algo está acontecendo. O que é? A cultura secular não tem resposta definitiva.

O estado de nudez

A Bíblia oferece uma explicação muito melhor para nossos sentimentos:

> Então os olhos dos dois foram abertos e ficaram sabendo que estavam nus; por isso, entrelaçaram folhas de figueira e fizeram para si aventais. Ao ouvirem a voz do SENHOR Deus, que andava pelo jardim no final da tarde, o homem e sua mulher esconderam-se da presença do SENHOR Deus, entre as árvores do jardim. Mas o SENHOR Deus chamou o homem, perguntando: "Onde estás?" O homem respondeu: "Ouvi a tua voz no jardim e tive medo, porque estava nu; por isso me escondi" (Gn 3.7-10).

Nesse relato famoso, Adão e Eva pecam e imediatamente experimentam a vergonha e a culpa. Essa sensação é descrita vividamente como percepção de *nudez*. Eles se sentem expostos e vulneráveis. Precisam se cobrir imediatamente para esconder de Deus e deles mesmos a verdade sobre o que se tornaram. No fundo do seu ser, eles percebem que há algo errado, algo que não conseguem justificar. Estão desesperados para se cobrir, para controlar o que outros veem neles, e para esconder, até deles mesmos, a verdade sobre quem são.

Jean-Paul Sartre, em seu livro *O ser e o nada*, intitula um dos capítulos "O olhar", no qual, conscientemente ou não, ele adota a metáfora bíblica de nudez e vulnerabilidade para comunicar a sensação indelével de vergonha e culpa com a qual convivemos. Ele imagina que está numa sala, olhando através da fechadura para uma pessoa do outro lado. Ele vê a pessoa e tudo que ela está fazendo, mas a pessoa não percebe que Sartre está espiando. Ele gosta disso! Pois ele tem a sensação de poder: a pessoa não consegue controlar o que Sartre vê, mas ele está coberto e seguro.

De repente, ele escuta um barulho vindo do corredor por uma outra porta. Sartre percebe que alguém *o* está espiando através de uma outra fechadura. Ele fica traumatizado e indignado, e não consegue suportar a situação. Por quê? Porque a sua observação não observada está sendo vista por um observador não observado. Sartre adorava *ser* o observador não observado, mas ele não suporta ser o *objeto* de um observador não observado. É como se ele estivesse nu em uma sala cheia de pessoas vestidas.

Sartre está dizendo que a condição humana precisa de folhas de figueira espirituais. Não suportamos quando as pessoas nos observam, sem filtro, fora do nosso controle e que percebam quem somos de verdade. Não temos orgulho de quem nós somos "nus e crus", e, portanto, procuramos desesperadamente maneiras de nos cobrir e de aprimorar a nossa imagem até que fique perfeita. Mas o Instagram não é suficiente!

A insuficiência das folhas de figueira

Não suportamos perder o controle daquilo que as pessoas sabem sobre nós. Temos a necessidade de filtrar esse conhecimento, interpretá-lo e explicá-lo. A ideia de que alguém veja realmente a nossa pessoa não processada, não polida, sem maquiagem, é intolerável. Em seu livro *O ser e o nada*, Sartre cria um argumento engenhoso contra a crença em Deus. Não há nada mais desumano do que sermos o objeto de um observador não observado e, se Deus existisse, ele seria mesmo esse observador. Portanto, mesmo que Deus exista, preciso me opor a ele e desafiá-lo, em nome da minha humanidade plena.

No entanto, Sartre não pergunta *por que* os seres humanos não suportam ser observados por um observador não observado. Se não tivéssemos nada a esconder, não haveria medo — mas temos *muito* o que esconder. A nudez é uma sensação profunda de que há algo errado comigo, algo imperfeito *sobre* mim. Há algo inadequado em mim; não sou o que eu deveria ser. Essa é a razão pela qual não podemos suportar que alguém nos veja como realmente somos. Imagine se cada pensamento que passou por sua cabeça fosse capturado e disseminado pela internet. O que aconteceria se as pessoas vissem quantos pensamentos tolos, mesquinhos, medrosos e obcecados você tem? Você não suportaria. Gastamos a vida inteira procurando meios de cobrir aquele sentimento profundo e radical de insuficiência.

Por que tantas pessoas trabalham em ritmo frenético para serem bem-sucedidas? Por que algumas pessoas não estabelecem limites e não conseguem dizer não? Por que muitas pessoas estão sozinhas e não se abrem para amizades autênticas ou não permitem que relacionamentos amorosos se desenvolvam? Por que algumas pessoas são *resgatadoras e estão sempre* tentando salvar gente em crise?

Por que algumas pessoas vivem como vítimas perpétuas e passam o tempo todo culpando os outros por suas mazelas? Por que outras pessoas se comportam abusivamente, vivendo pelo princípio: “Passe a perna nos outros antes que eles passem a perna em você”?

Por que algumas pessoas se esforçam tanto para promover o relativismo? Elas dizem: “Ninguém pode me deixar com sensação de culpa. Eu determino meus próprios valores morais!” Por que outras pessoas se tornam

extremamente religiosas e moralistas, e então passam a condenar todo mundo com base em suas crenças erradas?

Por que tantas pessoas buscam encontros sexuais descompromissados no Tinder ou no Grindr, quando uma voz dentro delas lhes fala que isso não é sábio nem certo?

Por que tantas pessoas adoram espalhar mentiras e fofocas? Por que queremos acreditar que todas as autoridades são aproveitadoras, e que todas as instituições são corruptas?

Por que todas essas coisas? Todas são folhas de figueira. Seu perfeccionismo é uma folha de figueira. Seu trabalho é uma folha de figueira. Agarrar-se a juventude é uma folha de figueira. A nossa necessidade de aprovação é uma folha de figueira. Nós somos iguais a Lady Macbeth, correndo para lá e para cá, dizendo: "Sai, mancha maldita! Todo o perfume da Arábia não conseguiria deixar cheirosa esta mãozinha". Sabemos que há podridão e estamos procurando perfume. Essas são tentativas de lidar com a sensação de inaceitabilidade, de não ser amado, que todos nós temos.

Mas as folhas de figueira não funcionam. Imagine só se você tivesse de se vestir com folhas de figueira de verdade. Essa roupa viveria se despedaçando. É assim mesmo.

Pastoreei duas igrejas ao longo da minha carreira: uma numa cidadezinha no sul, de classe trabalhadora, durante nove anos, e outra no centro de Manhattan durante vinte e oito anos. Em ambos os ministérios, lidei com casos pastorais semelhantes que me ajudaram a entender essa questão psicológica-espiritual profunda das folhas de figueira.

Na primeira igreja aconselhei duas mulheres em situações quase idênticas. As duas eram mães de filho único: adolescentes que não iam bem na escola e estavam em constante atrito com a lei. As duas tinham razão de culpar os maridos, pois estes eram distantes demais na criação dos filhos. Eu dei o mesmo conselho para as duas mães: que perdoassem os seus maridos. Uma mulher conseguiu perdoar e se comunicar com o marido de maneira que fizesse mudanças na vida dele e do filho. A outra mulher não conseguiu perdoar, e se comunicava com ele de uma maneira áspera e alienante; no

fim, a família deles se desfez. Qual foi a diferença? Para a segunda mulher, ser mãe era a sua folha de figueira espiritual primária. Se o filho saísse dos trilhos, o sofrimento dela não seria apenas sobre ele. Seria sobre ela mesma, pois a estratégia espiritual dela — ser uma mãe bem-sucedida para encobrir sua sensação de insuficiência e inaceitabilidade — dera errado. Apesar de sua profissão de fé, ela não aprendera a confiar em Jesus e sua obra para eliminar aquela sensação profunda de vergonha e pecaminosidade.

Na minha segunda igreja aconselhei dois jovens adultos que haviam se mudado para Nova York para alavancarem suas carreiras de atores. Os dois não conseguiram entrar na profissão e conquistar bons papéis. Um deles simplesmente aceitou a decepção com lágrimas, mas seguiu em frente para fazer outras coisas. O segundo não podia aceitar sua derrota. A carreira bem-sucedida de ator era o meio de providenciar uma folha de figueira espiritual para si, e suas folhas estavam caindo. Apesar de ter recebido bons conselhos de várias fontes, ele entrou em queda livre para a depressão e o vício.

Se não estivermos dispostos a ouvir o ensinamento da Bíblia sobre a origem dessa sensação de "nudez", e se não reconhecermos as folhas de figueira em nossas próprias vidas, ficaremos presos.[7] Talvez passemos o tempo todo na internet, tentando expor os pecados dos outros, para dessa forma conseguirmos uma pequena sensação de poder e controle, assim como uma resposta biológica de dopamina, o que ajuda a nos sentirmos melhor temporariamente. Ou talvez, movidos por desespero, tentemos nos encobrir de outro jeito, ou como alguns dizem, "remendar a justiça" (cf. Gn 3.7 com Fp 3.9-10). Queremos descobrir maneiras de não deixar ninguém saber, incluindo nós mesmos, o tamanho da nossa fraqueza.

Três recursos

Temos três recursos espirituais no cristianismo que são cruciais tanto para receber o perdão de Deus quanto para oferecer o perdão a outros. Vemos os

primeiros dois recursos no famoso epílogo da história de José e sua túnica de várias cores:

> Quando os irmãos de José viram que seu pai [Jacó] estava morto, disseram: "E se José nos odiar e nos retribuir todo o mal que lhe fizemos?" Então mandaram dizer a José: "Teu pai, antes de morrer, nos ordenou: 'Assim direis a José: Perdoa a transgressão de teus irmãos, e o pecado deles, porque te fizeram mal'. Agora, rogamos-te que perdoes a transgressão dos servos do Deus de teu pai." E José chorou enquanto lhe falavam. Depois disso, seus irmãos também foram, prostraram-se diante dele e disseram: "Seremos teus escravos". José lhes respondeu: "Não temais. Por acaso estou no lugar de Deus? Certamente planejastes o mal contra mim. Porém Deus o transformou em bem, para fazer o que se vê neste dia, ou seja, conservar muita gente com vida. Agora, não temais; sustentarei a vós e a vossos filhinhos." Assim ele os consolou e lhes falou ao coração (Gn 50.15-21).

As palavras e ações de José nessa passagem são o ápice de uma história longa e importante. Ela começa com Jacó, que envenenou a vida de sua família com o mesmo favoritismo que ele tinha experimentado de maneira muita dolorosa, vindo do seu pai, Isaque. Jacó mostrou favoritismo óbvio aos filhos de sua esposa Raquel (José e Benjamim), e não aos outros dez filhos. Esse comportamento não somente fez de José um menino mimado e egocêntrico, mas também amargurou os seus irmãos, a ponto de cometerem crueldades. Venderam José para mercadores de escravos e mentiram ao pai, pois disseram que José tinha sido morto por um animal selvagem.

No Egito, José foi humilhado e transformado, e começou a buscar a sua força em Deus. Ele foi promovido ao posto de administrador domiciliar de um homem rico, mas, pelo subterfúgio da esposa de seu patrão, acabou preso. Em vez de desesperar-se, José olhou para Deus novamente. Mais tarde ele recebeu a liberdade e revelou ao faraó o seu dom divino que lhe permitia conhecer o futuro. José se tornou a principal autoridade do Egito, ao lado do próprio rei.

Depois desses eventos, os irmãos de José vão ao Egito e ficam diante dele. Querem comprar comida para sobreviverem à fome severa. Não reconhecem José, pois vinte anos se passaram. No entanto, José os reconhece.

No começo, José não revela a sua identidade aos irmãos. Em vez disso, ele os testa com acusação de espionagem. Em um processo demorado, os

irmãos mostram verdadeiro arrependimento, e Judá até se oferece como escravo a fim de salvar a sua família. A essa altura, José olha em volta e manda todos, menos os irmãos, se retirarem do local. Quando José está a sós com os irmãos, com lágrimas nos olhos, ele diz: "Eu sou José!"

Ao perceberem a verdade, que esse homem poderoso é o rapaz que eles traíram décadas atrás, os irmãos ficam "pasmados" e sem palavras (Gn 45.3, NVI). Ao longo de meses e anos, eles haviam começado a acreditar que Deus ia castigá-los por seus delitos, e agora parecia que o julgamento lhes sobrevinha. Eles estavam caindo no mesmo buraco que haviam cavado para José. E esperavam a palavra de condenação.

Mas essa palavra não veio.

Ao contrário, experimentaram ternura extraordinária, bondade e carinho. José beija os irmãos e chora sobre eles (Gn 45.15). Derek Kidner, comentarista do Antigo Testamento, conclui: "A eficácia das ações de José pode ser vista no crescimento de novas atitudes em seus irmãos, à medida que o sol e a geada alternados os abriram para Deus".[8]

Humildade e alegria

O epílogo fascinante da história de José vem depois da morte de Jacó. Os filhos de Jacó duvidam que José os tenha perdoado de verdade. Eles acreditam que José simplesmente deixou de vingar-se por causa do pai. Ao perceber essa dúvida, José chora. Ele está chorando porque os irmãos ainda não acreditam no tamanho do seu amor por eles.

Quando nós nos tornamos cristãos, frequentemente trilhamos o mesmo caminho. No começo do relacionamento, aceitamos o perdão de Deus em Cristo. No entanto, não vai demorar muito até que comecemos a mostrar que nossos corações ainda duvidam do seu amor. Essa dúvida se manifesta de muitas maneiras: tentamos conquistar nossa autoestima com trabalho em excesso, castigamo-nos continuamente diante dos nossos fracassos e deixamos de perdoar porque a realidade do perdão de Deus está distante de nós.

Não acho um exagero afirmar que Jesus se entristece quando agimos dessa maneira, da mesma forma que José se entristeceu quando recebeu a mensagem dos irmãos. A resposta clássica de José é uma espécie de resumo de tudo que aprendemos nesse capítulo (Gn 50.19-21). José reitera o seu perdão, mas o faz, surpreendentemente, de maneira centrada em Deus. Ele fundamenta firmemente o perdão "horizontal" aplicado aos irmãos no perdão vertical de Deus. Se você está com dificuldade para perdoar, veja como fazê-lo.

Primeiro, José pergunta: "Por acaso estou no lugar de Deus?" *José tinha humildade suficiente para perdoar*. Se você está com dificuldade para perdoar, está esquecendo de que você é pecador, e não Deus. José diz: "O único motivo de eu continuar irado com vocês é se eu me considerasse digno de julgá-los. Mas não sou."

É preciso tomar cuidado aqui, pois a Bíblia deixa claro que Deus quer que clamemos a ele quando nos sentimos ofendidos. Os salmos estão repletos de exemplos dessa realidade emocional e de clamores por justiça. Entretanto, qualquer um que insista em cultivar ressentimento está dizendo: "Estou no lugar de Deus. Eu tenho o direito de julgar".

Segundo, ele diz: "Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o transformou em bem". *José tinha alegria suficiente para perdoar*. Perceba que ele diz, literalmente no hebraico, "Vocês planejaram o *mal*". José não diz que aquilo que os irmãos fizeram não era tão vil. Ao contrário, ele diz: "O que vocês fizeram foi mal". José fala a verdade: "Eu sei que, apesar da má conduta de vocês, tenho um Deus que me ama, que me levantou, e que transformou tudo em bem para mim".

As pessoas más são capazes de fazer coisas terríveis e, digo novamente, precisamos tomar cuidado para não extinguir os lamentos corretos e expressões de dor que as orações da Bíblia mostram como saudáveis e justas. No entanto, mais uma vez, não podemos ficar presos em nossa lamentação. Se você sabe, como José, que Deus está planejando o bem de todas as coisas (Rm 8.28), então você pode olhar para o transgressor e dizer: "Em última instância, você não pode me prejudicar. Você não pode me afastar do cuidado e do amor de Deus".

Em último lugar, José diz: "'Portanto, não tenham medo. Sustentarei vocês e os seus filhos'. Assim ele os consolou e lhes falou carinhosamente". Esse é o passo ativo. *José paga o mal com o bem*. Frequentemente (talvez quase sempre), o perdão é concedido antes que seja sentido internamente. Quando você perdoa, você não está dizendo: "Toda a minha ira se foi". Ao perdoar, o que você está dizendo é: "Agora vou tratar você do jeito que Deus me tratou. Não me lembrarei mais de seus pecados. Isso não significa que eu não possa me recordar deles. Significa, sim, que não vou agir de acordo com eles. Os seus pecados não são a realidade controladora em minha vida." O que é a realidade controladora? A graça de Deus e a maneira pela qual ele, movido por amor, controla a história.

José era um homem excepcional. E talvez você diga: "Ah, antigamente o povo era santo. Mas estou fora desse negócio de perdão. Não consigo perdoar." O problema com esse raciocínio é: você tem o que José não tinha. José não conhecia Jesus.

A cruz, o exemplo supremo de Deus transformando o mal em bem, fará de você uma pessoa muito mais humilde que José, porque você enxerga mais que José a nossa condição. José não sabia que Deus teria de morrer para salvá-lo. Por outro lado, a cruz fará de você uma pessoa mais confiante que José. Quando você considera o que Jesus Cristo estava disposto a fazer, o que mais você precisa para acreditar que Deus está trabalhando em todas as circunstâncias para o seu bem? Se nós temos acesso a recursos que nos levam a ter maior humildade que José, e temos maior garantia porque estamos em Cristo, então, devemos ser pessoas melhores no perdão e na reconciliação.

O amor custoso de Cristo

Portanto, os cristãos têm humildade e alegria que possibilitam o perdão. E há mais um recurso que o cristianismo nos oferece. Estou falando de uma compreensão do *alto custo* do amor salvador de Jesus.

> Então ele lhes disse: "A minha alma está tão triste que estou a ponto de morrer; ficai aqui e vigiai comigo". E, adiantando-se um pouco, prostrou-se com o rosto em terra e orou: "Meu Pai, se

possível, afasta de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres" (Mt 26.38-39).

Por volta da hora nona, Jesus bradou em alta voz: "*Eli, Eli, lamá sabactani*?". Isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (Mt 27.46).

É compreensível que haja muita gente que se revolta com a ideia de inferno e julgamento eterno. Mas essa rejeição gera consequências. Uma delas foi mencionada acima. Como é que haverá justiça para todo o mal, corrupção e violência perpetrada ao longo da história humana? A justiça jamais será feita se não houver um dia de julgamento divino. E se não houver um dia de julgamento, que esperança temos para o mundo?

No entanto, há outra implicação séria quando rejeitamos um Deus de ira. Ela minimiza o que Jesus fez por nós. Há muitos anos, depois do culto, uma senhora veio falar comigo, e disse que o meu sermão tinha sido muito limitado. Eu lhe perguntei: "Por quê?"; e ela me respondeu: "Bom, é por causa dessa ideia que temos de acreditar que Jesus morreu. Eu acredito em um Deus de puro amor, que ama todo mundo sem exceção. Jesus não precisou morrer. Ele ama todo mundo."

Com a maior gentileza, lhe perguntei: "Qual foi o custo do amor do seu Deus por você?". Ela respondeu: "Acho que não custou nada". Eu respondi que se não acreditarmos em um Deus justo que é obrigado a punir o pecado, não teremos noção do quanto custou a Jesus nos amar. De alguma forma, Jesus teve de sofrer aquela punição infinita, eterna, em seu próprio ser, em nosso lugar.

É por esse motivo que, no jardim do Getsêmani, o divino Filho de Deus pôde dizer que estava angustiado a ponto de morrer, e sentia que já estava sendo esmagado. É por isso que, na cruz, Jesus não gritou: "Minhas mãos, minhas mãos!", ou "Meus pés, meus pés!" ou "Minha cabeça, minha cabeça!". Ele realmente podia ter gritado assim. O seu corpo foi furado por pregos e espinhos. Ele estava sofrendo uma morte lenta e excruciante, de asfixia e perda de sangue. No entanto, ele gritou: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" A agonia suprema foi a separação espiritual de Deus.

Alguém pode dizer: "Ah, Deus simplesmente ama todo mundo". Mas um Deus assim não é tão amoroso quanto o Deus da Bíblia. Este nos deu a graça, porque ele é santo *e* amoroso. Porque ele é amoroso, há graça gratuita, gratuita, gratuita, gratuita para nós. No entanto, porque ele é santo, essa graça foi *custosa*, *infinitamente* custosa. Quando eu sei que sou receptor desse tipo de graça custosa, quando sei que Jesus Cristo foi até o coração do inferno por mim, e foi amoroso e obediente por mim. Pronto! É *isso* que me transforma: *isso* me inunda em lágrimas, *isso* é deslumbramento, *isso* é euforia, *isso* é motivação. Esse amor me transforma porque, ao mesmo tempo, por um lado, ele me tira do meu orgulho e egoísmo pela humildade; ele me tira da minha inferioridade e autocomiseração pela valorização. Esse amor me leva a odiar os meus pecados, pois foram eles que provocaram a morte de Jesus. No entanto, esse amor me proíbe de odiar a mim mesmo porque Jesus morreu por mim, para me libertar.

Não há nada que nos transforme dessa maneira. Não existem complexos de inferioridade, porque eu sou muito amado. Não existem complexos de superioridade, porque sou um pecador salvo somente pela graça. A compreensão do grito de Jesus na cruz é a chave para a transformação pessoal, e é a grande chave para a obra de perdão e reconciliação humanas.

---

[1]Wilfred M. McClay, "The Strange Persistence of Guilt", *Hedgehog Review* 19, no. 1 (Spring 2017).

[2]Nos últimos vinte anos, virou rotina dizer que a culpa é sentir-se mal sobre o que você fez, e a vergonha é sentir-se mal sobre o que você é. Essa ideia, embora seja popular, é contestada. Uma distinção melhor e mais justificável é ver a culpa como individual e a vergonha como coletiva. Em outras palavras, quando faço algo errado, sinto culpa e uma convicção de que preciso ser punido. Mas o mal comportamento pode também trazer vergonha sobre a minha família, ou meu povo, e isso cria um peso adicional. As pessoas não ocidentais são mais propensas a interpretar sua má conduta como meio de trazer vergonha à sua comunidade. Para nossos propósitos aqui, vou tratar a culpa e a vergonha como basicamente a mesma coisa: a sensação de que falhamos e merecemos a punição.

[3]McClay, "Strange Persistence of Guilt".

[4]Ibidem.

[5]Ibidem.

[6]John Updike, prefácio a *Franz Kafka: the complete stories* (New York: Schocken, 1995), p. xx.

[7]Alguns leitores notarão a semelhança entre "folhas de figueira" e "ídolos": coisas que funcionem como pseudodeuses em nossas vidas. É verdade que são essencialmente a mesma coisa, mas chamá-las de folhas de figueira aqui nos ajuda a enxergar a maneira particular pela qual elas nos ajudam a controlar como somos vistos pelos outros, e até como vemos a nós mesmos. Para aprender mais sobre o fenômeno espiritual de idolatria, ver meu livro *Counterfeit Gods: The empty promises of money, sex, and power and the only hope that matters* (New York: Penguin, 2011) [publicado em português por Vida Nova sob o título *Deuses falsos*].

[8]Derek Kidner, *Genesis: an introduction and commentary* (Downers Grove: InterVarsity, 1972), p. 199 [publicado em português por Vida Nova sob o título *Gênesis: introdução e comentário*].

CAPÍTULO 9

RECEBENDO O PERDÃO DE DEUS

Há tempos o meu espírito preso jazia
Amarrado no pecado e nas trevas naturais;
Do teu olho saiu um raio vivificador —
Despertei-me do sono. A masmorra encheu-se de luz;
Minhas cadeias se soltaram, meu coração estava livre,
Eu me levantei, saí, e te segui.

— CHARLES WESLEY[I]

Macbeth sabia que a sua esposa, conhecida por sua consciência culpada, só podia libertar-se por um "doce antídoto" que apagaria a "carga perigosa que assolava o seu coração". Esse antídoto é o perdão de Deus. Você nunca será capaz de perdoar os pecados dos outros antes de experimentar o perdão dos seus próprios pecados cometidos contra Deus. Se quisermos lidar corretamente com a culpa dos outros, precisamos lidar primeiro com a nossa culpa.

O problema do autoperdão

É comum os conselheiros ouvirem esta observação das pessoas: "Sim, pedi perdão a Deus. Mas há um problema... Não consigo perdoar a mim mesmo".

Existe uma indústria de livros de autoajuda, além de muitos tipos de terapia, que buscam ajudar as pessoas a perdoarem a si mesmas. A dimensão

vertical — o relacionamento com Deus — é deixada de fora, e a culpa é considerada algo para ser tratado internamente, na dimensão horizontal.

As principais ideias por trás da terapia de autoperdão são: (a) pedir perdão a todas as pessoas que você ofendeu; (b) assumir a responsabilidade pelo que você fez; (c) aprender lições com o erro; (d) ser tão compassivo com você mesmo quanto seria com os outros; e finalmente (e) seguir adiante na vida, aceitando você mesmo.

Embora alguns desses passos individuais possam ajudar, a abordagem em geral é insuficiente. Nós não sabemos se aquilo que fizemos realmente foi errado, e terapias seculares não nos ajudam a distinguir entre a culpa verdadeira e sentimentos falsos de culpa. Além do mais, muitas pessoas já pediram perdão a outros seres humanos — fizeram tudo que precisavam fazer — mas, mesmo assim, não conseguem se livrar da culpa e da vergonha.[2]

O que responder à pessoa que diz: "Não consigo me perdoar"? A modernidade declara que nós somos a autoridade máxima de nossas vidas. O best-seller *Passagens: crises previsíveis da vida adulta*, de Gail Sheehy, afirma que essa noção é uma regra fundamental da vida. Você "encontra a si mesmo" somente à medida que se livra de todas as exigências institucionais, das agendas alheias e da aprovação social. Os relacionamentos devem ser temporários e engajados somente se apoiarem a sua identidade escolhida e os seus interesses. Só nós podemos validar a nós mesmos ou julgar se algo é bom ou ruim. Ninguém mais tem o direito de dizer quem somos ou de nos julgar por padrões de terceiros.[3]

No entanto, mesmo diante dessas afirmações, o que acontece quando alguém ainda está sobrecarregado de culpa? Nenhum agente externo tem o poder de derrubar as sanções que infligimos sobre nós mesmos. Quem tem o direito de dizer ao indivíduo moderno: "Sua avaliação de você mesmo está errada"? A Bíblia revela o cerne desse problema: "Se o coração nos condena, Deus é maior que nosso coração" (1Jo 3.20).

Eis a essência do que o cristianismo nos oferece: somente Deus é o árbitro final de quem nós somos e do que fizemos. Se — e somente se —

Deus for o último árbitro, então Deus é capaz de anular a culpa do nosso coração e a nossa autocondenação. Se Deus disser que somos perdoados, somos perdoados, e podemos tranquilizar o nosso coração. O arcabouço secular, porém, não possui nada que possa curar a consciência ferida. Ele não tem nada a dizer ao indivíduo que se sente indigno de receber amor e perdão. Qualquer pessoa que já enxergou a profundidade de seu pecado e o que ela é capaz de fazer, nunca será tranquilizada pela trivialidade: "Seja legal consigo mesmo. Você merece".

Em seu livro, *Radical self-forgiveness* [Autoperdão radical], Colin Tipping identifica os limites de uma abordagem totalmente secular do perdão e, portanto, traz o misticismo oriental à conversa. Tipping nos aconselha a ver a nossa vida no contexto da reencarnação e do carma. Nós somos almas que existem nesta vida presente para experimentar muitas coisas que irão nos orientar para melhores práticas em vidas futuras. Nessa cosmovisão, tudo que acontece conosco e tudo que fazemos aos outros, até coisas erradas, são lições que aprendemos para que possamos crescer ao longo de muitas vidas, até alcançarmos a perfeição e a felicidade. Nesse sistema, a fim de conquistarmos o autoperdão, falamos para nós mesmos: "Embora eu seja responsável por tudo que faço no mundo humano, no mundo puramente espiritual nunca acontece nada errado".[4]

Tipping lida com o pecado, não com a absolvição dele, mas com a sua minimização. Essa abordagem é profundamente insatisfatória, porque sabemos intuitivamente que os maus atos cometidos aqui são realmente *maus*. O cristianismo não minimiza a injustiça do pecado, mas, mesmo assim, providencia um antídoto poderoso para a culpa.

O "doce antídoto" que Macbeth ansiava descobrir de fato existe. É o perdão divino. Mas experimentar o perdão divino exige que façamos uma distinção crucial entre a culpa verdadeira e a culpa falsa. Depois disso, é necessário que nos voltemos para Deus.

A culpa verdadeira e a falsa

Há dois tipos de pessoas culpadas. Algumas pessoas *devem* se sentir culpadas por seus atos, pois algumas coisas são más objetivamente, e os transgressores são culpados independentemente de suas crenças e sentimentos sobre o ato. No entanto, reconhecemos que existe outro grupo de pessoas com sentimentos de culpa desordenados: esses sentimentos parecem desproporcionais ao tamanho do ato.

Há sentimentos verdadeiros e falsos de culpa. Uma pessoa que "não consegue se perdoar" precisa começar com uma pergunta: a minha culpa é justificada, ou não?

É nesse ponto que o cristianismo oferece uma imensa ajuda. A única maneira de discernir entre culpa verdadeira e falsa é por meio de um padrão. Jesus, em uma de suas muitas críticas aos líderes religiosos da época, diz: "Ai de vós também, doutores da lei, pois sobrecarregais os homens com fardos difíceis de carregar, mas vós nem com um dedo tocais esses fardos" (Lc 11.46; cf. Mc 7.11-13). Jesus se refere ao "fardo pesado de obrigações religiosas que foram acrescentadas à Lei e que oprimem o povo [...] deixando as pessoas devastadas porque não conseguem agradar a Deus".[5] Aqui, Jesus mostra que, embora as pessoas devam se sentir culpadas se infringirem a Lei de Deus — homicídio, roubo, adultério — elas não devem se sentir culpadas por sua incapacidade de guardar as múltiplas regras religiosas humanas e legalistas que foram acrescentadas à Lei.

A distinção e a advertência de Jesus podem se aplicar àqueles que fazem parte de uma organização eclesiástica legalista. Essas pessoas também podem ser castigadas com falsa culpa, porque a sua cultura, ou comunidade, ou família, ou a sua própria consciência, lhes impõem fardos não realistas. Portanto, se você quiser ajudar alguém que está com sentimento de culpa, o primeiro passo é perguntar se o suposto delito é realmente uma violação da vontade e da Palavra de Deus.[6]

Não obstante, nem sempre é simples fazer essa distinção. Há situações em que a culpa verdadeira e a culpa falsa são entretecidas de maneiras complexas.

Muitos de nós somos atormentados pela culpa porque falamos "sim" a tantas pessoas e depois descobrimos que não temos tempo para fazer tudo, nem no dia nem na semana. Por um lado, devemos cumprir as nossas promessas e ser íntegros em nossa palavra (Mt 5.37; Pv 11.3; 20.25). Mas não é Deus que lhe deu mais do que você podia fazer. Foi você mesmo. Você não deve se sentir culpado porque não consegue fazer tudo o que as pessoas lhe pedem. O nosso verdadeiro compromisso é com Deus e com o que ele nos manda fazer em sua Palavra.

E o caso do motorista cuja risada a uma piada que ouvia no rádio causou-lhe um lapso de atenção que provocou um acidente com ferimentos graves? O sentimento de culpa desse motorista será esmagador. No entanto, não houve nenhum lapso moral ou violação de uma lei ou regra. "Isso podia ter acontecido com qualquer um", dizem os amigos do motorista, com razão, mas as palavras não servem para consolá-lo. Certamente, ele deve lamentar o fato de não estar dirigindo com mais atenção, ou mais devagar, mas, de acordo com o padrão da Palavra de Deus, a sua culpa é desproporcional. Alguém terá de ajudá-lo a reconhecer que, se ele ficar debilitado emocionalmente durante anos por causa desse acidente, estará simplesmente multiplicando a tragédia. Em vez disso, ele deve se assegurar do perdão de Deus por sua falta de prudência, e depois firmar-se no apoio amoroso de pessoas que reforcem a aceitação que Deus lhe dá.

Outro exemplo desse tipo é "a culpa de sobrevivente". Muitos soldados que perderam companheiros na guerra sobrevivem e voltam para casa. No entanto, em vez de sentirem alívio e paz, ficam cheios de culpa. Por que eles foram poupados? Acho que essa culpa vem porque esses sobreviventes sabem que não eram mais corajosos, ou talentosos, ou virtuosos que seus amigos falecidos, mas, de alguma forma, pensam que *deveriam* ter sido assim. Repito, a única maneira de lidar com essa culpa compreensível, mas persistente, é buscar a Palavra de Deus. É Deus quem determina o motivo, em seu plano, que algumas pessoas adoecem e morrem cedo, ou morrem na guerra e outras continuam vivas. O sobrevivente não deveria sentir culpa por causa disso.

A distinção entre culpa verdadeira e culpa falsa é crucial. Por quê? Porque *o tempo não curará a culpa verdadeira*. Existem normas morais absolutas no universo, e a sua alma, criada à imagem de Deus, sabe disso (Rm 1.18-20; 2.14-16). A única maneira de lidar com a culpa verdadeira é levá-la à graça e à misericórdia de Deus. Por outro lado, *esforço moral e oração não curam a culpa falsa*. A única maneira de lidar com a culpa falsa é entregá-la à vontade de Deus, e entendê-la à luz de sua Palavra.

Levando a sua culpa a Deus

O que fazer, então, com a culpa verdadeira? Não há melhor lugar para descobrir a resposta do que o salmo 51, talvez a mais famosa oração de confissão na Bíblia toda.

> Ó Deus, compadece-te de mim, segundo teu amor; apaga minhas transgressões, por tuas grandes misericórdias. Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado (Sl 51.1-2).

A ocasião dessa oração de Davi é descrita no título do salmo. Ele teve um caso com Bate-Seba, articulou a morte do marido dela e depois a tomou como sua esposa. Por meio do profeta Natã, Deus revelou o pecado de Davi ao mundo. Então Davi começou a orar.

E se eu lhe dissesse que, não importa quanto você tenha estragado a sua vida, há uma maneira de seguir adiante? Essa maneira é o que a Bíblia chama de arrependimento, e o arrependimento é um processo. O que podemos aprender sobre isso no salmo 51?

Esse salmo nos ensina que há três coisas que precisamos parar de fazer e uma coisa que precisamos receber.

As falsificações do arrependimento — a transferência da culpa

> Pois reconheço minhas transgressões, e meu pecado está sempre diante de mim. Pequei contra ti, e contra ti somente, e fiz o que é mau diante dos teus olhos; por isso tua sentença é justa, e teu

julgamento é puro. Eu nasci em iniquidade, e em pecado minha mãe me concebeu (Sl 51.3-5).

Há um verdadeiro arrependimento que é "para vida" (At 11.18, ARA), que traz força, liberdade e paz. Todavia, de acordo com a Bíblia, existe o falso arrependimento: tristeza ou remorso que podem passar por arrependimento, mas "trazem a morte" (2Co 7.10) — frustração, culpa persistente e desespero. Existem coisas parecidas com o arrependimento que trazem a vida e removem a culpa, mas elas não são o arrependimento verdadeiro.

Uma falsificação do arrependimento é a *transferência de culpa*. "Desculpe-me, mas você sabe que realmente não foi minha culpa". No entanto, o verdadeiro arrependimento assume toda a responsabilidade pelo pecado.

Uma maneira de transferir a culpa é justificarmos o nosso pecado. O escritor do século 17, Thomas Brooks, chamou isso de "pintar o pecado com as cores da virtude".[7] Olhamos para nós mesmos e dizemos: "Não sou avarento, apenas economizo"; "Não sou soberbo, apenas assertivo"; "Não bebo demais, sou apenas o coração da festa"; "Não sou grosseiro, apenas falo a verdade".

Outra maneira é transferir a responsabilidade. "Se você fosse uma esposa melhor, eu não teria tido um caso". "Eu não devia ter falado aquilo, mas ela me provocou. Qualquer pessoa teria feito o mesmo". "Eu já sofri bastante; acho que mereço ser feliz".

Uma terceira maneira de transferir a culpa é quando insistimos em afirmar que o acusador está exagerando. "Tudo bem, o que fiz foi errado, mas você é muito sensível". "Pois é, eu não devia ter feito aquilo, mas você se lembra de quando fez algo parecido para mim? Foi terrível. Agora, pare de me apontar esse dedo".

A cena de abertura da Bíblia mostra o efeito mortal da transferência de culpa: Eva culpa a serpente, Adão culpa Eva e até Deus ("a mulher que *tu* me deste") por seu comportamento. Podemos começar a lidar com a nossa culpa somente quando paramos de transferir a responsabilidade. Davi ora: "tua sentença é justa, e teu julgamento é puro" (Sl 51.4). Da parte de Davi, não há nenhuma tentativa de transferir a responsabilidade. Ele não oferece

desculpas. O verdadeiro arrependimento encara a responsabilidade, e diz a Deus: "Em tudo que se abateu sobre nós, tu foste justo [...] mas nós agimos com perversidade" (Ne 9.33). Ninguém está culpando Deus por sua severidade. Não há indícios de que alguém queira culpar as circunstâncias, ou outra pessoa, pelo pecado. A nossa consciência poderá ser lavada somente quando não houver mais fingimento ou fuga de responsabilidade.

À luz de seu comportamento, Davi acrescenta um insight impressionante sobre o seu próprio coração: "Certamente eu era pecaminoso ao nascer, pecaminoso a partir do momento em que minha mãe me concebeu" (Sl 51.5). Será que Davi está falando sobre a doutrina clássica do "pecado original", isto é, que todos os seres humanos são pecaminosos em sua natureza básica? Provavelmente, mas Davi não está querendo dar uma aula de teologia. As palavras dele são de cunho bem mais pessoal.

Davi enxerga uma semelhança familiar entre os pecados comuns de sua juventude e o homicídio. Ele percebe que não são coisas radicalmente diferentes. Dadas as circunstâncias propícias, a capacidade para crueldade que vem da autopromoção e do egoísmo no coração de cada pessoa pode, se for nutrida de forma adequada, se tornar homicídio. Ela brota da mesma semente.

Em *Broadchurch*, uma série popular produzida pela BBC, existe um mistério: nessa maravilhosa vila à beira-mar, quem poderia ter matado aquele garoto? A detetive local, Ellie Miller, duvida que qualquer morador da vila tenha cometido tal crime. É uma comunidade de pessoas boas, muito unidas. "Nós não temos esse tipo de problema", ela diz. Mas o detetive inspetor Alec Hardy discorda dela.

Hardy: "Dependendo das circunstâncias, qualquer pessoa é capaz de matar".

Miller: "A maioria das pessoas tem bússola moral".

Hardy: "Bússola quebra".[8]

O detetive da série está nos dizendo exatamente o que a Bíblia diz sobre o assunto. Você não pode negar a sua capacidade de fazer o mal. Ao longo de sua vida, você fará coisas realmente horríveis, coisas chocantes, a não ser

que você abrace essa verdade particular da Bíblia. Portanto, transferir a responsabilidade é uma das coisas mais perigosas que você pode fazer.

Eis a linguagem do coração arrependido: "Sim, meu Deus, eu fui maltratado, e já passei por dificuldades, mas não reagi de maneira apropriada. Estou infeliz hoje por causa do meu próprio pecado. Eu assumo toda a responsabilidade!". O arrependimento começa onde a transferência de culpa termina.

As falsificações do arrependimento — a autocomiseração

Outra falsificação é a *autocomiseração*. "Realmente estraguei a minha vida!" Mas o verdadeiro arrependimento envolve tristeza pelo *próprio pecado* e pela maneira que o meu pecado entristece e ofende a *Deus*.

O falso arrependimento resulta em tristeza pelas *consequências* do pecado e pelos problemas que ele lhe trouxe. Davi acaba de prejudicar Bate-Seba ao usar o poder da coroa para ter um caso com ela, uma mulher casada; e ele prejudicou Urias, o marido de Bate-Seba, ao mandar matá-lo. Davi também traiu a confiança do povo nele como rei quando usou o seu poder para benefício próprio. Mesmo assim, Davi diz a Deus: "Pequei contra ti, e contra ti somente, e fiz o que é mau diante dos teus olhos" (Sl 51.4). Como é que ele pôde dizer isso?

Essa afirmação de Davi não é principalmente uma lição teológica; é literalmente um *cri de coeur* [grito do coração]. No hebraico, uma palavra repetida indica emoção intensa: paixão, desejo e amor. O coração de Davi está se despedaçando à medida que ele percebe o que fez ao Deus que o ungiu como rei, o salvou muitas e muitas vezes das mãos do ciumento rei Saul e o empossou como rei de Israel.

Certamente Davi não está dizendo que ele *não* tenha pecado contra Urias e Bate-Seba, mas que o seu pecado contra Deus — o Deus a quem ele deve literalmente tudo — foi primordial. Davi reconheceu que o seu pecado contra Deus foi a causa do seu pecado contra todas as outras pessoas. Martinho Lutero, em seu *Catecismo maior*, argumenta que nós nunca prejudicamos os outros (com a transgressão dos mandamentos seis a dez)

sem transgredir o primeiro mandamento: "Não terás outros deuses além de mim". Portanto, se você mentir a fim de ganhar dinheiro, você tornou o dinheiro mais importante que Deus, e o dinheiro se tornou um amor maior naquele momento. Se você mentir a fim de proteger a sua reputação, você fez a mesma coisa.

Deus entende isso. Essa ênfase em nosso pecado contra Deus é o contrário da autocomiseração. Mergulhar-se em autocomiseração pode parecer arrependimento, mas não é. Quando nossos delitos nos trazem problemas concretos, lamentamos: "Eu nunca devia ter feito aquilo!" No entanto, nossa tristeza não é provocada pelo fato de termos prejudicado Deus ou os outros, mas pelo transtorno que o pecado nos trouxe. O pecado realmente não nos incomoda e, se as consequências passarem, nosso comportamento tende a voltar para os antigos delitos. Isso prova que o suposto arrependimento era mesmo a autocomiseração.

Há algum tempo eu estava aconselhando um casal. O marido usava repetidamente linguagem ríspida, inflamada e insultante com a sua esposa, e com isso ela ficava profundamente entristecida e machucada. O marido concordou em fazer aconselhamento comigo durante três anos, mas comecei a perceber que ele agredia a esposa somente quando ela ameaçava deixá-lo. Nessas ocasiões, ele vinha falar comigo e concordava em mudar o seu comportamento. No entanto, essas mudanças desapareciam assim que recuasse a ameaça de separação e divórcio. Em outras palavras, ele não estava triste principalmente pela maneira que ele estava prejudicando a esposa ou que estava desonrando a Deus. Ele não estava entristecido pelo *pecado*, mas por si próprio. A autocomiseração nunca nos leva à transformação. Entristecer-se com o pecado requer amor. Se esse homem realmente amasse a sua esposa, e o seu Deus, ele teria odiado o pecado em si, e o pecado não teria tanto poder para atraí-lo. A autocomiseração o levou a fazer mudanças superficiais que nunca modificaram de verdade o seu coração e, portanto, não provocou mudanças permanentes em seu comportamento.

A autocomiseração é parecida com o arrependimento, mas é, na verdade, o modo ensimesmado de viver, que é a essência do pecado. Você somente

começará a mudar o seu comportamento quando perceber que não apenas infringiu a lei de Deus, mas também partiu o coração dele, o desonrou e o entristeceu.

Assim como o verdadeiro arrependimento começa onde a transferência de responsabilidade termina, ele também começa onde termina a autocomiseração. Richard Sibbes, pastor britânico, escreveu em seu livro clássico *The bruised reed* (1630), que a autocomiseração termina somente quando paramos de pensar sobre as consequências. O arrependimento não é "curvarmos as nossas cabeças [...] é um trabalho do nosso coração [...] até que o pecado nos seja mais odioso que a punição".[9]

Stephen Charnock, contemporâneo de Sibbes, escreveu *A discourse of conviction of sin* [Discurso de condenação do pecado], no qual faz uma distinção nítida entre o que ele chama de arrependimento legalista — marcado por autocomiseração — e arrependimento verdadeiramente "evangélico", ou arrependimento baseado no evangelho. O arrependimento legalista nasce principalmente do medo da punição, enquanto o verdadeiro arrependimento nasce de uma consideração da bondade de Deus e, portanto, da noção da nossa própria ingratidão e falta de amor. O falso arrependimento "clama: 'eu exasperei um poder parecido com o rugir do leão [...] Provoquei aquele que é Deus soberano do céu e da terra, cuja palavra é capaz de abalar o fundamento do mundo'". Todavia, uma pessoa convencida pelo evangelho clama: "Eu enfureci uma bondade que parece com o gotejar do orvalho; eu ofendi um Deus que se comportava como amigo [...] Ah, meu coração endurecido [...] a ponto de eu fugir de uma fonte tão doce para limpar um lamaçal!"[10]

Essa é a linguagem do coração arrependido: "Sim, Senhor, estou entristecido por causa das consequências do meu pecado. Elas me despertaram para o erro do meu comportamento. Minhas atitudes prejudicaram outras pessoas e, especialmente, a ti, meu Criador, Provedor e Redentor". O arrependimento começa onde a autocomiseração termina.

As falsificações do arrependimento — o autoflagelo

Por fim, há um tipo de falso arrependimento que é excessivo. Nessa situação, a pessoa está repleta de extrema autoaversão, choro e lágrimas. A pessoa que está por perto se sente compelida a dizer-lhe que não é tão ruim, tão culpada. E este é o motivo do autoflagelo: pressionar os outros, e até Deus, a não acusar, mas a desculpar e perdoar. O raciocínio é mais ou menos assim: "Se eu me flagelar o bastante, conseguirei pagar o meu pecado, e ninguém vai me pedir mais nada".

O uso da contrição de autorrepúdio como meio de expiar o pecado rejeita o perdão de Deus tanto quanto a atitude oposta: a negação soberba de que você fez algo errado. Ambas as coisas são formas de autojustificação. John Newton, ministro anglicano do século 18, escreveu para um jovem que estava sempre deprimido em virtude de uma sensação de pecaminosidade e de indignidade. Newton não se intimidou, e lhe escreveu que se alguém se desculpar descaradamente ou mergulhar em autoaversão mórbida, é um sinal de grande soberba espiritual e autojustificação. Newton disse:

> A sua compreensão do evangelho é sólida, mas há algo legalista em sua experiência que o deixa perplexo [...] Você não deve ter muita ciência dos males interiores e adquiridos dos quais você reclama, mas talvez seja — na verdade, você é — afetado de maneira adversa por eles [...] Você articula não apenas uma opinião negativa de si mesmo, e essa opinião está certa, mas uma opinião negativa da pessoa, da obra e das promessas do Redentor, e essa opinião certamente está errada [...]
>
> Às vezes, Satanás se oferece para nos ensinar a humildade, porém, embora eu queira ser humilde, não gostaria de aprender isso na escola dele. As premissas de Satanás sobre nossa pecaminosidade talvez sejam verdadeiras [...] mas ele tira delas conclusões abomináveis, querendo nos ensinar que devemos questionar, ou o poder, ou a disposição, ou a fidelidade de Cristo.
>
> Realmente, embora nossa autorrecriminação mostre desagrado com o pecado, quando a examinarmos de perto, muitas vezes descobriremos obstinação, autojustificação, descrença, soberba, impaciência e tudo isso junto. O resultado é apenas um pouco melhor do que os piores males dos quais reclamamos.[11]

O recebimento do perdão de Deus é simples: arrependa-se e peça misericórdia! No entanto, muitas pessoas, ou talvez a maior parte delas, nunca experimentam essa graça porque não se arrependem. O verdadeiro arrependimento começa onde o ato de encobrir vícios ("nada aconteceu"), a transferência de responsabilidade ("não foi a minha culpa"), a autopiedade

("estou chateado por causa das complicações em *minha* vida") e o autoflagelo ("vou me sentir tão horrível que ninguém poderá me criticar") terminam.

Voltando-se para Deus

Se transferência de responsabilidade, de autopiedade e de autoflagelo são falsificações, o que é o verdadeiro arrependimento que nos conecta a Deus? Há dois elementos principais e eles aparecem em um versículo notável, porém despercebido, no livro de Provérbios.

Em Provérbios 28.13 lemos: "Quem encobre suas transgressões jamais prosperará, mas quem as confessa e as abandona alcançará misericórdia".[12] Primeiro, vem a nossa "confissão", palavra contrastada de maneira conveniente nesse provérbio com *encobrir*. Confessar é *admitir tudo e claramente o que você fez de errado*, sem restrições ou desculpas, e sem minimizar ou relativizar o comportamento. Confessar é assumir toda a responsabilidade. A palavra hebraica *ydh*, traduzida nesse versículo como "confessa", sempre traz a ideia de louvor e gratidão a Deus. Portanto, confessar o pecado não é apenas dizer a verdade, nem dizer de forma abstrata: "Eu mereço ser punido de alguma maneira". Ao contrário, é admitir que você não estava amando e honrando a Deus, mas, nesse momento, você começa a glorificá-lo admitindo que prejudicou a Deus e aos outros.

Um homem relatou a sua experiência desse tipo de arrependimento. Durante muitos anos a sua vida estava obscurecida por um espírito defensivo e um desconforto interior.

> Na minha busca pela paz interior, fui atrás de várias religiões e estudei psicologia, mas achei apenas respostas parciais [...] A experiência decisiva veio de forma inexplicável e repentina. De repente, percebi a enorme avalanche de coisas erradas que fiz e deixei para trás. Antes, essa realidade foi mascarada pelo orgulho e por meu desejo de causar uma boa impressão nas pessoas [...] Eu fiquei sem pretextos, fossem eles a minha juventude, as circunstâncias ou más companhias. Eu fui responsável por minhas atitudes. Em uma folha atrás de outra, escrevi tudo com detalhes. A dor era tão intensa que eu sentia como se o anjo do arrependimento estivesse cortando o meu coração com a sua espada. Escrevi dezenas de cartas a pessoas e organizações que eu havia enganado e roubado. Finalmente, eu me senti verdadeiramente livre.[13]

No entanto, Provérbios 28.13 segue adiante e diz que não é suficiente confessar ou admitir o pecado; você também tem de abandoná-lo. Abandonar é *renunciar completamente o comportamento pecaminoso, tanto em seu coração quanto em atitudes práticas*. Quando João Batista levou as pessoas para perto do arrependimento, elas perguntaram: "Então, o que devemos fazer?" Ele respondeu: "Deem frutos que mostrem o arrependimento" (Lc 3.8, NVI), e com isso ele queria dizer atitudes práticas que reverteriam o seu comportamento errado.

> Vieram também alguns publicanos para ser batizados e perguntaram-lhe: "Mestre, que devemos fazer?" Ele lhes respondeu: "Não cobreis mais do que o prescrito". E também alguns soldados perguntaram: "E nós, que devemos fazer?" Ele lhes disse: "De ninguém tomeis nada à força, nem façais denúncia falsa; e contentai-vos com o vosso salário" (Lc 3.12-14).

Portanto, o arrependimento significa não apenas confissão de comportamento errado, mas também um coração que acha o pecado repugnante e, assim, tem planos para mudar. Passos concretos são oferecidos: "Daqui para frente jamais irei para tal lugar" ou "Daqui para frente nunca farei tal coisa". Pontes são queimadas; sistemas de responsabilidade são estabelecidos.

É claro que muitos planos desse tipo falham, ou falham parcialmente. O crescimento cristão é um processo. No entanto, sem renúncia sincera e sem planos concretos para mudar, o verdadeiro arrependimento não está em ação. O falso arrependimento é puro sentimento. O verdadeiro arrependimento se compromete a mudar o comportamento.

Um homem chamado Leonard contou a seguinte história. Ele era um executivo de meia-idade, bem-sucedido e com muitos recursos financeiros. Ele conta:

> Do ponto de vista humano, eu era uma boa pessoa. Eu seguia as leis e era membro responsável da sociedade. Eu também era religioso; era membro assíduo da igreja; doava o meu dinheiro a boas causas, e até tentava "testemunhar de Cristo".

Todavia, um domingo ele ouviu um sermão sobre os "pobres de espírito". Foi uma chamada bíblica para as pessoas serem humildes e deixarem de se preocupar com o seu próprio status para servirem aos outros. Leonard foi

profundamente tocado. O sermão "me fez duvidar que eu fosse uma pessoa tão boa quanto pensava ser". Ele experimentou uma "nova inquietação" e começou a examinar os motivos fundamentais de sua vida. Ele ficou chocado ao perceber que era motivado por inveja. Por meio da aquisição de riquezas, queria provar que era melhor que os outros. Ele entendeu que o amor ao dinheiro era a força motora de sua vida, mas ele havia escondido de si mesmo e de outros essa força poderosa. "Eu tinha certeza de que estava longe de Deus [...] Eu tinha uma grande necessidade de seu perdão e queria que Cristo tirasse de mim esse espírito terrível de inveja".

Leonard se voltou para Cristo com a intenção de mudar o seu comportamento. Ele decidiu ser menos impiedoso nos negócios, mais generoso com seus clientes, funcionários e parceiros de negócio; além disso, decidiu ser mais generoso com seus recursos em geral. Ele estava pronto a abandonar o seu pecado, mas sabia que não seria perdoado por causa de suas boas intenções. "Pedi que Cristo me perdoasse, e confiei que a sua morte tinha removido os meus pecados". Esse foi o ponto decisivo em sua vida.[14]

Recebendo o perdão de Deus

Por fim, há uma coisa para nós recebermos. Depois do arrependimento, há de vir o regozijo — regozijo na misericórdia gratuita de Deus. O arrependimento sem o regozijo leva à desesperança.

Provérbios 28.13 nos diz que o arrependimento envolve uma terceira ação: *o recebimento voluntário e a aceitação da misericórdia gratuita de Deus*. A palavra hebraica para obter "misericórdia" (*rhm*) é a palavra usada para ventre. Estudiosos do Antigo Testamento nos dizem que a palavra se deriva dos sentimentos dos pais para com seus filhos recém-nascidos. "O verbo é sempre usado no contexto da emoção de misericórdia de [...] pais para filhos".[15] O amor de uma mãe pelo filho de seu ventre não é algo "merecido" pelo filho. Esse amor vem simplesmente porque o coração da mãe se move de forma poderosa. Em outras palavras, a misericórdia oferecida por Deus à pessoa arrependida é completamente gratuita, imerecida, generosa e

profundamente pessoal. Essa é uma dimensão importante do arrependimento que muitas vezes passa despercebida. O verdadeiro arrependimento envolve a aceitação da misericórdia gratuita de Deus.

O falso arrependimento, no entanto, exige que o perdão seja conquistado. Portanto, é comum encontrarmos pessoas que praticam a primeira e a segunda atitude do arrependimento — confessar e abandonar — mas insistem que não "se sentem perdoadas", ou até "não conseguem perdoar a si mesmas". Muitas pessoas se desesperam por causa do seu pecado, pois nunca acreditaram que o seu relacionamento com Deus foi baseado em misericórdia gratuita desde o início. Embora elas concordassem com a ideia da graça de Deus, a sua justificação dependia de sua santificação: o seu desempenho. Isto é, elas acreditam que Deus as ama e aceita com base em seu comportamento moral, e porque têm uma vida relativamente livre de pecado e transgressão. Quando uma pessoa cuja salvação depende de sua vida moral cai no pecado, os seus alicerces são abalados.

Essa pessoa quer "compensar" o seu pecado; ela deseja remir o pecado e conquistar o perdão. Ela não consegue entregar o seu pecado a Deus e deixá-lo nas mãos dele. Ela carrega a sua culpa como maneira de pagar o seu pecado por conta própria, na esperança de que Deus e os outros afirmem que ela já sofreu o bastante e pode ser perdoada. Em vez disso, ela deve deixar que o reconhecimento de sua pecaminosidade a leve a enxergar a magnitude da misericórdia de Deus, e ao deslumbramento maior diante de sua graça.

Para resumir, o arrependimento começa onde a transferência de responsabilidade, de autopiedade e de desespero presunçoso terminam. O arrependimento começa quando entram em cena a confissão, a renúncia e a aceitação da graça imerecida. Assim, as nuvens de culpa e de vergonha se dissipam. E, então, podemos cantar:

> Às vezes, ao cantar, uma luz surpreende o cristão;
> É o Senhor que se levanta, trazendo cura em suas asas.[16]

Como assegurar a "novidade" da misericórdia de Deus

A configuração básica do coração humano é manter o controle da vida pela conquista da própria salvação. Para o coração humano egoísta, a ideia da graça imerecida é insultante e desnatural. Jean Valjean, personagem famoso de *Os miseráveis*, é derrotado pelo perdão do bispo. Valjean percebe que esse perdão lhe rouba a autopiedade e a presunção que serviam de justificativa para uma vida egoísta e rancorosa.

Portanto, mesmo que aceitemos de início o perdão de Deus, precisamos dedicar o restante de nossas vidas ao aprofundamento da nossa compreensão desse perdão e à renovação de nossa experiência com ele.

Uma maneira de fazer isso é pesquisar, estudar e meditar regularmente sobre os textos bíblicos que ensinam o perdão de Deus. (Veja o apêndice B.)

Uma segunda maneira de você crescer em sua experiência do perdão de Deus é se aprofundar continuamente no estudo das várias doutrinas que formam a base do perdão. Elas incluem a doutrina da substituição (na qual Jesus pagou a pena integral do nosso pecado em nosso lugar) e a doutrina da justificação (que diz que quando colocamos a nossa fé em Cristo, temos a justiça sua justiça legalmente "imputada" em nós).

Talvez o tema bíblico mais abrangente que resume todas essas bênçãos seja a ideia de que quando cremos em Cristo, somos unidos com ele, legalmente e vitalmente, em sua vida e morte (Rm 6.1-4) e em sua ascensão (Ef 2.6). O que significa que nós morremos com ele e que nós estamos sentados agora nos lugares celestiais? Como o hino diz: "Pouco ainda consigo compreender".[17]

Aos olhos do Pai, estamos tão unidos com Cristo que, quando ele nos vê, ele vê Jesus. Os cristãos estão tão unidos com Cristo que somos perdoados como se *nós* já tivéssemos morrido por nossos pecados, e como se já tivéssemos sido ressuscitados. Somos tão unidos com Cristo que, quando o Pai nos vê, ele nos trata como se merecêssemos toda a glória e honra que Jesus merece. Mais de 160 vezes no Novo Testamento, Paulo fala que estamos "em Cristo" ou "nele". Paulo se chama "um homem em Cristo" (2Co 12.2). Essa noção dominava o autoentendimento de Paulo, e precisa dominar o nosso também.

Um dos muitos aspectos maravilhosos dessa grande verdade se encontra em 1João 2.1, onde o apóstolo escreve: se pecarmos, devemos nos lembrar de que "temos um advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo".

Há alguns anos, eu li o esboço de um sermão pregado por Charles Hodge aos alunos do seminário teológico de Princeton em 1861. Em sua mensagem, Hodge examina a ideia de um "advogado" diante do tribunal de justiça, trabalhando na defesa de alguém acusado de um crime. Imagine que existem acusações contra você, mas você tem um advogado de defesa. Como é o relacionamento de vocês? Hodge opina que o relacionamento de um advogado com seu cliente deve ser de grande intimidade e poder. Se o seu advogado de defesa brilhar no tribunal, o seu caso será brilhante. Se o advogado for eloquente, o seu caso será eloquente. Tudo que o seu advogado fizer será imputado a você. "[O advogado] *personifica* [o cliente]; ele se coloca no lugar do cliente. Enquanto durar, o relacionamento é bem íntimo. O cliente não é ouvido nem considerado. Ele desaparece em seu advogado. Essa é a relação que temos com Cristo, o nosso advogado. Ele se apresenta diante de Deus em nosso favor. Nós desaparecemos nele. Ele, não nós, é visto, ouvido, e considerado [...] Portanto, Cristo assume a nossa posição".[18]

Jesus é radiante? Formoso? Imaculado? Ele é "o mais belo entre milhares"? Então, é assim que você se apresenta diante do tribunal de justiça do universo. Você desaparece em seu advogado.

A primeira vez que li esse sermão, fui tocado profundamente. Eu comecei a perceber que a minha compulsão para trabalhar demais era minha maneira de ser o meu próprio advogado. Era como se eu tivesse o advogado mais brilhante do mundo, e eu me levantasse toda hora no tribunal para dizer: "*Eu* quero falar. *Eu* quero interrogar a testemunha. *Eu* quero montar a minha defesa diante dos jurados". No entanto, só Jesus tem um caso infalível. Ele pode afirmar em meu favor: "Pai, eu cumpri todas as suas exigências no lugar do meu cliente. Agora, aceite o meu amigo, meu irmão, meu filho, por causa do que eu fiz".

Quando o nosso coração nos condena, Jesus é infinitamente maior que o nosso coração, e poderemos sentir a grandeza dessa verdade à medida que conhecemos o ensino da Palavra sobre a graça e o perdão gratuito de Deus.

Em Lucas 7, Jesus estava almoçando na casa de Simão, o fariseu, quando "uma mulher da cidade" se aproximou. O termo era um eufemismo para prostituta Ao se ajoelhar diante de Jesus, ela chorava e ungia os pés dele num gesto de devoção. Simão a reconheceu como "pecadora", e ficou admirado que Jesus tivesse aceitado as expressões públicas de amor, em vez de afastar a mulher. Jesus respondeu com uma parábola sobre dois devedores — um que devia dez vezes mais que o outro — que tiveram suas dívidas perdoadas pelo credor. "Qual deles o amará mais?", perguntou Jesus a Simão (Lc 7.40-42). Simão lhe deu a resposta óbvia: aquele a quem mais perdoou.

Jesus observou que o próprio Simão, que não se considerava um pecador precisando de perdão, havia saudado Jesus de maneira bem fria e formal; no entanto, o grande amor e carinho da mulher fluiu da alegria de saber que tinha recebido um perdão imenso. A lição para nós não é, de maneira alguma, que é melhor viver com pecados grandes e escandalosos. O Novo Testamento ensina que Simão precisava de perdão por causa do seu orgulho tanto quanto a mulher precisava por causa de sua imoralidade, ou até mais. Se buscarmos o perdão de Cristo, conheceremos amor e alegria por meio do poder do Espírito Santo.

O profeta Miqueias diz que Deus "pisará as nossas maldades" e "lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar" (Mq 7.19). Corrie ten Boom, a famosa escritora holandesa, dizia frequentemente que, quando Deus lança os nossos pecados no fundo do mar, ele coloca ali uma placa: "Proibido pescar!" Deus já cuidou dos seus pecados. Não retorne para eles a fim de se sentir culpado novamente. Siga adiante em amor.[19]

O sangue de Cristo

Voltemos ao salmo 51. Davi sabe que pecou e fez "o que é mau diante dos teus olhos" (v. 4). Ele sabe que é culpado de "crimes de sangue" (v. 14). Mesmo assim, ele confia que Deus o perdoará por causa de seu *chesedh* — "amor fiel" — o seu amor incondicional da aliança. Davi sente que ele é completamente *indigno* e, mesmo assim, confia em sua aceitação por Deus.

Se você se sentir apenas indigno, mas não confiante, então o arrependimento não será eficaz. Você se flagela na esperança de que Deus tenha misericórdia de você. Se for confiante, mas não tiver noção de sua profunda indignidade, você sentirá a autopiedade, mas não vai mudar nada. Davi é absolutamente humilde e sabe que é indigno, no entanto, ele é completamente confiante.[20]

Portanto, não temos desculpas, pois deste lado da cruz e da ressurreição, nós enxergamos claramente o que Davi só podia ver "por um espelho, de modo obscuro" (1Co 13.12). Davi orou: "Não me expulses da tua presença" (Sl 51.11), e Deus não o expulsou. No entanto, isso aconteceu porque na cruz Jesus *foi* expulso da presença divina; ele recebeu a pena que Davi merecia. Jesus clamou: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (Mt 27.46), para que Davi não tivesse de fazer isso.

Esse é o segredo da verdadeira transformação. Não é suficiente dizer: "Deus é amoroso, e eu parti o seu coração". Isso é muito abstrato. Jesus estava na cruz, olhando para todos nós. Ele viu a nossa negação e traição e, mesmo assim, no maior gesto de amor na história do mundo, Jesus Cristo continuou lá na cruz. Jesus viu o que nós somos, mas permaneceu na cruz. Ver Jesus morrendo por nós dessa maneira, e sabemos que ele fez isso por causa dos pecados que cometemos todos os dias, fará você se afastar do pecado completamente.

> Todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus; sendo justificados gratuitamente pela sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus ofereceu como sacrifício propiciatório, pelo seu sangue, por meio da fé (Rm 3.23-25).

Em 1955, Billy Graham foi convidado para falar na Universidade de Cambridge, em uma semana de reuniões vespertinas com os alunos. Quando a notícia dessa visita veio a público, o jornal *The Times*, de Londres, recebeu cartas de pessoas indignadas pelo fato de esse pregador batista americano falar aos melhores alunos da Grã-Bretanha sobre uma religião primitiva baseada em sangue, expiação e inferno.

Graham admitiu que essa oposição o incomodou. Ele se ofendeu quando o chamaram de provinciano sem instrução. Desse modo, nas primeira três

noites em Cambridge, ele citou intelectuais e estudiosos, e falou numa linguagem mais acadêmica, mas percebia que sua mensagem estava perdendo a força. Então ele se ajoelhou, orou e decidiu descartar as suas anotações. Ele pregaria simplesmente sobre o sangue de Cristo e a cruz.[21]

Dick Lucas, que durante muitos anos foi reitor da igreja anglicana St. Helen's Bishopsgate em Londres, recordou o que viu na última noite da conferência:

> Nunca me esquecerei daquela noite. Com o recinto lotado, eu estava sentado no chão da igreja Great St. Mary's com o professor régio de teologia de um lado e o capelão da faculdade (que viria a ser bispo) do outro lado. Esses dois homens eram honrosos, porém completamente em desacordo com a ideia de que precisávamos ser salvos pelo sangue de Cristo. O querido Billy Graham se levantou naquela noite e, começando em Gênesis, falou de *cada sacrifício mencionado na Bíblia*.
>
> Durante 45 minutos, o sangue escorria por todos os lados do grande salão. Os homens do meu lado ficaram horrorizados com essa proclamação grosseira do sangue de Cristo, e certamente acreditavam que nenhum jovem britânico sofisticado e inteligente iria crer nessas coisas. No entanto, no final do sermão, todo mundo ficou chocado quando quatrocentos homens e mulheres permaneceram no local para dedicar suas vidas a Cristo. (Nessa época havia apenas oito mil alunos inscritos na faculdade.)
>
> Alguns anos depois, na catedral de Birmingham, eu me encontrei com um jovem pastor que se formou na Universidade de Cambridge. Enquanto tomávamos chá, perguntei: "Onde começou a sua jornada cristã?"
>
> "Ah, em 1955, em Cambridge."
>
> "Quando?"
>
> "Billy Graham."
>
> "Qual noite?"
>
> "Na notável noite de quarta-feira."
>
> "Como aconteceu isso?"
>
> "Bom, tudo que eu me lembro é de sair da igreja Great St. Mary's pensando pela primeira vez em minha vida: 'Cristo realmente morreu por mim'".[22]

O perdão de Deus se fez real para esse jovem, e ele nunca mais foi o mesmo.

O que foi inacreditável para os docentes de Cambridge é que um homem como Billy Graham, pregando um sermão desse jeito — tão simples, sobre o sangue de Cristo perdoando pecados — poderia transformar por inteiro a

vida de um jovem como esse. Mas de fato transformou. E pode transformar a sua vida também.

---

[1]Charles Wesley, "And Can It Be?" (hino, 1739). Esse hino reconta a conversão do seu autor.

[2]Para um exemplo comum de uma abordagem interna/horizontal de autoperdão, ver Keir Brady, "7 Tips For Practicing Self-Forgiveness", Keir Brady Counseling Services, sem data, www.keirbradycounseling.com/self-forgiveness.

[3]Gail Sheehy, *Passages: predictable crises of adult life* (New York: E. P. Dutton, 1976) [publicado em português por Francisco Alves sob o título *Passagens: crises previsíveis da vida adulta*].

[4]Colin Tipping, *Radical self-forgiveness: the direct path to true self-acceptance* (Boulder: Sounds True, 2011), p. 133. "Eu sou um ser espiritual passando pela vida humana […] O que acontece durante a vida são minhas lições. Entrei na experiência da vida com o desejo de compreender plenamente a realidade da unidade por meio da experiência do oposto dela: a separação. Antes da minha encarnação, eu havia entrado em acordo com outras almas para que elas fizessem coisas, não apenas *a mim*, embora eu me sinta assim enquanto eu estiver dentro de um corpo, mas *para* mim. Enquanto eu estou aqui, também recruto pessoas para que me deem oportunidades de aprender [...] Embora eu seja responsável por tudo que faço no mundo humano, no mundo puramente espiritual nunca acontece nada errado."

[5]Darrell L. Bock, *Luke 9.51—24.53*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Baker, 1996), p. 1118-9.

[6]Ao longo da história da igreja, ministros pastorais têm identificado o problema espiritual da "consciência excessivamente escrupulosa". Ver, por exemplo, Charles Hodge, "Diseased Conscience," in: *Princeton Sermons* (1879; reimp., Edinburgh: Banner of Truth, 2011), p. 122; William Bridge, "A Lifting Up in the Case of Lack of Assurance," in: *A lifting up of the downcast* (1649; reimp., Edinburgh: Banner of Truth, 1961), p. 128-51; Thomas Brooks, "Precious Remedies Against Satan's Devices" (1652), in: *The works of Thomas Brooks*, vol. 1 (Edinburgh: Banner of Truth, 1980), p. 91-117.

[7]Brooks, *Works of Thomas Brooks*, vol. 1, p. 16.

[8]*Broadchurch*, episódio 6, dirigido por James Strong, escrito por Chris Chibnall, e exibido pela BBC em 8 de abril de 2013.

[9]Richard Sibbes, *The bruised reed* (1630; reimpr., Edinburgh: Banner of Truth, 1998), p. 12.

[10]Stephen Charnock, *The works of Stephen Charnock*, vol. 4, *The Knowledge of God* (Edinburgh: Banner of Truth, 1985), p. 199.

[11]John Newton, "Let.11 to Rev.Mr.S", in *Works of John Newton* (Edinburgh: Banner of Truth, 1985), vol. 6, p. 185-6.

[12]Essas três atitudes de arrependimento se encontram também em Sl 51, mas, a título da clareza e da brevidade, vamos estudá-las pelo prisma de Pv 28.13.

[13]Johann Christoph Arnold, *Why forgive?* (Walden: Plough, 2010), p. 175-6.

[14]De C. John Miller, "Completely Forgiven", panfleto autopublicado, 1987, p. 10.

[15]Bruce K. Waltke, *The Book of Proverbs, chapters 15-31*, The New International Commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2005), p. 417-8.

[16]William Cowper, "Sometimes a Light Surprises", *Olney Hymns* (1779).

[17]Stuart K. Hine, "How Great Thou Art" (1949).

[18]Charles Hodge, *Princeton Sermons* (1879; reimpr., Edinburgh, Banner of Truth, 2011), p. 48-9.

[19]Thomas R. Schreiner, "Luke", in: *ESV Expository Commentary*, vol. 8, orgs., I. Duguid, J. M. Hamilton; J. Sklar (Wheaton: Crossway, 2021), p. 838.

[20]Será que Deus tratou Davi de maneira justa? Já houve muita discussão sobre essa questão. Davi transgrediu contra Urias e Bate-Seba, e quebrou as leis de Deus, a aliança que formou a base do seu reinado. Não deveria haver uma pena justa por suas atitudes? A Bíblia nos mostra que essa pena foi aplicada. Diferente de Saul, que não se arrependeu de verdade, Davi o fez. Deus, então, permitiu que ele continuasse no trono. Todavia, a morte do filho de Davi foi uma execução direta da justiça de Deus sobre Davi por causa de seus delitos. Novamente, nesse caso, vemos Deus como perdoador e justo ao mesmo tempo.

[21]Esse parágrafo resume o relato de Graham em *Just as I am: the autobiography of Billy Graham* (New York: HarperCollins, 1997), p. 254-9 [publicado em português por United Press sob o título *Billy Graham: uma autobiografia*].

[22]Dick Lucas, "Romans 3.9-31", sermon, January 6, 1970, St. Helen's Bishopsgate, https://www.st-helens.org.uk/resources/talk/3027.

CAPÍTULO 10

CONCEDENDO NOSSO PERDÃO

> Não haveria uma reconciliação feliz com ele; nenhum sorriso animador ou palavra generosa. Quando lhe perguntei se me perdoou, ele respondeu que não tinha o hábito de acalentar a lembrança de vexames; não tinha nada a perdoar, pois não se ofendeu.
>
> Com essa resposta, ele foi embora. Eu me sentiria melhor se ele tivesse me batido.
>
> — CHARLOTTE BRONTË, *JANE EYRE*[1]

Como perdoar as pessoas que nos ofenderam? Uma boa parte da resposta se encontra em Lucas 17, um trecho que já abordamos.

> Tomem cuidado de vocês mesmos; se o seu irmão pecar, repreenda-o; se ele se arrepender, perdoe-lhe. Mesmo se pecar contra você sete vezes no dia, e sete vezes lhe vier, dizendo: 'Estou arrependido'; perdoe-lhe." Então os apóstolos disseram ao Senhor: "Aumente a nossa fé" (v. 3-5).

Nesses versículos, Jesus explica que ser um discípulo dele implica em ter uma vida de perdão perpétuo. É uma declaração espantosa, e os discípulos reagem imediatamente: "Não temos tamanha fé para isso!" No entanto, se olharmos esse texto, e outros, mais de perto, veremos que os cristãos realmente têm recursos para viver dessa maneira.

Por que precisamos ter uma vida de perdão?

Não devemos ignorar a primeira frase de Jesus. Ele diz: "Tomem cuidado de *vocês mesmos*", e em seguida começa a falar sobre o perdão. Isso é

contraintuitivo. Quando alguém peca contra nós, prestamos atenção no transgressor. No entanto, Jesus diz: "Quando alguém o ofender, é nessa hora que você precisa estar especialmente atento a você mesmo".

O pressuposto por trás dessa advertência mostra que é muito fácil desenvolvermos um espírito implacável, e não enxergar isso em nós mesmos. Hebreus 12.15 diz: "Cuidado para que [...] nenhuma 'raiz de amargura' brote e os perturbe, e muitos sejam contaminados por meio dela". A imagem é reveladora. Você vai fazer uma vistoria em um campo que comprou recentemente. Ao ver uma árvore no canto da propriedade, você diz: "Não quero essa árvore aqui". Você corta a árvore, arranca o toco e diz: "Pronto, acabou". Mas *não* acabou, pois alguns meses depois você volta ao local e, para sua surpresa, descobre que uma pequena árvore está crescendo ali. Por quê? Porque algumas raízes ficaram debaixo da superfície, escondidas, e cresceram.

A Bíblia está dizendo que é difícil admitirmos o tamanho da nossa indignação diante de pessoas que pecaram contra nós. A nossa primeira resposta é sempre: "Ah, estou bem. Não, não estou zangado — talvez um pouco chateado". A fim de manter a imagem de nós mesmos como boas pessoas, negamos o quanto estamos amargurados. Você diz: "Já perdoei" (isso significa que você não está buscando ativamente a vingança), "porém não consigo esquecer" (isso significa que você está torcendo pela ruína do transgressor, e você está cheio de ressentimentos).

Quando Jesus diz àqueles que são ofendidos: "Tomem cuidado de vocês mesmos" e o autor de Hebreus diz: "Cuidado para que" (um termo que significa prestar bastante atenção), isso significa que devemos pressupor que estamos mais ressentidos, menos perdoadores e mais controlados por aquilo que as pessoas fizeram contra nós do que pensamos. Raízes escondidas trabalham de formas escondidas. A não ser que escave a terra, talvez nunca veja as raízes até que brotem e você tenha feito ou falado algo cruel que lhe cause um choque.

A não ser que você perdoe de forma deliberada e completa, e com toda a ajuda que Cristo lhe oferece, a sua amargura irá "contaminar" você, como diz Hebreus.

Por exemplo, se alguém pecou contra você, e você não consegue perdoar, no mínimo você desenvolverá uma leve febre espiritual chamada autopiedade. Essa febre lhe dá uma sensação de merecimento: diante de tudo que passou, você merece um descanso e uma vida tranquila. Se a tranquilidade não se materializar, você pode cair no cinismo rancoroso a respeito das pessoas e da vida. Ou você afirmará que não consegue perdoar quem rompeu relações com você. E isso afetará a sua perspectiva sobre todos os relacionamentos amorosos.

Se você não consegue perdoar seus pais, seu relacionamento com figuras de autoridade será distorcido. Se você tiver filhos, talvez seja levado a compensar o tratamento que recebeu: ou reforçará a atitude dos pais, ou fará o contrário do que eles lhe fizeram. Talvez você crie seus filhos não de acordo com as necessidades deles, mas de acordo com as suas necessidades.

Tomem cuidado de vocês mesmos. Vivemos em um mundo onde cancelamento, quebra abrupta de comunicação e insultos são corriqueiros. Você se sentirá ofendido habitualmente por coisas insignificantes e, em alguns casos, estará sujeito à injustiça de verdade. Porém, de que maneira você evitará que tudo isso lhe transforme em um fantasma controlado pelo passado? Você tem de perdoar e perdoar corretamente.

Os componentes do perdão interior

O perdão que vem do coração envolve *identificação com o transgressor*, *disposição de pagar a dívida* e *desejo de fazer o bem ao transgressor*. Tudo isso é difícil, mas necessário caso não queira ser a pessoa que você jamais gostaria de ser, se pudesse prever o futuro.

Primeiro, perdão significa *identificar-se com o transgressor*. Em Lucas 17, Jesus diz: "Se o seu irmão ou a sua irmã pecar contra você [...] e se arrepender, perdoe-lhe".

Há quem acredite que esse texto ensina que você não precisa perdoar, a não ser que o infrator se arrependa. No entanto, Marcos 11.25 diz que, se você estiver orando, e se lembrar que tem alguma coisa contra alguém, é preciso perdoá-lo naquela hora (veja o cap. 7). Não há necessidade de

colocar esses versículos em confronto um com o outro. O perdão autêntico sempre busca a restauração completa do transgressor e do relacionamento. Todavia, se, como é o caso muitas vezes em nosso mundo caído, a reconciliação não se materializar, Marcos 11.25 nos diz que ainda precisamos (e somos ordenados a) perdoar em nosso coração.

Veja a implicação das palavras de Jesus: aquele que pecar contra você ainda é o irmão ou a irmã semelhante a você, a quem você deve amar (1Jo 3.14). O próximo ainda é o próximo a quem você deve amar como a si mesmo (Lc 10.25-37). A verdade crucial é esta: *vocês são iguais*. No entanto, quando você é a vítima, é muito fácil se esquecer desse fato.

Se um cartunista quer fazer alguém parecer ridículo, ele cria uma caricatura. O artista escolhe uma característica do rosto que seja fora do comum, ou um pouco desagradável, e a exagera, deixando a pessoa com aparência estranha. É exatamente isso que o seu coração faz quando alguém transgride contra você. A sua perspectiva do transgressor se torna unidimensional, e você vê tudo à luz daquele delito praticado contra você.

Se alguém mentiu para você, você fala consigo mesmo: "Ela mentiu porque é mentirosa!". No entanto, se você for pego numa mentira, e alguém lhe perguntar *por que* mentiu, você diz: "Bom, menti, mas é complicado. Eu não queria...". Sim, você mentiu, mas você é basicamente uma boa pessoa. Enquanto você pensa de si mesmo como ser humano tridimensional e complexo, você acha que quem mentiu para você é um vilão unidimensional.

Em sua mente, a pessoa com quem você está zangado por causa da mentira foi reduzida à mentira. É um mecanismo de auto-justificação que identifica o pecado do outro e diz: "*Eu* nunca faria nada igual". Esse impulso de comparar e de se sentir superior ao outro é uma maneira instintiva pela qual o coração tenta revidar contra o transgressor. Olhar com desdém para o transgressor parece ser uma pequena vitória para nós, mas isso nos leva ao farisaísmo, e farisaísmo no coração é sempre mortífero. Lewis Smedes escreve:

> O ressentimento é agridoce. Se não o nutríssemos, acabaríamos largando o ressentimento. Que tipo de recompensa temos do nosso ressentimento? Por que mantemos um registro de mágoas? Primeiro, isso nos dá uma sensação de superioridade [...] Também gostamos do dissabor que

> sentimos quando nos lembramos da transgressão [...] Nós nos sentimos nobres e dignos, pois somos a pessoa decente que foi injustiçada. O ressentimento tem um propósito duplo: ele nos oferece a dor que acalentamos e apresenta uma oportunidade para nos justificarmos [...] Mesmo assim o ressentimento nos deprime, rouba nossa gratidão e se infiltra em outros relacionamentos.[2]

O ressentimento sempre cria em nós uma sensação de superioridade moral em relação ao transgressor, e essa sensação faz com que seja mais difícil nos livrarmos do ressentimento. Se você não admitir que também é um pecador carente de graça, o seu ressentimento irá distorcê-lo e contaminá-lo. Miroslav Volf faz uma afirmação clássica dessa verdade:

> O perdão tropeça porque eu excluo o inimigo da comunidade dos humanos ao mesmo tempo que eu me excluo da comunidade dos pecadores. No entanto, ninguém pode ficar na presença do Deus do Messias crucificado por muito tempo, sem superar essa dupla exclusão [...] Quando sabemos que o torturador não irá triunfar eternamente sobre a vítima, estamos livres para redescobrir a humanidade dessa pessoa e imitarmos o amor de Deus por ela. E quando sabemos que o amor de Deus é maior que todo pecado, estamos livres para enxergar a nós mesmos [...] e assim redescobrir a nossa própria pecaminosidade.[3]

Se você quer perdoar, precisa se identificar com os transgressores. Como Volf afirma, você precisa admitir que faz parte do grupo dos pecadores, e que eles fazem parte do grupo dos humanos. Esse é o primeiro passo.

Absorvendo a dívida

O segundo elemento do perdão é *dispor-se a pagar a dívida do transgressor em vez de exigir que ele faça isso*. A própria palavra usada aqui — *aphiemi* — significa cancelar ou quitar uma dívida.[4] Nesse caso, quitar significa parar de exigir um pagamento do devedor e, dessa forma, assumir a dívida você mesmo. Aqui estamos chegando ao cerne do significado cristão do perdão.

Se alguém pecar contra você, esse transgressor lhe deve uma recompensa. Essa dívida pode ser literal. Imagine que você faça uma festa em sua casa, e um convidado descuidado quebra um abajur valioso. Ele pede mil desculpas, mas você responde: "Não se preocupe". Em outras palavras, você lhe perdoa. Todavia, agora você precisa pagar para repor o abajur, ou ficar sem iluminação no canto da sala. De qualquer maneira, o seu perdão significa

que agora você assume o custo do transgressor, em vez de ele arcar com a dívida. A transgressão sempre implica em custo, e esse custo precisa ser carregado por alguém. Ou o transgressor assume a dívida, ou alguém o faz. Isso é verdade, mesmo que a transgressão seja algo que não possa ser calculada financeiramente. O custo pode ser reputação, relacionamento, saúde ou outra coisa. Perdoar é: deixar de se vingar (Rm 12.17-21), é absorver o custo, é *não* exigir pagamento da dívida fazendo ao transgressor as mesmas coisas que ele fez contra você, ou "pagar com a mesma moeda". Portanto, o perdão é sempre custoso ao perdoador, mas os benefícios — no mínimo dentro do seu coração e, no máximo, restauração de relacionamento e demonstração do poder do evangelho — ultrapassam seus custos.

Perdoar é renunciar ao desejo de acertar as contas. Perdoar é dar ao transgressor um presente que ele não merece de jeito nenhum. Em amor, você está absorvendo a dívida que o transgressor lhe deve. Aqui você está verdadeiramente seguindo os passos de Cristo. Perdão é uma forma de sofrimento voluntário que traz um benefício maior.

Como veremos no próximo capítulo, é possível buscar justiça sem buscar vingança. Não obstante, do ponto de vista da vítima, pode ser gratificante ver a justiça aplicada ao transgressor. No entanto, as palavras de Jesus, em Marcos 11.25, significam que devemos perdoar o transgressor antes de *sabermos como ele vai reagir, ou se a justiça será feita nesta vida*. Jesus é claro: "Quando estiverem orando [...] perdoem". A lógica aqui é tanto teológica quanto prática. Como vimos na parábola de Mateus 18, Deus espera que perdoemos da mesma maneira graciosa que ele nos perdoa. Na prática, no entanto, a não ser que você se esforce pelo menos um pouco para perdoar o transgressor, ao se aproximar dele, você não estará buscando justiça, mas vingança. O transgressor perceberá isso e vai se preparar para o combate. Perdão, portanto, não é o contrário da busca por verdadeira justiça. Perdão é, entre muitas outras coisas, a precondição da justiça.

Em um ensaio clássico sobre o perdão, Dan Hamilton descreve como ele e a sua noiva se perdoaram aos poucos depois de um rompimento doloroso.[5] Ele relata de maneira sábia: mesmo que o perdão possa ser concedido em um momento, ele ainda é um processo interior que pode levar muito tempo.

"O perdão pode ser comparado à compra de um presente caro à prestação. O presente é entregue em um momento [quando você diz, 'Eu lhe perdoo'], e desfrutado daquele momento em diante, mas o presenteador continuará a pagar as prestações em oculto até que a dívida toda seja quitada".[6] Hamilton apresenta a si mesmo como estudo de caso:

> Era uma vez uma noiva que mudou de ideia. Eu a perdoei [...] mas somente em pequenos pagamentos ao longo de um ano [...] Os pagamentos foram feitos a cada vez que conversávamos e eu não desenterrava o passado. A cada vez que eu a via conversando com outro rapaz. A cada vez que eu renunciava à inveja e à autopiedade, quando orava por ela sempre que entrava em novos relacionamentos. A cada vez que eu a elogiava e falava do seu valor, embora eu tivesse vontade de diminuir sua boa reputação. Esses foram os pagamentos, no entanto, ela nunca os viu. E os próprios pagamentos dela para mim foram feitos também em oculto. Mas eu sei que ela me perdoou [...] O perdão é mais que a recusa de odiar alguém. É também o trabalho de escolher demonstrar amor e aceitação ao transgressor [...] Perdoar é lidar com as nossas emoções [...] quando recusamos os prazeres obscuros de desabafar ou afagar cada um deles em nosso interior [...] A dor é a consequência do pecado; não há jeito fácil de lidar com ela. A moeda do perdão consiste em madeira, pregos e dor; eles são o amor que cura.[7]

Interpretações equivocadas mais comuns do perdão

O ensino de Jesus significa que muitas interpretações atuais comuns sobre o perdão são equivocadas.

É típico que pedidos de perdão sejam respondidos com um dar de ombros, "Não se preocupe", "Sem problema" ou "Esqueça, deixa pra lá". No livro *Jane Eyre*, quando Jane recusa o pedido de casamento de St. John, ela lhe pede perdão por recusá-lo, e ele lhe dá uma resposta seca. Jane relata: "Não haveria reconciliação feliz com ele; nenhum sorriso animador ou palavra generosa [...] Quando lhe perguntei se me perdoou, ele respondeu que não tinha o hábito de acalentar a lembrança de vexames; não havia nada a perdoar, pois ele não se ofendeu. Com essa resposta, ele foi embora. Eu me sentiria melhor se ele me desse um tapa".[8] Com essa última frase, Jane Eyre quer dizer que se sentiria melhor se St. John tivesse realmente a punido, ou tivesse realmente perdoado. Mas ele não fez nenhuma das duas

coisas. Ele não reconheceu qualquer transgressão. Em vez de perdoar, ele minimizou e desculpou-se. Portanto, vamos aprender o que o perdão *não* é:

Desculpar. Uma desculpa elimina a necessidade do perdão. Às vezes, se os transgressores são confrontados e conseguem dar uma boa explicação de seus motivos, talvez os aceitemos e, neste caso, podemos desculpá-los. No entanto, isso não é o perdão. É a determinação que não havia dívida real desde o começo.

Negar ou caiar. O perdão não é fingir que um pecado não é um pecado. Não é negar nem fingir que o delito não aconteceu. Na verdade, o perdão começa com o pleno levantamento da dívida e do custo. O preço não pode ser pago a não ser que seja corretamente avaliado.

Deixar de buscar ativamente a vingança. Muitas pessoas dizem: "Posso perdoar, mas não consigo esquecer". Com frequência, isso significa: "Não vou querer prejudicá-lo agora, mas vou continuar a tratá-lo com frieza e a torcer para que você fracasse, pois ainda tem uma dívida comigo". Resumindo, você se recusa a fazer os pagamentos interiores e, em vez disso, espera que coisas ruins aconteçam ao transgressor, até você decidir que a dívida foi paga.

Suspender o julgamento. É possível que você diga: "Vou perdoar dessa vez, mas na próxima não serei tão bonzinho". Isso significa: "Estou contabilizando esse delito contra você, no entanto, não é suficiente para que eu me vingue agora. Mas estou anotando isso na sua ficha! Você está em liberdade condicional".

Transformar a misericórdia condescendente em arma. Há uma maneira de dizer "Eu lhe perdoo" que na verdade significa: "Veja como sou melhor que você! Vou ignorar tudo isso!" É também um jeito de insinuar: "Já que lhe perdoei, espero muitas coisas de você". Na verdade, você está dizendo: "Você me deve muita submissão, porque eu não fui atrás de vingança". Mas essa *é* uma forma de vingança.

Abandonar a justiça. A justiça é chamar o transgressor a admitir o pecado a Deus e à vítima, e a assumir a pena exigida da lei humana ou da Lei de Deus.[9] Buscamos a justiça por causa de Deus, por causa das vítimas potenciais e até por causa do transgressor. (O amor jamais permite que alguém continue pecando — Gl 6.1.) As pessoas ou tendem a buscar vingança, achando que esse é o caminho da justiça, não buscam a justiça de maneira alguma. A primeira opção é revanchismo; a segunda, covardia.

Confiar imediatamente. Às vezes, as pessoas acham que o perdão significa que temos de reatar com o transgressor e continuar o mesmo relacionamento que existia antes do problema. No entanto, se a pessoa não mostrar evidência de verdadeira mudança de coração, não devemos confiar nela. Se confiarmos imediatamente numa pessoa com hábitos pecaminosos, podemos, sem querer, facilitar o seu comportamento errado. Infelizmente, muitas igrejas recolocam molestadores em posições de confiança e autoridade porque alegam que o perdão implica nisso. No entanto, Jesus não restaurou

Pedro automaticamente, sem antes conduzi-lo por um processo minucioso (Jo 21). A confiança precisa ser restaurada, mas a velocidade desse processo depende da resposta do transgressor à correção.

Desejando o bem do transgressor

A terceira parte do perdão é *desejar o bem do transgressor*. Na cruz, Jesus disse: "Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem" (Lc 23.34). Quando Jesus se voltou ao Pai, e orou por seus carrascos, ele nos mostrou um aspecto importante do perdão. Jesus reconheceu que estavam pecando (caso contrário, não precisariam de perdão), mas, de maneira empática, ele observa que os homens não compreendiam plenamente o que estavam fazendo. Da mesma maneira que Estêvão faria mais tarde (At 7.60), Jesus pede misericórdia para os seus assassinos.

"Desejar o bem do transgressor" é um tipo de teste. Se você já se identificou com o transgressor, e *também* iniciou o processo interior de pagamento da dívida, você estará liberto para desejar o bem dele.

Um segredo para vencer o mal é desvinculá-lo do malfeitor. O nosso verdadeiro inimigo é o mal dentro da pessoa, e queremos vencê-lo no interior dela e em nosso. Se agirmos assim, o avanço do mal em nossa direção será impedido. O ódio e a soberba do mal não irão nos infectar. O transgressor não poderá nos arrastar para um ciclo de revolta e revanche. Além disso, a disseminação do mal dentro do transgressor talvez seja interrompida. Ele pode ser sensibilizado e ajudado por meio do nosso amor. Não podemos ter certeza dessa transformação. No entanto, esse é o único caminho para que a mudança aconteça. Portanto, tomamos a decisão de desejar o bem do transgressor, além do seu crescimento e processo de cura. Nós resolvemos orar por eles.

A vingança é sempre focalizada em nós; ela não se importa com a honra de Deus ou com o bem das vítimas ou do transgressor. Por outro lado, a passividade total é também focalizada em nós. Muitas pessoas, quando são prejudicadas, dizem: "Não quero lidar com aquele indivíduo. Eu simplesmente não quero falar com ele. Não quero nem vê-lo". Todavia, se

alguém pecar contra você e você guardar ressentimento contra a pessoa no seu íntimo, e ficar gentilmente calado em seu exterior, você é o contrário de um discípulo de Cristo. Cristo chama você a perdoar o transgressor no coração (Mc 11.25) para que você lhe fale a verdade em amor (Mt 18.15-20; Ef 4.15).

Como isso é possível? A melhor maneira de começar é orar pelo transgressor. Jesus nos diz que devemos amar os nossos inimigos e orar por eles (Mt 5.44), como ele mesmo fez na cruz. Também significa que devemos parar de recontar para nós mesmos o que o transgressor nos fez (veja a seguir). Implica em ir além da mera educação e afirmar de uma maneira genuína as qualidades e pontos fortes do transgressor.

No livro *Team of rivals: the political genius of Abraham Lincoln* [Equipe de rivais: o gênio político de Abraham Lincoln], aprendemos que Lincoln nomeou Salmon Chase para ser ministro-chefe da suprema corte americana. Chase era bem qualificado e competente. No entanto, como ministro da fazenda, ele havia prejudicado Lincoln. Quando alguém lembrou ao presidente desse fato, ele respondeu: "Eu iria me desprezar se permitisse que diferenças pessoais afetassem a minha avaliação de suas qualificações para o cargo". Mais tarde, o secretário pessoal de Lincoln observou que nunca conheceu um homem que tivesse "o grau de magnanimidade para perdoar e enaltecer um rival".[10] Somos chamados à mesma magnanimidade por aquele que disse:

> Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai que está no céu; porque ele faz nascer o sol sobre maus e bons e faz chover sobre justos e injustos. Pois, se amardes quem vos ama, que recompensa tereis? Os publicanos também não fazem o mesmo? E, se cumprimentardes somente os vossos compatriotas, que fazeis de especial? Os gentios também não fazem o mesmo? Sede, pois, perfeitos, assim como perfeito é o vosso Pai celestial (Mt 5.44-48).

As práticas do perdão

Quando os discípulos souberam que teriam de perdoar transgressores "setenta vezes sete" (isto é, indefinidamente, sempre), responderam:

“Aumenta a nossa fé!” (Lc 17.5). Muitos leitores estão pensando a mesma coisa: “Eu jamais conseguiria fazer isso”. Mas é possível. O cristianismo fornece tanto *práticas* quanto *recursos* para perdoar.

O perdão no cristianismo é um conjunto de práticas, incluindo práticas de oração (Mc 11.25; Mt 6.12,14-15) e de comunidade (Mt 5.21-24; 18.15-17). O perdão não é principalmente e originalmente uma emoção. O perdão é concedido (muitas vezes, um bom tempo) antes de ser sentido — não sentido antes que seja concedido. É uma promessa que fazemos apesar das nossas emoções. Provavelmente você sempre pensou: “Eu preciso sentir o perdão antes de concedê-lo. Eu preciso me sentir menos revoltado antes de começar a liberar o transgressor de sua responsabilidade”. Se você esperar para sentir o perdão antes de concedê-lo, nunca perdoará. Você estará preso numa cadeia de indignação.

Quando Jesus diz em Marcos 11.25 que, se estiver orando, e se “tiver alguma coisa contra alguém”, você precisa “perdoar”, obviamente ele está falando de um ato da nossa vontade. O perdão é uma prática antes de ser um sentimento. É algo que você pode praticar diariamente e, se fizer isso, com o tempo o seu coração irá amolecer em vez de endurecer, e você escapará da prisão.

Quais são, portanto, essas disciplinas diárias?

Primeiro, faça um levantamento de todas as maneiras que você poderia exigir pagamento do infrator. Cada vez que você deixa de fazer essa cobrança, está absorvendo o custo do pecado e quitando a dívida. Veja abaixo algumas maneiras em que somos propensos a exigir pagamento dos transgressores.

- Em nossas interações com o infrator:
    - Fazemos comentários mordazes e desenterramos o passado.
    - Somos mais exigentes e controladores do que costumamos ser com outras pessoas, pois o transgressor “está nos devendo”.
    - Punimos com “misericórdia” autopiedosa, pois isso deixa o transgressor se sentir insignificante.
    - Evitamos contato com ele, ou o tratamos com frieza de maneira explícita ou sutil.

- Inventamos maneiras de prejudicá-lo, subtraindo algo de valor dele.

- Em nossas interações com outras pessoas:
  - Falamos mal do infrator sob o pretexto de "advertência".
  - Falamos mal do infrator sob o pretexto de comiseração e compartilhamento da nossa dor.

- Em nossas interações conosco mesmo:
  - Assistimos aos "vídeos" — recordando os detalhes vívidos em nossa memória — de tudo que o transgressor fez contra nós, a fim de alimentar a nossa raiva e hostilidade.
  - Torcemos pelo fracasso ou pela dor do transgressor.

O perdão é uma promessa de não rememorar a questão com o infrator, com outros ou até conosco mesmo. Cada vez que nos sentirmos tentados a exigir pagamento da dívida, devemos nos refrearmos e fazer algo positivo. Siga passos como estes:

- Ao falar com o transgressor: Em suas interações com a pessoa, você deve ser cortês e gentil tanto quanto for possível. Se a pessoa estiver arrependida, restaure o relacionamento na medida do possível. Por que dizer: "na medida do possível"? Se a pessoa cometeu um pecado grave, talvez a confiança possa ser restaurada somente aos poucos. Se a pessoa continuar agindo de maneira hostil, você não deve deixar brechas para ela pecar contra você novamente. Existem outras circunstâncias. Se você e a pessoa tinham um relacionamento amoroso, pode ser inapropriado buscar a restauração. A velocidade e o grau da restauração envolve a recriação de confiança, e isso leva tempo, dependendo da natureza e severidade das ofensas. Em geral, o verdadeiro arrependimento é sinalizado quando o transgressor perguntar: "O que eu poderia fazer para você confiar mais em mim?" O perdão de verdade significa estarmos abertos à possibilidade de transformação do infrator; significa que realmente deixamos os preconceitos de lado e estamos mais dispostos a oferecer confiança pouco a pouco.

- Ao falar com outros: Quando você falar com outras pessoas sobre o transgressor, você não deve maquiar os erros dele. Se o infrator cometeu um pecado grave e ilegal (abuso sexual, por exemplo), utilize os melhores canais para buscar a justiça. No entanto, mesmo nessa situação, expresse seu desejo de que a pessoa se arrependa e seja perdoada. Se o pecado contra você foi em privado, e o transgressor continuar a agir de maneira hostil e sem arrependimento, pode ser necessário advertir alguém sobre a pessoa, mas cuidado com os seus motivos. Você está

realmente advertindo os outros ou tentando criar uma situação em que o infrator seja confrontado de maneira redentora, ou você está querendo destruir a reputação dele?

- Ao falar consigo mesmo: O que significa "não levantar a questão consigo mesmo"? Significa não guardar o delito no coração, não reproduzir em sua imaginação os "vídeos" do acontecido, deixar de preservar o sentimento de perda e dor em sua vida. Significa que você deve orar pelo infrator e por você mesmo, lembrar-se da cruz (veja a seguir) e ocupar a mente com outras coisas.

Os recursos

O perdão requer dois recursos interiores que são providenciados para nós pela experiência do perdão divino. Podemos chamá-los de "pobreza interior", ou humildade sobre nosso pecado, e "riqueza interior", ou a garantia do amor de Deus.

Humildade espiritual. A Bíblia é clara quando nos chama a perdoar "assim como Deus os perdoou em Cristo" (Ef 4.32, NVI). Não há maneira melhor de adquirir a humildade necessária para o perdão do que aceitarmos o que o evangelho diz sobre nós. O evangelho nos diz que fomos feitos por Deus, a quem devemos tudo. É nosso dever colocar Deus em primeiro lugar. Nenhum de nós ama a Deus com todo o coração, alma, força e mente (Mc 12.30; Lc 10.27). Já vimos como Jesus nos ajuda a adquirir a humildade espiritual, na parábola de Mateus 18. Ele nos desafia a comparar a dívida que temos com Deus com a dívida que qualquer pessoa tenha conosco. Devemos dizer: "O Senhor não exigiu o pagamento das minhas dívidas, mas Jesus pagou tudo com a sua vida. Agora, será que tenho o direito de exigir pagamento das dívidas alheias?"

Em Romanos 12, Paulo nos mostra outra maneira de pensar sobre o perdão: "Deixem com Deus a ira, pois está escrito: 'Minha é a vingança [...] diz o Senhor'" (v. 19, NVI). Paulo nos lembra de que os que buscam a vingança se colocam no lugar de Deus. A humildade nos lembra que somente Deus é qualificado para ser juiz (nós somos imperfeitos e merecemos ser julgados), e que somente Deus tem conhecimento para nos

julgar (nós não sabemos tudo sobre o transgressor, o que ele já enfrentou e o que merece), e que Jesus foi julgado por Deus em nosso lugar.

Riqueza espiritual. Quem tem uma experiência rica no amor de Deus em Cristo pode ser generoso com os outros. Essas pessoas têm a suprema boa reputação: os seus nomes estão escritos no céu (Lc 10.20) e no coração do nosso grande sumo sacerdote, Cristo, que está em pé diante do trono celestial (Êx 28.12,29; Hb 4.14—10.18). Elas têm o aplauso e o louvor de Deus (Rm 2.29). Elas também têm a maior riqueza (2Co 8.9) — são herdeiras de Deus e coerdeiras com Cristo (Rm 8.17). E se alguém aqui na terra manchar a sua reputação? E se você for vítima de fraude e perder dinheiro? Por causa de Deus, e por causa do transgressor, você deve confrontá-lo e buscar a justiça. No entanto, as suas riquezas espirituais devem ser suficientes para enfrentar essas perdas.

Se você é uma pessoa pobre que não sabe de onde virá a próxima refeição, e alguém lhe roubar uma nota de dez reais, você será traumatizada, e poderá cair no desespero. Todavia, se você tem 50 bilhões de dólares, e perder uma nota de dez, não há problema nenhum. Espiritual e emocionalmente, os cristãos se assemelham aos ricos, e não aos pobres, se compreendermos o que o evangelho diz sobre quem nós somos e quem seremos em Cristo. Você poderá encarar o transgressor e dizer: "Você não pode me arruinar, pois não consegue roubar a minha verdadeira riqueza e patrimônio".

As possibilidades

Essas práticas e recursos têm grande poder. Em geral, trabalham devagar, como bolotas que crescem paulatinamente para se tornar um grande carvalho. No entanto, Deus pode trabalhar ainda mais rápido.

Corrie ten Boom foi uma cristã holandesa cuja família escondeu judeus e os ajudou a escapar da ocupação nazista na Holanda na Segunda Guerra Mundial. (A história é contada em *The hiding place*, livro publicado em 1971.)[11] Corrie e sua irmã Betsie foram presas e enviadas para o campo de concentração Ravensbrück. Lá, Betsie morreu, mas Corrie sobreviveu. Em

1947, Corrie foi à Alemanha fazer uma série de palestras nas quais ela falava do evangelho. Em uma dessas reuniões, ela disse que, por meio de Jesus Cristo, Deus jogou os nossos pecados no fundo do mar.

Ao final da reunião, quando as pessoas estavam saindo do local, Corrie reconheceu um homem que se aproximava dela.

> Esse homem foi guarda no campo de concentração Ravensbrück, para onde nos mandaram [...] As lembranças jorraram com toda força: o enorme salão com sua iluminação cruel; no meio, um monte patético de vestidos e sapatos; a vergonha enquanto passávamos desnudas em frente dele. Eu vi a forma frágil da minha irmã, as costelas salientes sob a pele translúcida. Betsie, como você emagreceu! [...] Eu me lembro do pequeno chicote de couro balançando na cintura do guarda. Agora ele estava diante de mim, com a mão estendida para me cumprimentar: "Linda mensagem, *fräulein* [jovem]! Que bom saber, como você disse, que todos os nossos pecados estão no fundo do mar!"[12]

Embora não reconhecesse Corrie como uma de suas prisioneiras, ele perguntou àquela holandesa se era mesmo verdade que os pecados de um guarda de campo de concentração podiam ser perdoados. Essa era a primeira vez que Corrie se via diante de um daqueles homens. Então, Corrie confessou: a mulher que acabava de dar uma palestra sobre o perdão de Deus manteve a mão no bolso.

O homem lhe contou que havia sido guarda em Ravensbrück, havia se encontrado com Cristo e buscado perdão "por todas as crueldades que cometi naquele campo". Isso não ajudou Corrie nem um pouco. "Ali estava eu — cujos pecados tinham de ser perdoados todos os dias — e não conseguia perdoar o homem. Betsie havia morrido naquele lugar. Será que esse homem podia apagar a morte lenta e terrível dela, simplesmente pedindo perdão a Deus?". Ela não saiu do lugar — a mão dele estendida, a mão dela recolhida.

Mas Corrie se lembrou do que sabia sobre o perdão cristão. Ela sabia que precisava perdoar, pois conheceu muitas pessoas que haviam passado pela Segunda Guerra Mundial e não conseguiam perdoar e, por causa da sua "amargura permaneceram inválidas". Ela também sabia que "o perdão não é uma emoção [...] É um ato de vontade". Corrie orou silenciosamente:

"Jesus, me ajude [...] Eu consigo estender a minha mão, pelo menos isso posso fazer".

> Então, com movimento mecânico, coloquei a mão dentro daquela que estava estendida na minha direção. Ao fazer isso, aconteceu algo incrível. A corrente começou em meu ombro, desceu pelo braço e fluiu entre nossas mãos unidas. Um calor curativo invadiu o meu ser e lágrimas encheram os meus olhos.
>
> Exclamei: "Eu perdoo você, irmão! De todo o meu coração!" [...] Eu jamais havia conhecido o amor de Deus tão intensamente quanto conheci naquele momento.

Há alguns perigos nessa história. A metáfora de Dan Hamilton, de fazer pagamentos paulatinos durante um longo período, é uma experiência muito mais comum que esse relato dramático de Corrie ten Boom. No entanto, perceba que Corrie menciona todos os elementos básicos do perdão cristão: não é opcional, é um ato de vontade e requer ajuda divina. A experiência de Corrie foi um presente de Deus. Talvez não houvesse outra maneira de ela seguir adiante. Deus nos dará também o que for necessário. O outro motivo de compartilhar essa história é que Corrie enfatizou a dificuldade do perdão.

> Eu gostaria de dizer que, a partir daquele dia, pensamentos de misericórdia e amor fluíram naturalmente de mim. Mas não fluíram. Se aprendi uma coisa aos oitenta anos de idade, é que não consigo armazenar sentimentos positivos e bom comportamento. Ao contrário, é necessário recebê-los fresquinhos de Deus todos os dias.[13]

Por que é possível viver dessa maneira

> "Mesmo se pecar contra você sete vezes no dia, e sete vezes lhe vier, dizendo: 'Estou arrependido'; perdoe-lhe."
>
> Então os apóstolos disseram ao Senhor: "Aumente a nossa fé".
>
> O Senhor respondeu: "Se tivessem fé como um grão de mostarda, diriam a esta amoreira: Arranque-se pela raiz e plante-se no mar, e ela obedeceria" (Lc 17.4-6).

Começamos este capítulo com um olhar para o ensino de Jesus a respeito do perdão e a incredulidade dos discípulos. Este capítulo deve servir de resposta àqueles que reclamam: "Essa ideia do perdão não é realista. É impossível. Nossa fé é muito fraca". Jesus disse: "Se vocês tivessem fé do

tamanho de uma semente de mostarda, poderiam fazer o que estou lhes pedindo". Isto é, se você entender pelo menos um pouquinho do evangelho, se entender o mínimo do que Jesus Cristo fez por vocês, então você já possui o que precisa para perdoar.[14]

Mesmo assim, para nós, o perdão ainda parece ser uma barreira muito alta a ser superada. Como isso é possível? Jesus aborda essa questão com um milagre.

> Aconteceu que, indo ele para Jerusalém, passou pela divisa entre Samaria e Galileia. Ao entrar em um povoado, dez leprosos saíram-lhe ao encontro, pararam de longe e gritaram: "Jesus, Mestre, tem compaixão de nós!" Logo que os viu, ele lhes disse: "Vão mostrar-se aos sacerdotes". E aconteceu que, enquanto iam, ficaram purificados.
>
> Um deles, vendo que fora curado, voltou glorificando a Deus em alta voz e prostrou-se com o rosto em terra aos pés de Jesus, dando-lhe graças; e este era samaritano. Então Jesus perguntou: "Não foram dez os purificados? E os outros nove, onde estão? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro?" E disse-lhe: "Levanta-se e vá; a sua fé o salvou" (Lc 17.11-19).

Jesus se encontra com dez leprosos que lhe pedem a cura. A resposta de Jesus faz sentido somente se percebemos que os homens precisavam de dois tipos de cura. Primeiro, é claro, os seus corpos precisavam de restauração física. Segundo, no entanto, pelo fato de terem sido excluídos de interação social, precisavam de cura social. Precisavam ser reinseridos oficialmente na sociedade. É por isso que Jesus os manda se apresentarem aos sacerdotes. Jesus está dizendo: "Vão aos sacerdotes, e quando estes virem que estão bem fisicamente, vocês terão permissão para voltar à comunidade de adoração". Os leprosos precisavam ser reconciliados com a comunidade da qual foram excluídos. E somente o sacerdote podia fazer isso.

No entanto, como vemos por causa do leproso que voltou, esses homens não eram todos judeus. Isso levanta uma questão, colocada pelo estudioso Joel Green: "A *quais* sacerdotes" Jesus estava enviando os leprosos?[15] Os judeus tinham seus sacerdotes em Jerusalém, e os samaritanos tinham seus sacerdotes e o templo no monte Gerizim.

Ao saírem da presença de Jesus, os leprosos descobriram que foram curados fisicamente pelo poder de Deus, mas apenas o samaritano voltou e

prostrou-se aos pés de Jesus, mostrando uma atitude de profunda reverência e submissão absoluta. Jesus o havia orientado a ir ao templo e aos sacerdotes para ser plenamente reconciliado. No entanto, por que o homem retornou antes de se apresentar aos sacerdotes? Ele desobedeceu a Jesus? Não. Muitos comentaristas observam que, ao retornar a Jesus, e receber a aprovação de Cristo por essa atitude, o homem descobriu quem é o Verdadeiro Sacerdote.

Jesus é o Sumo Sacerdote. Jesus é o templo final. Jesus é o sacrifício que põe fim a todos os outros sacrifícios expiatórios. É a Jesus, então, que recorremos para encontrar a reconciliação: com Deus, com os semelhantes e, por fim, com todas as coisas da Criação (Ef 1.10).

> Porque foi da vontade de Deus que nele habitasse toda a plenitude e, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão no céu (Cl 1.19-20).

Não caia em distorções. Aprenda o que Jesus Cristo fez, coloque a sua pequena história sobre o que as pessoas lhe fizeram dentro da grande história do que Jesus fez por você. Desse modo, você terá todo o poder necessário para conceder perdão.

---

[1]Charlotte Brontë, *Jane Eyre* (1847; reimpr., Vancouver: Engage Books, 2020), p. 386 [publicado em português por Penguin-Companhia sob o título *Jane Eyre*].

[2]Lewis Smedes, *Love without limits: realizing selfish love in a selfish world* (Grand Rapids: Eerdmans, 1978), p. 75.

[3]Miroslav Volf, *Exclusion and embrace* (Nashville: Abingdon, 1996), p. 124 [publicado em português por Mundo Cristão sob o título *Exclusão e abraço: uma reflexão teológica sobre identidade, alteridade e reconciliação*].

[4]Rudolf Bultmann, "Αφίημι, Αφεσις, Παρίημι, Πάρεσις", em: Gerhard Kittel, Geoffrey W. Bromley, Gerhard Friedrich, orgs., *Theological Dictionary of The New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), p. 509.

[5]Dan Hamilton, *Forgiveness* (Madison: InterVarsity Christian Fellowship, 1980), p. 10 [publicado em português por CPAD sob o título *Aprendendo a perdoar*].

[6]Ibidem.

[7]Ibidem, p. 11-3.

[8]Brontë, *Jane Eyre*, p. 386.

[9]Talvez seja útil observar que, às vezes, o delito não foi tão deliberado, ou foi até acidental. Se houve dano, o perdão e o arrependimento ainda são necessários, mesmo que o pecado seja uma questão de imprudência ou falta de atenção.

[10]Doris Kearns Goodwin, *Team of rivals: the political genius of Abraham Lincoln* (New York: Simon and Schuster, 2005), p. 679-80, citado em David Powlison, *Good and angry: redeeming anger, irritation, complaining, and bitterness* (Greensboro: New Growth, 2016), p. 93.

[11]Corrie tem Boom with John and Elizabeth Sherrill, *The hiding place* (Grand Rapids: Baker, 2006) [publicado em português por Publicações Pão Diário sob o título *O refúgio secreto*].

[12]Corrie ten Boom, "Guideposts Classics: Corrie ten Boom on Forgiveness," Guideposts, sem data, www.guideposts.org/better-living/positive-living/guideposts-classics-corrie-ten-boom-forgiveness.

[13]Corrie ten Boom, "Guideposts Classics".

[14]Joel B. Green, *The Gospel of Luke* (Grand Rapids: Eerdmans, 1997), p. 613.

[15]Ibidem, p. 624.

CAPÍTULO 11

ESTENDENDO PERDÃO

> REBECCA: Ted, eu menti para você. Eu o contratei porque queria que essa equipe perdesse. Eu queria que você fracassasse. E eu o sabotei a cada oportunidade que tive. Ted, sinto muito.
>
> TED LASSO: Eu perdoo você.
>
> REBECCA: Você... O quê? Por quê?
>
> TED LASSO: O divórcio é difícil. Ele faz com que as pessoas façam coisas malucas. Está tudo certo entre a gente.
>
> — TED LASSO[1]

Em primeiro lugar, perdoar é isentarmos o transgressor de responsabilidade ao absorvermos a dívida nós mesmos. Em seguida, buscamos a reconciliação e restauração do relacionamento desfeito pelo mal. Essa parte é o que chamamos de a terceira dimensão do perdão: a horizontal.

Neste capítulo, examinaremos o que Jesus e Paulo nos ensinam sobre como estender o perdão na prática e, portanto, reconciliar um relacionamento rompido.

O princípio: Jesus fala sobre a ira

> Vocês ouviram o que foi dito aos antigos: "Não matarás"; e: "Quem matar estará sujeito a julgamento". Eu, porém, lhes digo que todo aquele que se irar contra seu irmão será passível de julgamento; quem o chamar de insensato, será réu diante do tribunal; e quem o chamar de tolo, será réu do fogo do inferno. Portanto, quando apresentar sua oferta no altar, se ali se lembrar de

> que seu irmão tem alguma coisa contra você, deixe diante do altar a oferta e vá primeiro reconciliar-se com seu irmão; depois volte e apresente sua oferta. Entre logo em acordo com o seu adversário, enquanto está com ele a caminho do tribunal; para que ele não o entregue ao juiz, e o juiz ao guarda, e seja lançado na prisão (Mt 5.21-15).

Nos primeiros versículos dessa passagem, Jesus faz sua exposição bem conhecida do sexto mandamento: "Não matarás". Ele expande o significado do mandamento para incluir as condições emocionais que possam levar alguém a matar: a ira, o desprezo e a indiferença. Qualquer falta de amor é ligada ao homicídio e proibida.

Muitas pessoas alegam que Jesus está proibindo toda ira, no entanto, não é isso que está fazendo. Primeiro, o próprio Deus, santo e perfeito, ira-se. A ira não é pecaminosa em si. Pode ser energia aplicada para remover um objeto que está agredindo algo que amamos. O texto bíblico diz claramente em Marcos 3.5 e João 11.33 que Jesus irou-se. Ele se irou quando defendeu a honra da casa de seu Pai (Mt 21.12-13; Jo 2.13-16) e quando defendeu Lázaro da morte. Na verdade, vemos que diante do túmulo de Lázaro, Jesus se encheu de fúria (Jo 11.33,38).[2] Então, Jesus está falando de ira pecaminosa, e não de ira em geral. Mas qual é a diferença entre as duas?

Os dois exemplos citados por Jesus nos ajudam a entender. Se a sua ira o levar a chamar alguém de "*raca*" (ARC) — uma palavra aramaica que significa inconsequente — ou "tolo", é ira pecaminosa. Se você agir dessa maneira, mesmo que seja no coração, está fazendo pouco caso de alguém, tratando-o com desdém e desprezo. Se fizer isso em voz alta, você está ofendendo e machucando.

Portanto, quando nos iramos, devemos perguntar: "O que estou defendendo?" Se fizermos isso, veremos quantas vezes estamos defendo o nosso ego, nosso orgulho, nossos planos e nossa imagem. A ira de Deus é sempre justa porque ele é amor perfeito; assim, a sua ira é sempre em defesa do bem, do verdadeiro e do belo. A sua ira é sempre revelada para destruir o mal, o pecado e a morte.

Antes de Jesus nos dar instrução prática sobre reconciliação na comunidade cristã, ele nos adverte enfatizando a ira pecaminosa como uma violação do mandamento contra o homicídio. Assim como uma bolota

contém a árvore inteira — e milhões de outras bolotas — em sua casquinha, o homicídio começa com uma semente de ira interior e pecaminosa. Se você nutrir essa semente, entrará num caminho que pode acabar em assassinato. Somos gratos pelo fato de que a grande maioria de pessoas que colocam o pé nessa estrada nunca chega ao destino, mas ao longo desse caminho são encontrados sentimentos de amargura, ressentimento, ódio, muita dor e injustiça.

A prática: Jesus fala sobre reconciliação

É possível perdoarmos no coração sem conseguirmos nos reconciliar com o transgressor. Todavia, qualquer pessoa que verdadeiramente perdoar de coração estará aberta à reconciliação e disposta a fazê-la. Imediatamente após advertências sobre ira, Jesus nos apresenta exemplos de reconciliação:

> Portanto, quando apresentar sua oferta no altar, se ali se lembrar de que seu irmão tem alguma coisa contra você, deixe diante do altar a oferta e vá primeiro reconciliar-se com seu irmão; depois volte e apresente sua oferta. Entre logo em acordo com o seu adversário, enquanto está com ele a caminho do tribunal (Mt 5.23-25).

O primeiro caso trata de um irmão em Cristo e o outro trata de um adversário, um inimigo. Tanto o "irmão" quanto o "adversário" tem algo contra você. As orientações de Jesus nos surpreendem.

A primeira surpresa é que Jesus *não* dá aos ouvintes um exemplo da própria ira deles. Ele acaba de advertir seus discípulos sobre a ira, mas não lhes diz: "É assim que vocês devem fazer se alguém os provocar à ira". Ao contrário, ele diz: "É assim que vocês devem agir se provocarem a ira em alguém". Os discípulos de Jesus devem estar tão preocupados em impedir a disseminação da ira pecaminosa e ódio, que devem "ter a mesma preocupação quando provocarem essas emoções em outros" que teriam se eles mesmos as experimentassem.[3]

A segunda surpresa é a urgência de Jesus. Ele pede que os ouvintes imaginem que estão adorando no templo e se lembram de que um irmão tem alguma coisa contra eles. Jesus os instiga a deixar tudo, até a oferta no

altar, e tentar a reconciliação. Isso reflete o mesmo princípio no ensino de Paulo: "Não se ponha o sol sobre a vossa ira" (Ef 4.26, ARA). Em ambos os casos, Jesus e Paulo não estão estabelecendo regras literais sobre prazos de perdão; estão, sim, denunciando a tendência de procrastinar e fugir que caracteriza quase todos nós quando sabemos que um relacionamento se rompeu.

Em sua mais famosa afirmação sobre reconciliação, Jesus diz:

> Se o seu irmão pecar contra você, vá a sós com ele e repreenda-o; se ele o ouvir, você ganhou seu irmão. Mas se ele não o ouvir, leve consigo mais uma ou duas pessoas, para que toda palavra se confirme pela boca de duas ou três testemunhas. Se ele se recusar a ouvi-las, conte à igreja; e, se ele se recusar a ouvir também a igreja, considere-o como gentio e publicano (Mt 18.15-17).

Nesse caso, é o cristão que sofreu a transgressão. O relacionamento foi desfeito pelo outro lado. O aspecto mais significativo: Jesus diz que a questão do rompimento de relações entre dois cristãos não se limita apenas a eles. É do interesse da igreja inteira, e talvez seja necessário usar os recursos e o envolvimento da comunidade para que o relacionamento seja restaurado.

Nessa situação, de acordo com Jesus, primeiro *vá falar a sós* com a pessoa. No começo, *não* envolva terceiros. "Vá a sós com ele e repreenda-o". Eu acho aconselhável entender essas palavras de Jesus no sentido literal, mesmo sabendo das diferenças entre a época dele e a nossa. Em geral, você não deve telefonar ou escrever ou enviar um e-mail. Tanto pesquisas quanto evidências anedóticas nos falam que os jovens "nativos digitais" são extremamente intimidados pelo desafio de *ir*. É muito fácil recusar-se a responder mensagens de texto e e-mails. No entanto, confrontar alguém *e* buscar o conserto do relacionamento é uma operação altamente complicada e delicada. É preciso lançar mão de todos os meios — linguagem corporal, modo de falar, expressão facial, palavras, sentimentos — a fim de comunicar um equilíbrio entre verdade e amor, justiça e misericórdia.

Se for possível, fale diretamente com a pessoa, frente a frente. Faça isso antes de falar com terceiros. Assim você pode dizer honestamente que não andou espalhando críticas a respeito dela. Tome cuidado para não envergonhar a pessoa.

Em segundo lugar, Jesus diz para *irmos de maneira positiva*. Sim, é verdade que a frase "repreenda-o" traduz a palavra grega *elencho*, que significa uma admoestação afiada, dolorosa. Mesmo assim, o objetivo da crítica é mais importante. Por que você está confrontando a pessoa? Jesus diz que precisamos *ganhar a pessoa e não a discussão* (v. 15). A meta é persuadir a pessoa e restaurar ou manter o relacionamento. Um comentarista observa que "a preocupação [não deve ser] principalmente a segurança e/ou a reputação da comunidade inteira, mas o bem espiritual do[s] indivíduo[s].[4] Essa é uma percepção importante, à luz de muitos relatos de igrejas que silenciaram vítimas de abuso sexual para proteger a reputação da igreja e de seus líderes.

Se você foi prejudicado, como é possível ser tão positivo em sua meta e motivação? Aqui, precisamos nos lembrar da natureza multidimensional do perdão. Jesus ensinou (Mc 11.25) que precisamos perdoar em nosso íntimo — ou pelo menos começar o processo interno de perdão — antes de chamarmos o transgressor ao arrependimento. Se você for até o transgressor antes de perdoá-lo, provavelmente não conseguirá reconquistar o seu irmão. Pois o seu objetivo não será persuadir o outro e reaproximar-se dele, mas de vociferar e, dessa forma, se vingar dele. Imediatamente, a pessoa perceberá a animosidade e ficará defensiva e irritada, e não admitirá os seus erros. Portanto, o transgressor será muito menos propenso a se arrepender diante de uma confrontação.

Algumas pessoas acham que esse texto está dizendo para nós irmos apenas uma vez até o transgressor, mas o texto não diz "vá falar a sós *uma vez*", mas simplesmente falar a sós. Nessa fase do trabalho de restauração, é normal e sábio se reunir mais de uma vez. Então, em terceiro lugar, vá repetidamente se necessário. Muitas vezes a pessoa abordada ficará surpresa e defensiva, e vai requerer tempo para processar tudo. Se você foi prejudicado, mas o seu objetivo é o amor e a restauração, você terá paciência. Talvez seja necessário programar vários encontros para trabalhar os vários aspectos de seu relacionamento.

Em quarto lugar, Jesus diz, se o primeiro passo falhar, ou for rejeitado, *envolva a comunidade*. E se a pessoa não quiser ouvi-lo, ou não responder a

seus apelos para a reconciliação? Jesus diz que se não houver avanço, é lícito e sábio chamar outras pessoas da comunidade cristã. Primeiro, ele manda levar "mais uma ou duas pessoas" (Mt 18.16). Isso significa que ainda é necessário manter mais sigilo possível a cada fase do processo.

Apesar do uso das palavras "depoimento" e "testemunhas" (ARA), não estamos falando de trâmites legais no tribunal de justiça; "uma ou duas pessoas" mostra que Jesus está oferecendo orientações gerais e não um procedimento absoluto. Jesus também está sendo realista. Às vezes, você não consegue persuadir o transgressor porque ele acha que você não está sendo objetivo. E pode ser verdade. "A pessoa que toma a iniciativa de ir precisa se certificar de que o 'pecado' não é simplesmente uma questão de preferência pessoal; o envolvimento de 'uma ou duas', e depois da igreja, deve minimizar esse perigo".[5]

A presença de terceiros tem função dupla. Por um lado, eles podem ajudá-lo a esclarecer o seu entendimento sobre o que aconteceu, e a falar mais persuasivamente. Eles podem interferir se você falar excessivamente ou de forma prejudicial. Por outro lado, eles podem confirmar ao transgressor que ele está realmente errado, e que precisa se arrepender. Duas ou três pessoas são mais persuasivas que uma. De certa forma, o envolvimento de mais uma ou duas pessoas é uma estratégia para chamar os dois lados da questão à responsabilidade.

Em quinto e último lugar, se esse estágio não funcionar, você deve "*contar à igreja*" (v. 17). A frase significa que, em último caso, você deve falar à igreja inteira. Esse processo depende do tipo de governo da igreja. Por exemplo, em uma igreja governada por um conselho de presbíteros, "contar à igreja" podia significar simplesmente levar o problema a esse conselho. É evidente que essa atitude não deve ser precipitada. O procedimento indicado por Jesus evita isso a todo custo. No entanto, observe que o propósito dessa reunião não é humilhar, envergonhar ou punir; é apelar e persuadir. A ideia é que o transgressor possa "ouvir também a igreja". "O transgressor, diante da possível desaprovação da comunidade local de

discípulos, deve reconhecer [espera-se] que esse caso não foi apenas uma queixa pessoal da parte da pessoa que iniciou a conversa".[6]

Michael Green, que durante muitos anos serviu como ministro da igreja Saint Aldate no meio da Universidade de Oxford, se lembra do caso em que um cristão, membro da igreja, e empregado no comércio local, foi julgado e culpado por crimes financeiros. Green relata: "O homem foi chamado sozinho, e negou tudo categoricamente. Então eu, como responsável, e três outras pessoas, nos reunimos com ele. Ao ser confrontado com provas incriminatórias diante das testemunhas, ele confessou o crime."[7] Todavia, ao longo de sua carreira, Green percebeu que "às vezes, mesmo esse procedimento não é suficiente; é necessário contar à igreja. É um último recurso doloroso. Em um ou dois casos, fui forçado a agir dessa maneira [quando] simplesmente não foi possível cuidar da questão a portas fechadas".[8]

Se o infrator não "ouvir a igreja", Jesus diz que o homem ou a mulher não podem continuar na comunhão da igreja como se nada tivesse acontecido. É claro que tratar a pessoa como "gentio e publicano" não significa algo como rejeição, pois Jesus foi conhecido por sua amizade com publicanos e pecadores.[9] O contexto da passagem inteira mostra que até essa medida de disciplina na igreja tem como objetivo a recuperação e restauração do transgressor.[10]

Mateus 5 e 18 lado a lado

O que aprendemos quando lemos esses dois exemplos juntos?

Primeiro, um princípio único surge das duas passagens. Se um relacionamento se desfez, *é sempre a sua responsabilidade* iniciar a recuperação dele. Mateus 5 diz: "Se o seu irmão tiver algo contra você, vá até ele", enquanto Mateus 18 diz: "Se você tiver algo contra o seu irmão, vá até ele". Assim, não importa quem começou o problema. Um cristão é responsável pela iniciativa em direção à reconciliação, e não importa de qual lado veio o problema. Se você disser: "Veja bem, ela começou esse desentendimento.

Então ela que venha *me* procurar", nada irá acontecer, pois ela está dizendo a mesma coisa em seu coração sobre você.

Segundo, embora às vezes a transgressão seja terrível (como no caso de abuso sexual), em muitos casos de rompimento de relações, *geralmente há algumas coisas que os dois lados possam confessar e perdoar*. É raro que apenas um lado seja totalmente culpado por um relacionamento estraçalhado. É quase sempre o caso em que a reconciliação será alcançada *tanto* pelo arrependimento *quanto* pelo perdão — a admissão dos próprios erros e a identificação dos erros da outra pessoa. Talvez seja o caso em que uma pessoa está muito mais errada que a outra, mas se a outra pessoa estiver disposta a confessar qualquer coisa, pode ser muito mais fácil para o transgressor falar a verdade.

Somente o evangelho prepara você para os dois lados do modelo cristão de reconciliação. O evangelho torna você humilde o suficiente para perdoar e, ao mesmo tempo, o enche com tanta dignidade e amor que você consegue se arrepender. Somente grande humildade e grande alegria nos ajudarão, como igreja e comunidade, a manter os relacionamentos funcionando bem.

A reconciliação de acordo com Paulo

> Abençoai os que vos perseguem; abençoai, e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram; chorai com os que choram. Sede unânimes entre vós. Não sejais orgulhosos, mas prontos a acompanhar os humildes. Não sejais sábios aos vossos próprios olhos. A ninguém devolvei mal por mal. Procurai fazer o que é certo diante de todos. Se possível, no que depender de vós, vivei em paz com todos os homens. Amados, não vos vingueis a vós mesmos, mas dai lugar à ira de Deus, pois está escrito: "A vingança é minha; eu retribuirei", diz o Senhor. Pelo contrário, "se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, se fizeres isso, amontoarás brasas sobre a cabeça dele". Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem (Rm 12.14-21).

Paulo apresenta um princípio, e então nos dá cinco maneiras práticas de realizá-lo. *O princípio é: "Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem"* (v. 21). *Vencer* é um termo militar que significa "derrotar, conquistar". Existem apenas duas possibilidades: ou você será derrotado pelo mal ou você derrotará e vencerá o mal com o bem. Se alguém o prejudicar, e você pagar

com a mesma moeda, ou até desejar em seu coração prejudicar o transgressor, você está sendo derrotado pelo mal, pois o mal conseguiu influenciá-lo.

O mal vence quando ele distorce os seus relacionamentos. Quando alguém o prejudica, e você continua lhe desejando o mal, ou até nutre a ira incipiente, os relacionamentos serão arruinados.

O mal vence quando distorce a sua imagem de si mesmo. Quando você reproduz em sua imaginação a reminiscência do que a outra pessoa lhe fez, você pensa sobre o que está errado nela, e como você é nobre em comparação. Você sente autopiedade e autojustiça. Não há nada que torne você mais propenso a agir com crueldade do que este sentimento: "Ninguém sabe como eu sofri". Esse sentimento nos inclina à tentação; quando você tiver uma oportunidade para fazer algo desonesto, o fará, pois no fundo do seu coração você pensa que merece reparações. Você estará mais aberto ao mal. O mal venceu.

O mal vence quando, por meio de você, ele ajuda o transgressor em sua autojustificação. Se você continuar com raiva, frieza e má vontade para com os transgressores, isso *os* leva a se sentirem mais justificados. Eles dizem a si mesmos como você é uma pessoa cruel e como mereceu ser prejudicado. Se você não derrotar o mal com o perdão, o mal vencerá — no mundo, no transgressor, e em você.

Você precisa vencer o mal, e só pode fazer isso se não reagir ferindo a pessoa de volta, ou com o desejo de machucá-la, mas com o bem. Aqui estão cinco maneiras de vencer o mal com o bem:

1. **Ore pelo transgressor**. "*Abençoai* os que vos perseguem". Abençoar pode ter muitos significados, mas acima de todos está a oração. Você pede a bênção de Deus sobre a vida deles. É difícil continuar com raiva de alguém se você orar por ele. É difícil continuar com raiva, a não ser que você se sinta superior, e é difícil se sentir superior se você está orando a seu favor, pois em oração você se aproxima de Deus como pecador perdoado. Ao orar por eles, você está derrubando a superioridade, e isso transforma o seu coração para que você comece a lhes desejar o bem.

2. **Perdoe o transgressor**. "A ninguém devolvei mal por mal [...] Amados, não vos vingueis a vós mesmos [...] mas vence o mal com o bem." Aqui vemos que a essência do perdão é o

abandono da busca da vingança. Falamos ao transgressor que errou. Isso é dizer a verdade. No entanto, fazemos isso não para pagá-lo com a mesma moeda, ou prejudicá-lo da mesma maneira que nós fomos prejudicados, mas para buscar o "bem". Nós o confrontamos para o bem dele, para o bem das outras vítimas e por causa de Deus — não para a vingança. Confrontar sem se vingar *é* perdoar. Significa que você cancelou a dívida pessoal entre vocês. Você pode confrontar, ou até procurar as autoridades se for necessário, mas não por vingança.

3. **Não evite o transgressor**. O versículo 18 diz: "Se possível, no que depender de vós, vivei em paz com todos os homens". Algumas pessoas dizem: "Já perdoei, mas não quero saber mais da pessoa". Mas isso é uma forma de retaliação. Mesmo que a outra pessoa permaneça hostil, e impeça a restauração do relacionamento, você não deve contribuir com o aumento da hostilidade. Você se esforça para se comportar de forma bondosa, solícita e respeitosa. Você está sempre procurando relacionamentos.

4. **Dê ao transgressor o que precisa, até onde ele permitir**. "Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber". Isso significa que se houver oportunidade para atender as necessidades do transgressor, faça-o. No entanto, é preciso muito discernimento. Como já afirmamos, pode ser que a pessoa precise de confrontação, pois o amor nunca facilita o pecado de ninguém. Se você tiver medo de confrontar o transgressor, talvez esteja deixando de amá-lo. Se você confrontar com excesso de entusiasmo e raiva, pode ser que esteja deixando de amá-lo. Se você o ajudar de tal maneira que ele possa prejudicar você ainda mais, o seu amor pelo transgressor é insuficiente para que ele queira mudar.

5. **Faça isso com humildade**.[11] O versículo 16 diz que tudo isso tem de ser feito sem orgulho ou presunção. Há "perdão" cujo propósito é conquistar um patamar moral mais alto, demonstrar a superioridade. As aspas na sentença anterior mostram que isso não é perdão verdadeiro coisa nenhuma. O perdão é um presente oferecido por um pecador salvo pela graça a outro pecador. Se você o confrontar não por causa dele, não por causa da verdade, não por causa do mundo, mas por causa de você mesmo, irá provocar o transgressor ainda mais. No entanto, se você tiver humildade, amor e perdão, ele pode não gostar do que você está dizendo, mas verá que você se importa com ele, e assim você poderá ajudá-lo.

O poder para fazer tudo isso

Quais são as implicações de "Dai lugar à ira de Deus [...] '*eu* retribuirei' diz o Senhor"?

Isso significa que os cristãos não precisam ver a justiça totalmente feita nesta vida. Devemos buscar a justiça possível, mas confiamos que, afinal,

Deus acertará todas as contas e absolutamente tudo será endireitado. Portanto, o cristão não deseja vingança. Nossa tarefa é conseguir a maior medida de justiça possível, e deixar o restante com Deus.

No entanto, essa metáfora sobre a ira de Deus aponta para algo mais. Antes de examinar esse aspecto, tenho mais uma história sobre o perdão.

Graham e Gladys Staines eram missionários médicos australianos, e trabalhavam em clínicas e numa casa para leprosos em uma das regiões mais pobres da Índia. Em 22 de janeiro de 1999, Graham e seus dois filhos, Philip (de 10 anos) e Timothy (de 6 anos), foram queimados vivos por um grupo nacionalista hindu. Na manhã seguinte, ao receber a confirmação oficial das mortes, Gladys estava cercada por amigos. Eles não estavam preparados para ver o que ela fez e falou:

> A senhora Staines tremia de tristeza e, durante um tempo, se movia bem devagar, como se estivesse lutando para respirar. Ela parecia imobilizada no meio de um pensamento que ela finalmente expressou com voz trêmula. "Quem quer que tenha feito isso, nós lhes perdoaremos", ela disse. "Essa é a boa notícia [...] que, por meio de Jesus Cristo, há perdão para cada pecado".[12]

Gladys demonstrou esse perdão durante o resto de sua vida. Em vez de deixar a Índia, Gladys e sua filha permaneceram, e continuaram a ministrar no mesmo lugar e para o mesmo povo. Ela ampliou a casa para leprosos e fez um hospital completo. Em 2005, ela recebeu o prêmio Padma Shri entregue pelo governo da Índia a civis que contribuem de maneira exemplar para o bem da nação.

Como alguém teria a força e o amor para perdoar desse modo? E como ela conseguiu viver depois de tudo isso?

"Dai lugar à ira de Deus" é frequentemente interpretado desta forma: "Sim, deixa com Deus, pois ele vai acabar com tudo isso! E fará isso de um jeito que você não poderia fazer!" O pastor britânico Dr. Martyn Lloyd-Jones ouviu essa ideia e respondeu: "No momento em que alguém faz essa afirmação, está negando todo o espírito dessa ordem".[13] Lloyd-Jones continua, citando o incidente em 1Samuel 25, quando Abigail impede que Davi se vingue de Nabal de maneira furiosa e pessoal. Tudo que lemos na

Bíblia ensina ao cristão que "Nunca podemos desejar o mal da pessoa que nos ofendeu — jamais!"[14]

Então, o que significa dar lugar à ira de Deus? Lloyd-Jones diz que não significa "uma espécie de passividade flácida",[15] como mostram todas as exortações circundantes. É preciso muita força de vontade e coração para nos recusarmos a evitar alguém que tenha nos prejudicado, mas também para perdoar, tratá-lo com bondade e servi-lo quando for possível, tudo em um contexto de dizer a verdade.

Essa chamada não é para os fracos de coração. Quem já teve força e amor para seguir esse padrão de conduta? É claro que o próprio Jesus teve. Quando ele morreu na cruz, respondeu à zombaria com respeito, à crueldade com amor, à maldição com bênção, o mal com o bem e com o perdão — e por meio dessas atitudes Jesus venceu o mal.

Se não dissermos para Deus o que fazer com a sua ira, mas permitirmos que ele a aplique quando e onde quiser, o que Deus fará com a sua ira? Em Jesus Cristo, Deus vem e assume a pena da justiça em sua própria pessoa. A antiga versão King James da Bíblia traduz o versículo 19 como "A vingança é minha", e isso nos lembra que a ira que devia ter caído sobre nós caiu sobre ele. A vingança que seria cobrada de nós foi literalmente cobrada dele.

Você quer um coração perdoador? Você quer um coração que vence o mal com o bem? Você quer um coração que não se sente superior, que não precisa se justificar? Olhe para Jesus que foi sujeito à vingança que deveria ser cobrada de nós. A vingança é dele! Jesus recebeu o peso dela.

A lição duradora da parábola do Servo Impiedoso é esta: somente quando vemos um Rei se comportando como servo, voluntariamente, por nossa causa, é que nós, servos, deixaremos de nos comportar como pequenos reis e juízes.

Ninguém aprende a amar tentando. O amor, antes de ser algo que você dá, é alguém que você recebe. Você aprende a amar primeiramente pela *experiência* de ser amado e pela transmissão desse amor a outros. Você será paciente somente se contemplar alguém salvando você por meio da paciência altamente custosa, e o perdoando mesmo na hora de sua morte:

"Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem". Essa atitude pode transformar você. E vai mesmo transformá-lo.

---

[1]*Ted Lasso*, temporada 1, episódio 9, "All Apologies", dirigido por M. J. Delany, escrito por Jason Sudeikis, Bill Lawrence, Brendan Hunt, estreia em 25 de setembro, 2020, na Apple TV.

[2]A palavra grega traduzida em algumas versões de português como "comoveu-se" significa bradar ou esbravejar. Jesus se encheu de fúria. Veja a discussão de D. A. Carson, *The Gospel according to John* (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), p. 415-6 [publicado em português por Shedd Publicações sob o título *O comentário de João*].

[3]D. A. Carson, "Matthew", in: *The expositor's Bible commentary*, vol. 8, Frank E. Gaebelein, org. (Grand Rapids: Zondervan, 1995), p. 150 [publicado em português por Shedd Publicações sob o título *O comentário de Mateus*].

[4]R. T. France, *The Gospel of Matthew*, The New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), p. 692.

[5]Ibidem.

[6]Ibidem, p. 693.

[7]Michael Green, *The Bible speaks today* (London: Hodder and Stoughton, 1988), p. 174.

[8]Green, *Matthew*, p. 174. Devemos acrescentar que o conselho de Green, de que "nem sempre façamos as coisas a portas fechadas", é crucial especialmente quando houve abuso sexual, e a lei civil foi quebrada. Nesses casos, o pecado deve ser levado não somente à igreja, mas também às autoridades civis.

[9]Devemos nos lembrar de que há casos em que uma pessoa particularmente facciosa e hostil deve estar sujeita a maior distanciamento. Ver 2Ts 3.14. Como observamos na nota anterior, quando se trata de transgressão da lei civil, a igreja tem a responsabilidade de notificar as autoridades.

10Para ver como esse texto se aplica à disciplina formal eclesiástica, veja Edmund Clowney, "The Marks of the Church," in: *The Church: contours of Christian Theology* (Downers Grove: InterVarsity, 1995), p. 99-115; Daniel E. Wray, *Biblical Church discipline* (Edinburgh: Banner of Truth, 1978); Jay E. Adams, *Handbook of Church discipline* (Grand Rapids: Zondervan, 1986); D. A. Carson, *Love in hard places* (Wheaton: Crossway, 2002).

[11]Muitas pessoas ficam confusas ou perplexas com a exortação: "Amontoarás brasas sobre a cabeça dele". A maior parte dos comentaristas admite que não há consenso em torno do significado dessa metáfora. Alguns pensam que significa que se você tratar os inimigos com bondade, estará os atormentando emocionalmente, ou talvez Deus aumente a punição deles. O problema com essa ideia é que não se encaixa no contexto, pois a passagem toda está contra a retaliação ou a prática do mal contra o transgressor. A maioria dos comentaristas contemporâneos concorda que a metáfora significa que responder o mal com o bem tem muito mais chance de atingir a consciência e trazer a convicção

do pecado e do arrependimento do que a retaliação poderia realizar. Ver Douglas Moo, *The epistle to the Romans* (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), p. 788-9 [publicado em português por Vida Nova sob o título *Romanos: comentário exegético*] .

[12]Barry Bearak, "Forgiving Her Family's Killers, but Not Their Sins", *The New York Times*, September 3, 1999.

[13]D. Martyn Lloyd-Jones, *Romans: exposition of chapter 12 — Christian conduct* (Edinburgh: Banner of Truth, 2000), p. 489 [publicado em português por PES sob o título *Romanos: comportamento cristão*].

[14]Ibidem, p. 489.

[15]Ibidem.

EPÍLOGO

O filme *Um lugar no coração* (1984) é de tirar lágrimas de qualquer pessoa. É uma história típica sobre pessoas comuns que trabalham de sol a sol e permanecem firmes diante de circunstâncias terríveis e decepções. Sally Field ganhou um Oscar por sua atuação no papel de Edna Spalding, uma mulher que se torna viúva quando seu marido, Royce, o xerife da cidade, é morto a tiros acidentalmente por um adolescente negro embriagado. O cenário é uma cidadezinha segregada no Texas durante a Grande Depressão. Alguns racistas da comunidade vão atrás de Wylie, o atirador negro, o amarram e arrastam atrás de uma caminhonete até a morte.

Sem o salário de seu marido, Edna não consegue pagar a hipoteca do sítio onde mora. Edna faz tudo que pode para salvar o sítio, ajudada por Mister Will (John Malkovich), um negro cego que aluga um quarto, e Moze (Danny Glover), trabalhador rural negro. Juntos, conseguem salvar o sítio ao ganharem um prêmio de cem dólares pelo primeiro fardo de algodão do ano. No entanto, o final feliz é efêmero, pois o Ku Klux Klan[1] local espanca Moze a ponto de quase matá-lo. Moze é salvo por Mister Will, que reconhece as vozes dos agressores e os identifica. Embora Moze tenha sobrevivido ao ataque, ele decide ir embora do sítio para o bem de Edna e de sua própria segurança.

A essa altura, o filme é um tributo típico hollywoodiano a valores humanísticos americanos. Circunstâncias assustadoras podem ser vencidas por meio de esforços individuais. Negros e brancos podem trabalhar juntos. Há brancos idôneos que respeitam negros, embora haja brancos inescrupulosos que não se comportam dessa maneira. Um número incontável de filmes já transmitiu essa mensagem. Imite as pessoas boas da

história, não as pessoas más. Mesmo que haja reviravoltas, podemos melhorar o mundo em que vivemos.

Todavia, *Um lugar no coração* é merecidamente conhecido por sua última cena o que coloca o filme em uma categoria à parte.

A cena final mostra alguns cidadãos na igreja local num culto de domingo. O pastor lê um trecho de 1Coríntios 13, sobre o amor, e então o coral canta "In the garden" [hino 384 do *Cantor cristão*] enquanto o pão e o vinho da ceia são distribuídos. A câmera nos permite ver apenas uma ou duas pessoas de cada vez, e ficamos mais e mais surpresos ao reconhecermos quase todos os personagens do filme passando as bandejas e participando da ceia do Senhor. Para nosso espanto, Moze está ali no banco, pegando o cálice. É um culto integrado, algo que não existia no Texas daquela época. Começamos a perceber que já não estamos mais limitados à realidade deste mundo.

Enfim, a bandeja chega até Edna, que a repassa ao marido, Royce Spalding, que por sua vez a repassa a Wylie, o jovem negro que atirou nele. Estão vivos novamente, e dizem uns aos outros em voz baixa: "A paz de Deus". Os espectadores se comovem de maneira profunda enquanto a imagem se desvanece.

O final chocante nos dá uma análise bem mais complexa da situação humana do que estávamos esperando.

O filme mostra uma compreensão maior dos males do racismo e da pobreza: são mais enraizados e endêmicos à nossa natureza humana caída do que gostaríamos de admitir. Esses males não podem ser vencidos com as piedades do liberalismo americano, nem com melhores escolas, nem simplesmente com todo mundo se esforçando mais para serem boas pessoas. Embora seja necessário mesmo combater esses males, vamos precisar de algo além das nossas próprias forças para extingui-los. Para mudar essa situação, vamos precisar de algo sobrenatural, de fora deste mundo.

Ao mesmo tempo, porém, o filme nos mostra que há esperança para todos e para qualquer um, e que o amor pode ser estendido a você, não importa o que tenha feito. Essa cena final, então, em que morto e assassino

saúdam-se com a paz de Deus, é um retrato do futuro reino de Deus, em que o perdão divino sarará toda ferida e enxugará toda lágrima.

Robert Benton, diretor e autor do roteiro, falou sobre a cena final do filme: "Antes de terminar o roteiro, eu já sabia como a história ia acabar, embora eu soubesse que os espectadores ficariam confusos". Por que, então, incluir essa cena final? "Há certas coisas que imagens explicam que palavras não conseguem explicar. A imagem que mostra o homem que foi morto entregando a bandeja da ceia ao rapaz que o matou, é muito comovente para mim, mas não consigo explicar por quê".[2]

É verdade. A Bíblia nos conta que esse futuro é possível porque aquilo que comoveu Robert Benton aconteceu na vida real. Há alguém que, embora estivesse sendo morto na cruz, falou de perdão e ofereceu a sua paz àqueles que o estavam matando. Portanto, ele oferece "a paz de Deus" a todos nós, não importa o que tenhamos feito. Essa dádiva foi infinitamente custosa para ele, mas para nós, ele a oferece de livre vontade. Recebamos esse dom e repassemo-lo a outros da mesma forma.

---

[1]Grupo americano que apoia a supremacia branca. (N. da T.)

[2]Aljean Harmetz, "How Endings Have Affected Two Recent Movies", *The New York Times*, October 8, 1984.

APÊNDICE A

PRINCÍPIOS DO PERDÃO

1. ***A dificuldade do perdão se resume no fato de ele não ser natural: não é da natureza das coisas.*** É contraintuitivo aos nossos instintos básicos humanos e à nossa natureza. O perdão de um Deus santo era um mistério (antes da vinda de Cristo), como Deus mesmo proclamou em Êxodo 34.7. Portanto, o perdão é sempre um deslumbramento e um espanto, e precisa ser explicado em vez de acharmos que o perdão seja algo natural.

2. ***A dinâmica do perdão é a morte expiatória de Cristo*** que paga o castigo do pecado por meio da autossubstituição de Deus. É isso que torna possível o perdão (de Deus e dos humanos) apesar de sua dificuldade e falta de naturalidade. O perdão que concedemos aos outros é baseado no (seja de modo teológico, motivacional e prático) perdão que recebemos de Deus por meio da cruz.

3. ***O desvanecer do perdão vem por causa da insuficiência dos modelos contemporâneos do perdão que carecem da dimensão vertical.*** O perdão cristão: (a) difere do modelo terapêutico porque busca a justiça e a reconciliação; (b) difere do modelo meritório ou transacional porque oferece o perdão interno; (c) difere da antipatia moderna para com qualquer perdão porque mostra a necessidade do perdão, o seu alto custo e o poder dele.

4. ***A história do perdão está enraizada na Bíblia.*** Embora todas as culturas tenham noções a respeito do perdão, as ideias principais sobre o assunto no mundo atual derivam-se do Antigo e do Novo Testamentos. Hoje, a falta de orientação sobre o perdão está relacionada tanto ao declínio da fé cristã quanto à distorção do conceito dentro das igrejas.

5. ***A definição do perdão é renunciar à vingança e manter-se aberto à reconciliação.*** A vingança é satisfazer-se com a infelicidade de outra pessoa, especialmente se ela for provocada por você. Perdoar é: (a) chamar o comportamento errado de verdadeiramente errado e punível (em vez de simplesmente desculpá-lo), mas também (b) identificar-se com o transgressor como pecador igual a todo mundo; (c) isentar o transgressor de responsabilidade pessoal ao absorver a dívida em si mesmo (em vez de mera absolvição) e, por fim, (d) buscar a reconciliação e a restauração do relacionamento desfeito pela transgressão.

6. ***As dependências do perdão***. (a) O perdão interno ou de disposição *não* depende da resposta do transgressor. Ele pode acontecer em qualquer circunstância. (b) O trabalho de reconciliação de verdade *depende* do perdão interno da parte da vítima e do arrependimento do transgressor.

7. ***Os recursos para o perdão têm dois aspectos***: (a) pobreza de espírito e a humildade de saber que a nossa salvação vem puramente pela graça, e não por mérito; e (b) riqueza de espírito e a confiança do amor que brota quando sabemos que a nossa salvação vem puramente pela graça, e não por mérito.

8. ***As dimensões do perdão são três***:

   a. ***A dimensão vertical***. O caráter e a recepção do perdão de Deus: (1) A salvação de Deus é mais que o perdão passado; é a base para o perdão futuro: a justificação e a adoção. (2) Os instrumentos que recebem esse perdão divino e a salvação são arrependimento e fé.

   b. ***A dimensão interior***. O caráter e a concessão do perdão humano: (1) É concedido antes que seja sentido, pois é promessa e prática. (2) Envolve sofrimento custoso, pois absorve a dívida em vez de buscar vingança.

   c. ***A dimensão horizontal***. O caráter e a extensão do perdão humano: (1) Busca, de maneira interdependente, tanto a misericórdia quanto a justiça, pois as duas coisas são formas de amor. (2) Oferece a possibilidade de reconciliação e, eventualmente, a restauração da confiança.

APÊNDICE B

TEXTOS BÍBLICOS SOBRE O PERDÃO DE DEUS

1João 1.9. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.

Efésios 1.7. Nele temos a redenção, o perdão dos nossos pecados pelo seu sangue, segundo a riqueza da sua graça.

Isaías 1.18. Vinde e raciocinemos, diz o SENHOR: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã.

Isaías 55.7. O ímpio deve deixar o seu caminho, e o homem mau, os seus pensamentos; volte-se para o SENHOR, que se compadecerá dele; volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.

Atos 2.38. Pedro então lhes respondeu: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo.

Atos 3.19. Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que os vossos pecados sejam apagados.

Colossenses 1.13-14. Ele nos tirou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, isto é, o perdão dos pecados.

Mateus 26.28. Pois isto é o meu sangue, o sangue da aliança derramado em favor de muitos para perdão dos pecados.

Salmos 103.10-14. Não nos trata de acordo com nossos pecados, nem nos retribui segundo nossas transgressões. Pois seu amor para com os que o temem é grande, tanto quanto o céu se eleva acima da terra. Como o Oriente se distancia do Ocidente, assim ele afasta de nós nossas transgressões. Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem. Pois ele conhece nossa estrutura; lembra-se de que somos pó.

Hebreus 10.17. E não me lembrarei mais de seus pecados e de suas maldades.

Salmos 86.5. Porque tu, SENHOR, és bom, pronto a perdoar e cheio de amor para com todos os que te invocam.

Salmos 32.5. Confessei-te meu pecado e não encobri minha culpa. Eu disse: Confessarei as minhas transgressões ao SENHOR; e tu perdoaste a culpa do meu pecado. [Interlúdio].

2Crônicas 7.14. Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar e buscar a minha presença, e se desviar dos seus maus caminhos, então ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra.

Atos 10.43. Todos os profetas dão sobre ele testemunho de que, por meio do seu nome, todo o que nele crê receberá o perdão dos pecados.

Hebreus 8.12. Pois serei misericordioso para com suas obras más e não me lembrarei mais de seus pecados.

Miqueias 7.18-19. Quem é Deus semelhante a ti, que perdoas a maldade e te esqueces da transgressão do remanescente da tua herança? O SENHOR não retém a sua ira para sempre, porque ele tem prazer na misericórdia. Tornará a ter compaixão de nós; pisará as nossas maldades. Tu lançarás todos os nossos pecados nas profundezas do mar.

Isaías 43.25. Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim, e não me lembro dos teus pecados.

Provérbios 28.13. Quem encobre suas transgressões jamais prosperará, mas quem as confessa e as abandona alcançará misericórdia.

Efésios 2.8-9. Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se orgulhe.

Salmos 130.4. Mas o perdão está contigo, para que sejas temido.

1João 2.1. Meus filhinhos, eu vos escrevo estas coisas para que não pequeis; mas, se alguém pecar, temos um Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo.

Romanos 8.1. Portanto, agora já não há condenação alguma para os que estão em Cristo Jesus.

Jeremias 31.34. E não ensinarão mais cada um a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: Conhecei o SENHOR; porque todos me conhecerão, do mais pobre ao mais rico, diz o SENHOR. Porque perdoarei a sua maldade e não me lembrarei mais dos seus pecados.

Isaías 53.5. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões e esmagado por causa das nossas maldades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e por seus ferimentos fomos sarados.

Sofonias 3.15,17. O SENHOR afastou a condenação que havia contra ti. [...] O SENHOR, teu Deus, está no meio de ti, poderoso para te salvar; ele se agradará de ti com alegria; ele se renovará no seu amor e se alegrará em ti com júbilo.[1]

---

[1]Todos esses versículos são extraídos da versão Almeida Século 21 da Bíblia.

APÊNDICE C

PRÁTICAS DO PERDÃO

1. O QUE É PERDÃO?

Ao falar de perdão, Jesus usa a imagem de "dívidas" para descrever a natureza de pecados (Mt 18.21-35; 6.12).

Quando alguém prejudica você, há uma percepção inevitável de que o transgressor lhe *deve* algo. A transgressão cria uma obrigação, uma responsabilidade, uma dívida. A pessoa prejudicada sente uma compulsão de obrigar o transgressor a pagar aquela dívida. Para isso, nós o machucamos, gritamos com ele e fazemos com que ele se sinta constrangido de alguma forma. Às vezes, ficamos esperando para ver se algo ruim lhe acontecerá.

Somente depois de vermos o transgressor sofrer de maneira apropriada, achamos que a dívida foi paga e a sensação de obrigação vai embora. É impossível evitar essa sensação de dívida/responsabilidade e obrigação. A pessoa que nega a existência dela nunca foi prejudicada ou vítima do pecado de alguma maneira mais séria.

Então, o que é perdão? Perdão significa abrir mão do direito de se vingar, do direito de exigir reparações da pessoa que o prejudicou. Precisamos reconhecer que o perdão é uma forma de sofrimento voluntário. O que queremos dizer com isso?

Pense um pouco sobre dívidas financeiras e como elas funcionam. Se um amigo quebra meu abajur, e o abajur custa R$50, então o ato de quebrar o

abajur acarreta em uma dívida de R$50. Se eu deixar o amigo pagar o abajur, recebo R$50. No entanto, se eu perdoar o que ele fez, a dívida não simplesmente desaparece do nada. Nesse caso, eu assumo a dívida e pago o abajur. (Ou pago R$50 para repor o abajur, ou fico sem iluminação naquele espaço.) Perdoar é cancelar eu mesmo a dívida ao pagá-la, ou ao absorver o custo por conta própria. Toda dívida é *sempre* paga por alguém.

Esse é o caso em todas as situações de transgressão, mesmo as que não envolvem dinheiro. Quando alguém peca contra você, você perde *algo* — seja felicidade, reputação, paz, relacionamento, oportunidade ou outra coisa qualquer. Há duas maneiras de lidar com um pecado. Imagine, por exemplo, que alguém manchou a sua reputação. Você poderia tentar restaurá-la, revidando, difamando o transgressor no intuito de sujar a reputação *dele*. Ou você poderia perdoar o transgressor e recusar-se a revidar a ofensa. Dessa forma, você absorveria os danos à sua reputação (a restauração do seu nome levaria tempo).

Em todas as situações, quando há transgressão, sempre existe a dívida, e não é possível lidar com ela sem sofrimento: ou você faz o transgressor sofrer ou você assume o sofrimento para si. Ou você faz o transgressor pagar com dor até que as contas se equilibrem ou você mesmo paga ao perdoar o transgressor e absorver a dor dentro de si.

O perdão é sempre custoso. O preço emocional é caríssimo: muito sangue, suor e lágrimas. Portanto, ao perdoar, você mesmo paga a dívida de diversas maneiras:

- Primeiro, você se recusa a machucar o transgressor diretamente. Você se recusa a vingar-se, a revidar ou a infligir dor a fim de aliviar a sensação de dívida que sente. Ao contrário, você mostra toda a cordialidade possível. Cuidado com maneiras sutis pelas quais tentamos extrair o pagamento em nosso relacionamento.

    - Não faça comentários depreciativos nem toque repetidamente no passado.
    - Não seja mais exigente e controlador com o transgressor do que você costuma ser com outras pessoas, só porque você sente no íntimo que ainda existe uma dívida que precisa ser paga.

- Não castigue o transgressor com "misericórdia" autojustificativa, que é na verdade uma tentativa de fazê-lo sentir-se pequeno e de justificar a si mesmo.
- Não evite o transgressor nem o trate com frieza de maneira explícita ou sutil.

- Segundo, recuse-se a diminuir o transgressor diante de terceiros. Não faça isso por insinuação, distorções, sugestões sutis, fofoca ou difamação direta.
    - Não fale mal do transgressor sob o pretexto de "advertir" os outros.
    - Não fale mal do transgressor sob o pretexto de conquistar simpatia e apoio, ou de compartilhar o seu sofrimento.

- Terceiro, recuse-se a nutrir a má vontade em seu coração.
    - Não viva relembrando a transgressão em sua cabeça, a fim de manter a sensação vívida de perda e dor para que você possa continuar agindo de maneira hostil com o transgressor, e para que você se sinta cheio de virtudes.
    - Não difame ou demonize o transgressor em sua imaginação. Pelo contrário, reconheça que você também faz parte da humanidade pecaminosa.
    - Não se dê ao luxo de "torcer pelo fracasso" do transgressor, na esperança de que ele sinta mais dor. Ao contrário, ore positivamente a favor do crescimento dele.

Portanto, o perdão é concedido antes que seja sentido. É uma promessa de deixar de fazer as três coisas acima e orar pelo transgressor, lembrando-se da graça de Deus para com você. Embora seja extremamente difícil e doloroso (você mesmo está carregando o custo do pecado!), o perdão aprofundará o seu caráter, deixará você livre para conversar com o transgressor e o ajudar, e isso produzirá amor e paz em vez de amargura.

Ao assumir o custo do pecado, você está seguindo os passos de seu mestre (Cl 3.13; Mt 18.21-35). Muitos não cristãos dizem que a cruz "não faz sentido". "Por que Jesus teve de morrer? Por que Deus não poderia simplesmente nos perdoar?" No entanto, ninguém que tenha sido profundamente prejudicado "*simplesmente* perdoa"! Se alguém pecar contra você, existem apenas duas alternativas: (a) você faz o transgressor sofrer ou (b) você se recusa a vingar-se, perdoa e depois sofre. E se *nós* não podemos perdoar sem sofrer, quanto mais Deus deve sofrer para nos perdoar? Pois se

é impossível não sentirmos a obrigação, a dívida, e a injustiça do pecado em nossa alma, imagine então o quanto Deus sente essas coisas! Na cruz, contemplamos o perdão de Deus a nosso favor, e isso é possível somente se Deus sofre. Na cruz, o amor de Deus satisfez a sua própria justiça pelo sofrimento, quando ele assumiu a pena do pecado. O perdão jamais existe sem sofrimento, pregos, espinhos, suor e sangue. Jamais.

2. O QUE PRECISAMOS PARA PERDOAR

A experiência do evangelho nos dá dois pré-requisitos para uma vida de perdão:

Pobreza espiritual ou humildade. Você pode continuar amargurado com alguém somente se achar-se superior, e que "nunca faria nada parecido!" Aqueles que não perdoam mostram que não aceitaram o fato de sua própria pecaminosidade. Quando Paulo diz que é "o principal dos pecadores", ele não está exagerando. Ele está dizendo que é capaz de pecar da mesma maneira que os piores criminosos. Negar o perdão significa ignorar a sua própria necessidade de ser perdoado.

Riqueza espiritual ou confiança. Você não pode conceder graça se for muito carente e inseguro. Se você conhece o amor e o perdão de Deus, então alguém não pode machucá-lo profundamente, pois essa pessoa não consegue atingir a sua *verdadeira* identidade, riqueza e importância. Quanto mais nos alegrarmos no perdão que recebemos, mais rápidos seremos para perdoar outros.

Jesus diz: "Se não perdoarem os pecados uns aos outros, o Pai celestial não perdoará os pecados de vocês" (Mt 6.15). Isso não significa que podemos merecer o perdão de Deus por meio dos nossos atos de perdão, mas que podemos nos desqualificar dele. Não há coração que se arrependa verdadeiramente diante de Deus que possa negar o perdão a outros. A falta de perdão é o resultado direto da falta de arrependimento diante de Deus. E

como sabemos, é necessário nos arrependermos para sermos salvos (At 2.38).

3. O PERDÃO DE DEUS E O NOSSO

Quando Deus revela a sua glória a Moisés, ele afirma ser um Deus que "perdoa a maldade", mas "não deixa de punir o culpado" (Êx 34.6-7). Foi somente com a chegada de Jesus que entendemos como Deus pode ser completamente justo, porém perdoador; é por meio de sua expiação (1Jo 1.7-9). Na cruz, Deus satisfaz *tanto* a justiça *quanto* o amor. Deus foi tão justo e desejoso de julgar o pecado que Jesus *teve* de morrer, no entanto, ele foi tão amoroso e desejoso da nossa salvação que Jesus *se dispôs* a morrer.

Nós também somos ordenados a perdoar: "Suportando e perdoando uns aos outros; se alguém tiver alguma queixa contra o outro" (Cl 3.13) com base na expiação de Jesus por nossos pecados: "Sede bondosos e tende compaixão uns para com os outros, perdoando uns aos outros, assim como Deus vos perdoou em Cristo" (Ef 4.32).

Todavia, somos ordenados a perdoar de um jeito que honre a justiça, assim como o perdão de Deus a honra. "Se teu irmão pecar, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe" (Lc 17.3). Uma vez que Deus nos perdoa, porém de um jeito que honre a justiça, nós também devemos perdoar de um jeito que honre a justiça. Os cristãos "são chamados a abandonar a amargura e a serem pacientes; devem ter uma postura de perdão, mesmo que o arrependimento do transgressor seja notável por sua ausência. Por outro lado, sua paixão por justiça centrada em Deus, e seu interesse na glória de Deus, garantem que a terrível vileza do pecado não seja ignorada".[1]

4. BUSCANDO A VERDADE, O AMOR E O RELACIONAMENTO

Portanto, o evangelho nos chama para voltar a nossa atenção a três áreas de igual importância: (a) falar a verdade e honrar o que é certo; mas (b) sermos incessantemente perdoadores no processo; e (c) nunca desistirmos do objetivo de ter um relacionamento reconciliado e cordial.

Primeiro, Deus exige o perdão, quer o transgressor tenha se arrependido e pedido perdão, ou não. Marcos 11.25 diz: "Quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai". Esse versículo não diz: "Perdoar *se* o transgressor se arrepender", mas "Perdoar na hora, enquanto você está orando".

Segundo, Deus exige que falemos a verdade. É por isso que Jesus diz aos discípulos em Lucas 17.3-4 que "repreendam" o transgressor e "se ele se arrepender, perdoa-lhe". Muitos leitores acham que Jesus está dizendo que podemos guardar ressentimento se o transgressor não se arrepender, mas não devemos forçar Lucas 17 a contradizer Marcos 11. Jesus está nos chamando igualmente ao perdão interior e à repreensão e correção. Precisamos completamente abandonar o nosso direito de revidar ou nos vingar, mas ao mesmo tempo nunca podemos ignorar a injustiça. Transgressões graves exigem reparações.

- Normalmente, nós agimos no sentido oposto. Não buscamos a justiça exterior (não confrontamos ou chamamos as pessoas à transformação e restauração). No entanto, permanecemos cheios de ódio e amargura no íntimo do nosso coração. A Bíblia nos chama a fazer exatamente o contrário: perdoarmos profundamente por dentro, a ponto de não termos mais desejo de vingança; mas falarmos abertamente sobre o que aconteceu, com o desejo de ajudar o transgressor a entender o que ele fez de errado.

- Na prática, o perdão interior e a correção exterior trabalham muito bem juntos. Você pode corrigir alguém sem intimidá-lo, sem fazê-lo se sentir execrável, somente se já o perdoou no coração. Se você já perdoou, então o seu motivo pode ser corrigir a pessoa por amor a Deus, por amor à justiça, por amor à comunidade e por amor à própria pessoa. Perdoar no íntimo é a única esperança que você tem de que suas palavras mudem o coração do transgressor. Caso contrário, ele estará tão repleto de desdém e hostilidade que não o ouvirá.

- Em última análise, perdoar no íntimo *e* repreender/corrigir no exterior não são incompatíveis, pois *os dois* são gestos de amor. Deixar que alguém permaneça no pecado nunca é uma atitude de amor. Isso não mostra amor (a) ao transgressor, que continua preso em seus hábitos; (b) a

terceiros, que serão prejudicados no futuro; (c) a Deus, que sofre com isso. É difícil, pois a linha entre ultraje moral pelo amor de Deus e ultraje farisaico por causa de orgulho ferido é tênue. Portanto, recusar-se a confrontar o transgressor não é uma atitude de amor, mas simplesmente egoísmo da sua parte.

Terceiro, Deus exige que falemos a verdade em amor (Ef 4.15); devemos buscar a justiça de maneira humilde e suave, a fim de corrigir o mal, mas preservar ou restaurar o relacionamento (Gl 6.1ss).

Existe grande tensão entre essas três verdades! Quase sempre, é mais fácil alcançar um desses objetivos se deixarmos de nos preocupar com outro (ou com os outros dois).

Por exemplo, é fácil "falar a verdade" se você já desistiu de manter um relacionamento afetuoso. No entanto, se você quer as duas coisas, terá de tomar muito cuidado com a sua maneira de falar!

Outro exemplo: É possível se convencer de que você já perdoou alguém, mas, se depois, você não quiser nada com a pessoa (você não busca um relacionamento contínuo com ela), então é um sinal de que você falou a verdade sem perdoar de coração.

Obviamente, é possível que *você* possa manter essas três coisas juntas em seu coração e mente, mas a outra pessoa não consiga fazê-lo de maneira alguma. Não há cultura ou tipo de personalidade que consiga manter essas coisas juntas. Quase todo mundo crê que "se você está me confrontando, então não me ama/perdoa" ou "se você me amasse de verdade, não me repreenderia". Deus reconhece que muitas pessoas simplesmente não permitirão que você busque todas essas coisas juntas, portanto diz: "Se possível, no que depender de vocês, vivam em paz com todo mundo" (Rm 12.18). Em outras palavras: "Faça a sua parte; cultive relacionamentos tão bons e pacíficos quanto as pessoas permitirem".

---

[1]D. A. Carson, *Love in hard places* (Wheaton: Crossway, 2002), p. 83.

APÊNDICE D

PRÁTICAS DE RECONCILIAÇÃO

1. QUANDO PRECISAMOS CONFRONTAR /RECONCILIAR?

Jesus nos diz que se alguém pecar contra nós, talvez seja necessário ir e falar com o transgressor. "Se o seu irmão pecar, repreenda-o; se ele se arrepender, perdoe-lhe" (Lc 17.3). Porém, quando é a hora de repreendermos? Cada vez que alguém nos prejudicar? 1Pedro 4.8 diz que "o amor cobre um grande número de pecados" e Provérbios 10.12 apoia essa ideia. Isso significa que não devemos ser muito sensíveis à crítica, e seria errado repreender alguém cada vez que somos tratados de maneira injusta ou insensível. No entanto, passagens como Mateus 18 e Lucas 17 sinalizam que há momentos em que devemos registrar nossa reclamação. Quando devemos fazer isso?

Gálatas 6 nos oferece orientação nesse sentido. "Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vós, que sois espirituais, deveis restaurar essa pessoa com espírito de humildade. E cuida de ti mesmo, para que não sejas tentado também" (v. 1). Há duas situações em que devemos corrigir alguém:

- Primeira, devemos corrigir quando o pecado é suficientemente sério para esfriar ou romper o relacionamento. Mateus 18.25 indica que o propósito dessa repreensão é "ganhar" o seu irmão, isto é, resgatar o relacionamento. Essa é a implicação em Gálatas 6.2, onde lemos que corrigir alguém é uma maneira de "levar os fardos uns dos outros"; é uma expressão de um relacionamento interdependente.

- Segunda, devemos corrigir quando o pecado contra nós evidentemente faz parte de um padrão de comportamento no qual a outra pessoa está presa. Gálatas 6.1 ("Se alguém for surpreendido

[...] vocês, que são espirituais, deverão restaurá-lo"). A imagem é de alguém que está preso em um padrão de comportamento que será prejudicial a ele mesmo e a outros. O problema deve ser identificado em amor. Portanto, fazemos isso por amor à pessoa, para "restaurá-la". Nossa preocupação é o crescimento dela.

- E *como* devemos fazê-lo? "Se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, que vivem pelo Espírito, deverão restaurá-lo com mansidão" (Gl 6.1). Esse ponto é importantíssimo. Se o motivo da correção é o crescimento da pessoa, então agiremos com amor e mansidão. Os versículos 2 e 3 indicam que devemos fazer isso com muita humildade. Ao corrigir alguém, tornamo-nos servos. Afinal, qualquer amor que tenha medo de confrontar o amado não é amor de verdade, mas um desejo egoísta de ser amado. A covardia é sempre egoísta, pois coloca minhas necessidades acima das necessidades dos outros. Um amor que diz "Farei *qualquer coisa* para que ele ou ela continue me amando e aprovando!" não é amor real de maneira alguma. Esse amor não visa a pessoa; visa o amor que você recebe dela. O verdadeiro amor é disposto a confrontar, até a "perder" o amado a curto prazo se houver a possibilidade de ajudá-lo.

No entanto, é evidente que há momentos em que não devemos corrigir e não "buscar um pedido de desculpas", mesmo que mereçamos isso. Quanto mais forte for a sua fé cristã, menor será a sua sensibilidade de se sentir ofendido. Portanto, quando alguém o ofende, ou o afronta, ou o ignora, ou o desaponta de alguma forma, você não deve cortar relações imediatamente com a pessoa. Um cristão maduro logo se lembra de: (a) momentos em que você se comportou da mesma maneira ou (b) momentos em que descobriu que o transgressor estava passando por dificuldades. Se você perceber que qualquer ofensa o leva a cortar relações imediatamente, e a sentir a necessidade de receber um pedido de desculpa, então você deve avaliar seriamente a sua humildade emocional e sua saúde emocional em Cristo. O amor deverá cobrir uma multidão de pecados (isto é, a maior parte deles!). Você deveria tratar cordialmente alguém que, por direito, o deve um pedido de desculpas, mas você não o corrigiu porque a ofensa era mínima, ou não era a hora de falar sobre o acontecido ou você não conhecia a pessoa a ponto de determinar se aquele comportamento era um padrão recorrente em sua vida.

Como saber se você tem um relacionamento que precisa de reconciliação? Veja a seguir sete sinais (ou níveis), cada um mais sério que o outro, pelos

quais essa dinâmica começa a trabalhar em seu coração e esfriar os seus relacionamentos.

- ***Você revira os olhos e pensa consigo mesmo: "Idiota! Sua vida está um caos".***
  Quando você age dessa maneira, sem sentir tristeza ou empatia, mas, ao contrário, sente desdém e vontade de zombar, isso é o começo do azedamento do relacionamento, e o seu coração começa a se endurecer e se ensoberbecer. Na verdade, você está chamando a pessoa de "insignificante" ou "tolo" em seu coração.

- ***Você fica sabendo que a pessoa está passando por problemas, e essa notícia o deixa muito satisfeito.***
  Você percebe que atrelou a sua própria felicidade à infelicidade do outro, e esse é um sinal perigoso.

- ***Você percebe que se irrita com muitas coisas que a pessoa faz.***
  Você se dá conta de que fica irritado ou furioso com algo que *aquela* pessoa fez, no entanto, se outra pessoa fizesse a mesma coisa, você relevaria.

- ***Você começa a se sentir constrangido no relacionamento.***
  Talvez o constrangimento seja de apenas uma das partes, ou pode ser das duas partes. Constrangimento é uma sensação de desconforto quando vocês estão juntos.

- ***Você começa a evitar a pessoa.***
  Isso significa que você evita os lugares que a pessoa frequenta, ou, quando estão no mesmo lugar, você se esforça para não ter de falar com ela.

- ***Você se diverte quando vê a oportunidade de repassar informações negativas sobre a pessoa.***

- ***Vocês mal se falam, e entre vocês existe muito atrito óbvio aos outros.***

Saiba a diferença entre um relacionamento reconciliado e um relacionamento não reconciliado.

- Em um relacionamento não reconciliado as pessoas: (a) se evitam; (b) são indiferentes; (c) são irritáveis (isto é, você aceita o comportamento de um terceiro, mas não da pessoa com quem você se relaciona!). Se você perceber que está evitando alguém, ou está indiferente ou irritado

com ele (ou se perceber que a outra pessoa é indiferente, ou irritável ou está evitando você), então é bem possível que você tenha um relacionamento não reconciliado.

- Por outro lado, "Eu perdoo você" *não* significa "Eu confio em você". Algumas pessoas pensam que não há reconciliação até que consigam confiar novamente no transgressor. Não é verdade. Perdoar significa a disposição de reestabelecer confiança, mas o reestabelecimento é sempre um processo. A velocidade e grau dessa restauração envolvem a recriação de confiança, e isso leva tempo, dependendo da natureza e severidade das ofensas ocorridas. Até que a pessoa mostre evidências de verdadeira transformação, *não devemos* confiar nela. Se prontamente reestabelecermos confiança em alguém com hábitos pecaminosos, poderemos até ajudá-lo a pecar. A confiança precisa ser restaurada, e a velocidade dessa restauração depende do comportamento. Só porque você não confia da mesma maneira (e não devia confiar) em alguém que o prejudicou, não significa que você não tenha um relacionamento com ele.

- Observação: Isso também se aplica a pessoas que lhe devem desculpas, mas cujos pecados foram "cobertos" (veja acima). Alguém que o desapontou, mas você não o corrigiu, é alguém que arranhou a sua confiança de um jeito insignificante. Se a pessoa procurasse você para pedir desculpas, restauraria a confiança e o respeito que antes existiam, mas, até que isso aconteça, você ainda pode manter um relacionamento cordial com ela.

2. COMO NOS RECONCILIARMOS?

Podemos considerar Mateus 5 e Mateus 18 duas abordagens diferentes. Mateus 5 mostra o que você faz quando prejudicou alguém e Mateus 18 mostra o que você faz quando acha que alguém o prejudicou. Todavia, também podemos ver nessas passagens duas etapas do processo normal de reconciliação, pois é raro que apenas um lado carregue toda a responsabilidade por um relacionamento retalhado. Em quase todos os casos, a reconciliação envolve tanto o arrependimento quanto o perdão — as duas partes admitem os próprios erros e apontam os erros do outro. Se mesclarmos essas duas abordagens, podemos criar um esboço prático como este a seguir:

- 1ª Etapa (fase de Mt 5): Comece confessando os seus próprios erros.

    - Comece por você. Ainda que acredite que o seu comportamento não passa de 5% do problema, comece com o seu 5%! Procure descobrir onde você errou e espere pelas críticas.

- Faça uma lista dos erros que você acha que cometeu e peça à outra pessoa que acrescente itens (os equívocos que você cometeu ou como você contribuiu à deterioração do relacionamento).
    - Exemplo: “Estou aqui porque não gosto do que está acontecendo com o nosso relacionamento (ou, se o termo couber, ‘nossa amizade’). Parece que existe um problema entre nós; estou certo?” Ou: “Acho que contribuí para o problema e prejudiquei você. O que você acha? Onde eu errei ou estraguei o nosso relacionamento?”
    - Se você estiver quase “no escuro” sobre o problema, talvez tenha de simplesmente ouvir. Exemplo: “Parece-me que existe um problema entre nós e eu ofendi você. Estou certo? Por favor, diga-me especificamente como eu maltratei você. Estou pronto a ouvi-lo. De verdade.”
- Escute bem as críticas que você solicitou. Procure resumir as críticas em algo claro e específico. Mais tarde (não se apresse, pois pode parecer defensivo), peça que a pessoa lhe dê exemplos específicos. Se ela disser: “Você está me intimidando”, descubra quais as palavras ou atitudes ou tom de voz que a outra pessoa entende por “intimidação”.

Um checklist para a reconciliação:

- Ore silenciosamente, pedindo a Deus que lhe dê sabedoria e conhecimento de seu amor por você.
- Creia que Deus está falando com você por meio dessa experiência, lhe mostrando áreas em que você deve tomar mais cuidado ou mudar.
- Creia que Deus está falando com você, mesmo por meio de uma pessoa imperfeita.
- Tenha cuidado para não ficar defensivo. Não se apresse a dar explicações, mesmo que você tenha uma boa resposta, ou possa mostrar que o outro está errado. Não interrompa a pessoa; não impeça que ela expresse a sua frustração. Mostre empatia, mesmo que você tenha sido mal compreendido.
- Pergunte repetidamente: “Você quer falar mais alguma coisa? Quero mesmo saber!” Em situações estressantes, é comum que as pessoas escondam uma parcela de suas críticas ou preocupações. Se você não colocar todas as questões na mesa, está fadado a repetir essa conversa!
- Crie um ambiente *seguro* para o outro criticar você. Apoie críticas individuais: “Isso deve ter sido difícil. Eu entendo a razão de você estar preocupado”.

- Procure nas entrelinhas da crítica algumas necessidades da pessoa com as quais você possa ser solidário.

- Responda à crítica com arrependimento.

    - *Por favor, me perdoe por* _____. (Esse é o seu arrependimento, sua confissão de pecado.)

        - Confesse sem criar desculpas e sem culpar as circunstâncias. Mesmo que haja exageros, identifique o verdadeiro problema e confesse-o. Mesmo que apenas dez por cento do problema seja você, admita-o. Ofereça planos para modificar o seu comportamento.

        - Não "peça desculpas" somente; peça perdão.

        - Se você puder oferecer algo, diga: "Pretendo fazer algumas mudanças nestas áreas para não repetir os mesmos erros no futuro". Pergunte se você pode fazer algo para reconquistar a confiança dela. (Se para você, nenhuma crítica foi válida, pergunte se podem conversar mais tarde, depois de você ter conversado com terceiros sobre as críticas.)

- Evitar:

    - Expressões exageradas tais como: "estou muito chateado com o que fiz!" Algumas confissões servem de catarse dolorosa a fim de: (a) aliviar sentimentos de culpa (a confissão seria uma espécie de expiação/punição) ou (b) receber a comiseração das pessoas.

    - Por outro lado, evite expressões atrevidas, alegres ou levianas. Às vezes, a confissão serve apenas para preservar o orgulho do confessor, ou para atender uma exigência técnica ou para forçar a pessoa a conceder uma exoneração, sem que você tenha mostrado qualquer contrição ou remorso emocional.

    - Acima de tudo, não faça uma confissão disfarçada, que na verdade é um ataque. "Sinto muito se aborreci você" é um exemplo dessa categoria de confissão. Ela significa: "Se você fosse uma pessoa normal, não teria se aborrecido comigo". Não se arrependa de algo sobre o qual você não vai se arrepender diante de Deus, nem irá dar passos concretos para qualquer mudança.

    - "Por favor, aceite a minha explicação por _____".

        - "Veja o meu ponto de vista. Meu motivo foi bem diferente daquele que você entendeu, não é?"

        - "Você não consegue entender a minha perspectiva? Eu podia ter enxergado essa situação de maneira bem diferente de você. Meus motivos

eram outros, compreende?"

- Já que temos pontos de vista bem diferentes sobre esse assunto, existe um jeito de não entrarmos em conflito novamente?

- O arrependimento verdadeiro tem três aspectos:
    - Confissão a Deus.
    - Confissão à pessoa prejudicada.
    - Um plano concreto de mudança que evite o pecado no futuro (cf. Lc 3.7-14).

- 2ª etapa (fase de Mt 18): Agora (se for necessário), explique como a outra pessoa o prejudicou.

    - Muitas vezes, depois de ter cumprido todos os passos acima, você descobrirá que esse processo suscita uma confissão, sem que você tenha de pedir ou extraí-la! Esse é o melhor caminho para obter a reconciliação!
    - Se a outra pessoa não for muito comunicativa, comece assim: Do meu ponto de vista, parece...
        - Você fez isso _____,
        - E me afetou desta maneira: _____.
        - Eu acho que seria bem melhor para todos os envolvidos se você fizesse isto: _____.
        - Estou aqui para verificar com você se o meu entendimento está certo ou distorcido. Corrija-me se estou enganado. Você poderia explicar o que aconteceu?". Certifique-se de que a sua lista de erros que a pessoa cometeu seja específica, e não vaga.
    - Se a pessoa pedir desculpas, conceda-lhe perdão — mas evite usar este termo, a não ser que o outro peça perdão! Diga: "Está tudo certo" ou "Vamos deixar isso no passado" ou "Caso encerrado". Se você disser, "Eu o perdoo", pode parecer humilhante.
    - Diretrizes gerais para esta etapa:
        - Use um tom amoroso e humilde. O tom de voz é extremamente importante. Uma voz controlada demais, calma e agradável, talvez pareça condescendente, e talvez seja tão irritante quanto uma voz furiosa. Não apele à bajulação nem caia em tons abusivos ou enraivecidos.
        - Ataque o problema, não a pessoa (por exemplo, não diga "Você é tão inconsequente", mas "Você se esqueceu disso, depois de prometer tantas

vezes que não esqueceria").

- Ofereça substituições e soluções para comportamentos alternativos. Tome cuidado para que todas as críticas sejam específicas e construtivas. Nunca diga "Não faça isso" sem dizer "Em vez daquilo, faça isto".
- No meio da discussão, talvez você descubra um objetivo secundário ou uma necessidade que a pessoa esteja procurando satisfazer que poderia ser atendida por meios mais construtivos.
- Não se esqueça das diferenças de cultura. Uma pessoa de outra cultura pode achar a sua abordagem desrespeitosa e degradante, mesmo que você ache que está sendo respeitoso.

Saiba o que fazer se a outra pessoa não quiser a reconciliação.

- *Se for uma pessoa que não concorda com suas crenças cristãs*:
    - Os cristãos são ordenados a buscar paz e reconciliação com "todos" (Hb 12.14; Rm 12.18), não apenas com cristãos. No entanto, os não cristãos talvez não sintam a mesma responsabilidade de manter seus relacionamentos em dia.
    - Se isso ocorrer, você deve "receber o que lhe foi entregue". Romanos 12.18s nos oferece muitas ideias de como sermos graciosos, bondosos, abertos e cordiais com as pessoas que ainda querem ficar distantes.
- *Se for um irmão de sua igreja*:

    Mateus 18 afirma que se a pessoa não quiser se reconciliar depois de esforços repetidos e habilidosos da sua parte, você deve prosseguir para o estágio B: reúna alguns amigos cristãos (de preferência, respeitados pela pessoa) para acompanhar você na tentativa de reconciliar o relacionamento. Se isso não funcionar, no estágio C você "conte à igreja" e peça que os líderes conversem com a pessoa. Há muito que pode ser dito aqui, porém já falamos sobre isso.
- *Se for cristão de outra igreja*:

    Se a pessoa com quem você está tentando se reconciliar for cristão de outro lugar ou igreja, você deve utilizar o processo delineado em Mateus 18.15s até onde der. Porém, se vocês não forem da mesma

igreja, talvez não seja possível realizar o último passo que é "contar à igreja". Reitero, talvez você tenha de "receber o que lhe foi entregue", e viver de maneira cordial e graciosa, dentro do possível, com alguém que tenha se reconciliado com você.

- *Conselhos gerais*:

    - Aprenda a aceitar pedidos de desculpas e declarações de arrependimento sem exigir que as pessoas admitam mais do que creem sinceramente. Se elas se arrependerem tão expansivamente quanto você achar que devem, então o relacionamento poderá ser quase o que era antes. Se elas se arrependerem pela metade, será melhor para você, embora o relacionamento saia enfraquecido, pois você ainda não poderá confiar plenamente na sabedoria e no autoconhecimento delas.
    - Geralmente, é mais difícil perdoar alguém que não queira admitir que errou, e que continue ensoberbecido. O perdão interno pode ser um processo demorado. Lance mão de todos os recursos espirituais à disposição da nossa fé:
        - Veja os mandamentos de Deus sobre o perdão. Essa é a nossa obrigação.
        - Lembre-se do perdão de Deus a nosso favor. Não temos direito à amargura.
        - Lembre-se de que a onisciência de Deus é necessária para que ele seja um justo juiz. Nosso conhecimento é insuficiente para sabermos o que os outros merecem.
        - Lembre-se de que o mal está nos derrotando quando deixamos que ele nos escravize por meio da amargura! (Rm 12 nos instrui a "vencer" ou derrotar o mal com o perdão.)
        - Lembre-se de que minamos a glória do evangelho aos olhos do mundo quando deixamos de perdoar.

3. ASSISTINDO DA ARQUIBANCADA

Quando duas pessoas da mesma igreja estão em conflito uma com a outra, o efeito pode ser caótico na vida e no coração dos cristãos que não estão diretamente envolvidos na disputa.

A pior coisa (porém comum!) é que em vez de suspendermos o julgamento, orarmos e encorajarmos as duas partes a buscar a reconciliação, tomemos partido de maneira bem típica da sociedade.

É difícil não tomarmos as dores da pessoa a quem conhecemos bem. É também difícil para aquele que se sentiu ofendido não compartilhar a própria mágoa com você de um jeito que difame a outra pessoa envolvida no conflito.

O perigo é que surjam relacionamentos não reconciliados de segunda e terceira ordem. Isto é, você se sente alienado das pessoas que são amigas da pessoa que está alienada do seu amigo! O problema aqui é óbvio: não existe maneira direta de curar esses rompimentos. Se alguém está evitando você porque o seu amigo está zangado com o amigo dele, não há nenhum delito que você tenha de confessar ou do qual deva se arrepender. É uma situação espiritual venenosa.

O problema não é que você tenha pecado ou tenha sido prejudicado pelo pecado de alguém, mas que você ouviu uma notícia maliciosa sobre outro cristão e permitiu que ela entrasse em seu coração e criasse raízes em forma de desconfiança e hostilidade.

O que devemos fazer? Primeiro, vejamos o que Tiago diz sobre passarmos adiante notícias duvidosas:

- Tiago 4.10-11. "Humilhem-se diante do Senhor [...] Irmãos, não falem mal uns dos outros". O verbo traduzido como "falar mal" (*kata-lalein*) significa simplesmente "falar contra". Não é necessariamente um relato falso, mas um "relato contra" — palavras que abalam o respeito e o amor do ouvinte pela pessoa que é o assunto da conversa. ("O vento norte traz a chuva, mas a língua caluniadora, o rosto irado", Pv 25.23). A ligação entre calúnia e soberba (Tg 4.10) mostra que "falar mal" não faz parte da avaliação humilde de erro ou defeito que devemos fazer sempre na vida. Ao contrário, o caluniador fala como se ele jamais cometesse tal coisa. O tipo de avaliação não caluniosa é gentil, hesitante e sempre mostra que quem fala entende o quanto compartilha da fraqueza, da humanidade e da natureza pecaminosa de quem está sendo criticado. Essa avaliação é constante em mostrar uma consciência profunda do nosso próprio pecado. Nunca é "falar contra".

- Tiago 5.9. “Irmãos, não se queixem [literalmente, não se enfureçam e revirem os olhos] uns dos outros”. Essa palavra se refere a um tipo de “falar contra” menos específico que um ataque ou calúnia direta. É insinuar, não com palavras, mas com linguagem corporal. Significa balançar a cabeça, revirar os olhos e reforçar a erosão de amor e respeito por alguém (por exemplo: “Você sabe como é esse povo daqui!”). O resultado é o mesmo da calúnia. Provoca olhares indignados e subverte o amor e o respeito.

Em segundo lugar, veja o que Provérbios diz sobre o recebimento de relatos negativos:

- Provérbios 17.9. “Quem perdoa a transgressão busca a amizade, mas quem traz o assunto de volta afasta os amigos íntimos”. A primeira coisa que devemos fazer quando ouvimos um relato negativo é procurar cobrir a ofensa em vez de conversar sobre ela. Isto é, em vez de “abrir a porteira” para o relato, você deve evitar que o assunto destrua o seu amor e respeito pela pessoa. Como fazer isso?
    - Primeiro, lembre-se do seu próprio pecado. “Todos os caminhos da pessoa lhe parecem puros, mas o SENHOR pesa os seus motivos” (Pv 16.2). Talvez você perceba que não está enxergando claramente as coisas. Os seus motivos nunca são tão puros quanto você pensa.
    - Segundo, lembre-se de que existe o outro lado da história, sempre. “O primeiro a defender sua causa parece justo, até que venha o outro e o conteste” (Pv 18.17). Nunca estamos cientes de todos os fatos, e nunca enxergamos o quadro todo. Portanto, quando ouvimos o primeiro relato, temos de supor que, para formar uma conclusão, ainda faltam muitas informações.
    - Em resumo: Se você ouvir um relato negativo sobre alguém, deve agir da seguinte maneira: impedir que aquelas informações entrem em seu coração, ou procurar a pessoa, a fim de não perder para sempre o respeito que tem por ela.

E se a injustiça for muito grave para ignorar? Em seu comentário sobre Provérbios 25.7-10, Derek Kidner escreve que quando achamos que alguém pecou, devemos nos lembrar: “Raramente ficamos cientes de todos os fatos (v. 8), e, ao recontar a história, os nossos motivos raramente são tão puros quanto desejamos (v. 10). Se recorrermos à lei, ou correrrmos para conversar com o vizinho, geralmente estamos fugindo do dever do relacionamento pessoal — veja a observação perspicaz de Cristo em Mateus 18.15b”.[1] Para

resumir, se você sentir que o problema é grande demais, e se não conseguir evitar que ele destrua seu respeito pela pessoa, então vá falar com ela antes de procurar qualquer outra pessoa.

- Quando? Gálatas 6.1-2 diz que devemos falar com alguém se ele *for vencido por algum pecado* (NVT). Isso significa que deve existir um padrão de comportamento. Não procure o infrator assim que vir algo errado ou ouvir que ele está em pecado. Como já falamos acima, sempre existe o outro lado da história, e nossos motivos nunca são totalmente puros quando estamos indignados. Gálatas 6 diz que devemos falar com alguém se temos a impressão de que ele foi "vencido" — isto é, que caiu em um certo padrão de comportamento.

- Como? Gálatas 6 diz que devemos *restaurar com mansidão* e espírito de humildade. Em Mateus 18, Jesus diz que devemos agir sempre com persistência. Se a pessoa não quiser nos ouvir, leve um terceiro que ela talvez respeite e ouça. Mateus 5.23s, 18.15s: *reparar relacionamentos desfeitos uns com os outros*.

Em resumo, do Antigo Testamento até o Novo Testamento, o princípio é este: se ouvirmos um relato negativo sobre outro cristão, devemos *cobri-lo com amor ou procurá-lo antes de falarmos com qualquer outra pessoa*. A primeira coisa a fazer é suspender o julgamento. A segunda, é cobrir o fato com amor. A última coisa é procurarmos a pessoa. O que nunca devemos fazer é: (a) nos distanciar dela ou (b) repassar o relato a outros.

RESUMO

Recebendo o perdão de Deus

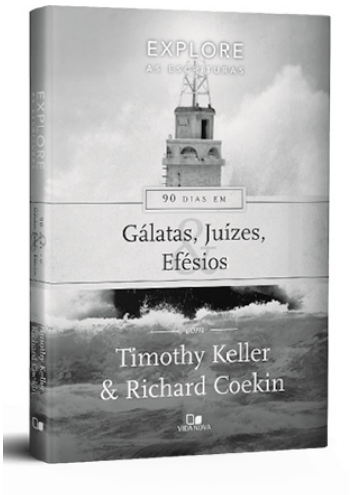
- Pela primeira vez:
    - Enxergue a sua necessidade de perdão e o custo dele.
    - Ofereça arrependimento autêntico.
    - Compreenda/experimente o perdão como parte da salvação.
        - O perdão contínuo:
    - Faça autoexame, tanto de pecados quanto de dons.
    - Confesse/arrependa-se: (1) do pecado; (2) de pecados sob pecados; e (3) de perigo e culpa.

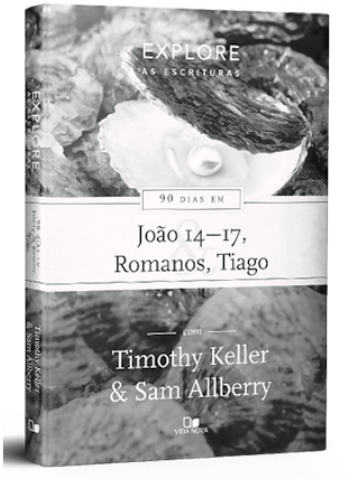
- Experimente de novo o perdão como parte da salvação: (1) Jesus como sacrifício; (2) Jesus como advogado; e (3) Jesus como desejo das nações.

Concedendo e recebendo o perdão humano

- É sempre nossa responsabilidade.
- O perdão interno:
  - Aproveite de recursos exemplificados pelo perdão divino: pobreza espiritual (identificação com o pecador) e riqueza espiritual (identidade em Cristo).
  - O perdão é concedido antes de ser sentido. É uma promessa: de não continuarmos falando sobre o pecado da pessoa (à parte de ofertas de reconciliação — veja abaixo), não continuarmos falando com terceiros sobre o pecado do outro e não continuarmos nos lembrando do pecado nós mesmos.
- Reconciliação externa:
  - Dizer a verdade — identifique a transgressão e faça toda justiça.
  - Ofereça o arrependimento que é justificável; ofereça o perdão, com a declaração de sua intenção de não buscar um acerto de contas.
  - Vencer o mal com o bem — mais que o simples perdão.
  - Disponha-se a reconstruir um relacionamento de confiança.

CONHEÇA OUTRAS OBRAS DE TIMOTHY KELLER





Os livros da série Explore as Escrituras…

• ... foram pensados para ser lidos lado a lado (literalmente) com a Bíblia;

• ... encorajam os leitores a ter um relacionamento mais profundo com a Escrituras;

• ... trazem uma página para anotações em cada estudo;

• ... trazem seções com aplicações para a vida e orientações para orar em resposta ao ensino;

• ... são escritos por autores renomados que ajudam os leitores a descobrir os tesouros da Palavra de Deus.

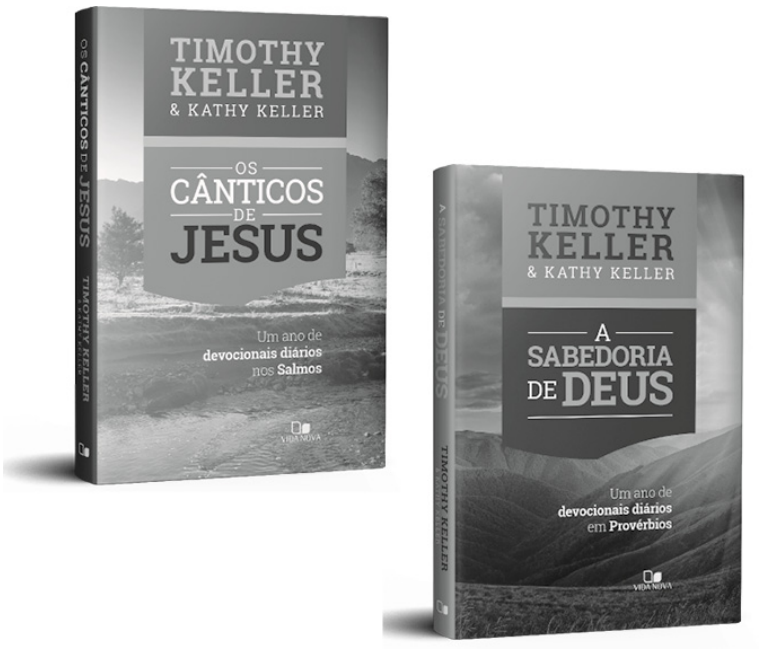


"SE VOCÊ CRÊ EM JESUS E DESCANSA EM SEUS BRAÇOS, O SOFRIMENTO ESTARÁ PARA O SEU CARÁTER ASSIM COMO O FOGO PARA O OURO."

Explicar por que Deus permite dor e sofrimento no mundo é uma questão que tem exasperado o ser humano há milênios. Timothy Keller analisa essa questão mostrando que há sentido e razão por trás de nossa dor e sofrimento e defendendo o argumento forte e inovador de que essa parte essencial da experiência humana só pode ser superada pela compreensão de nosso relacionamento com Deus.

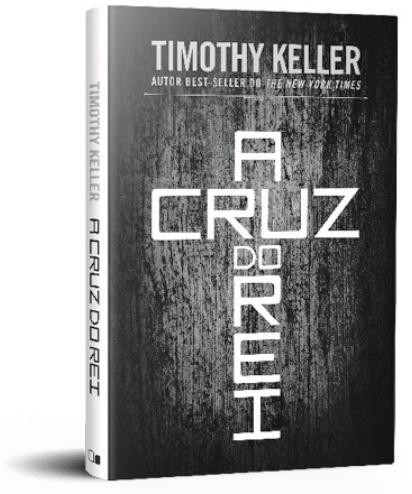


Esse livro oferece perspectivas bíblicas sobre questões prementes como: Qual é o propósito do trabalho? Como posso encontrar sentido e servir às pessoas em um ambiente de trabalho impiedoso e voltado para resultado? Como usar minhas habilidades em uma vocação que tenha sentido e propósito? Posso manter-me fiel a meus valores e ainda assim crescer profissionalmente? Como fazer as difíceis escolhas que devem ser feitas ao longo de uma carreira de sucesso?



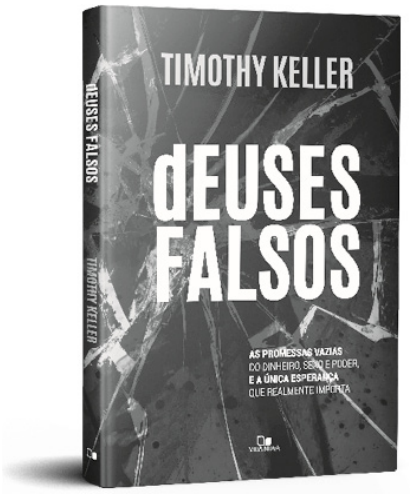
Salmos é o livro de cânticos das Escrituras. Jesus conhecia intimamente todos os 150 salmos e se valeu deles ao enfrentar várias situações, até mesmo a morte.

Provérbios é o livro da sabedoria divina e nos ensina a basear nossa conduta e decisões diárias em Deus.

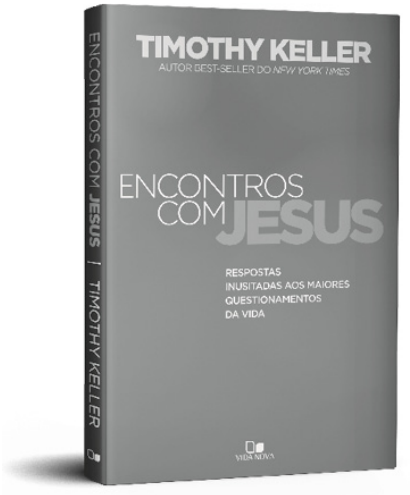


Nessa obra, Keller demonstra que Jesus veio a este mundo como rei, mas um rei que teve de carregar um fardo que ninguém jamais suportou. *A Cruz do Rei* traz um relato da vida de Cristo no Evangelho de Marcos, mas apresentado sob a ótica de Keller. Por meio desse relato, descobrimos

o significado cósmico, histórico e pessoal da vida de Jesus, e somos desafiados a reexaminar nosso relacionamento com Deus.



Em *Deuses falsos,* Timothy Keller mostra que uma compreensão adequada da Bíblia revela a verdade acerca da sociedade e de nosso próprio coração. Nessa mensagem poderosa, enxergamos nossa tendência de buscar em outras coisas aquilo que só Deus pode nos dar. Também somos apresentados a um novo caminho: aquele que leva a uma esperança que não pode ser abalada pelas circunstâncias da vida.



Jesus mudou a vida de cada pessoa com quem se encontrou nos Evangelhos por meio de experiências e palavras poderosas que ofereceram às indagações dessas pessoas respostas inesperadas e transformadoras. Esses diálogos podem oferecer respostas a nossos questionamentos e dúvidas ainda hoje.



O evangelho na vida é um curso intensivo com oito encontros acerca do evangelho e sobre como vivê-lo — primeiro em seu coração, depois em sua comunidade e, por fim, no mundo.

1 CIDADE: O mundo em que vivemos

2 CORAÇÃO: Três modos de viver

3 IDOLATRIA: O pecado por trás do pecado

4 COMUNIDADE: O contexto para a mudança

5 TESTEMUNHO: Uma cidade alternativa

6 TRABALHO: Cultivando o jardim

7 JUSTIÇA: Um povo para os outros

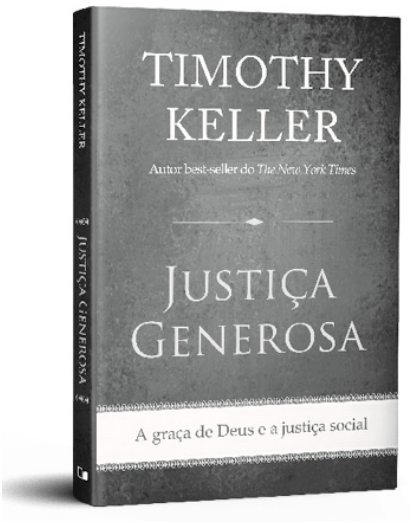


Escrito para pessoas de todas as idades e etapas da vida, de pesquisadores a novos crentes, de pastores a professores, esse material pode ser utilizado de diversas formas e foi feito para você...

• LER E ESTUDAR, servindo de guia para essa carta maravilhosa, levando-o a valorizar e a viver a liberdade do evangelho;

• MEDITAR E SE ALIMENTAR, proporcionando um devocional diário que o ajudará a crescer em Cristo à medida que for lendo e meditando nessa porção da Palavra de Deus;

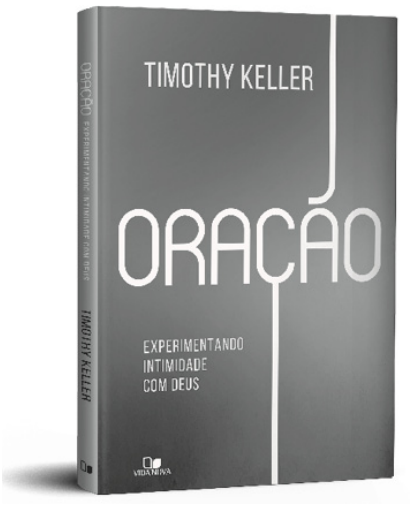
• ENSINAR E LIDERAR, oferecendo uma série de apontamentos que lhe permitirão explicar, ilustrar e aplicar Gálatas quando estiver pregando ou liderando um estudo bíblico.



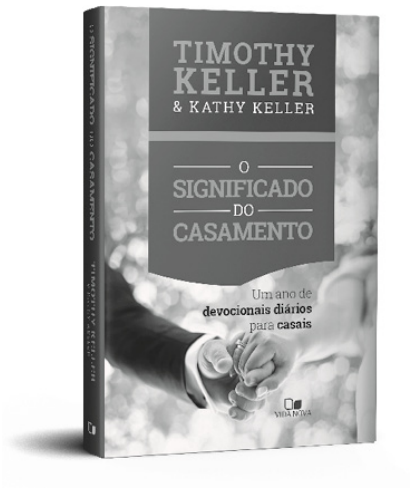
Nessa obra Tim Keller analisa a fundamental relação entre evangelho e justiça e nos dá uma visão bíblica de justiça social. Ele nos mostra que a preocupação com a justiça em todos os aspectos da vida não é acréscimo artificial nem contradição à mensagem das Escrituras, pois a Bíblia é a verdadeira base da justiça.



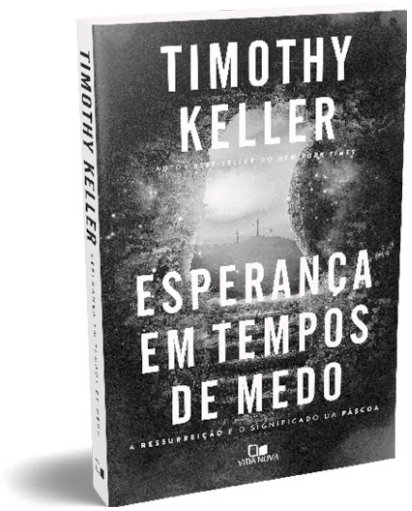
Essa obra dedica-se a esses três momentos-chave da vida em três seções bem destacadas e de fácil consulta. Na seção sobre o "Nascimento", Timothy Keller nos ajuda a compreender o nascimento físico e espiritual e como o batismo conecta essas duas experiências. Na seção sobre o "Casamento", Keller e a esposa, Kathy, mostram — à luz da Bíblia e com a experiência de 45 anos de matrimônio — como iniciar e nutrir um casamento. E, por fim, na seção sobre a "Morte", Keller trata de um dos assuntos mais negligenciados em nossa cultura, mostrando como a Palavra de Deus oferece alternativa e esperança para o desespero e a negação causados pela morte.



Com as percepções e a energia que já são sua marca registrada, Keller apresenta orientação bíblica sobre o assunto e oferece orações específicas para lidar com determinadas situações relacionadas à dor, à perda, ao amor e ao perdão. Reflete sobre como tornar as orações mais pessoais e poderosas e como estabelecer uma prática de oração que funcione para cada leitor.



Nesse devocional diário, Timothy Keller e a esposa, Kathy, compartilham orientações e conselhos poderosos para um casamento saudável. Baseando-se em lições apresentadas em seu livro *O significado do casamento* (Vida Nova) e com reflexões inéditas, os autores oferecem aqui histórias, leituras bíblicas diárias e modelos de oração que nos ajudam a compreender melhor o propósito de Deus para questões como amor, sexo e casamento. Um livro inspirador para aqueles que desejam conhecer mais a Deus e viver o amor de forma mais profunda nesta vida.



OS TEMPOS SÃO DIFÍCEIS.

DOENÇA, MORTE, PANDEMIA, INJUSTIÇA E COLAPSO SOCIAL PUSERAM FIM À IDEIA DE UM FUTURO RADIANTE E MELHOR PARA TODOS. O QUE FAZER PARA SOBREVIVERMOS JUNTOS A ESTE MOMENTO?

ESPERANÇA.

Os relatos da ressurreição de Jesus nos Evangelhos são a chave para a esperança de que todos precisamos para enfrentar o desespero da vida cotidiana.

Esperança em tempos de medo analisa o sentido transformador da ressurreição de Jesus. A Páscoa lembra ao mundo que Jesus ressuscitou fisicamente dos mortos e que podemos nascer de novo e ressuscitar espiritualmente. Isso porque a ressurreição de Cristo traz agora, para a nossa vida, o poder futuro de Deus que um dia haverá de curar e renovar o mundo inteiro. A esperança do cristão é real e inabalável. Não se trata de uma expectativa ingênua e utópica do paraíso hoje, mas de uma esperança para a vida e a sociedade da qual podemos participar na plenitude do paraíso por vir.

A ressurreição pode mudar todos os aspectos da nossa vida emocional, nossos relacionamentos, nossa busca de justiça e nossas atitudes em relação à história e à própria morte.

1Derek Kidner, *Proverbs: an introduction and commentary* (Downers Grove: Inter-Varsity, 1964), p. 157 [publicado em português por Vida Nova sob o título *Provérbios: introdução e comentário*].

Esta obra foi composta em Adobe Caslon Pro, impressa em papel Avena 80 g/m^2, com capa 250 g/m2, na Gráfica Imprensa da Fé, em novembro de 2023.

“Vivemos em um mundo onde cancelamento, quebra abrupta de comunicação e insultos são corriqueiros. Você se sentirá ofendido habitualmente por coisas insignificantes e, em alguns casos, estará sujeito à injustiça de verdade. Porém de que maneira você evitará que tudo isso lhe transforme em um fantasma controlado pelo passado? Você tem de perdoar, e perdoar corretamente.”

“Perdoar é, em primeiro lugar, considerar a transgressão verdadeiramente errada e digna de punição, em vez de meramente desculpá-la. Segundo, perdoar é se identificar com o transgressor, lembrando que você também é pecador, em vez de achar que ele é muito diferente de você. Perdoar é desejar-lhe o bem. Em terceiro, perdoar é deixar de cobrar o transgressor e assumir você mesmo a dívida, em vez de correr atrás de vingança. Por último, perdoar é buscar a reconciliação ao invés de cortar o relacionamento para sempre. Se você omitir qualquer uma dessas quatro atitudes, não estará praticando o verdadeiro perdão.”

“A experiência do perdão divino traz cura profunda. É alicerçada em uma visão, baseada na fé, do sacrifício custoso de Jesus para nosso perdão. A experiência do perdão de Deus nos lembra de que somos pecadores necessitados de misericórdia iguais a todo mundo.”

KELLER

VIDA NOVA
vidanova.com.br

@edicoesvidanova

ISBN 978-65-5967-211-0